



SANGUE É VIDA.
SANGUE É MAGIA.
SANGUE É PODER.

MAGIA DE SANGUE

— REINOS DIVIDOS —
LIVRO 3

KIM RICHARDSON

PREMIADA AUTORA DE MARCADA



SANGUE É VIDA.
SANGUE É MAGIA.
SANGUE É PODER.

MAGIA DE SANGUE

REINOS DIVIDOS
LIVRO 3

KIM RICHARDSON
PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*

MAGIA DE SANGUE

REINOS DIVIDIDOS
LIVRO 3

KIM RICHARDSON
PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*

Magia de Sangue, Reinos Divididos, Livro 3: Copyright © 2017 por Kim Richardson Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

www.kimrichardsonbooks.com

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio ou armazenado em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão por escrito do autor. Os personagens e acontecimentos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é uma coincidência e não foi pretendida pela autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

Primeira edição: 2017



Mapa

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON](#)



CAPÍTULO 1

O INVERNO JÁ HAVIA CHEGADO quando Fawkes nos levou de volta à Passagem da Colina Cortada, a fronteira que separava os humanos das bruxas e Arcânia de Witchdom. Mas quando entramos na passagem da montanha, nos deparamos com centenas de familiares pálidos e sem rosto. Nós sabíamos que esses espectros matariam qualquer um que fosse tolo o suficiente para tentar entrar ou sair de Witchdom, a terra dos pesadelos. Minha pele se arrepiou, e eu me preparei para outra batalha terrível contra esses demônios mágicos.

Mas as bruxas do Conselho dos Clãs que nos acompanhavam começaram a lançar encantamentos na língua de Witchdom. De repente, um vento feroz soprou no pico das montanhas, soltando as rochas e os pedregulhos do cume.

Uma nuvem escura começou a serpentear e aumentar de tamanho até que a passagem estivesse encoberta por uma névoa impenetrável. Então, o nevoeiro se dispersou com um estrondo torrencial, e vi que os familiares haviam desaparecido como a neblina ao amanhecer. Era como se eles nunca tivessem realmente existido.

Os dois bruxos do Conselho dos Clãs, Forthwind, do clã Elemental, e sua companheira, Ysmay, do clã das Bruxas das Trevas, talvez fossem tão velhos quanto aquelas montanhas. Para minha surpresa, percebi que esses dois sozinhos, mesmo curvados pela idade e tão enrugados quanto os pinheiros anglicanos centenários, possuíam uma magia mais poderosa e mais antiga do que todas as bruxas do nosso novo exército juntas.

Eu estremeci quando a última rajada de vento mágico soprou meu cabelo, mas não pude deixar de temer meus dois novos companheiros. Eles estavam mais para deuses dos clãs do que bruxos do Conselho. Fiquei fascinada e assustada com o poder que fluía sem esforço desses bruxos aparentemente velhos e enrugados. Eu relaxei um pouco quando vi o sorriso presunçoso no rosto de Fawkes e senti a sua admiração por eles. Mas isso não foi o suficiente para tirar o aperto que eu sentia no peito, pois, quando olhava nos olhos das bruxas do Conselho dos Clãs, eu podia ver traços de algo terrível.

Meus homens e eu ficamos um tanto surpresos por haver dois bruxos com o poder de aniquilar hordas inteiras de familiares. Afinal, da última vez, os familiares quase haviam nos matado. O restante das bruxas que nos acompanhavam, no entanto, agiram como se este fosse apenas mais um dia na vida delas – um passeio no parque.

Mas havia algo mais.

As bruxas do Conselho pareciam ter outros planos. Eu podia ver o jeito frio e calculista quando olhava para elas. Não havia o acolhimento que eu já presenciara tantas vezes em Fawkes ou até mesmo nos olhos de outras bruxas.

Havia algo mais, algo frio e astuto, algo que elas não compartilhariam. O que quer que eu fosse para elas, eu serviria aos propósitos delas, não aos meus.

Então, mesmo aquelas bruxas tendo vindo conosco, eu sabia que sua verdadeira lealdade sempre estaria com Witchdom e a Deusa. Elas nunca teriam vindo se isso não as beneficiasse de alguma forma. E eu não conseguia me livrar da sensação de que eu era apenas um peão.

Eles tinham o poder. Enquanto eu era apenas uma semibruxa e uma donzela de aço, minha magia de sangue não era igual à magia delas.

Fawkes não demonstrava falta de confiança em mim. Mas notei uma mudança nele. Antes, ele estava orgulhoso e confiante, mas agora parecia um cão obediente que sabia quem eram seus verdadeiros mestres. Foi uma mudança indesejada.

Assim que saímos de Witchdom, ficou claro quem estava no comando – não era eu nem Fawkes. Depois da pequena demonstração de poder com os familiares – o que eu suspeitava que fosse um aviso – entendi que eu era apenas mais uma bruxa para eles. Eu era uma novata, mas eles eram tão velhos quanto as rochas de Ânglia.

Eu estava começando minha nova vida e continuando a descobrir meus próprios poderes mágicos. Eu teria que aprender novas regras sobre Witchdom e sua magia. A primeira regra parecia ser a mesma em todos os reinos: aqueles com maior poder sempre *governam*.

Então fiquei incomodada, observando as bruxas do Conselho dos Clãs. Algo não se encaixava. A única coisa que eu sabia com certeza era que voltar para casa com um exército de bruxas não me seria útil. Seria útil a *elas*.

Na viagem de volta, fazia frio. Um frio miserável. Todos se mantinham calados ou falavam em tons silenciosos. A atmosfera era tão fria quanto o vento do inverno. Embora estivéssemos do mesmo lado, ainda havia pouca confiança entre as bruxas do Conselho dos Clãs e os humanos.

No entanto, Fawkes e as outras bruxas elementais produziram um pouco de calor mágico para nós. Até a Celeste, que havia fugido comigo sem um manto de inverno ou roupas mais quentes, precisou de um pouco de magia para se aquecer.

Meus dedos estavam doloridos e rachados, mas eu estava feliz com o meu fiel companheiro, Torak. Sua longa crina cobria meus dedos como luvas, e eu aproveitava o calor de seu corpo quando estava montada. Torak e os outros cavalos pareciam preferir o tempo frio.

As bruxas tinham enormes capas de inverno com capuzes com peles, luvas de couro e roupas de lã nas cores de seus clãs. Enquanto eu lutava pela minha vida nas provas do Rei Bruxo, as bruxas haviam tido tempo de fazer as malas como se deve. Havia bruxas de todas os clãs, rostos, idades e cor de pele; elas eram tão variadas quanto as folhas de carvalho anglicano no outono. Eles não falavam comigo. Na verdade, elas praticamente me evitavam como se eu fosse uma praga. Eles evitavam todos os humanos. Mas de vez em quando, eu via as bruxas elementais me observando. Me estudando. Às vezes, elas pareciam estar indignadas ou confusas, mas na maioria das vezes, pareciam esperançosas. Não era uma emoção que eu estava acostumada a ver nos rostos das bruxas.

Eu ouvia meu nome ser sussurrado em bênçãos para a Deusa sempre que eu passava por um grupo de bruxas, mas não conhecia muito bem a língua de Witchdom para entender completamente o que elas estavam dizendo. No entanto, reconheci a palavra *guerriere*, que significa *guerreira*. E também as palavras *sien*, que significava *sangue*, *sorceierre*, que significa *bruxa*, e *huhin*, o que significa *humana*.

Eu havia atendido ao pedido de Ada. Tinha ido até Witchdom e trazido de volta um exército de bruxas para nos ajudar a lutar contra os necromantes. Mas eu não tinha feito isso com a bênção do Rei Bruxo.

Aquelas bruxas desafiaram os desejos do rei quando me seguiram. Agora, eu não tinha certeza se elas realmente me seguiram ou tinham vindo por algum outro motivo. Eu não detinha nenhum título ou poder além do que a minha magia do sangue me dera. Se elas não estavam me seguindo, então quem elas estavam seguindo e por quê?

Eu não tinha certeza do que os cidadãos de Arcânia achariam de um exército de bruxas marchando por seu país, mas não havia tempo de me preocupar com a opinião deles. Nosso objetivo era acabar com o reinado dos necromantes, destruir a pedra e recuperar o equilíbrio. Precisávamos levar a luz de volta ao nosso mundo antes que fosse tarde demais.

Talvez eu não tivesse entendido o que Ada quis dizer quando falou do equilíbrio, mas acreditei no que vi com meus próprios olhos. Por mais de quatro semanas, o sol estava encoberto por nuvens cinzentas, e parecia que estávamos vivendo em um crepúsculo perpétuo. Antes da praga negra, o reino era uma terra de montes verdejantes e rochosos com densas florestas de pinheiros. Agora as árvores e os prados estavam secos e queimados, e o chão da floresta era um tapete de cinzas. Até os primeiros sinais de neve pareciam cinzas. A terra havia ficado escura. A doença estava se espalhando.

Fiquei aliviada quando finalmente nos encontramos com Will, Nugar e Lucas perto da passagem da montanha, do lado de fora da cidade. Eles estavam vivos.

Mas meu alívio foi de curta duração quando vi seus rostos magros e pálidos cobertos de sujeira, e seus corpos enfraquecidos.

Nós nos juntamos como uma família. Até Lucas pareceu contente em me ver, embora eu ainda não confiasse plenamente naquele bastardo magrelo. Ainda havia algum nervosismo em seus olhos. Talvez eu permanecesse ao lado deles por causa da culpa que eu sentia por perder os outros. Eu queria manter meus amigos seguros. Eles também pareciam confiar em mim agora. Mas não receberam bem as bruxas. Quem poderia culpá-los depois do que haviam sofrido? Eles só falavam com Fawkes e, ocasionalmente, com Celeste. Eles descobriram rapidamente que ela não conseguia fazer magia e viram que poderiam se relacionar melhor com ela.

Perdemos Garrick, Max e Leo em nossa missão. A morte de Leo era como uma corrente de ferro presa ao meu pescoço, me puxando para dentro das profundezas da autocompaixão. Eu não conseguia tirar a imagem de seus olhos molhados e assustados da minha cabeça. Eu não teria sido capaz de ajudá-lo, mas a memória de sua morte me perseguiria para sempre. Sua vida não havia sido em vão.

Minha vingança foi rápida, mas, mesmo depois de matar a rainha das bruxas, eu não sentia nada. Nenhum remorso, nem satisfação, nem contentamento. Isso não o traria de volta.

Meus olhos queimavam de vergonha.

Acordamos na manhã seguinte, no décimo segundo dia após a nossa volta de Witchdom. Nós arrumamos nossas coisas e partimos. Meus pensamentos voltaram-se para Jon, como acontecia todas as manhãs. Ele estava em meus pesadelos e em meus sonhos acordados. Ele nunca me deixava. Sempre estava comigo.

A jornada para casa parecia levar muito mais tempo do que eu lembrava, e a minha sensação de pânico só aumentava. O tempo estava acabando.

Senti que os olhares se voltavam para mim e percebi que duas bruxas do clã áugure, vestidas de prata e azul, ficaram me observando nos últimos vinte minutos. Sem dúvida, elas estavam tentando ler a minha mente com sua magia clarividente. Eu olhei fixamente para elas, e eu precisei me conter para não cerrar meus dentes. Elas me olharam brevemente e depois se afastaram com olhares presunçosos de quem sabia muita coisa. Eu queria rachar a minha lâmina no crânio delas.

Eles ainda não confiavam em mim. Depois de tudo o que havia feito, eu ainda era uma garota do Fosso para eles – uma mera humana.

A ferida na parte de trás do meu pescoço latejava e coçava. A dor havia piorado nas últimas semanas e lembrava constantemente que ainda havia magia negra dentro de mim. Nunca havia saído. Às vezes eu também sentia dores de cabeça terríveis, mas provavelmente eram devido à falta de sono e comida, e aos golpes brutais que recebi durante os Julgamentos dos Bruxos.

Eu tinha guardado a artemagista da rainha das bruxas em uma bolsa amarrada ao meu cinto. Era do tamanho de uma castanha e semelhante às artemagistas que aumentaram o poder das bruxas durante o meu julgamento.

Aquelas artemagistas impediam que eu me curasse, e as bruxas que as usaram quase me mataram. Celeste havia dito que as leis da magia proibiam a canalização de poder através de um artefato, então eu não seria tola o bastante para carregar aquilo para à mostra. Nenhuma das bruxas parecia ter artemagistas, e eu sabia que Fawkes certamente tomaria ela de mim se a visse comigo. No entanto, a artemagista pulsava do lado direito e me mantinha aquecida. Eu podia sentir seu poder aguçar a minha visão, refinando meus sentidos e me dando força.

A força da minha artemagista não era nada comparada à pedra do Coração de Arcânia. O Coração de Arcânia também parecia amplificar o poder do portador.

Eu sabia que a pedra me tornava mais poderosa. Eu sentia que a magia era real e crescia em mim quando segurava a pedra.

A voz de Ada ecoou em minha mente: *ao usar uma pedra mágica, você pode ganhar grande poder, mas também há um caminho sedutor e maligno à magia da pedra.*

Mas eu era diferente. Eu era uma donzela de aço. A magia não me afetava da mesma forma que os outros. Eu toquei no coração de Arcânia e sobrevivi.

Outros não tiveram tanta sorte. Talvez eu *pudesse* usar a artemagista da rainha das bruxas também. Somente a Deusa sabia. Eu precisava de mais poder para derrotar os necromantes. Talvez minha artemagista e a pedra do Coração de Arcânia pudessem me dar a força de que eu precisava.

Fawkes conseguiu cavalgar em seu gigantesco alce até mim sem que eu percebesse.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Meu coração vacilou um pouco, e eu engoli com dificuldade: — Se você quer dizer além deste frio e do fato de que não sabemos o que nos espera quando chegarmos a Ânglia... Não, não está tudo bem. Nenhum de nós estamos bem. Mas eu tenho a sensação de que não é isso que você quer saber.

Meu estômago se revirou. Seus olhos esmeralda ainda me desconcertavam, mas era o olhar suspeito que me deixava sem jeito. Será que ele sentia a pedra no meu bolso?

— Você parece estar lutando contra algo... internamente.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente, mas cheios de preocupação: — Há algo que você deseja discutir?

— Não.

— Você tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Pare de me encarar desse jeito. Meus sentimentos são meus e são *pessoais*. Mas se quer tanto saber, estou ansiosa, só isso.

Maldito seja ele por ser tão perspicaz e conseguir ler as minhas emoções tão bem. Jon também era bom nisso.

Uma súbita explosão de magia pulsou contra o meu lado esquerdo, como se a pedra tivesse sentido meu desconforto e quisesse me mostrar que ela estava lá.

Mantive minha expressão impassível e pedi à Deusa que Fawkes não tivesse visto o choque em meus olhos nem sentisse a faísca de magia.

Como uma donzela de aço, eu era tida como uma bruxa menor – uma bruxa sem *verdadeiras* habilidades mágicas. Eu era uma semibruxa que usava lâminas e armas palpáveis. Eu não deveria brincar com a magia de *verdade*. Mais uma razão para manter a artemagista escondida, pelo menos até eu descobrir como usá-la.

Fawkes me observou com olhos interessados: — Você está escondendo algo.

Tentei me segurar na sela: — O quê?

Um leve rubor de sangue correu para o meu pescoço e meu rosto. Apertei as mãos nas rédeas, mas não pude pensar em nada para dizer.

Fawkes me estudou com atenção. Seus lábios se enrijeceram: — Fui treinado para perceber coisas há muito tempo. Posso dizer quando alguém está tentando esconder algo sobre si. Tem algo diferente em você. Ainda não consegui descobrir. Mas não importa. Descobrirei o que é em breve.

Maldito seja o seu jeito sorrateiro. Mordi a minha língua até sentir gosto de sangue na minha boca. Por sorte, ele virou o rosto e se afastou suspirando.

Andamos juntos em silêncio. Eu podia ver Fawkes facilmente como um homem de família, mas eu também podia ler a dor escrita nas marcas em seu rosto e em volta de seus olhos. Elas revelavam muito sobre ele, sua família perdida, sua vida de solidão e a dureza em seu olhar. No entanto, mesmo depois de sua família ter sido torturada pelos seres humanos, ele ainda saiu se deu ao trabalho de salvar as nossas vidas. Fawkes foi quem tirou os rapazes das masmorras. Ele os salvou, não eu.

Volta e meia, já tentei dizer a Fawkes que sentia muito por sua família, mas toda vez meus lábios se

selavam. Eu não conseguiria dizer isso. Parecia muito pessoal. Parte da minha relutância era o medo de que, se eu perguntasse a sua família dele, eu também revelasse o meu próprio sofrimento pela minha família.

Mas, principalmente, eu tinha medo de ver o sofrimento dele. Fawkes havia se tornado o meu pilar de força, e eu não queria causar nenhuma dor.

Eu tinha uma apreciação e respeito por Fawkes que jamais sentira por nenhum outro homem, exceto talvez Jon...

Jon estava sempre no meu coração. Quanto mais separados ficávamos, mais eu sentia meu coração destruído. Fazia quanto tempo desde a última vez que o vira? Dois meses? Três? A ideia de que Jon pudesse estar morto também era uma derrota esmagadora demais para eu suportar, e eu mal conseguia conter minha mágoa e desespero.

Eu tentei me concentrar no que já havíamos conseguido conseguimos, mas não podia afastar o profundo e fervoroso medo que me acompanhava desde a fuga de Witchdom.

— Não é o suficiente — eu disse.

Fawkes virou-se para me olhar, seus olhos se estreitaram: — O que não é suficiente?

— Nós. Isto. Precisamos de mais bruxas.

Eu vi sua expressão mudar. Ele sabia que eu estava certa.

Os seis reinos continham centenas de milhares de pessoas. Quantos haviam sido infectados pela praga negra? Quantos se tornaram soldados dos sacerdotes?

Quantos estavam do lado dos sacerdotes antes mesmo da Grande Corrida?

Muitos. O que uma centena de bruxas realmente poderia fazer contra um exército de milhares de humanos infectados, mesmo que não possuíssem magia?

Fawkes fez uma pausa por um longo tempo. Eu vi a seriedade em seus olhos.

Seus lábios se separaram e depois fecharam, como se ele quisesse dizer algo, mas não pudesse.

— O que você não está me contando? — Eu perguntei.

— Mais virão — prometeu Fawkes.

Sua expressão tornou-se solene, e suas mãos apertaram suas rédeas. Suas palavras foram ponderadas, como se ele estivesse pensando uma coisa, mas dizendo outra.

— Há mais bruxas neste lado do reino do que você pensa. Elas serão as primeiras a se juntarem a nós nos Portos Cinzentos. Os demais as acompanharão.

A palavra da sua vitória já se espalhou pelas terras. As bruxas virão. Eu prometo.

Este é apenas o começo.

Eu ainda sentia que ele estava escondendo algo, mas não pressionei. Eu só queria que ele estivesse certo.

Se mais bruxas não viessem em nossa ajuda, todos nós morreríamos.



CAPÍTULO 2

APÓS MAIS DE TRÊS semanas de viagem extenuante, chegamos às fronteiras do norte de Ânglia. Minha familiaridade com os arredores me deu um pouco de conforto. Mas minha sensação de segurança durou muito pouco.

Duas horas após o nascer do sol, a floresta deu lugar a uma clareira, e eu perdi o fôlego.

Quando havia sido forçada a lutar nos Julgamentos dos Bruxos, não havia nada que eu quisesse mais do que sair de Witchdom. Eu ansiava por voltar para casa de uma maneira que eu não achava ser possível. Eu ansiava por Ânglia e pelo Fosso, apesar de ter jurado que nunca mais voltaria. Eu teria dado qualquer coisa pelos odores familiares da cidade superlotada, dos mendigos, bandidos e prostitutas, tudo isso. Mas a terra que eu conheci havia mudado.

Quanto mais perto chegávamos de casa, mais a praga aumentava. Ele se espalhava como um monstro que nascia das cinzas fumegantes. Estava em toda parte. Eu sentia vibrando no ar como uma música sombria. Mesmo os animais da floresta e o prado haviam desaparecido. Não havia pássaros, nem esquilos, nem gorjeio, nem corvos anunciando a nossa chegada. Nada. O ar estava quente e seco. Meus pulmões queimavam com o cheiro pesado de enxofre e decomposição. A praga havia começado em Ânglia, e a bela paisagem que eu deixara para trás tinha havia sido a mais atingida.

Eu havia ficado muito tempo fora...

Torak ficou tenso sob mim.

— Está tudo bem. — Eu me inclinei e fiz um carinho em seu pescoço. — Não há nada aqui. Bom garoto.

Eu sabia que seus sentidos selvagens provavelmente lhe diziam que não se aproximasse mais, que

evitasse essa terra maldita, mas ele não hesitava quando eu o pedia para prosseguir. Mas eu mal conseguia me conter. Eu sentia tanto medo e tristeza. Eu sabia que seria preciso mais uma semana para chegar aos Portos Cinzentos. Eu torcia para que Jon ainda estivesse vivo.

Senti um odor antes de localizar sua origem. Torak balançou a cabeça. Ele parecia ter sentido o cheiro também. E, então, eu soube o que o perturbava. O

ácido estomacal voltou na minha garganta quando subimos pela estrada.

Haviam três corpos. E do que restava deles, eu mal consegui identificar o que eram. Mesmo com a decomposição, consegui ver que eram cadáveres femininos.

Seus corpos nus pendiam em estacas de madeira. Moscas zumbiam em suas línguas inchadas, e larvas andavam nos cortes profundos em sua carne podre.

Cada uma delas tinha uma espada cravada no crânio, e DONZEÇA DE AÇO

entalhado no peito. Pela quantidade de sangue seco em suas feridas, eu sabia que as palavras tinham sido entalhadas nelas quando ainda estavam muito vivas.

Desacelerei Torak, incapaz de afastar o olhar dessas pobres inocentes. Eu me senti sendo arrastada para as profundezas da escuridão. Eu faria aqueles sacerdotes bastardos sagrarem lentamente até a luz da vida desaparecer de seus olhos. E eu me alegraria com suas mortes.

Fawkes estava ao meu lado. Os olhos dele ficaram inflamados de raiva.

— Isso é obra dos seus sacerdotes?

— Eles não são *meus* sacerdotes — eu bravejei.

Eu me estabilizei. Eu não desviaria o olhar.

— É uma mensagem. Quanto mais tempo eu passar fora, mais morrerão.

Meu coração doía por essas pobres mulheres.

— E eles vão continuar matando mulheres inocentes até que eu lhes dê o que eles querem.

— Mas você disse que já têm a pedra — disse Fawkes com uma voz sem emoção. — O que mais eles querem?

— Eu. Porque eu sou a única que pode tirar a pedra deles.

Ouvi Celeste gritar quando viu os corpos, mas eu não olhei para ela. Se eu olhasse para ela ou para os homens que rodeavam as pobres vítimas, eu veria a dor deles, e não sei se aguentaria.

— Isso nunca acontecerá — disse Fawkes friamente.

— Eles querem que eu me afogue na culpa e desista. Mas não vou. Eu não vou desistir.

Os sacerdotes necromantes sabiam que eu retornaria por ali. O que mais eles tinham planejado para mim? Que outros inocentes haviam sido torturados e mortos por minha causa?

— Eles vão pagar por isso.

Sem me dar por mim, desmantei de Torak. Minhas pernas bambearam, e torci para que ninguém percebesse o quanto aquilo havia me afetado. Eu me endireitei.

— O que você está fazendo?

Eu me virei e encarei Fawkes. Will olhou para mim com os olhos arregalados e solenes. A boca de Nugar ficou semiaberta e Lucas desviou o olhar. Celeste parecia estar prestes a vomitar. Não sabia se a cena tinha afetado as bruxas da mesma forma que os humanos, porque elas continuavam firmes. As bruxas do Conselho dos Clãs apenas olhavam sem emoção, como se as três mulheres mortas fossem uma visão comum, como se não passassem de animais. Mas eu também vi um lampejo de raiva em seus olhos. Elas não queriam que nós parássemos. Eles teriam continuado andando sem nem pestanejar.

O desrespeito pela vida humana me enfureceu. Eu estava começando a odiá-las.

Olhei o grande bruxo do Conselho dos Clãs, já sabendo qual seria sua reação ao que eu estava prestes a dizer: — Não vou deixá-las assim. Está errado. Vou soltá-las.

Fawkes recostou-se em sua sela, mas notei o olhar entre ele e as bruxas do Conselho dos Clãs.

— Elena. Não temos tempo para isso. Deixe-as.

— Não as deixarei aos animais.

Ele balançou sua cabeça: — Não podemos nos demorar aqui. Não há tempo. Não podemos parar para todos os humanos mortos que encontrarmos na estrada. Além disso, pode ser uma armadilha. Devemos continuar.

Cravei as unhas nas palmas das mãos com raiva. Eu sabia que não era uma armadilha. A julgar pelo grau de deterioração, elas estavam ali há semanas.

— Não estou pedindo sua ajuda ou permissão — resmunguei. — Estou *contando* a você. Essas mulheres inocentes morreram por minha causa. O

mínimo que eu posso fazer por elas é oferecer um enterro digno.

— Muitos inocentes morrem na guerra. É inevitável.

— Não me venha com essa. — Eu me virei para ele. — Essas *inocentes* não estavam na *sua* guerra. Eles não tinham ideia do que estava acontecendo. Não havia como. Elas não estavam preparadas.

— Elena — disse Fawkes com a voz gentil. — Eu sei que você se sente responsável por isso, mas não é culpa sua. Você mesma disse. Os sacerdotes fizeram isso apenas para provocá-la.

— Funcionou.

Fawkes levantou uma sobrancelha: — Há coisas muito piores que a morte. Precisamos seguir em frente.

— Então vá, vá embora! — Eu podia ver o rosto de Fawkes cheio de raiva.

— Faça o que quiser. Mas isso é importante para mim, e não estou pedindo para você ficar nem a sua ajuda. Não vou deixá-las aqui apodrecendo como se suas vidas não significassem nada. Elas significavam algo para alguém. Elas eram filhas, irmãs e companheiras de alguém. Elas merecem o melhor. E eu não vou embora até que elas tenham um bom enterro.

Não aguardei a resposta dele. Todos poderiam sair. Eu não me importava.

Meu estômago se revirou, e dei o meu melhor para ignorar as moscas e o cheiro pútrido de carne podre. Saquei a minha espada e cortei a corda que amarrava o pulso da primeira mulher na estaca de madeira. O corpo desmoronou no chão.

Ouvi um ruído à minha esquerda, me virei e vi Will tentando cortar a corda da segunda vítima enquanto Nugar soltava a terceira. Lucas analisava as vítimas, tentando descobrir como pegá-la.

Com um poderoso balanço de sua espada, Will soltou o corpo da segunda vítima. Eu acenei para eles em agradecimentos. Eu ainda não tinha coragem de falar com eles. Nós nos movemos rapidamente. Buscamos galhos e ramos secos para construir uma grande pira para as três moças. Eu não tinha certeza se era apropriado realizar a cerimônia ao lado de onde morreram, mas com seus corpos tão decompostos, mal conseguimos movê-los. Não achei que a Deusa se oporia.

Colocamos seus corpos cuidadosamente na pira.

Eu sabia que Fawkes não iria embora. O grandalhão me amava. Mas os outros...

As bruxas do Conselho dos Clãs não partiram. Fiquei surpresa por terem ficado. Mas o ressentimento delas parecia maior. Claramente eu tinha interrompido seus planos. Mas mesmo assim, elas ficaram. Por quê? Por que não me deixaram para trás? Era óbvio que eles queriam partir, mas algo as detinha.

Depois de colocar as mãos das mulheres no tórax, limpei minhas mãos no chão e me afastei. Nenhuma das bruxas desmontou para me ajudar ou prestar homenagem aos mortos, exceto Celeste, que permaneceu ao meu lado. Elas nem sequer tinham se dado ao trabalho de sair dos cavalos. Eu não esqueceria aquela indiferença.

— Preciso de fogo.

Era um comando. Eu estava com raiva e não me importaria se não estivesse mostrando às bruxas o respeito que elas pensavam que mereciam. Senti os olhos de Fawkes em mim, mas não olhei para ele. Eu não estava pedindo a ele.

Mas, para minha surpresa, três bruxas elementais saltaram de seus cavalos e se aproximaram. Era uma bruxa atarracada, uma bem jovem e outra bem mais alta, com olhos profundos que me lembraram os de Fawkes. As bruxas do Conselho dos Clãs ficaram surpresas, mas não fizeram nenhum movimento para detê-las. Eu quase sorri. Quase.

As bruxas elementais se juntaram na frente da pira apagada e esperaram. Os rapazes pareciam nervosos, mas eu não iria repreendê-los por verem as bruxas chegando tão perto. Eles me haviam me ajudado com a horrível tarefa de preparar os corpos e sabiam da importância do fogo.

Eu acenei com a cabeça, e as três bruxas elementais começaram a trabalhar.

Seus lábios começaram a se mover para proferir seus encantamentos, depois elas levantaram as mãos. Chamas amarelas e alaranjadas brotaram de seus dedos e correram por suas palmas. E, então, filamentos de fogo mágico dispararam até a pira como lanças flamejantes.

As chamas gigantes subiram mais alto que as árvores centenárias à nossa volta, como se a Deusa as chamasse. O calor chegou ao meu rosto, e eu tive que dar um passo para trás. O cheiro acre de carne queimada misturou-se com o doce cheiro de trigo, pinheiros, narcisos e lírios.

Celeste ergueu as mãos e, falando em na língua de Witchdom, proferiu uma benção à Deusa. Sua voz subiu com o crepitar do fogo. Seus tons belos e hipnóticos soavam como os acordes suaves de uma harpa, e todos ficaram em silêncio, admirados.

Celeste aparentemente tinha talento com poções e orações. Embora eu não entendesse as palavras, sua benção trouxe lágrimas aos meus olhos. Fiquei agradecida. Pelo menos uma das bruxas entendia que uma alma, seja bruxa ou humana, ainda era uma alma e precisava de respeito.

Olhei para o fogo, tentando imaginar como as moças eram e o que faziam antes de serem mortas. A magia do fogo era mais poderosa que o fogo comum e, dentro de alguns minutos, tudo o que restava das três mulheres e a pira eram cinzas voando com a brisa.

Eu não falei com ninguém quando voltei para o meu cavalo e montei. Eu também não reagi quando senti os olhos de Fawkes nas minhas costas. Só comecei a cavalgar Torak.

Todos montaram. Meu humor se anuviava ainda mais a cada segundo que passava. Nossa companhia de mais de uma centena de bruxas e homens galopava por uma terra estéril que servia de estrada principal no Norte. As bruxas estavam em silêncio, assim como eu. Era como se estivéssemos prendendo a nossa respiração coletivamente, esperando para ver o que nos esperava naquela estrada.

Mas depois de uma hora viajando para o oeste, não encontramos monges vermelhos nem guardas do templo, apenas moscas, cheiro de decomposição e corpos.

Eram tantos corpos de animais e humanos à beira da estrada que era impossível contar. Olhei para os cadáveres com seus membros retorcidos em posições não naturais. Espadas saíam de algumas carcaças, algumas estavam sem cabeça, mas a maioria dos corpos estava apodrecida demais para determinar a causa real da morte. Os corpos das crianças eram os piores, e rapidamente desviei meu olhar. Eu afugentava as moscas que sobrevoavam minha cabeça e franzia a sobrancelha quando notei veias pretas em algumas das mãos e rostos das vítimas, mas a maioria estava tão longe que era impossível dizer se estavam infectados ou não. Será que os humanos não infectados haviam lutado contra os enlouquecidos pela praga? Teriam sido os sacerdotes responsáveis? Eu não sabia. Eu só sentia o cheiro de cobre do sangue que havia molhado o chão.

Nós conduzíamos nossos cavalos cuidadosamente, desviando dos mortos, com medo de nos

aproximarmos demais. Depois de alguns minutos, chegamos a uma bifurcação na estrada. Uma estrada levava ao sudoeste, diretamente para a Cidade das Almas. A outra se dirigia aos Portos Cinzentos.

Meu coração bateu forte no peito e engoli o ácido estomacal que subia pela minha garganta. Se eu estivesse sozinha no meu cavalo, teria me deixado tragar pelo medo, deixaria as minhas lágrimas fluir e chorar até estar completamente seca. Mas o tempo era meu inimigo. Eu sabia o que eu tinha de fazer.

Fiz Torak parar.

— Espere!

Levantei a mão, e toda a companhia arreou as rédeas. Todos me observavam e esperavam. Eu tremi e depois me endireitei na minha sela. Eu precisava ter confiança, mesmo que as minhas rédeas continuassem escorregando das minhas mãos suadas.

Eu olhei o que restava do nosso grupo original, e meus olhos se encontraram com os de Will. Eu balancei a cabeça, e ele assentiu. Ele sabia o que eu estava prestes a fazer.

Fawkes veio para o meu lado: — O que houve? Você viu alguma coisa?

Seu olhar passou de mim para a terra estéril e doente à minha frente. Ele parecia estar preparando um feitiço para me proteger. Sua preocupação era quase paterna. E, apesar de ficar tocada por sua preocupação, havia algo que eu precisava fazer: — Não. Não é isso.

Os olhos de Fawkes se estreitaram, e ele voltou sua atenção para mim. Até o alce dele estava olhando para mim agora, com o mesmo estranho olhar de esmeralda. Fawkes não facilitaria as coisas.

— Então, por que você parou? — perguntou bruscamente. Parecia quase uma bronca.

— Não podemos parar toda vez que virmos sangue nesta estrada. Quanto antes chegarmos aos Portos Cinzentos, mais cedo você poderá ajudá-los.

Minha garganta se fechou. O peso dos olhares de todos estava me sufocando.

Eu sabia que não ia dar certo. Mas eu não mudaria de ideia.

Esperei até ter a atenção de todos, e olhei para Fawkes diretamente: — Porque eu vou atrás do Jon, e eu vou sozinha.



CAPÍTULO 3

FAWKES PARECEU TER ENTRADO EM PÂNICO por um momento antes de se virar para mim com a sua habitual testa franzida: — Você está louca?

— Talvez.

— Você quer morrer? Porque com certeza parece que sim.

Eu cerrei meus dentes: — Não estou planejando morrer. E não estou fazendo isso apenas para irritar você. Eu preciso fazer isso antes que seja tarde demais.

Dei um suspiro e acrescentei: — Preciso voltar para buscá-lo. Eu devo isso a ele.

Eu podia ver, pelas expressões confusas em seus rostos, que as outras bruxas não tinham ideia de quem eu estava falando. Mas quando vi um ressentimento nos olhos de Ysmay, minha raiva ferveu.

Não precisava explicar a essas bruxas o caminho que eu decidi tomar. Era meu próprio caminho — meu próprio destino. E, francamente, não me importaria se eles aprovassem ou não. Eu não estava fazendo isso por eles. Eu não era seu penhor mais.

Eu notei o rosto de Celeste na multidão de bruxas, e seu sorriso reconfortante acendeu alguma esperança no meu peito e me deu um pouco de coragem.

Fawkes e as duas bruxas do Conselho dos Clãs trocaram olhares. Embora suas expressões fossem de pedra fria, e seus olhos mostrassem raiva e medo, não era um medo por mim, mas sim por eles. Eu não tive tempo de refletir sobre o motivo. Eles provavelmente me achavam muito tola. Mas eu não me importava.

Eu já tinha feito o bastante em nome de bruxas. Era hora de fazer algo por mim.

Para aqueles com quem eu me importava.

Fawkes inclinou-se para frente até eu sentir o cheiro das agulhas de pinheiro e da terra úmida de seu manto e que só eu pudesse ouvi-lo.

— Não seja tola, Elena — disse ele. — Há muito mais em jogo aqui do que o coração de uma jovem. Você não entende o que significaria se nós a perdêssemos? Você é a única donzela de aço. Você é a única bruxa que pode lidar com a pedra?

Sua expressão se obscureceu.

— Isso é uma guerra, Elena. Uma guerra entre o reino da Luz e o reino da Escuridão. E você é parte disso, gostando ou não. Você foi escolhida pela Deusa.

Você é soldado dela, assim como o resto de nós. Um soldado de luz. Você sabe o que isso significa?

— Claro que sei.

Eu não fazia ideia.

Fawkes franziu a testa profundamente: — Significa que você é obrigada a servir a ela. Você deve a esta causa. Você não pode escapar do seu destino. Nenhum de nós pode.

A artemagista pulsou levemente contra meu quadril e senti uma sensação calorosa de conexão. Era como se eu pertencesse à Deusa. Eu realmente era um soldado contra a escuridão. Eu havia sido aceita. Era como se a própria pedra tivesse aprovado o meu esforço.

O orgulho inchou no meu peito. Eu nunca havia pensado em mim mesma como soldado, mas ser parte de algo tão grande, mesmo sem magia, era incrível.

A própria Deusa me havia me escolhido, a menina do Fosso, para ser seu soldado. Fiquei atordoada pela felicidade momentânea.

Tentei não sorrir:

— Se, como você diz, a Deusa me escolheu, então ela me colocou nesse caminho particular como soldado dela... ela já sabe o que eu devo fazer.

— Pense no que você está fazendo — disse Fawkes com uma expressão preocupada. — Pense nos riscos. Ele não vale o risco.

Não tentei esconder minha fúria: — Para mim, ele vale. Não vou mudar de ideia.

Fawkes cerrou o queixo: — Precisamos destruir a pedra. E não podemos fazer isso sem sua ajuda. Se alguma coisa acontecesse com você...

Ele fez uma pausa e falou de forma mais controlada: — A pedra deve ser sua primeira prioridade. Não seja tola.

Eu tentei conter a minha respiração descontrolada: — Mais tarde eu cuido da pedra. Eu prometo. Eu só preciso fazer isso primeiro. Além disso, você não partirá atrás da pedra assim que chegar aos Portos Cinzentos. Você precisará fazer planos muito inteligentes se quiser derrotar os necromantes, e isso levará um tempo.

— Você arriscaria todas as nossas vidas por um humano? — ele bravejou. — Espero que ele valha a pena.

Eu engoli minha raiva: — Como eu disse, vale.

— Eu proíbo! — disse Fawkes com firmeza. — É muito perigoso.

Eu explodi em uma risada nervosa: — Proíbe nada.

Eu olhei para ele:

— Eu não sou propriedade de ninguém. E nem pense em me lançar um feitiço para tentar me impedir de ir. Eu nunca o perdoaria se você fizesse isso.

A expressão de Fawkes foi suavizada: — O que eu quis dizer é que seria *imprudente*. Não é seguro.

Levantei minhas sobrancelhas: — Você provavelmente está certo. Isso é estúpido e tolo, e terrivelmente perigoso. Mas mesmo assim estou indo.

Fawkes me observou por um momento. Então ele pareceu resolvido: — Bem. Então nós estamos indo com você.

Eu relaxei um pouco.

— Há uma razão pela qual eu preciso fazer isso sozinha. Não consigo esconder um exército de bruxas. Eu preciso me misturar, e as bruxas... bem...

elas se destacariam de longe. Vocês só atrairiam atenção indesejada. Eu tenho que passar despercebida se quiser que o resgate tenha uma chance de sucesso. Só preciso de alguns dos meus homens.

Eu podia ver os rostos voluntários dos meus rebeldes enquanto ouviram a conversa que se desenrolava: — E talvez até uma bruxa habilidosa na fabricação de poções e tônicos.

Eu pude ver que Celeste ficou ligeiramente tensa, sentada em sua égua malhada. Embora tivesse acabado de formular esse plano, eu sabia, no fundo da minha alma, que precisava de Celeste para me ajudar. E quando Celeste cavalgou para junto mim, com a cabeça erguida e uma faísca nos olhos, não pude deixar de sentir que estava fazendo o certo ao trazê-la comigo.

Will, Nugar e Lucas seguiram seu exemplo e enfileiram seus cavalos ao lado de Celeste. Parecia certo estarmos juntos novamente. Eu sabia que eles queriam encontrar Jon tão desesperadamente quanto eu. E eu não negaria a oportunidade de fazê-lo. Eles mereciam encontrá-lo tanto quanto eu. Se essa fosse a nossa última chance, eles também deveriam fazer parte dela.

Eu dei um pequeno aceno de agradecimento a cada um deles. Eles se endireitaram, jogando os ombros para trás, e eu pude ver uma determinação feroz neles. A vontade de aceitar o destino comigo era muito reconfortante. Eles podiam não ser soldados escolhidos da Deusa, mas lutariam pela luz tão vigorosamente quanto qualquer uma das bruxas.

Fawkes passou a mão nos ombros tensos e olhou para o chão. Eu podia ver seu queixo cerrado, mas, de alguma forma, provavelmente porque tínhamos uma plateia de bruxas, ele conseguiu manter sua raiva sob controle: — Elena, seja razoável.

— Estou sendo até demais — eu disse. — E não mudarei de ideia. Estou apenas informando os meus planos. Não me importo se você não está feliz com isso. Você não pode me impedir de ir.

A testa de Fawkes se enrugou e seus olhos se arregalaram: — Então eu vou com você.

— Não. Você precisa levar as bruxas com segurança para os Portos Cinzentos.

Eu sabia que isso era o certo.

— Você partiu há mais de dois meses. — Fawkes me olhou atentamente. — Você não tem ideia do quanto a magia dos necromantes se espalhou, quantos estão infectados ou mesmo se não houver nada com o seu

amado humano.

— Ele está vivo. Eu sei que está — eu disse com suficiente convicção para esconder meu medo de que fosse muito tarde. Eu não estava preparada para admitir que havia deixado Jon morrer sozinho, infectado por uma magia negra que o transformaria em um monstro. Ele me salvou, e agora eu o salvaria.

— Você sabe mesmo onde ele está?

Segurei a beirada da minha sela até os meus dedos ficarem brancos: — Vou tentar a Cidade das Almas primeiro. É onde estava da última vez. Se ele não estiver lá, eu irei até o Fosso.

Suspirei calmamente. Mas só pensar nesse maldito templo de ouro fazia meu estômago revirar. Minha visão enrubesceu de fúria quando me lembrei do sumo sacerdote de Ânglia, do necromante disfarçado e de como eu queria acabar com a vida deles.

Eu não senti nada quando matei a rainha das bruxas, mas sabia que minha vingança contra os necromantes, contra aquele sumo sacerdote, começaria e terminaria com um sorriso.

Eu teria minha vingança: — E então vou voltar para os Portos Cinzentos... com Jon.

Essas últimas palavras foram um esforço. Minha garganta estava apertada, mas eu as obriguei a sair porque dizê-las em voz alta as tornariam mais reais. Eu esperava e torcia para que Jon ainda estivesse vivo: — Tudo bem — disse Fawkes, me surpreendendo. — Espero que você volte para Portos Cinzentos em menos de uma semana. Se você não voltar, então, vou irei até você.

— Tudo bem — respondi. — Eu estarei lá.

Fawkes balançou a cabeça: — Mas você sabe que ele provavelmente morrerá.

Meu coração pesou:

— Vá para o inferno.

Antes que alguém tivesse a chance de ver a umidade nos meus olhos, toquei Torak, e nós corremos pela estrada.



CAPÍTULO 4

DESCEMOS PELA estrada sudoeste, deixando nuvens de areia e poeira por onde passávamos. O som dos cascos batendo atrás de mim ecoava com o palpitar do sangue nos meus ouvidos. Não era um exército inteiro de bruxas, mas era o suficiente.

Celeste, Will, Nugar e Lucas me alcançaram, e nós cavalgamos juntos.

Praguejei contra Fawkes. Maldito bruxo. Embora gostasse profundamente dele, também queria dar um soco nele. Ele sabia como me deixar em fúria. Eu sabia que ele estava apenas tentando me preparar para o pior, para o que eu estava tentando evitar, o que eu estava negando o tempo todo: que Jon já estava morto.

Desgraçado. As lágrimas caíram livremente pelo meu rosto.

Toquei Torak mais rápido. O vento fresco acalmou meu rosto quente e a minha raiva. Nós avançávamos com tanta facilidade e rapidez que, por um momento, parecia que estávamos voando. Estar montada em Torak me proporcionou um grande conforto quando nos aproximamos da cidade, mas meu crescente medo começou a me dominar.

— Se continuarmos cavalgando tanto, não vou mais conseguir sentar. — Celeste sorriu enquanto falava.

Ela andava ao meu lado. Sua grande égua alcançava facilmente a velocidade de Torak. Para uma empregada das bruxas, ela cavalgava como um cavaleiro experiente, e eu me perguntava qual a vida que ela tinha antes de trabalhar para o rei bruxo. Celeste era cheia de surpresas.

Seu cabelo, que estava preso ordenadamente em uma grossa trança até o meio das costas, já estava ficando bagunçado. Os fios soltos emolduravam seu rosto, e mesmo na luz fraca, ela parecia mais feliz.

Desacelerei Torak e os outros seguiram meu exemplo. Eles pareciam aliviados. Sem dúvida, todo mundo já estava dolorido de tanto cavalgar.

— Obrigada. Assim está muito melhor — ela disse, esfregando a parte inferior das costas. Ela se virou para olhar para mim e arqueou uma sobrancelha.

— Então... você está se sentindo melhor?

Eu sorri de volta para ela: — Desculpe, perdi meu controle lá atrás. Fawkes tem esse dom incrível de me deixar tão brava. É como se ele tentasse me irritar de propósito, como se estivesse me provocando. Ele sempre parece fazer questão de dizer coisas que me fazem querer estrangulá-lo.

— Você sabe que ele diz essas coisas porque se importa com você. Se não se importasse, ele não incomodaria.

Suspirei:

— Eu sei. Ele é como um pai superprotetor. E não é que eu também não precise de um pouco de amor paternal. Preciso, sim. É só que estou acostumada a fazer o que quero, sempre que eu quiser, sem a permissão de ninguém. Exceto por Rose, de quem eu sempre escondia esse tipo de coisa, ninguém jamais

tentou me dizer o que fazer. É como se ele não confiasse em mim. Como se não acreditasse que eu consigo fazer isso.

— Não acho que seja isso — disse Celeste. — Acho que Fawkes tem uma boa ideia do que você pode fazer para salvar Jon. E eu acho que é isso que o assusta. Ele sabe o quão longe você iria para buscá-lo de volta, e isso o aflige.

Ele quer que você fique viva.

Eu estalei a minha língua: — Não estou planejando morrer: — Não, mas você está se arriscando muito. Nós não sabemos em que estado Jon estará quando o encontraremos.

Um rápido pânico surgiu em mim novamente, uma dor que me fechou a garganta. Mas o simples fato de ela dizer “quando o encontramos” me encheu de esperança.

Celeste tirou os fios de cabelo dos olhos e virou-se para olhar a estrada à frente: — Para Fawkes e a maioria das outras bruxas, é um risco desnecessário, arriscar sua vida pela vida de um ser humano.

— É isso que você acha?

Minhas palavras saíram um pouco mais duramente do que eu pretendia.

Os olhos suaves de Celeste estavam cheios de compaixão: — É tolice — ela falou suavemente — Mas eu teria feito a mesma coisa se soubesse que meu Jarin ainda estava vivo em algum lugar. Eu teria ido até os confins do mundo para salvá-lo.

Seus olhos derrubaram algumas lágrimas quando ela virou o rosto: — Desculpe, Celeste — comecei. Ela nunca havia mencionado seu amor antes.

— O que aconteceu com ele?

Ela sacudiu a cabeça e limpou as lágrimas do rosto: — Agora não é o momento certo. Eu vou contar um dia, não hoje. Vamos encontrar Jon.

Ela forçou um sorriso, mas eu ainda podia ver a dor nos olhos dela: — A Deusa nos mostrará o caminho. Eu sei que sim.

Celeste deixou cair as rédeas em seu colo e pressionou as palmas das mãos na frente do peito. Foi um gesto de bênção e de proteção contra espíritos malignos e perigos que podemos enfrentar.

Os rapazes ficaram observando. Will tinha um olhar estranho em seus olhos que eu não entendi. Quando ele me pegou olhando, eu juro que vi um rubor em suas bochechas antes que ele desviasse o olhar. Nugar e Lucas se remexiam em suas selas, mas seus olhos estavam cheios de medo e dúvida. Idiotas. Quando eles aceitariam o fato de que as bruxas não eram demônios disfarçados? Eles não estavam observando Celeste o suficiente para saber que poderiam confiar nela?

Não havia nada demoníaco ou maligno sobre as crenças de Celeste. Todas eram muito naturais e belas. Sua fé era mais como a deles do que eles percebiam.

— Grande Deusa, criadora de tudo o que é — disse Celeste quando começou a recitar a bênção. — Agradecemos as bênçãos e a proteção que você nos forneceu hoje e a partir deste dia. Nós honramos a sabedoria e o amor que você adicionou às nossas vidas. Agradecemos sua ajuda, e honramos todas as forças invisíveis que nos forneceram apoio e bênção neste dia, e para este pedido especial.

Celeste sorriu para mim quando retomou as rédeas. Eu sabia que ela tinha falado na língua comum para mim porque meu idioma das bruxas não estava à altura, ainda não. Ela estava convencida de que a Deusa nos ajudaria e nos guiaria em nossa jornada. Eu admirava sua fé, mas não tinha tanta convicção. Eu tinha a sensação de que a Deusa havia nos abandonado à nossa própria sorte.

Desde a nossa fuga de Witchdom, Celeste me instruía nos caminhos da Deusa, e eu me sentia voraz por mais. Fawkes também havia começado a me ensinar a língua de Witchdom, tendo me dado um livro de aparência antiga que continha seu alfabeto. E quando ele não podia responder minhas milhões de perguntas frustradas, Celeste se ofereceu para me treinar. Ela era menos irritante do que Fawkes, e nossas aulas eram muito mais produtivas.

Escrever e lembrar de todas as letras não era fácil, especialmente quando meus pensamentos sobre Jon eram uma distração constante. E não ajudava em nada as bruxas espiando meu progresso. Enquanto algumas assentiam de maneira encorajadora, outras simplesmente olhavam, me envergonhando e me enfurecendo. E as bruxas do conselho estavam sempre assistindo. Mesmo quando achava que não, eles observavam.

— Preste atenção! — Fawkes bravejava.

— Suas linhas são muito grossas — ele apontou. — Aqui, aqui e aqui. Não, está errado. E o quê, pelo amor da Deusa, deveria ser isso?

Ele pressionou o dedo grande na frase cuidadosamente desenhada: — Parece rabiscos de um louco, não uma linguagem escrita. Não, não, está tudo errado. Comece de novo.

Ele limpou meu pergaminho e apagou horas do meu trabalho.

Eu queria matá-lo. Olhei para ele e senti o sangue correr para o meu rosto. Eu segurei meu pedaço de carvão como uma faca — seria fácil fincar nos olhos dele. Eu não queria que todas as bruxas pensassem que eu era uma idiota analfabeta.

— Você escreve como uma criança de cinco anos — ele havia dito enquanto me entregava meu pedaço de pergaminho. — Você precisa fazer muito melhor se quiser aprender.

E foi aí que meu carvão atingiu a testa dele. Ele estremeceu de raiva.

Eu me levantei, com as mãos cerradas em punhos: — Talvez eu fizesse melhor com um professor melhor: — Vamos focar na sua pronúncia por enquanto — ele disse enquanto eu me afastava furiosa. — Até a sua caligrafia melhorar, podemos ficar nas conversas.

— Você sabe onde enfiar suas conversas — eu gritei de volta.

Na minha arrogância, eu pensava que a língua de Witchdom viria naturalmente, como meu talento inato para as lâminas. Não foi assim. Eu era terrível, pior do que terrível. E embora a minha fala fosse melhor

que minhas habilidades de leitura e escrita, queria aprender a escrever e ler na língua de Witchdom. Para falar bem, eu também precisava ler e escrever bem.

Celeste inclinou a cabeça para trás de repente e riu.

— Acho que nunca vi as bruxas do Conselho dos Clãs parecerem tão expostas. É como se alguém dissesse que elas não podiam mais fazer magia.

Adorava aquele lado rebelde dela.

— Achei ótimo.

Eu explodi em risos:

— Elas provavelmente me odeiam. O que elas devem achar do seu campeão agora? O soldado da luz da Deusa? Até imagino o que elas vão contar para Ada quando chegarem aos Portos Cinzentos. Ela vai querer a minha cabeça. Acho que elas não esperavam alguém como eu. Elas esperavam uma boa bruxa que fizesse o que elas dissessem. Que choque!

— Bem, elas não a odeiam — disse Celeste com um sorriso. — Acho que você as surpreende, só isso. Eu não acho que elas estejam acostumadas com alguém tão... ousado.

Eu apertei meus lábios: — Você está sendo gentil.

— Tenho certeza de que Rose ficará feliz em vê-la, independentemente do que as bruxas digam.

O pensamento de Rose aqueceu meu coração: — Você não conhece a Rose — eu ri de forma suave. — Ela gosta de me repreender tanto quanto Fawkes.

Depois de um breve descanso, cavamos bastante e seguimos o caminho batido que se estendia por toda a floresta de pinheiros anglicanos carbonizados do país, sem que houvesse melhora no ar. Ninguém falava nada. Estávamos todos perdidos em nossos próprios pensamentos, mas compartilhando o mesmo objetivo: salvar Jon.

Nós seguimos sem parar. Meus dedos estavam adormecidos de segurar as rédeas, e minha bunda, coxas e panturrilhas doíam demais. Por sorte, meus poderes de cura aliviavam a dor de meus músculos. Embora os outros não conseguissem curar seus ferimentos do mesmo jeito que eu, eles nunca se queixavam. Eles eram os verdadeiros campeões. Eles não pararam, tampouco eu.

Embora estivéssemos em alerta para atacar, depois de seis dias de viagem, acampando apenas durante as noites, não encontramos nenhum inimigo nem enfrentamos emboscadas. Exceto pelos cadáveres, a estrada estava deserta.

Chegou ao ponto em que o cheiro era tão intenso que precisamos fazer uma máscara com as nossas capas, para ajudar a disfarçar o cheiro pútrido.

As estradas deveriam ter alguns viajantes ou pelo menos espiões. Os sacerdotes necromantes tinham centenas de espiões e assassinos. Por que eles deixariam as estradas da Cidade das Almas desprotegidas? A estrada poderia estar cheia de lacaios infectados pelos sacerdotes necromantes. Mas

não havia nenhum. Só havia morte.

Não parecia certo. Havia algo errado. Senti que estávamos sendo viajados quando levantamos acampamento na sexta à noite. Mas, seja lá o que fosse, ficou escondido nas sombras. Um arrepio se espalhou por mim, e intensificou-se quando nos aproximamos daquela cidade amaldiçoada. Se Celeste e os homens também sentiram, eles não mencionaram disseram nada. Mesmo assim, eles se puseram de pé, com a mão em suas armas, quando ouviram um som mais fraco.

Eu vi Will dar a Celeste uma pequena adaga e um coldre para colocar na cintura. O rubor no rosto dele era óbvio para mim, para alguém que o conhecia, e eu tive que morder a língua para não rir. Se Celeste percebeu o constrangimento de Will, ela não mostrou.

Naquela noite, Will deu uma lição particular usando troncos de árvores como alvos. Ele mostrou-lhe alguns movimentos defensivos e onde colocar sua adaga para matar. A intimidade entre eles cresceu, e muitos olhares furtivos e sorrisos tímidos foram trocados entre eles. Eles pareciam muito sintonizados um com o outro. Eu não queria interromper.

Eventualmente, Nugar e Lucas se ofereceram para ajudar com suas lições também. Eu acho que os homens a receberam muito mais rápido do que para mim, pois Celeste não tinha magia. Ela era mais como eles.

Eu não estava chateada. Em vez disso, fiquei feliz porque agora eu sabia que eles a protegeriam com suas próprias vidas. E Celeste era uma raridade que precisava de toda a nossa proteção. Seu tônico poderia curar a magia negra que havia infectado todos os humanos. Com sorte. Se funcionasse, faria uma grande diferença em nossa luta contra a praga negra e os sacerdotes. Nós precisávamos que ela ficasse viva. Eu precisava que ela ficasse viva.

Ao ver as amizades recém-formadas, eu esperava que os seres humanos e as bruxas pudessem aprender a confiar uns nos outros novamente. Talvez isso nunca acontecesse. Mas não precisávamos ser amigos para compartilhar o mesmo inimigo – nós precisávamos lutar juntos. Para ganhar a guerra contra a escuridão, as bruxas e os humanos precisavam se unir.

Minhas dores de cabeça pioraram até o ponto em que mal podia pensar. E

quase todas as noites eu fiquei acordada, olhando para um céu sem estrelas e nublado. Às vezes, as dores de cabeça eram tão fortes que doía abrir meus olhos.

Quando estava deitada, ouvindo a respiração baixa e constante de meus companheiros, minhas pálpebras pareciam feitas de chumbo. E quando finalmente caí na exaustão, tudo que lembrava era a dor latejante na minha nuca.



CAPÍTULO 5

ESTOU ME MOVENDO RAPIDAMENTE. Estou cercada de fogo, cinzas e sombras. Não há sol, apenas escuridão. Estou perdida. Gemidos e choros enchem o ar ao meu redor. Eu sinto gosto de sangue na minha boca. Estou procurando algo, mas não consigo encontrar. A escuridão muda. Uma névoa gira em torno de mim e depois se dispersa, revelando montanhas de corpos apodrecidos de humanos, bruxas e animais. Estou de pé em um rio vermelho. Os corpos flutuam diante de mim, crianças. Eu tento me mover, mas algo chama minha atenção por baixo da superfície. E então aparece uma figura no rio.

No começo eu acho que é um homem. Então eu vejo que sua carne é feita de sombra que se move e fogo verde. Ele não é homem. Eu não posso correr.

Ele me encontrou.

Acordei com um suor frio. Abri os olhos com uma dor de cabeça pulsante, como eu nunca havia tido antes. Senti um instante de dor ofegante. O chão vacilou por um momento, e antes de registrar o que estava acontecendo, eu me virei e vomitei: — Elena?

Celeste estava dormindo ao meu lado e teve uma visão infeliz do conteúdo do meu estômago.

Eu enxuguei a boca com a parte de trás da minha mão: — Desculpe — eu sussurrei.

Eu não tinha acordado os outros com meus vômitos, e queria manter isso assim. Will olhou para mim, mas para meu alívio ele permaneceu sentado contra o tronco de uma bétula colossal.

— Eu me senti um pouco mal. Não é nada. Volte a dormir.

O que diabos acabou de acontecer?

Cobri minha bagunça com um pouco de terra e folhas secas, e passei para o outro lado de Celeste.

Os restos do sonho ainda estavam frescos em minha mente, como se eu realmente o vivesse, como se eu estivesse realmente nele.

Eu gemi porque minha ferida latejava. Senti frio, calor e depois frio de novo.

Eu sabia que estava com febre. Mas nunca tinha estado doente um dia sequer na minha vida. *O que estava acontecendo comigo?*

Vislumbres do meu sonho passaram pela minha mente: o rio vermelho, os mortos, o que saiu da água.

Uma onda de náusea me atingiu de novo e eu tentei não vomitar novamente. Esfreguei os olhos. *Eu estava enlouquecendo?* Pessoas normais não acordam de um sonho botando as tripas para fora. Só que não parecia um sonho. Parecia real.

Seria uma visão do futuro? Eu não poderia ter tido uma visão. Somente as bruxas do clã áugure eram dotadas de visão. Enquanto lutava para enfrentar o que estava acontecendo comigo, podia sentir Celeste me observando.

Seus olhos grandes e redondos brilhavam à luz da pequena fogueira: — Posso fazer um pouco de chá de gengibre — ela sussurrou. — Ajudará a acalmar seu estômago: — Não se preocupe com isso — Eu respirei e forcei um sorriso. — Estou muito melhor agora. Acho que meu estômago está cansado de comer tiras de peru seco.

Eu odiava mentir para ela. Celeste sempre foi aberta e honesta comigo.

Fiquei feliz por estar escondida na escuridão. Por um capricho, tirei Celeste de tudo o que ela conhecia e a levei para uma terra estrangeira onde todos odiavam bruxas. Não só a terra estava sendo infectada lentamente pela praga negra, como era perigosamente perigoso estar perto de mim, pois eu estava sendo caçada. Os sumos sacerdotes não desistiriam. Celeste poderia morrer, e eu me perguntava se tinha feito a escolha certa, obrigando-a a vir comigo: — Descanse — eu disse.

Eu me deitei e fingi que tudo estava bem, que eu estava bem, quando parecia que eu havia comido carne podre.

Eu sabia que Celeste não tola. Ela recostou-se, mas eu pude ver seus olhos abertos, e sua boca semiaberta mostrava que sua mente vagueava.

Não dormi nada durante o resto da noite, mas notei a respiração suave e firme de Celeste. Pelo menos uma de nós estava descansando.

Na manhã seguinte, foi pior. Eu não vomitei de novo, mas a constante palpitação trás dos meus olhos atrapalhava a minha concentração. Manchas brancas não paravam de explodir atrás dos meus olhos, e não importa com que frequência os esfregasse, elas não iam embora, nem a dor diminuía.

No entanto, eu guardava a minha dor por dentro. Eu não queria que os outros vissem. Eu temia que eles me fizessem dar meia volta, direto para os Portos Cinzentos, para que as bruxas pudessem examinar minha cabeça.

Eu não *podia* estar doente. Eu era uma donzela de aço. *Então, o que diabos estava errado comigo?*

Naquela tarde, no sétimo dia, depois de algumas horas de viagem sem interrupção, perdi a noção do tempo. O ritmo dos cascos havia distraído minha mente inquieta. Mas, apesar do ar quente e abafado, quanto mais avançávamos, mais frio eu sentia.

A última vez em que vi Jon, seu rosto estava coberto de veias pretas, e sua pele estava cortada e escamada, como se ele estivesse sofrendo de lepra. Mas o mais perturbador era seus olhos. Frios, pretos e alheios. Era como olhar nos olhos de outra pessoa, alguém que nunca havia visto antes. Não havia amor lá.

Não eram os olhos de Jon.

Tentei me concentrar em seu rosto antes de ter sido infectado, seus lábios quentes, seu corpo forte e duro pressionado contra o meu. Tentei lembrar o cheiro almiscarado que me enlouquecia e me fazia querer arrancar suas roupas.

Nós estávamos separados há quase três meses. Qualquer coisa poderia ter acontecido durante esse tempo. Eu me endireitei e joguei meus ombros para trás.

Minha raiva fez eu me sentir um pouco melhor; tomou meu sofrimento e absorveu minha culpa. Mas eu sabia que a raiva esconderia meu julgamento e levaria a erros. Eu não podia cometer nenhum.

Coloquei as memórias no espaço vazio dentro do meu coração. Eu teria que viver com meu sofrimento. Era a minha última chance. Eu tinha que me concentrar.

Houve uma mudança súbita no ar, como se tivéssemos atravessado uma barreira invisível do verão até o outono. O ar esfriou, mas não com a frieza familiar do inverno. Era outro frio. Não parecia natural. Sombras surgiram sobre nós, e o sol se escondeu atrás de inúmeras nuvens escuras. Devia haver cerca de seis horas de luz ainda, mas não era nem dia nem noite.

E então um cheiro de decomposição de algo que completamente desagradável até em vida chamou minha atenção.

Algo estava muito *errado*.

Eu me virei na minha sela, mas não havia nada na estrada, nem na frente nem atrás de nós – nada que eu pudesse ver. E, no entanto, o sentimento familiar de que eu estava sendo observada me atingiu como um respingo de água fria.

— O que foi? — Will perguntou atrás de mim.

Eu me virei e vi que sua mão se movia para o punho de sua espada. Os homens seguiram a liderança e fizeram o mesmo: — Não tenho certeza — eu disse.

Meus olhos se voltaram para o rosto pálido de Celeste: — Mas algo parece estranho. Seja como for, não é amigável.

Eu sabia que algo estava acontecendo, eu simplesmente não sabia o quê.

Olhei para a parede de árvores que nos rodeava em ambos os lados. À primeira vista, pareciam impenetráveis, mas sabia que qualquer pessoa ou qualquer coisa poderia facilmente nos emboscar em suas profundezas.

Eu sabia que os sacerdotes necromantes não deixariam a estrada desprotegida. Eles esperariam que eu viesse por aqui. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde o seu mal se apresentaria.

— Fiquem atentos — gritei. Examinei novamente a floresta, mas não vi nada.

— Não serão apenas guardas comuns do templo. Observem os movimentos repentinos da floresta e da

estrada. E confiem nos seus instintos. Seja o que for que venha até nós, se parecer maligno, matem. Não pensem. Pensar os matará.

Tínhamos que nos preparar para qualquer coisa. Pelo que eu conhecida deles, os sacerdotes poderiam ter enviado um exército de crianças infectadas para nos aborrecer e nos tornar mais fáceis de matar. Aqueles bastardos eram tão malignos.

— Nugar, vigie a retaguarda — ordenou Will.

Ele continuou andando na frente e depois voltou. Nugar puxou o cavalo e colocou-se na parte de trás. Seu machado de batalha brilhava na luz fraca, desembainhada e pronta para ação.

Lucas olhou para a floresta. Tudo estava naturalmente imóvel. Os olhos de Will se lançaram nervosamente para mim. Os homens estavam inquietos. Meus soldados da luz aguardavam ansiosos para matar a ameaça antes que ela tivesse uma chance de nos matar.

— São os necromantes? — Celeste trouxe sua égua para junto de Torak e agarrou a adaga que Will lhe havia dado. — Eles nos descobriram?

Assim que eu estava prestes a responder, um arrepio percorreu minha coluna, e eu senti uma fisgada na ferida em minha nuca. Eu conhecia muito bem aquela sensação. Quando nos dirigimos pela primeira vez para Witchdom e nos aproximamos de Erast, na casa do falecido Príncipe Landon Battenberg, eu não tinha visto o mal que espreitava o local, mas eu sabia que estava lá porque eu sentia. Também era um aviso da magia negra dos sumos sacerdotes dentro do templo dourado. Quando a ferida na minha nuca latejava, eu sabia que o mal estava próximo.

Havia magia negra aqui... ou algo mais... algo pior.

A escuridão aumentou até que mal podíamos nos ver. A escuridão estava vindo do Oeste.

Ela vinha até nós como uma grande onda escura. As árvores balançavam e seus galhos se partiam. No início, pensei que era a praga negra, mas as árvores não foram apenas consumidas. Eles secaram e se partiram, como se tivessem sido queimadas de dentro para fora, por um fogo invisível.

As nuvens escurecidas esconderam o horizonte. Meu coração batia forte no peito.

As nuvens se espalharam pela estrada. Não havia como fugir.

A escuridão veio direto até nós.



CAPÍTULO 6

O QUE SERIA ESSA NOVA AMEAÇA?

E, então, quase em uníssono, nossos cavalos relincharam e desaceleraram por vontade própria. Era como se eles também pudessem sentir algo maligno escondido dentro das nuvens escuras em movimento; eles não queriam se aproximar.

Examinei aquela escuridão que não era natural, procurando algo incomum, algo escondido. Eu não vi nada, mas, ainda assim, eu poderia jurar pela Deusa que senti olhos nos observando. Deixei Torak se mover na sua própria velocidade. Nós avançávamos juntos pela escuridão, imaginando até onde ela se estenderia. Haveria uma saída no outro extremo? Dava para ouvir alguns sons estranhos vindos da floresta. Torak relinchou para o nada, e eu não conseguia acalmá-lo. Era impossível. Como eu poderia matar o que eu não podia ver? Não havia céu, nem lua nem estrelas para nos guiar...

Algo se moveu à distância, quebrando ramos à medida que se aproximava.

Então parou. Eu me esforcei para ouvir mais, mas a escuridão não revelava nada.

Seja lá o que fosse, ficou escondido dentro da floresta.

Eu sabia que meus companheiros estavam me observando. Eu tinha que encontrar um caminho através da escuridão. Jon estava do outro lado em algum lugar. E eu iria encontrá-lo.

A artemagista latejou ao lado do meu corpo. Ela me pedia para usá-la de alguma forma, ou seria era um aviso? Eu nem sabia como usar aquela maldita coisa. Eu não conhecia feitiços ou encantamentos. Eu tinha memorizado algumas palavras na língua de Witchdom, como bom dia e obrigado, mas era só isso. Eu torcia para que minha habilidade com a lâmina fosse suficiente. Precisava ser.

A escuridão se enrolava em si mesma e se estendia, como se fossem braços querendo nos prender. O cheiro de podridão estava em toda parte, mas também havia um cheiro fraco e acre de outra coisa, algo mais vil e mais maligno, de algo não destinado a este mundo: — Deusa do céu, o que é isso? — perguntou Celeste. — E o que é esse cheiro horrível?

Lágrimas encheram seus olhos e ela começou a tossir.

— Isso é obra do demônio, com certeza — disse Nugar atrás de nós. — Há algo de sujo e pouco natural. Isso é magia negra.

— Isso não é magia negra — eu interrompi. — É diferente. Fraco e não natural, sim, mas não é magia negra.

Os olhos de Celeste se voltaram para mim: — O que você acha que é isso?

Olhei para as nuvens escuras e profanas: — Talvez algo que não tenhamos visto ainda? Eu não sei. Eu não gosto disso.

Nugar acariciou sua longa barba: — Bem, seja lá o que for, em toda a minha vida, nunca vi nuvens escuras se moverem como se soubessem aonde vão. Não parece certo.

— Está se aproximando de nós — gritou Lucas, olhando loucamente em todas as direções e incapaz de controlar seu medo. Comecei a me arrepender da minha decisão de trazê-lo na viagem.

Will e eu compartilhamos um olhar. Meu coração refletia o pânico nos olhos dele. Podemos não saber o que era, mas sabíamos que não era amigável. Os outros viram nossa troca silenciosa de olhares, e perceberam facilmente o terror nos nossos rostos.

Will puxou a espada. Sua lâmina brilhava ligeiramente na luz fraca. O som de metal cortou a escuridão silenciosa e abafada.

— Há coisas perigosas na escuridão — Will disse solenemente. — Fiquem todos em guarda.

Os olhos de Lucas estavam arregalados de pânico, e ele começou a falar coisas sem nexo sobre magia de fogo, bruxas e feitiçaria.

Todos estavam olhando freneticamente para todos os lados, tentando ver os demônios dentro da crescente escuridão.

A bravura de Celeste também havia desaparecido. Ela não era uma donzela de aço ou um soldado, e ela não tinha experiência de combate. Seus pontos fortes eram o intelecto e a criação de tônicos e poções. Eu tinha sido egoísta. Ela estaria mais segura com Fawkes e as outras bruxas. Se alguma coisa acontecesse com ela agora, eu nunca me perdoaria.

Desviei meus olhos do rosto pálido de Celeste. Eu a manteria segura, custasse o que custasse.

— Você não acha estranho isso ter aparecido?

A pele de Celeste estava pálida, mas seus olhos estavam claros quando ela se virou para mim.

— É quase como se soubesse que estávamos chegando. Como se estivesse nos esperando, e agora está tentando evitar que avancemos.

Ela roubou minhas próprias palavras: — A escuridão que cresce é um mau presságio — ela continuou — especialmente aquela que fede e cheira a morte. Já vi muita magia e coisas sobrenaturais, mas nunca vi isso. Nada de bom pode vir dessa escuridão.

Eu sabia que ela estava certa, mas não conseguiríamos fugir. Jon estava do outro lado dessa escuridão.

— Você está certa — eu disse, tentando manter a calma. — É um mau presságio. Se os sacerdotes necromantes fizeram isso, sua magia negra cresceu mais do que eu acharia possível em tão pouco tempo.

— Você acha isso capaz? De haver esse poder? — O rosto de Celeste estava cinza. — Acho que nem o rei bruxo com todas as bruxas do Conselho dos Clãs juntos alcançariam tanta força mágica.

Eu dei de ombros: — Não tenho certeza. Talvez eu esteja errada, mas, de acordo com o que me explicaram, os necromantes precisam pegar a magia deles emprestada. Eles não têm magia no sangue. Eles são homens, humanos. Ada e os outros nunca pensaram que poderiam ser uma ameaça real porque seu poder era mínimo. Eles achavam que o poder dos necromantes ainda não era forte o bastante. Mas agora, com a pedra...

Eu respirei fundo:

— Eu não sei. Talvez. Mas me assusta pensar em quanto poder eles ganharam. Eles poderiam deixar o mundo na escuridão?

— Que a Deusa nos proteja se você estiver certa. — Celeste fechou os olhos e murmurou uma benção.

Não queria pensar nas possibilidades. Era uma loucura. Como poderíamos vencer essa força?

— É culpa minha — eu explodi e enxuguei os olhos. Eu estava carregando esse fardo por tanto tempo, eu podia senti-lo rasgando minha alma pouco a pouco, e eu estava com medo de que me consumisse completamente. Eu deveria ter ouvido Rose.

Celeste sacudiu a cabeça: — Elena, não seja ridícula. Pelo que você me contou e pelo que soube de Fawkes, os necromantes haviam chegado a esse reino muito antes da sua mãe ter nascido. Como pode ser culpa sua?

— Porque eu sou a pessoa que roubou a maldita pedra!

As palavras saíram da minha boca, duras e altas antes que eu pudesse detê-

las. Eu senti a atenção de todos em mim: — Sem a pedra, esses insanos não teriam feito isso. Nenhum deles. Não está vendo o que eu fiz? Quão estúpida e egoísta eu fui! Como eu condenei a todos!

Minha fúria se inflamou, mas minha raiva não era dirigida a Celeste ou aos homens, era dirigida para mim.

Eu causei isso. E de alguma forma tinha que detê-los: — Eles não pararão até terem a chance de me matar. Eles poderiam ter me matado antes, mas eu escapei. Eles sabem que eu sou a única que pode tocar na pedra do Coração de Arcânia. Eu posso tirá-la deles. Eles não querem que eu me aproxime. Se eles ainda estão na Cidade das Almas, devemos deixá-los pensar que eu vou atrás da pedra. É melhor assim. Isso vai me dar a liberdade de que eu preciso para procurar Jon.

Cerrei os dentes ao formular um plano: — Depois de levar Jon de volta aos Portos Cinzentos, podemos voltar em busca da pedra.

As palavras pareciam erradas de alguma forma, pois parte de mim não acreditava que Jon ainda estivesse vivo. E eu me odiava por essa falta de fé.

— Elena, não faça isso com você — disse Celeste. — Esses necromantes loucos teriam conseguido eventualmente, com ou sem a pedra. Era apenas uma questão de tempo.

— Ela está certa — disse Will enquanto ele e Celeste compartilharam um longo olhar.

— Sim, talvez você tenha acelerado um pouco o processo — continuou Celeste. — Mas você não pode se culpar por esses demônios. A Deusa sabe que o seu coração é puro, e isso se reflete nos seus esforços. Ela não vai abandonar você.

Meu coração se animou ao saber que Celeste pensava tão bem de mim. Ela era uma verdadeira amiga. Mas eu sabia que era uma tola e que meu ato egoísta havia causado muitos problemas.

Meus olhos queimavam, mas eu forcei um sorriso: — Bem, se a Deusa quiser, ela nos guiará por esta escuridão. Vamos continuar em avançando — eu disse, mais para mim do que para os outros. Eu tinha pelo menos a voz da coragem de que tão desesperadamente precisava.

Toquei Torak, e voltamos a cavalgar. Os outros seguiram logo atrás de mim.

Senti meu cavalo ficar tenso quando entramos no primeiro e fino véu de sombra escura. Eu segurei a respiração quando a senti em meu rosto.

Então, a escuridão se modificou e, através dela, surgiu uma familiar névoa branca-acinzentada.



CAPÍTULO 7

NÓS NÃO TÍNHAMOS CHANCE. Nenhuma. Eu sabia muito bem que seres malignos habitavam aquela névoa. Demônios.

Pior ainda, eu sabia que também era um portal para o reino dos demônios. O

véu que protegia nosso mundo da escuridão havia se partido, e um novo portal surgiu em Ânglia. De alguma forma, os sacerdotes conseguiram esconder o véu.

Por um momento, ninguém se moveu. Lutando para controlar meu crescente pânico, fiz o que veio naturalmente. Enfureci. Eu ganhava força ao substituir meu medo pela boa e velha fúria.

Olhei para a neblina profana. Não havia dúvida. Era a mesma maldita névoa que encontrei no Braço da Morte. Era densa e pesada. Ao contrário da textura macia comum da névoa, era um fumo sufocante.

A névoa continuava se aproximando. Ele se espalhava e deslizava pela estrada em nossa direção: — Elena?

Os olhos de Will estavam cheios de alarme: — Isso é...

— Sim — eu disse, sabendo exatamente o que ele queria dizer. Will tinha estado lá nos pântanos quando nos deparamos com aquele nevoeiro. — É a mesma névoa.

Eu engasguei e respirei pelo nariz. Minha pele se arrepiou. Paramos e esperamos. Mas depois dos primeiros segundos, nada aconteceu: — Devemos sair da estrada — disse Will. — Experimentar a nossa sorte nas florestas.

— Eu concordo — disse Nugar.

Ele se deslocou em sua sela: — O diabo está naquela névoa. Eu posso sentir isso.

Eu não podia ver nenhum palmo à minha frente. A floresta que nos cercava havia praticamente desaparecido na névoa. Mas eu ainda podia ver a terra e as pedras da estrada. Ainda havia esperança.

Eu me virei na minha sela: — Nos perderíamos se tentássemos as florestas, mas ainda posso ver a estrada.

Eu sabia que era suicídio passar pela névoa. Mas não havia outra maneira de chegar a Jon.

— Se quiserem voltar, a hora é essa. Não vou forçá-los a atravessar a névoa.

Mas eu vou prosseguir.

Eu não permitiria que os sacerdotes ganhassem. Para o inferno com seus truques, eu estava indo para a Cidade das Almas.

Meus companheiros pareciam estar tão determinados quanto eu: — Concordamos em vir com você, e não foi da boca para fora — disse Will, respondendo por todos eles. — Não vamos recuar. Estamos juntos nisso.

Eu acenei com a cabeça: — Fique por perto e em alerta.

Cavalgamos lentamente e silenciosamente por cerca de cinco minutos. Eu olhava para as névoas, e meu medo aumentava a cada passo. A névoa se estendia pela estrada e pela floresta como se tivesse mente própria.

Eu conduzia Torak ao lado da égua de Celeste, Bruma. Eu tinha que mantê-la segura. Eu tinha que aceitar o que havia feito. Eu tinha que superar isso. E, apesar de ter medo, eu consertaria as coisas. Mesmo que perdesse, eu pararia os sacerdotes. Eu mataria todos.

Depois de meia hora de cavalgada, comecei a relaxar. Talvez eu estivesse errada. Talvez esse nevoeiro não fosse um portal, mas apenas algo que ainda não tínhamos visto. Eu estava confiante de que poderíamos atravessar essa névoa até a Cidade das Almas. Talvez a névoa funcionasse nos dois sentidos. Enquanto escondia nossos inimigos, também nos ocultava.

Donzela de aço...

Eu me afundei na minha sela. Meu coração estava na garganta. Meus companheiros não pareciam ter ouvido nada.

É isso mesmo? Será que ouvi direito?

A névoa estava brincando comigo. Queria me desequilibrar, me atrapalhar para que me matasse.

Minha respiração se acelerou. O cheiro de enxofre me incomodava. Meus olhos queimavam, e eu tive que limpar as lágrimas para conseguir enxergar. O

cheiro de carne em decomposição deixava um gosto azedo na minha boca, e o ácido estomacal subia pela minha garganta.

Estou vendo você...

A voz estava mais clara agora. Era gutural e anciã. Estava na minha cabeça.

Eu sabia que uma entidade das trevas estava me espreitando por algum lugar na estrada.

O suor escorreu pelas minhas costas e minhas têmporas. Meu peito ficou apertado, e minhas respiradas eram rasas e rápidas. Algo maligno se escondia além dessa névoa. Eu não podia ver, mas sentia algo desumano nos meus ossos.

Eu me esforcei para ouvir a voz de novo, mas em vez disso ouvi sons de batalha. Os gritos dos moribundos cortaram o ar ao nosso redor. Eu senti o cheiro de medo e ódio, além de sangue.

Em algum lugar no fundo do nevoeiro, uma grande batalha estava sendo travada. Eu não sabia se estava vindo do reino dos demônios ou de algum lugar em nosso mundo. Os grunhidos guturais e os rosnados dos demônios vinham do interior da névoa: — Vocês ouviram isso? — Lucas girou em sua sela. — O que é isso?

De repente, altos gritos de perfuração, que só poderiam ter vindo de outro mundo, penetraram na névoa.

Torak ficou tenso. Dava para ver seus olhos arregalados; suas orelhas se moviam de um lado para o outro, em um estado de maior ansiedade. Eu me lembrava muito bem de como os cavalos haviam ficado ao primeiro sinal de perigo nas névoas no Braço da Morte. Se ele empinasse agora, me derrubaria com certeza. E eu o perderia para sempre.

Com dedos trêmulos, firmei meu corpo e desmontei Torak. Eu puxei minha espada da minha cintura: — Saiam de seus cavalos — eu disse.

Tentei manter minha voz firme e calma para estabilizar Torak. Envolvei minha mão livre em suas rédeas.

— Vamos caminhar a partir daqui. Mas mantenham os cavalos perto e amarrados a vocês. O que quer que esteja à frente está assustando os cavalos e eles podem sair em disparada. Não podemos correr o risco de nos perder agora.

Façam o que puderem para acalmá-los.

Todos desmontaram, e acariciei o pescoço de Torak, sussurrando para ele.

Mas ele olhava para todos os lados descontroladamente. Os cavalos estavam em pânico. Eles pulavam e chutavam, e logo eu fiquei encharcada de suor apenas tentando segurar meu próprio cavalo. Torak era forte, e se ele disparasse agora, meus braços magros seriam arrancados.

Nós nunca passaríamos da névoa assim.

— Não podemos continuar — disse Will.

Ele tentava controlar seu cavalo com as rédeas de seu cavalo.

— Nossos cavalos serão nossa morte. Eles não podem nos seguir pela névoa.

Eles estão apavorados.

Eu sabia que Will estava certo, mas não podia encarar a alternativa.

— Eu não vou abandonar Jon — eu gritei.

Will praguejou quando seu cavalo chutou sua perna: — Estou apenas dizendo... pare, sua besta! Estou apenas dizendo que talvez haja outro caminho... outra rota que possamos tomar.

Eu estremei quando as rédeas fizeram um corte profundo nas minhas mãos.

Eu cerrei o punho, mas fiquei aliviada ao ver a luz dourada escorrer pela minha ferida. Minha pele começou a se consertar: — Solte-os, e vamos fazer o resto da viagem a pé — disse Nugar. Parecia que ele estava prestes a decepar seu cavalo com seu machado de batalha.

Meu coração estremeceu no peito: — Não! Ir a pé nos tomará cinco vezes mais tempo. Nós precisamos dos cavalos.

— Então vamos descobrir outro caminho para a Cidade das Almas — bravejou Will. Ele estava corado e pingando de suor enquanto tentava controlar seu cavalo.

Continuei avançando. Retornar era admitir a derrota. Preferia morrer um milhão de mortes do que admitir a derrota. Mas eu sabia que era loucura. Se nossos próprios cavalos não nos matassem, qualquer coisa escondida naquela névoa o faria: — Bem. — Eu esperava que meus companheiros não ouvissem o tremor na minha voz.

Quando eu me virei, vi que eu tinha ido muito além dos outros. Eu tinha avançado quando eles haviam recuado: — Vamos retornar à bifurcação da estrada, e então descobriremos outra rota.

Talvez se recuarmos e usarmos uma estrada menos percorrida...

A névoa ficou ainda mais densa, elevando-se como uma enorme parede branca me rodeasse até que eu só enxergasse o branco à minha volta: — Elena! — Celeste gritou atrás de mim. — Saia daí!

Mas minhas pernas estavam presas no chão. Eu não conseguia me mexer.

Meus dedos endureceram, e senti as rédeas escorregarem das minhas mãos.

Eu estava presa em meio ao nevoeiro, sombra e escuridão. A estrada à minha volta ficou turva e depois desapareceu. Tudo se tornou nada, e nada se tornou tudo. A névoa ficou cada vez mais rápida. Parecia continuar para sempre, e então parou.

Minhas orelhas ficaram surdos. Eu não podia ouvir os gritos de Celeste mais.

Tudo o que eu podia ouvir era o palpitar do meu coração.

Eu havia cometido um erro horrível. A névoa *era* um portal. E eu havia entrado nela.



CAPÍTULO 8

EU HAVIA ATRAVESSADO PARA outro reino. Meu mundo havia desaparecido e, com ele, meus companheiros. Eu estava cercada de sombras e cinzas. O lugar cheirava a uma combinação tóxica de azedo e acre.

E, então, quase invisível em meio à escuridão, uma criatura saiu das sombras a apenas três metros de onde eu estava. Era vagamente humano, com ossos, carne e sombras vivas e fogo verde.

Era o demônio do meu pesadelo, e, no meu coração, comecei a gritar.

O demônio tinha mais de dois metros de altura. O fogo verde que o rodeava diminuiu e desapareceu, e pude ver a pele cinza sob sua espessa armadura. O

demônio era tão musculoso quanto um guerreiro experiente. A única arma que eu podia ver era uma espada longa que pendia de sua cintura. E o que eu pensava ser pontas de uma coroa eram, na verdade, ossos que saíam do seu crânio, formando um círculo perfeito no topo de sua cabeça sem pelos. Ele tinha as maçãs do rosto altas e salientes, e olhos amarelos como carvões ardentes.

Ele me observava sem expressão. Mas eu teria sido uma tola se não me assustasse. Nossa, como eu estava com medo! Eu havia acabado de pisar acidentalmente no inferno.

Eu não sabia muito sobre os demônios, mas eu sabia que esse era um homem, a menos que eles não tivessem sexo e todos parecessem iguais. Eu estava muito assustada. Não era um humano mortal ou uma

bruxa, e estava certa de que não poderia matá-lo. Se eu tivesse a magia de Ada ou Fawkes, talvez eu tivesse chance de tirá-lo do meu caminho. Mas eu sabia que não era capaz de lutar contra esse demônio. Eu precisava fugir antes que ele tivesse a chance de me matar.

Não havia nenhum sinal de uma entrada ou evidência de qualquer portal no qual eu pudesse ter caído. Eu estava em um emaranhado de rochas e trevas que estavam cercadas por névoa.

Comecei a entrar em pânico. Cada respirada queimava minha garganta e meus pulmões, como se eu tivesse engolido fragmentos de vidro. Eu me esforcei para respirar e senti meu sangue correr para a minha cabeça. Comecei a desmaiar, e sabia que não poderia durar muito tempo ali. Eu não conseguia entender como eu tinha chegado àquele lugar. Eu simplesmente entrei naquele reino.

Eu pisquei para ver melhor. *Será que eu posso sair da mesma maneira que entrei?* Eu precisava encontrar o portal de volta ao meu reino. *Mas e se eu não pudesse voltar?*

— Estive esperando por você, donzela de aço.

A voz do demônio era gutural e anciã. O demônio sabia claramente quem eu era, que linguagem falava e, aparentemente, estava me esperando: — Eu pensei que, usando o idioma dos sacerdotes, você me entenderia — disse o demônio, como se tivesse lido minha mente. — Embora eu odeie usar um discurso mortal tão vulgar e revoltante, vou usá-lo com você... apenas desta vez.

Tentei rir, mas minha garganta estava cheia de sangue. Meu corpo não estava apto para viver ali. E, aparentemente, minha magia de sangue também não funcionava. Eu não sentia seu pulsar combatendo o que aquele lugar estava fazendo comigo. Eu sentia um vazio dentro de mim. Eu podia ser uma donzela de aço destemida em Arcânia... mas aqui...

Luzes brancas explodiram atrás dos meus olhos. Tentei controlar o pânico que surgiu dentro de mim, me esforçando para me concentrar. A dor diminuiu um pouco, o suficiente para eu me levantar. Eu podia sentir uma umidade escorrer pela minha nuca, e tive certeza que a minha ferida havia se aberto.

— Por que se dar ao trabalho de falar comigo? — Bravejei.

Minha garganta apertou, e cuspi o sangue da minha boca. Mas assim que meu sangue tocou o chão, ele desapareceu em um sopro de fumaça.

Eu balancei minha cabeça e me concentrei em meus arredores. A névoa e a cinza se separaram o suficiente para revelar um chão rochoso e cinza. Então eu vi estruturas à distância que pareciam cidades. Eu podia ouvir grunhidos e gemidos em algum lugar ao longe. E, então, eu notei multidões de demônios e criaturas sombrias pairando no ar.

Era ruim o suficiente lutar no mundo real e, embora meus membros estivessem rígidos de medo, me preparei para a ação. Eu não morreria ali. Não mesmo.

Eu sabia que ninguém poderia me ajudar. Era eu contra aquele mundo, aquele demônio.

Eu cambaleei e quase me caí, mas consegui usar meus membros e agarrar minha espada como apoio: — Que lugar é este?

O demônio sorriu e, pela primeira vez, vi as fileiras de dentes pretos e afiados em sua boca: — Este é o submundo, o reino das sombras e da escuridão eternas. É o lar de todas as criaturas nascidas nas sombras e na morte, e existe além do seu mundo terrestre. É o reino de nosso senhor, o criador de todas as trevas e sombras.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, e olhei para o demônio desconfiada: — Por que você me trouxe aqui?

Eu sabia a resposta dessa pergunta, mas eu precisava mantê-lo ocupado enquanto planejava minha próxima jogada. Eu tinha que fugir dali.

O demônio avançou em minha direção com a graça sobrenatural de um predador primordial. Seu rosto se enrugou no que eu imaginava ser um olhar de desdém: — É de particular interesse para mim que uma meia-humana, uma *mulher* meia-humana, seja a causa de tamanho problema — notável para um mortal.

— Que problema? Eu nem sequer o conhecia.

Seus olhos se deslocaram para a artemagista na minha bolsa e, por um segundo, eu temi que ele tentasse tomá-la. Eu recuei.

— Os sacerdotes haviam prometido matá-la... mas falharam várias vezes.

Você sempre pareceu escapar quando estava ao alcance deles. Mas estamos cansados de esperar por sacerdotes insensatos. Então, estive procurando você.

Ele ergueu os braços:

— Meu poder é diminuído no mundo da luz e dos vivos. Não consigo chegar tão longe quanto eu gostaria... ainda não...

Ele parou e franziu a testa, como se tivesse dito demais: — E é por isso que demorou tanto para finalmente encontrá-la.

O sangue escorria na minha túnica.

— Porque você quer me matar? — Eu rosnei.

Os olhos do demônio brilharam: — Sim. Quão perceptiva você. Sim, sim. Você deve morrer. Você sozinha possui a habilidade necessária para controlar o poder na pedra. E esses insensatos precisam completar o ritual. Não podemos deixar você interromper isso. Você deve morrer.

Eu não conhecia o ritual que os necromantes pretendiam fazer, mas se envolvesse uma aliança com o reino dos demônios, era pior do que eu temia. O

que quer que eles fizessem, estava enfraquecendo o véu, a barreira que protegia nosso mundo do reino dos demônios.

Ele deu um passo em minha direção e cheirou: — A magia de sangue em você é muito forte. Sua morte trará grande poder.

Ele deve ter visto uma centelha de esperança no meu rosto quando ele acrescentou: — A magia das bruxas não é daqui. Ela existe no mundo dos vivos, onde pode se reabastecer. Sua magia é inútil aqui. Você é impotente.

O demônio inclinou a cabeça: — Você já está morrendo. Você sabe que estou certo. Posso ver o medo em seus olhos mortais.

— Você é um rei demoníaco? — Eu engasguei com a minha própria voz.

Um suor frio escorria pelas minhas costas e senti minha espada escorregar perigosamente nas minhas mãos. Eu precisava distraí-lo enquanto procurava um plano decente. Se havia uma entrada, deveria haver uma saída.

Mas por que o demônio ainda estava neste reino? Por que não ia para a terra dos vivos?

— Rei? — perguntou o demônio, como se estivesse saboreando a palavra na língua pela primeira vez. — Não um rei, mas, em seu idioma, sou um cavaleiro das sombras ou talvez um príncipe das trevas.

Sombras se moveram atrás do cavaleiro das sombras. Eu olhei atentamente e vi uma horda de criaturas do outro mundo. Eu sufoquei um grito enquanto seus corpos carnudos e tortuosos se arrastavam até mim. Eram criaturas que pareciam metade homens, metade répteis. Seus olhos amarelos brilhavam com avidez.

Eles começaram a uivar.

Eu respirei profundamente, mas tossi sangue em vez de ar. Tentei controlar meu pânico crescente. Eu tinha que ser inteligente. Fechei meus olhos para encerrar meus medos e procurei a calma dentro do meu interior. Concentrei-me no íntimo da mente. Eu estava pronta.

Para melhor ou pior, agarrei minha espada e coloquei meu corpo em posição de defesa.

O cavaleiro das sombras olhou para minha arma: — Quão admirável — o demônio ronronou. — Uma luta até a morte? Você vai perder. A vida não pode ganhar no reino da morte.

Minha visão começou a borrar, e eu pisquei para que pudesse ver mais claramente: — Não vou morrer sendo covarde — cuspi e limpei as lágrimas dos meus olhos. — Eu vou lutar.

Minha artemagista pulsou, e fiquei surpresa ao sentir um impulso de calor ao lado do meu corpo. Os olhos do cavaleiro da sombra se dirigiram para a bolsa na minha cintura. Ele podia sentir. *Se a magia não deveria viver nesse domínio, o que ele estava sentindo?*

— Você não pode entrar no meu mundo, pode?

Eu tentei não mostrar o meu alívio. Ainda havia esperança: — É por isso que você demorou tanto para me encontrar. Porque você não pode atravessar para o outro lado.

A expressão do cavaleiro das sombras se dissipou, mas então ele arregalou os dentes: — Ainda não. Mas logo, logo seu mundo será nosso. Quando o véu for rasgado, a escuridão atravessará para o mundo dos vivos e o esmagará. O ódio do Descriador pela vida é infinito. Ele vai consumir todos vocês. Seu mundo vai morrer.

Os demônios queriam o nosso mundo, e os sacerdotes estavam ajudando a alcançar esse objetivo. Malditos. Eu deveria ter matado o sumo sacerdote de Ânglia quando tive a chance.

O cavaleiro das sombras puxou sua espada. O metal preto brilhava na luz fraca: — Vou saborear a sua carne macia e mortal. Mas, primeiro, a caça deve participar da caçada.

O cavaleiro das sombras ergueu a espada e gritou em uma língua estranha.

Eu sabia o que estava por vir. Eu ajeitei a minha espada e esperei. Eu segurei a respiração, tentando me manter firme e concentrada, mesmo com meu coração batendo dolorosamente no peito.

O chão debaixo de mim tremia e os dois demônios mais próximos se lançaram contra mim com suas garras terríveis.

Deusa, se puder me ouvir, me ajude.

Segurei minha espada e encarei a primeira criatura.

Tudo se movia com a lenta elegância de uma dança. O demônio era do tamanho de meu cavalo e veio girando até mim com uma raiva fria e voraz. Ele pulava como uma sombra trêmula enquanto avançava. Então, abriu sua enorme boca e uivou de raiva.

Por instinto, balancei o corpo e levantei minha lâmina em arco. Meu rosto e meu peito estavam foram banhados por um líquido, e eu pude ver que feito um grande corte no peito da criatura. Seu sangue preto cobriu o chão, mas eu não parei de me mover.

Com um giro, cravei a ponta da minha espada em um dos olhos da criatura e a empurrei até o cérebro. Quando puxei minha espada, a criatura caiu no chão.

Lutei contra o desejo de vomitar. O sangue do demônio cheirava a uma mistura de fezes e carne podre. Meus olhos ardiam.

Percebi que o ar se movia atrás de mim, e eu me virei a tempo de bloquear outro demônio que estava avançando em meu pescoço.

Eu pude sentir sua respiração quente no meu rosto quando o chutei com todas as minhas forças. O demônio foi jogado para trás, e eu cai sentada.

Consegui me colocar de pé a tempo de cortar a cabeça de outra criatura.

Com um giro, cravei minha espada na boca de mais um. Mas quando fui puxar a lâmina, a criatura cravou seus dentes no meu braço, e eu gritei de dor.

Cambaleei. Minha cabeça latejava, e eu me esforçava para respirar. Mas minhas pernas ficaram rígidas de exaustão, e meus pulmões ardiam. Eu precisava de mais ar.

O chão parecia se mover aos meus pés, e eu pude ver manchas brancas. Eu ouvia risos em algum lugar nas nuvens cinzentas, e sabia que o cavaleiro das sombras estava perto: — Desista — ouvi a voz dele — Sua vida mortal acabou. Pare de lutar contra o inevitável e entregue-se à escuridão. Sua magia do sangue

não pode salvar você, pequena mortal.

Desgraçado. Fiquei furiosa. Eu queria cortar a garganta daquele demônio.

Pensei em Jon. Eu torcia para que os meus companheiros continuassem procurando por ele depois que eu morresse.

Embora as probabilidades estivessem contra mim e eu soubesse que nunca poderia vencer esses demônios, pelo menos não mundo deles, eu não cederia. Eu era uma lutadora. Eu sempre dava um jeito...

Outro demônio investiu contra mim com as suas garras cortantes. Fui de encontro a ele também, me esforçando o máximo que podia para ignorar o aroma quente e putrefato de sua carne em decomposição. Mesmo lutando com todas as minhas forças e sendo capaz de repelir os demônios, meu corpo começava a enfraquecer sozinho.

A cada ataque, chute e soco, eu ficava mais cansada.

A névoa se moveu e outra criatura torceu seu nariz de elefante para mim.

Minha energia estava quase esgotada. Eu vi diversos olhos escuros me encarando antes que a criatura saltasse contra mim.

Tentei desviar, mas não fui rápida o suficiente.

Uma dor abrasadora cortou meu estômago. Engasguei quando vi minha ferida. Minha magia de sangue não estava funcionando desta vez. Não havia aquela sensação de cura familiar à medida que minha pele se reparava. Havia apenas dor.

Eu cambaleei para trás e apertei o peito com a mão. O sangue escorria pelos meus dedos. Levantei minha espada com a outra mão, mas eu estava fraca, e os músculos do meu braço queimavam de exaustão.

Eu ia morrer.

Eu sentia o gosto do meu próprio sangue na boca e tentei controlar minha respiração ofegante. A dor na garganta me fazia estremecer. Meus lábios se partiram e sangraram.

O demônio se balançou de volta nas patas traseiras, preparando-se para outro ataque.

Eu me virei e corri em desespero.

Fiquei surpresa com a minha velocidade, mas só durou alguns segundos antes do meu corpo queimar de dentro para fora, e eu cair de rosto na rocha fria e afiada.

Percebi uma presença atrás de mim. Eu me virei e me levantei com a espada em punho, mas algo prendeu minha garganta e meu braço ficou dormente.

— Sua mortalzinha tola — bravejou o cavaleiro das sombras.

Ele me levantou como se eu não pesasse mais do que um saco de farinha.

Meus pés pendiam no ar. Eu estava tão perto dele que podia sentir o cheiro putrefato de seu corpo.

— Não há para onde correr. Conforte-se em saber que sua morte significará muito para o Descriador. Sua morte nos trará poder. Tudo está conectado. Seu sacrifício de sangue é essencial, assim como a pedra é essencial. Nosso poder vem da morte e das sombras. Seu mundo vai perecer.

Eu precisava de ar. Tentei chutar a criatura com as minhas pernas. Eu sabia que sangraria até a morte caso não morresse de asfixia.

Mas quando senti a escuridão me dominar, também senti uma pulsação calorosa em mim.

— Vou provar sua carne mortal com seu sangue ainda quente.

Ele deu uma risada molhada e aproximou sua boca com dentes afiados.

Não fechei os olhos. Eu encararia a morte com dignidade.

O ar à minha volta mudou, e a pressão no meu pescoço diminuiu um pouco.

O cavaleiro das sombras se afastou de mim com uma expressão alarmada. Minha cabeça tombou ligeiramente para o lado. Ouvi gritos e um grande estrondo de trovão. E então os demônios se dissiparam, fugindo.

Um vento soprou, e pude sentir cinzas e areia no meu rosto. Foi quando eu vi o rasgo no véu. Era como uma oscilação no ar ou uma gota de água agitando a calma superfície de um lago. O rasgo aumentou, e a luz se intensificou. Assim que a luz tocava na carne dos demônios, eles explodiram em chamas, virando nuvens de cinzas. A luz queimava tudo em seu caminho.

Eu sorri.

O cavaleiro da sombra gritou: — Não!

Ele se virou para mim e, com um balanço de espada que teria derrubado um exército de homens, ele tentou me cortar.

Mas a espada dele nunca me acertou.

O cavaleiro das sombras se distanciou, como se uma força invisível o tivesse puxado, e com um toque de trovão, o portal e os demônios desapareceram.

Eu caí no chão.

Ouvi o estalo de um osso se partindo em algum lugar, e me apoiei nos cotovelos sentindo uma dor imensa. Isso era bom. Significava que eu estava viva.

Abri os olhos e estremeci com a luz. Depois de alguns instantes, minha visão desapareceu, e recuei ao ver que a ponta de uma espada estava apontada para o meu rosto: — Ora, ora, o que temos aqui? — disse uma das concubinas do sumo sacerdote.



CAPÍTULO 9

EU ESTAVA CHOCADA DEMAIS para responder de imediato. Mas quando tentei falar, só tossi sangue. Levei um tempo para me compor.

Eu conhecia aquela mulher. Ela era a concubina ruiva que tinha ajudado a me banhar e vestir para a Grande Corrida. Era ela. Eu tinha certeza disso, mas quase não a reconheci no começo. Ela havia perdido suas curvas voluptuosas, e sua pele de porcelana agora estava doentiamente cinza. Círculos pretos marcavam sua pele bem abaixo dos olhos e seus cabelos vermelhos haviam perdido sua cor carmesim vibrante, adquirindo um marrom opaco. Ela parecia ter envelhecido vinte anos. Se não fosse por sua voz brincalhona, talvez não a tivesse reconhecido: — Helen? — Eu gritei com uma garganta que ainda estava seca de sangue.

A concubina guardou sua espada: — Por que sempre que nos encontramos... você está horrível? — perguntou ela.

Levantei minhas sobrancelhas: — Talvez seja porque eu estava em um local horrível.

Parte de mim queria dizer que ela também parecia um pouco desganhada, mas achei melhor não.

Inspirei um pouco de ar fresco e me coloquei de pé. Meu tornozelo direito estava ferido, e precisei me estabilizar. Minha cabeça girava e, com dificuldade, tentei segurar a comida no estômago: — Elena!

Eu me virei para Celeste, que me puxou em um abraço apertado: — Graças à Deusa! Nós pensamos que você estava perdida para sempre. O

que aconteceu? Aonde você foi?

Ela me soltou e recuou para me olhar. Ela percebeu que o meu tornozelo estava dobrado em um ângulo estranho: — Céus! Você está ferida.

Tentei tranquilizá-la: — Eu vou ficar bem. Não é nada.

Eu já podia sentir a minha magia de sangue com seu calor pulsando em mim, me curando. “*Obrigada, Deusa. Obrigada por me salvar.*”

Imaginei que devia agradecer a ela, embora não tivesse certeza se o fechamento do portal havia sido obra da Deusa ou apenas uma bendita sorte.

Olhei sobre o ombro de Celeste e fiquei aliviada e encantada por ver Will levando Torak e seu próprio cavalo por mim. Quando Nugar e Lucas chegaram em seus cavalos, não pude deixar de notar a apreensão em seus rostos.

O que havia acontecido enquanto eu estive no reino dos demônios?

Nós não estávamos sozinhos. Meus homens pareciam ter se juntado a toda uma multidão de mulheres, e não eram pessoas quaisquer, mas, sim, mulheres deslumbrantes com pele bronzeada e dourada. Eu reconheci algumas delas.

Kayla, com longos cabelos dourados, costumava ser a concubina responsável pelas demais, e Triss, a mais novas de todas. Não reconheci as outras, mas era óbvio por sua perfeita estrutura óssea e seus corpos que todas haviam sido concubinas.

Elas pareciam verdadeiros soldados da Deusa.

Elas montavam cavalos que também pareciam vagamente familiares. As mulheres haviam trocado suas vestes transparentes por calças e camisas confortáveis. Os mais surpreendentemente era o armamento delas. Seus olhos eram frios e ferozes, muito diferentes das expressões que adotavam quando eram concubinas dos sacerdotes. Pareciam elas não faziam uma refeição decente há meses, mas Helen estava pior que as outras: — Nós ouvimos você gritar — disse Celeste. — Mas não conseguimos encontrá-la. Era como se você tivesse desaparecido naquela neblina. Como se tivesse engolido você. Procuramos pela névoa, mas era como buscá-la com os olhos fechados. Não conseguimos ver nada. E, então, alguns minutos depois, a estranha névoa desapareceu, e você estava simplesmente de volta.

Apertei a mão trêmula de Celeste: — Estou aqui agora, e estou viva.

Apertei com mais força: — Parece que a Deusa ainda tem planos para mim.

— Nós vimos aquelas nuvens escuras e aquela névoa fantasmagórica antes — disse Kayla.

Ela se portava como uma guerreira que havia sido treinada em combate e não na arte dos prazeres servis. Ela olhou para a estrada: — Nós vimos pessoas entrando na névoa e crianças engolidas pela escuridão, mas nunca vimos ninguém sair. Você é a primeira.

Pela primeira vez desde que fugimos de Witchdom, senti um medo de verdade por alguém além de Jon e eu. Meu estômago se revirou ao pensar nas crianças inocentes que haviam entrado no reino dos demônios e nas atrocidades que devem ter sofrido.

E se não pudéssemos impedir aquilo? E se já fosse tarde demais?

— Quantas dessas névoas você viu?

Os traços perfeitos de Kayla se contraíram em um olhar nervoso: — No mês passado, não vi muitas, mas durante as últimas duas semanas...

algumas vezes todos os dias. E elas nunca se instalam no mesmo local por muito tempo. As névoas se movem e reaparecem em locais diferentes. Umhas são maiores do que outras.

— Até vi um grupo de vinte pessoas desaparecerem de uma só vez — disse Triss. Ela esfregou o braço com força como se, de alguma forma, isso pudesse apagar a lembrança.

O que quer que essas mulheres tivessem visto, as havia deixado abaladas.

Mesmo tentando esconder o que sentiam, eu podia ver o medo em seus olhos.

Elas estavam aterrorizadas.

E depois do que experimentei no reino dos demônios, eu sabia que elas tinham uma boa razão.

Em algum lugar além dos véus do nosso mundo, o inferno estava esperando para invadir. E eu não podia deixar isso acontecer. O fato de que os portais não podiam ficar abertos indefinidamente me deu um pouco de esperança. Se os portais não pudessem ficar abertos, os demônios não poderiam vir para o nosso mundo. Ainda havia uma chance de trancá-los para sempre.

Eu tinha que *destruir* a pedra.

— Mas o que *aconteceu* com você? — Will interrompeu meus pensamentos.

Seus olhos estavam arregalados e um brilho de suor cobria o seu rosto. — Se você não estava aqui... então, *onde* você estava?

Eu tomei outro gole de ar e disse: — Eu estava no inferno.

Por minha blasfêmia, Nugar e Lucas fizeram o sinal de proteção e perdão do Criador. Eu os encarei, esperando que eles tivessem a mente mais aberta.

Os olhos de Will se estreitaram: — Você quer dizer que você atravessou...

— Passei por um portal e fui ao reino dos demônios.

Esperei que o medo e a descrença desaparecessem dos rostos de todos antes de continuar: — Assim como aquela névoa que enfrentamos no Braço da Morte. Só que, desta vez, não foram os demônios que passaram para cá, eu atravessei o portal. E

vi como é o outro mundo. Chame de sorte, ou milagre, mas quase não consegui voltar viva. E pude entender o que vai acontecer se não pararmos os sacerdotes necromantes.

— A Arcânia se transformará num inferno — disse Will, roubando as palavras da minha boca.

Eu me forcei a olhar para ele. Olhar para a frente significaria que eu estava com medo, e eu não queria mostrar o pânico e o medo que sentia. Não apenas Jon, mas todos os que viviam em Arcânia e Witchdom estavam em perigo iminente.

— Como é o lugar? — perguntou Helen, que parecia genuinamente interessada.

Eu não queria lembrar, mas jamais me esqueceria: — Morte, escuridão, sombras e mais morte. Não há nada que viva naquele reino. Só existe a morte. Aconteça o que acontecer. O que quer que façamos.

Não podemos deixar que os demônios passem para o nosso mundo. Porque se isso acontecer, nosso mundo vai morrer, e morreremos com ele.

Um silêncio desconfortável se instalou no grupo: — Então estamos todos condenados — Triss sussurrou.

— Não. — Eu me recompus. — Não, ainda há uma chance de impedir.

— Mas como? — disse Kayla.

— Como podemos vencer essa escuridão? Os demônios? Nós somos apenas mortais. Você disse isso; que nada consegue existir nesse reino. Então o que acontecerá quando eles vierem e trouxerem sua escuridão com eles? É só uma questão de tempo.

Seu tom era firme e sua expressão endurecida.

— Nós conhecemos você. Sabemos que você é *diferente*. Os sacerdotes nunca deixaram de falar de você. Mas e o resto de nós? Como podemos vencer?

— Não desistindo. — Celeste surpreendeu a todos, incluindo a mim. — Ajudando com o que vocês sabem sobre esses sacerdotes, esses necromantes. O

conhecimento é mais forte do que vocês pensam. A Deusa está conosco. Elena é uma prova. Ela nos guiará e nos protegerá.

As concubinas não pareciam convencidas. Até nossos homens pareciam abalados. Kayla olhava para mim com indignação.

O sangue correu para o meu rosto. Eu estava aborrecida e não tinha tempo a perder. Eu já havia desperdiçado muito tempo tentando não morrer no reino dos demônios. Nós precisávamos prosseguir: — Sim, a Celeste está certa. O mundo deles é tóxico — falei calmamente. — Eu nem conseguia respirar. É um milagre ter voltado viva e inteira, mas eu consegui. Estou aqui por algum motivo. E eu sei exatamente o que vou fazer: — O quê? — Pude ver que Will sabia o que eu estava prestes a dizer.

— Primeiro, vamos atrás de Jon. — Sorri antes de continuar — Então matamos os sacerdotes e destruimos a pedra.

Enquanto todos me olhavam, me virei para Kayla e pedi para esclarecer algo que me incomodava: — Mas... como vocês conseguiram escapar dos sacerdotes?

— Muito fácil — disse a loira alta. — Nós estávamos treinando e planejando. Nós só precisávamos de uma distração. Esta foi a nossa chance.

Você pode não ter visto, mas estávamos presentes quando o sumo sacerdote matou o príncipe Landon. Quando o sumo sacerdote tomou o Coração de Arcânia, soubemos que era hora.

— E como conseguiram escapar da praga negra?

Notei o olhar de Will. Eu sabia que ele estava pensando o mesmo que eu: *como aquele grupo sem treino havia conseguido escapar sem um arranhão?*

— É assim que vocês chamam a doença?

A expressão de Kayla se enrijeceu enquanto inspecionava os homens. Seus olhos se demoraram um pouco mais em Celeste: — Vocês parecem ter escapado também.

Ela se voltou para mim: — Sabíamos que os sacerdotes eram diferentes do resto dos nobres em Ânglia, diferente dos homens em geral. Seus desejos e paixões não eram naturais. Eles falavam de demônios, de magia negra, de quando destruiriam a luz em nosso mundo e a substituiriam pela escuridão. O sumo sacerdote de Ânglia falava da vinda de uma escuridão... de quando o inferno se expandiria e dominaria toda a vida. Nós tomamos a sua chegada com a pedra como um sinal de que era hora de partir.

Tentei não reagir à inferência de que eu estava de alguma forma aliada aos sacerdotes, e continuei a questionar Kayla: — E os sacerdotes falavam abertamente sobre seus planos?

Não tentei esconder o ceticismo na minha voz.

— Claro que não. — O rosto de Kayla se enrijeceu. — Os bastardos falavam enquanto dormiam.

Kayla esperava que eu a contradissesse. Mas eu sabia que ela estava falando a verdade. Eu não queria pensar no que aqueles bastardos haviam feito a essas mulheres. Ela provavelmente tinha muito mais a dizer sobre os sacerdotes. E eu sabia que o conhecimento seria inestimável para as bruxas: — Se você está planejando matar os sacerdotes — disse Kayla de maneira obscura — Então podemos ajudá-la. Podemos ser úteis. Sabemos muitas coisas sobre os sacerdotes.

Ela sorriu.

— Não tenho dúvidas sobre isso. — Retribuí seu sorriso e concordei com ela. Eu estava certa de que as concubinas teriam muitos segredos para compartilhar: — Tudo o que for preciso — Kayla assentiu. — Todos os seis precisam morrer. E quando a vida desaparecer dos olhos do sumo sacerdote, cortarei todos em pedaços.

Levantei minhas sobrancelhas. Eu estava começando a gostar dela: — Eu não desejaria menos.

Comecei a ver Kayla com um olhar diferente agora. Talvez sua força e dor estivessem guardadas na primeira vez em que a vi. Ela era bonita, e eu parecia que não tomava banho há anos. Mas agora eu não tinha dúvidas da aversão que ela tinha pelos sacerdotes. Quantos anos será que ela tinha quando os sacerdotes a levaram? Eles roubaram sua vida e a vida de todas essas garotas. Eu não queria pensar nela como uma menina nas mãos de um velho sacerdote.

Reprimi um arrepio e olhei as outras concubinas. O mesmo ódio decidido contra os sacerdotes brilhava em cada olhar. Era um sentimento familiar. Eu queria me vingar daqueles que também me haviam ofendido. Quem era eu para detê-las?

— Tudo bem — disse eu, me sentindo mais otimista com essa nova aliança com as concubinas. — Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. Mas primeiro eu preciso fazer algo sozinha.

Eu não arriscaria a vida delas par recuperar Jon. Eles seriam úteis, mas não ainda. Além disso, eu precisava ter cuidado. Os sacerdotes esperavam que eu me aproximasse para atacar. Mas eu não era tão estúpida. Eu esperaria a hora certa.

Só havia uma chance, e não eu a arriscaria: — Enquanto isso... — continuei eu, esfregando as têmporas para aliviar a dor de cabeça que retornava. — Vocês encontrarão comida e abrigo nos Portos Cinzentos. O reino das bruxas em Ânglia provavelmente é o lugar mais seguro para vocês agora. Nós voltaremos para lá em seguida. Temos amigos lá...

Eu sabia que as concubinas tinham informações mais cruciais sobre os sacerdotes, e esse tipo de conhecimento seria extremamente valioso. Eu sabia que Ada e as outras bruxas logo perceberiam isso: — Mas elas são *bruxas* — disse Triss, compartilhando um olhar com Kayla.

— Como sabemos se elas não servem aos sacerdotes? Todos sabem que elas adoram o mal!

Celeste engasgou

— Com licença?

Triss se endireitou:

— Por que você nos enviaria para lá? Você está jogando em qual time?

Eu senti os olhos de todas as concubinas em mim: — Eu não estou jogando nada — respondi. — E eu não estou brincando com a vida de ninguém. Confie em mim.

Eu me volvei diretamente para Kayla agora, pois sabia que ela era a líder: — Se quiser morrer, fique aqui e veja quanto tempo vai durar sozinha.

Continuei encarando Kayla: — Mas, se quiser viver e se quiser uma chance de vingança, vá para os Portos Cinzentos e confie nas bruxas.

Triss zombou:

— Fácil para você dizer. Você nem vai com a gente.

— Eu sou metade bruxa — respondi.

Os olhos de Triss se estreitaram em suspeita.

— Eu sou.

Esperei as concubinas terminarem sua inspiração coletiva.

— E a Celeste é uma bruxa de verdade. Não tenho tempo para entrar em detalhes, mas é como você disse. Nós somos mortais, todos nós, bruxas e humanos. E nós compartilhamos o mesmo inimigo. Agora os necromantes estão brincando de sacerdotes, mas tenho a impressão de que você já sabia disso.

Tomei o silêncio de Kayla como um sim: — Estamos do mesmo lado, do lado da vida, da luz. Precisamos nos manter juntos e compartilhar nossos pontos fortes para combatê-los. As bruxas querem o mesmo que você: matar aqueles sacerdotes bastardos.

Kayla ficou quieta por um momento antes de falar: — Eu acredito que você sobreviveu por um motivo, e depositarei a minha fé nisso... em você. O Criador, ou a Deusa, como você diz, deixou você viver.

Então, iremos para os Portos Cinzentos e esperamos por você lá. Nós sabemos o caminho.

— Muito bem — concordei. — Porque não tenho muito tempo para convencê-la.

Parti em direção a Torak, agarrei sua sela, apoiei minha bota no estribo e montei. Inclinei meu corpo e acariciei seu pescoço: — Que bom que está comigo — sussurrei no ouvido dele.

Celeste e os homens montaram seus cavalos.

Meu coração batia forte com a lembrança das névoas e dos portais demoníacos. Eu podia ter sobrevivido pela vontade da Deusa, mas suspeitava que a minha magia de sangue também havia ajudado. Se encontrássemos outro portal, Celeste e os homens não seriam tão sortudos. Infelizmente, havia apenas uma estrada, e estava cercada por árvores mortas e em decomposição.

Eu me virei para Kayla: — Diga para Ada que enviei vocês. Ela cuidará de vocês, especialmente quando descobrir quem são. Tenho certeza de que elas vão querer ouvir mais sobre os sacerdotes e o que você tem a dizer. Elas ficarão muito gratas. Confie em mim.

Kayla refletiu por um momento: — E aonde você está indo?

Voltei o olhar para a estrada: — Para a Cidade das Almas. Estamos procurando alguém.

Minha voz estava recortada, e eu não podia controlar: — Alguém que nós... alguém que eu deixei para trás.

Helen parecia saber de quem eu estava falando: — É aquele homem bonito com quem você estava na noite em que o príncipe morreu? — ela perguntou.

Meu coração bateu forte no peito: — Sim. Jon. Vamos tentar a Cidade das Almas primeiro.

— Ele não está lá — disse Helen, balançando a cabeça.

— O quê? Você o viu?

Mantive minha compostura, mas era difícil não me agitar. Meu corpo ficou trêmulo. Se estivesse em pé, eu teria caído.

Jon estava *vivo*: — Sim — respondeu a concubina casualmente. — Mas ele não está na Cidade das Almas. Ele está no Fosso.

— Nós estamos vindo de lá — interrompeu Kayla. — É onde ficamos nos últimos dois meses. Mas ficou tão ruim que tivemos que sair. Os enfermos lutam contra os que não foram infectados, e o resto de nós se mata por restos de comida.

Cerrei o queixo. Eu estava determinada a não desmoronar na frente daquelas mulheres.

— Tem certeza de que estamos falando do mesmo homem? Quer dizer, como você sabe que é ele?

— É ele — disse Kayla. — Lembro desde aquele dia.

Ela deve ter visto o alívio no meu rosto porque acrescentou rapidamente: — Apenas... esteja preparada. Ele mudou.

Eu sabia o que ela queria dizer. O Jon que eu conhecia provavelmente era completamente outro, e no lugar haveria algum tipo de fantasma, mas eu não deixaria isso roubar meu ânimo. Ele estava vivo. E essa era a melhor notícia que eu ouvia em meses.

Eu o resgataria.

— É melhor nos apressarmos — grunhiu Nugar. Ele fez um gesto para o céu que escurecia.

— Não há muita luz, e ficará cada vez mais escuro. Nós podemos chegar ao Fosso em algumas horas se prosseguirmos.

Eu sabia que ele estava certo. Eu me virei para Kayla e disse: — Obrigada. Vejo você nos Portos Cinzentos.

Sem mais uma palavra, toquei Torak, e partimos a galope. Era como se ele sentisse minha urgência enquanto batia seus cascos e galopava como se o próprio cavaleiro das sombras estivesse nos perseguindo.

Eu me agarrava à esperança de poder salvar Jon com Celeste e seu tônico.

Nós atravessamos a estrada de terra sem sequer olhar para trás.



CAPÍTULO 10

NÓS MARCHAMOS PARA O SUL, conscientes de que só tínhamos mais algumas horas de luz do dia, se podíamos chamar de aquilo de luz. A sombra que havia sido lançada sobre o sol também se estendia à nossa missão.

Mesmo sendo o início do inverno, não havia neve em lugar algum, e o ar estava estagnado e quente — quente até demais. Não era natural. Deveria estar fazendo um frio congelante, mas quanto mais perto chegávamos do Fosso, mais quente ficava o ar. As árvores se erguiam à nossa volta como esqueletos sem folhas, e, em vez de neve, cinzas e podridão revestiam o chão. Era um inverno enegrecido.

Nós cavalgávamos a toda velocidade, forçando nossos corcéis. Nós seguimos por um caminho que antes cercava as densas florestas de pinheiros de Ânglia.

Era uma estrada que antigamente cheirava a pinheiros, narcisos e rosas selvagens. Agora o ar estava pesado com o fedor de podridão, mijo e folhas mofadas. Os pinheiros haviam perdido suas agulhas, e suas cascas estava coberta por as manchas escurecidas da praga.

O vento soprava uma rajada de cinzas em meus olhos, mas eu não me atrevia a diminuir a velocidade. Eu tinha uma necessidade primordial de acreditar na nossa missão. Se eu deixasse meu medo me dominar, tudo teria sido em vão.

Fazendas familiares passavam como borrões cinza e marrom. Eu nem olhava para os corpos nos campos. Não tínhamos tempo. A maioria das aldeias próximas havia sido queimada, e apenas as chaminés de pedra e as vigas de aço permaneciam de pé. Pareciam carcaças de animais. Tudo o que não tinha sido queimado havia sido deixado à mercê da praga.

O suor escorria por minhas costas e entre meus seios enquanto eu me esforçava para me manter em Torak. Minha cabeça latejava e a ferida em minha nuca doía com os solavancos de cada passada. Senti o calor da minha magia de sangue, mas as minhas forças ainda não haviam voltado completamente. Eu não havia comido nada naquela manhã, mas não ia parar. Não por fome. Nem por nada.

Quando nos aproximamos da vila, quase engasguei de medo. Como não podia deixar de ser, o cheiro do Fosso conseguia ser pior que o restante do trajeto.

Só que desta vez não era o cheiro repugnante de corpos sem banho, vômito e mijo. Era o cheiro sufocante de carne podre, fumaça e morte.

Através da imagem borrada de lágrimas e fumaça, eu podia ver as bases enegrecidas das construções que antes serviam de casa para as pessoas. Os postes de madeira estavam carbonizados e quebrados. As paredes de rocha estavam cobertas fuligem, e os restos de mesas e cadeiras haviam apodrecido em sangue. Onde antes existiam lojas e estalagens havia apenas uma pilha de cinzas fumegantes e sucata.

Qualquer coisa que pudesse ser queimada estava carbonizada. O pior é que tamanha tragédia havia sido causada por homens, mulheres e crianças infectados.

O cenário desolado do meu antigo lar deveria ter me dado algum tipo de conforto, mas tudo o que eu sentia era frio e vazio. Quase não havia mais o que recordar.

Eu odiava aquele lugar. Tinha aversão. Tudo o que eu mais queria na vida era sumir dali. Mas agora, olhando para o que restava, me lembrei de todos os anos de trabalho árduo para tornar aquilo um pouco habitável. A casa onde Rose e eu morávamos não existia mais, bem como parte do meu coração.

Eu estava chorando pelo Fosso. Era ridículo, ridículo, e ainda assim as lágrimas não paravam. Nunca havia percebido o quanto aquela pequena cidade significava para mim até vê-la completamente destruída.

Mas o que se destacava ainda mais do que as construções demolidas era a falta de barulho. Estava quieto demais. Minha pele se arrepiou toda. Para a vila que antes era mais tumultuada que Ânglia, onde milhares de pessoas haviam sido forçadas a viver em um pequeno espaço, agora o Fosso estava completamente deserto.

Meu estômago se revirava com o cheiro de carne queimada e apodrecida, misturada com o pus que vazava das reentrâncias da pele carbonizada e as moscas que zumbiam em volta dos corpos.

Eu podia ver que os olhos de Will estavam vermelhos e cheios de raiva.

Nugar agarrava suas rédeas como se fossem as únicas coisas que o impediam de cair, enquanto, com a

outra mão, segurava seu machado de batalha. E pela primeira vez eu pude ver uma dor real em seu rosto enrugado.

Os ombros de Lucas balançavam enquanto ele soluçava silenciosamente.

Aquele lugar não era só o meu lar. Era deles também: — Procurem sobreviventes! — gritou Will, com os olhos selvagens. — Vamos levá-los conosco para os Portos Cinzentos.

Antes que eu pudesse detê-lo, ele tocou seu cavalo em direção à cidade.

Nugar e Lucas foram logo atrás dele.

— Will! Espere! — Gritei, mas eles já haviam desaparecido em uma parede de fumaça.

Eu praguejei em voz baixa. Eu precisava de Will e dos homens comigo. Nós podíamos ser emboscados. Poderia haver hordas à espera.

Percebi que eles estavam tão ansiosos quanto eu para voltar para casa. Não era apenas o Jon. E eu não podia impedir que eles buscassem sobreviventes. Eles provavelmente ainda tinham familiares e amigos, mas não me juntei a eles. Era inútil. Qualquer um podia ver que não restava mais nada além de ossos. O Fosso e todos os seus se foram.

Eventualmente, entrei nas ruas fumegantes, na esperança de encontrar alguns sobreviventes, de encontrar Jon.

Conduzi Torak para as entranhas da cidade. Celeste veio ao meu lado, e eu sabia que conseguia sentir o meu pânico.

— Sinto muito, Elena. Chegamos tarde demais.

— O quê? — Eu disse antes que pudesse entender suas palavras. Mas eu sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Sinto muito pelo seu lar. As concubinas deveriam ter nos dito que tudo estava destruído. E não parece haver sobreviventes. Nós viemos em vão.

Devemos seguir os outros...

— Não.

Eu sabia que Celeste estava apenas tentando me consolar, mas eu estava além de qualquer conforto. Imaginei o pescoço do sumo sacerdote, minhas mãos em volta da sua traqueia e meus polegares esmagando a vida dele.

Eu o matarei por isso, seu bastardo.

— Elena?

Não podia deixar minhas emoções tirarem o melhor de mim. Eu estava ali por uma razão. Desembainhei

minha espada e segurei-a firmemente com a minha palma suada.

— Não vai terminar assim — eu disse. — Ele ainda está aqui. Eu sei disso.

Venha e fique perto de mim.

Se Jon ainda estivesse ali, eu sabia exatamente onde seria.

Celeste e eu conduzimos nossos cavalos lentamente pela estrada, desviando cuidadosamente do metal afiado e das aparas de madeira que podiam ferir os cavalos.

O Mau Hábito era o único prédio ainda de pé. Era a única pousada do Fosso, aquela que sempre se destacou entre as outras construções. Parecia exatamente igual sempre. A entrada ainda trazia as marcas de um incêndio anterior e o segundo andar estava todo aberto. Parecia que não tinha sido afetada pela destruição que o rodeava.

Seria uma armadilha?

Minha mente dizia que era uma armadilha, mas meu coração não queria saber. Comecei a temer o reencontro. *O que havia acontecido com Jon?*

Saltei de Torak. Ouvi o som de cascos e me virei para ver os homens que chegavam. A expressão sombria em seus rostos me dizia o suficiente. Não tive coragem de perguntar.

Olhei para os olhos preocupados de Will. Todos os meus companheiros estavam me analisando. Até o silencioso Lucas me estava com atenção: — Espere — disse Will desmontando.

Os homens seguiram seu exemplo e saltaram de seus cavalos.

— Você sabe que isso parece uma armadilha. Deve haver uma razão para este ser o único prédio deixado de pé.

Eu não precisava olhar para o rosto dos outros para saber que eles estavam pensando exatamente o mesmo.

Depois de ter amarrado as rédeas de Torak em um poste ao lado, respirei fundo, mesmo com toda aquela fumaça e fedor e disse: — Eu sei. Ou há uma horda de monges vermelhos, ou Jon está esperando por mim, provavelmente para me matar. Porém, mesmo assim, vou entrar.

Olhei para os homens:

— É por isso que viemos.

Aguardei uma resposta de Will, mas ele apenas cerrou o queixo e olhou para a pousada.

Aguardei que Celeste descesse do cavalo. Fui ao alforje de Torak e peguei o tônico que ela havia preparado para mim, para Jon. Coloquei o frasco na mão.

— Se você estiver disposta, precisarei muito da sua ajuda. Você saberá usar isso melhor do que eu.

Celeste agarrou o frasco com propósito: — Eu disse que ajudaria.

Ela me deu um sorriso encorajador, que eu retribuí com gratidão. Ela também estava arriscando sua vida. Eu só esperava que ela soubesse o que estava fazendo: — Precisamos avançar rapidamente — disse eu. — Não quero ficar mais do que o necessário. Se ele não estiver lá... nós partimos.

As palavras pareceram derradeiras ao deixarem meus lábios, e meus olhos começaram a arder.

— E se as coisas ficarem feias lá dentro, se conseguirem fugir, peguem a estrada principal e sigam pelo Norte, até chegarem aos Portos Cinzentos. Não deixem de fazer isso. Prometam.

— Está bem, eu prometo. — Celeste me deu um pequeno aceno rápido. — Mas, todos nós vamos sair juntos.

Will parecia querer protestar. Eu pude ver que ele estava à beira do pânico, mas, então, ele se resolveu e seguiu seu caminho junto a mim com a espada na mão: — Mantenha a Celeste em segurança — pedi eu, sabendo que ele o faria de bom grado.

Nugar e Lucas pareciam prontos. Eu podia ver a fúria em sua determinação.

Fiquei feliz por isso. Eu precisava disso.

Olhei de volta para a pousada. Em algum lugar daquele prédio estava o homem que eu amava ou o que restava dele. Eu não conseguia continuar mentindo para mim mesma. Havia uma chance de Jon estar morto.

Lá estava eu, de volta onde tudo havia começado. Minha loucura havia tido início ali com a aposta que feita com Jack, e meu tolo roubo da coroa anglicana.

Em primeiro lugar, eu queria roubá-la para provar meu ponto. Eu queria mostrar a Jack que até uma mulher magricela podia fazer o impossível.

Celeste ergueu as mãos para o céu e ofereceu uma benção à Deusa.

Era hora. Eu sorri apesar do medo que sentia. Eu tinha que ter Jon de volta.

Respirei fundo e disparei a correr. Com o meu coração batendo loucamente no peito, corri a passos largos rumo ao Mau Hábito adentro.



CORRI CEGAMENTE até a luz sombria.

Assim que passei do limiar da porta, minha ferida palpitou e eu bravejei esbaforidamente. Ignorei a dor o melhor que podia e me apressei pelo corredor.

Minha mente era como um mapa, e eu lembrava para onde ir, desde que prestasse atenção nas paredes. Eu havia passado por esse lugar várias vezes e o conhecia de cor. Os outros vieram atrás de mim.

O interior era escuro e eu mal conseguia ver dois metros na minha frente.

Mas eu não conseguia parar. Confiando no meu instinto, mantive o juízo e fiquei de ouvidos atentos para quaisquer sinais de emboscada.

Pulei sobre uma cadeira caída e fui direto para o escritório de Jon.

Algo se moveu na minha frente.

Mal tive tempo para registrar o que estava acontecendo antes de aquilo se aproximar de mim.

— Elena! — Ouvi Celeste gritar por trás.

Na penumbra, só pude distinguir a forma de um homem grande e corpulento.

Foi aí que eu pude ver a doença em seus olhos e pele. Senti o cheiro de podridão e vi um flash prateado quando ele balançava a espada na direção da minha cabeça.

Mas eu estava preparada para isso.

Sem pausa, empurrei Celeste e saltei para a frente. Acertei a espada dele com minha lâmina de bruxa. Chutei-o no joelho e desviei seu ataque momentaneamente. Ele veio de novo, mas evitei sua espada habilmente. Mas, dessa vez, ele golpeou com o outro braço e me socou no rosto.

Ouvi algo estalar no lado esquerdo do meu rosto. Senti gosto de sangue na boca e a dor do meu rosto fraturado me trouxe lágrimas aos olhos. Mas eu nunca parei de me mover. Se eu parasse, morreria.

Girei e ataquei com uma fúria selvagem. Golpeei para cima, minha lâmina fazendo um arco pelo ar, e atingi o lado esquerdo da cabeça do homem.

Engasguei com o cheiro de carne podre quando puxei minha lâmina. Sangue respingou no meu rosto quando ele caiu no chão.

— Atrás de você! — uivou Nugar.

Movendo-se por instinto, abaixei, girei e fui para trás do outro homem. Ele se virou, mas já era tarde demais para ele. Enfiei minha lâmina de bruxa em seu olho direito e ele caiu, mole. Atirei a sua carcaça infectada para o lado. Passei por cima dele e então as sombras se moveram.

Dez outros infectados emergiram das paredes e vieram balançando duas espadas com uma velocidade assustadora.

— Proteja Celeste — rosnei para Will e observei como ele colocou seu corpo na frente dela.

Ouvi o grito de guerra do Nugar. Lucas gritou uma maldição e então metal se chocou contra metal enquanto outro atacante chegava até mim. A magia negra havia se espalhado por seu rosco como uma teia de aranha, tornando-o ainda mais aterrorizante.

Quando ouvi celeste gritar de algum lugar à minha direita, perdia a calma.

Não podia deixar que nada lhe acontecesse.

A raiva deslizou pela minha espinha, pernas e braços, até a ponta dos dedos.

As dores na minha cabeça e os membros desapareceram. Meu coração bateu e o calor que pulsou através de mim enviou uma nova força aos meus membros, me aguçando a visão e permitindo que eu me movesse com facilidade e agilidade. A artemagista brilhava na minha bolsa.

Fosse qual fosse aquela magia, ela me encheu de energia. Ignorei o aviso de Ada de não me entregar à bruxaria e a abracei com toda a minha fúria. E os dois se misturaram perfeitamente. Me tornei uma força incontrolável, uma assassina perfeita.

A magia corria através de mim. Meu corpo tremia, e eu sorria. E então, eu estava em movimento novamente.

Me movi como nunca havia me movido antes. Observei meus próprios movimentos em um borrão de membros que não pareciam meus. Não tive que pensar em mover minhas pernas ou braços, eles atacavam por vontade própria.

Era como se meu corpo antecipasse o que minha mente queria fazer. Tornei-me uma com a magia da pedra. Tudo se movia com a graça de uma dança lenta. Eu vi tudo. Cheirei tudo. Eu senti tudo.

Eu poderia ter fechado os olhos, mas onde estava a graça nisso?

Os olhos negros infectados do meu atacante brilhavam com fome e ódio. Ele me atacou com fúria primordial. Eu lutava com graça fria e girava como um pião com a minha espada na frente do peito. Ouvi o som do aço quando ele atravessou carne, músculos e ossos. Todo que restou da coisa que me atacou foi uma carcaça amassada.

Me senti como se meu corpo tivesse se tornado independente de mim para funcionar. E eu sorri para minha nova força, minha nova magia. Eu abracei o cheiro de podridão e decadência porque era o cheiro da morte.

Eu senti os próximos três atacantes infectados antes de vê-los. Sem sequer me virar, senti seus movimentos. Eu soube o que eles iam fazer antes que eles mesmos soubessem.

Girei em um borrão de lâminas, braços e pernas. Fintando para a esquerda, girei e encarei o primeiro atacante. Minha lâmina colidiu contra sua espada e meus braços sacudiram por causa da enorme força

desumana do homem. Mas agora eu também tinha magia.

Sem pausa, girei e evitei o golpe mortal de sua espada. Ele uivou e girou.

Mas enquanto ele tirou a distância entre nós com outro ataque, me atirei para frente e cortei seu pescoço com a minha espada. O homem caiu no chão, se retorcendo, com o sangue negro derramando-se sobre o chão.

O ar se moveu atrás de mim e eu saltei para o lado quando outro monstro infectado caiu no chão onde eu estava meio segundo atrás. Nunca parei de me mover ou fiz uma pausa para pensar. Deixo a magia reagir e me mover.

Bloqueei sua espada com a minha e nossas armas travaram uma na outra. Ele se elevou sobre mim e tentou usar seu peso para me esmagar. Seus braços nus estavam apodrecidos e sangue fétido escorria de sua carne rachada. Ele mostrou os dentes amarelos, podres, e seu hálito pútrido atingiu meu rosto. Ele me empurrou para baixo novamente, com o rosto contorcido de fúria.

Meu foco estava afiado como uma faca. Abri sua barriga logo antes de outro inimigo se aproximar. E outro. Eu me movia com precisão. Girava, me abaixava e cortava. A magia pulsava em mim e eu reagia sem qualquer hesitação. Não me importei com os uivos de dor e era indiferente ao mal cheiro de sangue e tripas.

Eu pulsava com a magia e a morte, e gostava.

Senti os olhos de meus companheiros em mim. Eu devia estar parecendo uma mulher enlouquecida, mas não tive tempo para refletir sobre o que havia acontecido.

Fiz uma contagem rápida e encontrei Celeste primeiro. O branco dos seus olhos brilhava na escuridão. Ela estava tremendo, mas saiu ilesa. Will estava ao lado dela. Seu rosto estava manchado de sangue negro e os corpos dos mortos estavam amontoados aos seus pés. O braço esquerdo de Nugar pendia estranhamente mole. Sangue escorria de seus dedos. Seu peito largo se movia enquanto ele respirava forte pelo nariz. Lucas estava ofegando ao lado dele e as lâminas em suas mãos estavam cobertas de líquido escuro.

— Estão todos bem? — Minha voz ecoava estranhamente. Olhei para meus companheiros, mas ninguém respondeu.

Eles pareciam assustados e confusos.

O olhar da Celeste parou minha respiração. Ela me viu lutar na caça às bruxas e sabia do que eu era capaz como uma donzela de aço, mas nunca havia me visto lutar daquela forma. Se qualquer um poderia descobrir meu novo poder, seria ela.

Eu estava prestes a explicar o que tinha acontecido comigo, mas hesitei. Eu precisava da artemagista. Eu era forte com ela. Eu conseguia usar seu poder.

Poderia derrotar qualquer necromante ou seus sacerdotes com essa nova força.

Eu não disse nada. A artemagista era minha, e eu ficaria com ela.

Observei as sombras, mas estávamos sozinhos.

Ouvi uma tosse borbulhante e saltei sobre os corpos amassados, olhando para o último dos nossos agressores, que ainda estava vivo. Pisei no seu peito quando o encontrei. Líquido preto saía de sua boca.

— Onde está o Jon? — Sibilei — Onde está o Louco Jack?

Ele sorriu e sangue negro infiltrou-se entre os dentes. Sua cabeça careca estava coberta de crostas e feridas abertas. Seu rosto doente estava tão cheio de buracos que era impossível dizer quantos anos ele tinha antes de ser infectado.

Era como se eu estivesse olhando um cadáver.

Os outros se aproximaram de mim quando me inclinei e apertei a garganta dele com a ponta da bota.

— Diga-me agora e eu vou te dar uma morte honrosa, rápida. Se não o fizer, eu vou te deixar vivo e sofrendo. acredite, vai demorar para você morrer. Você vai asfixiar em seu próprio sangue. É uma das piores maneiras de morrer.

Ele soltou uma tosse molhada, doentia: — Não conheço ninguém... com esse nome.

— Mentiroso! — Eu bati nele e ouvi um estalo satisfatório. Os olhos negros do homem rolaram para trás da cabeça. Agarrei o topo de sua cabeça e o obriguei a me encarar. Ele parecia focado novamente. Seus lábios secos e rachados sorriram. Me inclinei para frente até sentir seu hálito quente e amargo em meu rosto.

— Mate-o e acabe com isso — disse Nugar.

Um brilho de suor cobria a testa e têmporas de Nugar. Agora que ele estava perto de mim, vi um rasgo em sua túnica acima do ombro esquerdo. Ele estava perdendo muito sangue.

Celeste deve ter me visto olhar o braço dele, porque se moveu rapidamente e amarrou uma fina tira de couro acima da ferida. Fiquei surpreso quando ele não se opôs a isso.

Voltei minha atenção para o atacante ferido. Embora estivesse tentada a tirar a vida daquele cretino, não queria matá-lo ainda. Ele ainda podia ser útil.

— O que aconteceu aqui? — Perguntei-lhe.

Will e os outros se inclinaram mais para perto.

— Onde estão os outros? Certamente você não pode ser o único que sobrou.

Onde estão os outros homens do abismo? Onde estão as mulheres e as crianças?

O homem infectado contorceu-se sob meu peso e eu apertei minha bota contra o seu pescoço.

— Diga-me, desgraçado.

— Mortos — sussurrou o homem. Sua voz era quase inaudível, através do sangue em sua boca.

— Todos mortos. — Ele riu. Líquido negro escorreu por seu queixo e pescoço.

Fiz uma careta por causa do fedor e respirei pela boca.

— Então, onde estão os corpos? Só vimos alguns lá atrás. Deve haver mais, muito mais. O que aconteceu? Não vou perguntar de novo.

— A morte — disse o homem. — E as trevas. O Destruidor está chegando.

Você não pode parar um Deus.

Engoli em seco.

— Onde está seu Deus agora? Por que não está aqui para te salvar?

Olhos do homem infectado se arregalaram e ele apareceu para ver uma coisa acima dele.

— Você vai morrer, cadela — ele gargarejou. — Todos vocês vão morrer.

Você vai -

Enfiei minha espada em seu queixo e a empurrei até o cérebro. Ele contorceu as pernas e braços e eu esperei ele ficar imóvel antes de tirar a espada.

— Isso foi inútil — resmungou Lucas enquanto limpava o nariz com a manga da camisa. — Ainda não sabemos o que aconteceu aqui.

— Elena? — perguntou Will. — Sobre o que ele estava divagando? Alguma coisa disso fez sentido para você? Quem é esse Destruidor?

Ele estava preocupado.

Limpei minha lâmina na calça do morto.

— Eu vou contar o que sei mais tarde. Precisamos procurar Jon agora.

Pensei em me mexer, mas o olhar de Will me prendeu onde eu estava.

— O quê?

Ele desviou o olhar quando falou: — Talvez... acho que ficamos fora por um longo tempo, Elena. Sei que é difícil... é difícil para todos nós... mas...

Eu sabia exatamente o que ele estava tentando dizer e não pude evitar as lágrimas que jorravam por meus olhos. Talvez Will tivesse razão. Eles precisavam de uma explicação. Eles precisavam descansar. Meu desejo implacável de encontrar Jon estava deixando-os exaustos.

Ouvi o barulho de algo raspando baixinho. O som cortou o silêncio daquele cômodo gigante e atraiu meu

olhar para o escritório de Jon.

Me movi antes que alguém pudesse me impedir, antes que eu soubesse o que estava fazendo. Atravessei a sala e entrei no escritório. Bati com o pé em algo no chão e quase tropecei. Passei atabalhoada pela sala. Olhei para baixo e vi que havia tropeçado em outro corpo infectado, um do qual eu não me lembrava da luta.

E então eu o vi.

Um homem estava sentado em uma cadeira atrás de uma comprida mesa de madeira. Momentos atrás, a cadeira estava vazia. Seu rosto estava escondido atrás de um capuz negro e seu manto cobria seus ombros fortes, quadrados.

Meu peito se apertava de saudade. Lembro-me vividamente de sentir os lábios quentes de Jon, de como seu perfume havia me levado à loucura e como suas mãos fortes e macias acariciavam meu corpo. Como eu o amava. Lutei para me manter racional.

— Jon? — Eu gritei. Estendi a mão para ele.

Mas eu parei no meio de um passo, pois lembrei de como ele quis me matar quando foi infectado. Se Jon ainda estivesse infectado, poderia ser perigoso.

Mantive certa distância.

— Jon? — Perguntei novamente, com cautela.

No começo ele não se mexeu. Depois, levantou o capuz para revelar seu rosto.

Minha respiração ficou presa na garganta.

— Eu sabia que você viria em busca dele — disse uma voz que eu nunca poderia esquecer. Mas não era a voz de Jon.

— Finalmente, nos encontramos novamente, Elena — disse o sumo sacerdote de Ânglia.



CAPÍTULO 12

PULEI PARA TRÁS e teria caído no chão se não fossem as mãos fortes de Will me segurando por trás. Os outros se amontoaram atrás de nós, e ninguém se atrevia a dar um passo à frente.

O sacerdote, o necromante que eu odiava mais do que tudo no mundo, mais do que meu pai bastardo, estava a apenas alguns metros de mim. Mesmo na semiescuridão eu reconheci o maldito. A voz dele me assombrava desde que eu a ouvi pela primeira vez no templo dourado. Eu nunca poderia esquecer.

À primeira vista, ele parecia o mesmo. Seu sorriso presunçoso e frio fez meu estômago revirar. Eu queria cortar aquele sorriso do rosto dele. Sob seu manto escuro, um robe de seda branca e bordada com linha dourada e joias mostrava o símbolo do grande sol brilhando no escuro como uma estrela.

Mas ele estava diferente. Ele parecia doente. Eu me lembrava que ele era magro, mas agora estava muito mais magro. Sombras escuras e roxas destacavam seus olhos pálidos e cinzentos. Sua pele tinha um tom acinzentado e antinatural. Ele estava tão pálido que parecia estar com febre. Seus poucos cabelos se colavam ao crânio com suor. Seu rosto estava afundado e seus olhos pareciam muito grandes. O rosto estava fino.

Se eu tivesse que adivinhar a idade dele quando o conheci, imaginaria algo por conta de 60 anos. Agora, ele parecia um homem de 100 anos. Estava tão dobrado e retorcido que me lembrava as bruxas do conselho. Sua deterioração era sobrenatural. Algo estava se alimentando de sua força vital, drenando sua essência. Fosse qual fosse a magia negra que ele estava usando, não estava saindo barato. Ele estava literalmente murchando.

O cheiro de podridão era esmagador. Meus olhos estavam úmidos e a garganta queimava. O fedor da podridão e da morte saíam do sacerdote e consumiam o ar. Minha cabeça começou a girar e eu ouvi os outros tossirem atrás de mim.

Apesar de seu corpo despedaçado, seus olhos pálidos e cinzentos estavam em alerta. Eles brilhavam com energia e entusiasmo. Eu não deixaria seu estado físico me levar a crer que ele estava fraco. Sabia que seu poder era formidável.

Ele se agarrou a um cajado com uma gaiola dourada, que ficava acima de seus dedos esqueléticos. Naquela jaula, estava o Coração de Arcânia. Meu coração se partiu com a visão dele. Eu havia sido tola em roubá-lo em primeiro lugar.

Senti a pulsação quente da minha artemagista. Por um momento, pude jurar que a pedra do sacerdote brilhou em resposta. É como se as duas pedras reconhecessem uma a outra. Meu corpo se retesou.

O sacerdote percebeu minha pedra? O que aconteceria se ele a tirasse de mim? Duas pedras, independentemente do

quão

poderosa

fossem

individualmente, seriam melhores do que uma.

O sumo sacerdote viu que eu olhava para a pedra e eu pude ver seus dentes amarelados quando ele sorriu.

— Sim. Gloriosa, não é?

Ele moveu a pedra para a frente do rosto e a observou carinhosamente. Seu desejo antinatural fez eu me encolher.

— Vá para o inferno — cuspi.

Consegui falar. Embora desejasse não estar tremendo tanto, fiquei aliviada.

Se o sacerdote tivesse sentido a artemagista pulsar na minha boca, teria reagido.

Mas ele não havia percebido. Sorri por aquela pequena vitória.

— Tanto poder. — O necromante tirou os olhos da pedra e me encarou novamente. Meu sangue congelou.

— Um poder ilimitado em uma pedrinha tão pequena como essa. É incrível.

Você não pode imaginar o presente que você me deu, Elena do Fosso.

— Eu nunca lhe dei nada, Sacerdote — eu ri com confiança. — Mas lhe darei a morte de presente em poucos segundos, quando minha lâmina perfurar seu coração.

O necromante zombou:

— A morte é inevitável no mundo dos vivos. Cada criatura que respira, todos os seres vivos, cada animal, cada planta, cada folha de grama, tudo se tornará cinzas. Nosso Senhor ordena. Morte, escuridão e poder.

Celeste deu um puxão a minha mão, e eu deixei ela me afastar um pouco.

Meu sorriso aumentou e eu vi o rosto do sacerdote: — Você está péssimo. Parece que a morte e a escuridão já o consumiram.

Uma carranca cruzou seu rosto, mas sua voz era alegre.

— Há sempre um preço a se pagar pelo grande poder. Quanto mais poder, maior o preço. O preço pelo poder e a escuridão infinita nesse mundo é a morte.

— O criador nunca traria a morte para aqueles que o adoram verdadeiramente — disse Nugar.

Ele me surpreendeu. Eu percebi uma raiva letal na voz dele.

Lucas assentiu com a cabeça e murmurou algo inaudível. Lágrimas escorram por seu rosto.

— O criador fez este mundo e tudo que há nele — continuou Nugar.

Ele puxou uma corrente de prata com um pingente de sol debaixo de sua túnica. Era o símbolo do culto do Templo do Sol. Eu sabia que Nugar acreditava que os sacerdotes eram fraudes, mas vi que isso não afetou sua fé.

— Por que ele iria destruir tudo isso? — Nugar continuou. — Mentiras. Você não é nada além de um mentiroso e um impostor. Você não serve ao Criador.

O sacerdote jogou a cabeça para trás e riu.

— Ah. Vocês mortais são tão crédulos.

Ele empurrou a cadeira para trás e passou pela mesa. Com um olhar arrogante, ele levantou a voz, como se estivesse em um sermão.

— Aceite o criador como seu pastor e ele irá guiá-lo para a verdadeira paz e prosperidade.

Os olhos dele encontraram os meus.

— Você não me entendeu. *Seu criador é fraco*. Meu Senhor é o único e verdadeiro Deus. Ele é o Lorde das trevas e o senhor que tudo destrói.

A pedra do sacerdote brilhou.

Ouvi Nugar xingar e olhei para Will, preocupado. Ele estava certo. Isso era uma armadilha e eu caí nela. O pior é que Jon nem estava lá.

Eu havia sido tola e condenado a todos os outros. Rosto de Fawkes brilhou em minha mente. O que ele pensaria de mim agora?

Dei mais um passo cuidadoso, empurrando Celeste comigo. Eu estava ciente de que meus outros companheiros estavam seguindo o meu exemplo. E eu não os culpo. Não estávamos prontos para aquilo. Não podíamos lutar com o necromante sozinhos. Não enquanto ele tivesse a pedra.

Os olhos do sacerdote se inflamaram.

— Eu me perguntava quando teríamos a chance de terminar o que começamos.

Cerrei minha mandíbula e tentei controlar minha respiração. Baixei um pouco o corpo e coloquei o peso nas pontas dos pés, de modo que eu pudesse saltar a qualquer momento. Eu precisava tirar os outros dali. Nós nunca conseguiríamos vencê-lo. Nossa melhor chance era correr e rezar para que a Deusa nos desse velocidade.

— Agora, você não me deixou escolha além de inventar algo mais... — o sacerdote olhou pela sala —... mais criativo.

Me movi para a frente de Celeste, protegendo-a.

Com um movimento de seu pulso, a parede atrás dele começou a brilhar e dois monges vermelhos entraram na sala.

Nós havíamos experimentado aquele perigo antes e eu quase paguei com a minha vida. Seus vestidos de lã cor de sangue se destacavam na penumbra, assim como suas cabeças carecas e barbadas. Em imaginei que a careca era uma ligação direta com o lorde das trevas que eles veneravam. Reconheci as garras com pontas venenosas que brilhavam nas luvas em suas mãos direitas. Os notórios assassinos fizeram uma pausa, como se esperassem por ordens.

Seus rostos e maxilares alongados como os de um cão mal passavam por humanos. Seus olhos pareciam carvões negros e seus rostos estavam cobertos por veios negros. Pareciam com os demônios que eu vi quando passei pelo portal. Eles não eram exatamente humanos, e eu me perguntava se eles estavam se transformando em outra coisa.

Eles se moviam como a noite, como espectros de outro mundo.

Lutei contra o pânico e senti que meus companheiros emudeceram ao meu lado. Estávamos nos preparando para o que viria a seguir. Celeste sussurrou uma bênção protetora da Deusa. Quem me dera saber as palavras, porque eu também queria dizê-las.

Agarrei minha lâmina de bruxa de uma forma que mal podia sentir meus dedos. Meu ritmo cardíaco acelerou, mas eu não desviei o olhar. Eu não queria mostrar medo. Era isso que o desgraçado queria antes de me matar. Ele era perverso a esse ponto. Em vez disso, olhei diretamente para aqueles olhos pálidos.

— Vamos, então, seu imbecil covarde. Vou matar seus cães antes que eles consigam me tocar.

O sacerdote reagiu como se eu o tivesse elogiado. Mas meu olhar estava distraído com outra sombra.

O ar se moveu ao lado do sacerdote. Era a mesma sombra que eu tinha visto perto dos sumos sacerdotes antes, uma criatura terrivelmente deformada com longos e deformados dedos. Seu corpo era transparente como o de um fantasma, como se a criatura não estivesse realmente lá. O maltrapilho par de calças e a camisa velha que ele usava mal cobria a pele cinza escura. Seus olhos protuberantes me encaravam, suplicantes.

O olhar em seu rosto parecia assombrado e eu não entendia porque ele parecia suplicante. Mas então, ele foi para trás do sacerdote e desapareceu quase que completamente, como se tentasse se esconder atrás das vestes dele.

Ninguém além de mim parecia perturbado com a visão. Até mesmo Celeste, que era uma bruxa, não notou o espectro. Eu vi quando ela olhou do sacerdote para os monges e ela não pareceu ter visto nada.

O sacerdote riu da minha confusão, confundindo-a com medo. Ele moveu seus braços no ar dramaticamente.

— Para uma mulher, você se provou uma adversária admirável, a infame donzela de aço, que passou pelo fogo do necromante e roubou a coroa de Ânglia.

Aquela que venceu a corrida e me trouxe o Coração de Arcânia. Que habilidades louváveis. É uma pena que tenho que matá-la. Mas o meu Senhor assim ordena.

Você deve morrer. *Todos vocês devem morrer.*

Eu fervia. Quanto tempo esperei por este momento. Eu queria arrancar os olhos dele e cortar sua língua maldita. Mas o momento estava errado. Estava tudo errado. Eu estava em desvantagem porque gostava dos meus amigos. Meu amor por eles podia acabar me matando.

— Deixe-os ir — eu disse.

Minha voz foi surpreendentemente estável, apesar do martelar do meu coração.

— Você me tem agora. Não é isso que você quer? Não é o que queria desde o começo? É por minha causa que você está aqui. Deixá-los ir e eu fico.

— Elena, não! — Celeste agarrou meu braço. — Não faça isso. Ele a matará.

Você não pode confiar nele.

Livre meu braço do alcance dela, mas sussurrei: — Eu posso ganhar algum tempo. Você precisa ir. Certo.

Ela franziu a testa e disse um não silencioso.

— Eu tenho um plano — eu menti.

Sinceramente, não sabia o que diabos estava fazendo. Mas eu sabia que precisava que eles estivessem longe e seguros.

Celeste olhou para Will, tentando decidir o que fazer.

— Os mortais morrerão eventualmente — disse o sacerdote com desprezo.

— Agora ou mais tarde. Não faz diferença. A morte vem para todos vocês.

Ninguém será poupado.

Os monges vermelhos começaram a se mover.

Vi que Will havia adotado uma postura defensiva à minha esquerda. Ele era um guerreiro forte e experiente, mas morreria em poucos segundos. Ele não era páreo para um monge vermelho.

Então, fiz a única coisa que eu poderia fazer.

Bati em Will e o empurrei para longe.

— Para trás! Todos vocês! — Sibilei — Eles vão matar você. Vocês não entendem? Vocês não podem derrotar esses demônios. Vocês vão morrer!

Os monges vermelhos sorriram quando eu os chamei de demônios. Eles provavelmente eram demônios.

Will se colocou ao meu lado: — Não. Não vamos abandonar você.

— Sim. Vocês... vão — eu rosnei. — É a mim que ele quer. A mim que ele sempre quis.

— Não. — Will ganhou terreno, mas vi Lucas seguindo lentamente em direção à saída.

— Não há nada que você possa fazer — eu disse.

Olhei para Will quando os dois monges vermelhos começaram a rodeá-lo.

— Você não pode enfrentar a magia deles. Quer virar um infectado? Quer se perder na escuridão? É exatamente o que ele quer.

A risada do necromante queimou em meus ouvidos. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu não posso ter a morte de vocês na minha consciência. É demais para mim.

— Você não pode lutar sozinha contra o necromante — pressionou Celeste.

Eu balancei minha cabeça: — Não. Não posso.

Me inclinei e baixei o tom de voz.

— Mas eu sou a única que resistiu à magia dele antes. Eu posso fazê-lo novamente.

Na verdade, eu não sabia se podia lidar com o sacerdote e dois dos seus malditos monges.

— Vou dar uma vantagem para vocês. Vou terminar o que comecei. Preciso concertar isso — eu disse.

— Vão. Procurem Ada e os outros e contem tudo a eles.

Me movi para longe de Will e dos outros. Não me atrevi a olhar nos olhos de Celeste. Entrei ainda mais na sala.

— Elena — disse Will. — Não.

Eu o ignorei. Não confiava em mim mesma o suficiente para responder ou olhar na direção dele. Eu precisava ser forte. Desejei que minha raiva viesse à tona novamente. Eu sabia que a raiva era minha amiga.

— Bem, então é isso — eu disse. Eu conseguia sentir a fúria negra remoendo dentro de mim. — É como você disse, eles são apenas mortais. Por você se importa? Deixe-os ir. É a mim que você quer.

Dava para ver a crueldade nos rostos dos monges e isso inflamou minha raiva.

— Então aqui estou eu. Venham me pegar, seus merdas vermelhos. Eu os desafio. — Eu estava furiosa.

O sacerdote riu descontroladamente.

— Eu não farei tal coisa, bruxinha.

Dei um passo para a frente.

— Deixe-os ir, desgraçado, ou eu juro sobre a deusa que o estripo como o porco que você é!

O sorriso do sacerdote se alargou com a fúria em meu rosto. Ele inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Uma boca tão suja em tão belos lábios. Se você se importa tanto com eles, não deveria tê-los trazido.

Ele se virou para o monge a sua esquerda.

— Deixe a donzela de aço para mim. Mate a outra mulher.



CAPÍTULO 13

“NÃO!”

Minha artemagista pulsou e me lancei contra o monge da esquerda. Deixei a pedra mágica assumir o controle. Eu podia sentir ela se alimentando da minha fúria, enquanto minha força e habilidade aumentavam. Eu não podia vacilar.

Pulei sobre uma cadeira e o cômodo começou a ressoar com gritos, passos pesados e o choque do aço. Eu sabia que meus companheiros haviam recuado atrás de mim. Mas também sabia que eu tinha criado uma abertura para o outro monge.

Uma presença sinistra, escura e fria se aproximou de mim. Eu gostei. Deixei ela me consumir.

Girei minha lâmina. O monge ergueu defensivamente sua espada enquanto se aproximava. Senti o cheiro da podridão e suor do corpo dele e vi um flash de surpresa em seu rosto. Eu sorri, porque sabia o que ele ia fazer a seguir.

Fintando para a direita, ele lançou a luva com garras na direção do meu peito.

Mas eu havia antecipado isso.

Minha magia de sangue correu através de mim como bolhas de energia.

Baixei minha lâmina. O monge gritou quando ela atingiu seu fêmur e rasgou sua virilha. O músculo de sua coxa foi cortado e ele caiu desamparado no chão.

Sangue negro, grosso e brilhante como óleo fluía da ferida. Cheirava como leite coalhado.

O outro monge tinha encurralado Nugar, Will e Lucas perto da parede à minha frente. Percebi que eles estavam protegendo Celeste. Algo obscuro tomou conta de mim e me comandou a matar.

Sem mesmo tomar fôlego, voei pela sala. O monge se virou quando rasquei a parte de trás das suas coxas. O monge xingou a plenos pulmões quando sentiu que sua artéria femoral havia sido cortada. Ele me xingou de coisas que eu nunca tinha ouvido e brandiu a espada em uma última tentativa de se salvar. Eu facilmente lancei a espada para longe, vi o medo em seu rosto e cravei minha espada em seu coração. Suas últimas palavras morreram em gorgolejos de ar quente e sangue enquanto ele caía.

Fiz uma rápida inspeção para ver se a luva envenenada do monge havia ferido os outros. Eles estavam bem, embora eu tenha percebido que Will parecia desnordeado.

Virei minha atenção para o Sacerdote. Sua cara feia era pura raiva.

— Eu devia ter te matado há muito tempo, escoria das bruxas.

Zombei:

— Devia mesmo.

O sacerdote fechou os olhos, ergueu o cajado e sussurrou encantamentos na mesma língua que eu o ouvi falar quando usou a pedra pela primeira vez. O

Coração de Arcânia começou a brilhar e os pelos da minha nuca se eriçaram.

Minha artemagista estava prestes a saltar da minha bolsa.

— Que o Criador nos salve — disse Will atrás de mim.

A pedra do sacerdote pulsava. Um brilho negro girou como um tornado pelo cômodo. Ele envolveu a mim e a todos até que eu mal conseguia respirar.

Seus cânticos ficaram mais e mais altos. Seu manto balançava e havia um sorriso perverso em seu rosto macilento, o fazia parecer com uma besta e não com um homem.

Eu não podia deixar meus amigos virarem infectados. Aquilo era minha culpa. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Minha mente era um nevoeiro. Eu havia falhado completamente.

Antes que eu pudesse mandar eles correrem, ramos de magia negra flutuaram dos dedos do sacerdote e deslizaram sobre sua pele como centenas de minúsculas cobras feitas de sombras. Então, uma onda de energia negra emergiu da pedra.

Eu empurrei e interceptei o raio de energia negra. Ele me atingiu no peito e me lançou para trás. Mas eu fiquei de pé rapidamente e corri para o sacerdote com a espada em punho. A artemagista queimou minha pele de dentro da bolsa.

Meu sangue pulsava nos ouvidos e eu ouvi Celeste gritar meu nome.

Minha pele queimava como gelo enquanto a magia pulsava através de mim.

Fumaça e um cheiro forte de carne queimada subiram de minhas roupas. Por mais que a minha própria magia desabrochasse do meu interior, a magia negra não saía. Ela ainda estava lá dentro e eu não sentia dor. Não sabia o que estava acontecendo comigo e nem tinha tempo para pensar nisso.

O sacerdote necromante olhou para mim.

— Donzelas aço são mais resistentes do que eu imaginava. Mas você não pode resistir a minha magia para sempre. Eu vou ganhar. Você vai morrer. E

desta vez, você vai ficar morta.

Com os dentes à mostra, apontei minha espada para o olho direito daquele desgraçado pálido.

Um raio me atingiu do lado esquerdo, diretamente na minha artemagista. Eu caí para trás, mas não senti dor.

Percebi que havia uma luz radiante dentro da minha bolsa. Fiquei paralisada, observando milhares de minúsculas luzes brancas e amarelas me protegendo em um redemoinho brilhante.

Um raio prateado e dourado foi disparado da minha artemagista.

O sacerdote olhou confuso para a minha pedra mágica. Um raio dourado o atingiu no peito. Em um esvoaçar do seu manto branco e preto, o sacerdote voou e bateu na parede atrás da mesa onde ele havia se sentado. Ele caiu no chão.

Eu achei que o havia matado, mas um gemido escapou dos seus lábios e sua cabeça rolou para o lado. Corri para os meus companheiros.

— Depressa! — Eu gritei enquanto empurrava Celeste pela porta.

— O maldito está morto? — Will se virou na direção do sacerdote caído.

Agarrei seu braço e puxei-o na minha direção.

— Não seja estúpido.

Eu o empurrei na direção de Celeste.

— Ele não está morto. E nem sei se podemos matá-lo. Ele já está se recuperando e nós não queremos estar aqui quando ele acordar.

Celeste franziu a testa: — Como é que...

— Não sei — eu disse.

A artemagista reagira defensivamente, me protegendo. Eu sequer usei um feitiço ou encantamento. Ela apenas agiu por conta própria e atacou o sacerdote.

— Eu conto tudo mais tarde, mas precisamos ir agora!

Lucas e Nugar desapareceram pela porta e entraram no prédio principal. Will e Celeste estavam atrás deles.

Eu estava prestes a segui-los, mas me virei e vi que o sacerdote estava me observando. Por um momento eu congelei e imaginei que ele estava prestes a lançar outro raio de energia negra. Mas ele só piscou os olhos e franziu a testa.

Eu me virei para sair, mas pude ver que o Coração de Arcânia ainda estava pulsando e a artemagista parecia reagir a ele.

Ela me pedia para pegar a pedra.

Os olhos do sacerdote se alargaram. Pude ver claramente o que ele estava prestes a fazer. Metade do rosto dele estava caído como se ele tivesse sofrido um derrame. Bom. Eu ia levar a pedra e não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

— Elena! O que está fazendo? — Gritou Celeste.

Mas eu me movi para a pedra. Ada ia querer que eu ficasse com ela. Era a nossa chance. Meu coração acelerava. *Eu queria a pedra.* Não para eles, mas para mim. Eu queria o seu poder.

Eu corri em direção a pedra. Tropecei em algo e eu lancei para a frente.

Abafei um gemido, rolei e olhei no que eu havia tropeçado.

— Merda. — Era o guerreiro morto no qual eu já havia tropeçado antes.

Não sei porquê, mas eu não me mexi. Algo me levou a examinar o corpo.

Seu tosto estava pressionado contra o chão e meio escondido por seus cabelos pretos e compridos. Havia algo de familiar em seu rosto, o nariz ligeiramente curvado na ponta e a altura das maçãs do rosto. Sua pele estava cheia de veios negros, praticamente irreconhecíveis. Mas eu me inclinei para a frente e, com uma mão trêmula, afastei o cabelo e examinei aquele rosto.

Era o Jon.

Meu corpo tremeu e uma onda de dor apertou minha alma. Algo se rompeu dentro de mim e eu comecei a chorar incontrolavelmente.

— Não. Não. Não.

Meu Jon estava morto. Já era tarde.



CAPÍTULO 14

EMBORA EU MAL PUDESSE VER o rosto de Celeste através das minhas lágrimas, soube que ela estava de joelhos ao meu lado.

Nas profundezas do desespero, eu me curvava sobre Jon. Toquei seu rosto.

Sua pele era gelada, como a de um cadáver. Seus olhos estavam fechados, mas eu percebi que já não havia vida dentro dele.

Eu falhei. Já era tarde. Ele estava morto.

Celeste colocou a orelha na boca dele.

Ela olhou de repente:

— Ele está vivo.

Meus lábios tremiam:

— O quê?

— Eu senti sua respiração — ela disse. — Está fraca, mas persiste.

Um grunhido veio do outro lado da sala. Os braços e pernas do sacerdote se contorceram.

Eu vi a criatura sombria me olhando de trás da mesa. Seus olhos se arregalaram quando me viu olhando para ele. Parecia que ele estava implorando por algo. Virei meu olhar para longe.

Celeste abriu o frasco.

— Segure a cabeça dele um pouco para trás.

Coloquei suavemente a cabeça de Jon no meu colo.

— Seja lá o que você for fazer, faça depressa.

Celeste assentiu com a cabeça. Ela separou os lábios rachados e secos de Jon, derramando o conteúdo do frasco em sua boca. O líquido vermelho escorria pelos lados da boca, parecendo estranhamente sangue.

— Isso vai funcionar? — Eu não conseguia parar de chorar e havia um gosto de sal na minha boca.

Celeste parecia esperançosa: — Não sei. Talvez.

Me agarrei à mão direita de Jon. Seus dedos estavam frios como gelo.

— Você consegue salvá-lo? — Minha voz tremia de desespero. Eu não me importava com o quão vulnerável eu parecia. Tudo que me importava era o Jon.

Celeste pressionou seus lábios e enxugou a testa.

— Não sei. Farei o possível para salvá-lo. Mas vai precisar da ajuda das outras bruxas.

— Vamos tirá-lo daqui — disse Will.

Ele e Lucas passaram os braços sob as axilas de Jon e o levantaram.

— Eu vou matar você! — veio a voz do sacerdote, por trás de nós.

Meu coração se afundou. O desgraçado já estava de joelhos. Ele estava tremendo, mas tinha conseguido se recuperar bastante em apenas alguns minutos. Eu percebi que não podia matá-lo.

— Vamos lá!

Levamos o Jon para fora da Pousada. Não conseguia parar de olhar para seu rosto sem vida. A última vez que o vi no Templo Dourado, ele havia sido infectado, mas pelo menos estava vivo. Agora ele parecia morto.

— Amarre-o ao Torak. Ele pode ir comigo — — Não — disse Will. — Ele é pesado. E não podemos arriscar que ele caia.

Ele olhou para mim com atenção.

— Elena, você é habilidosa com uma lâmina, mas não é forte o suficiente para ajudar a carregar o peso de um homem e lutar — — Sim. Sim. Sim.

Eu acenei minha mão apressadamente para ele, um pouco irritada com a verdade de suas palavras. Eu podia empunhar uma pedra mágica, mas não conseguia segurar um homem adulto.

— Você está certo. Não serei capaz de segurá-lo. Só... só faça isso rápido.

A pele do meu rosto se arrepiou. As lágrimas estavam começando a secar naquele ar parado.

— Se eu estiver certa, o sacerdote vai passar por aquela abertura a qualquer momento.

Ninguém perdeu tempo conversando. Trabalhamos rápido. Jon foi preso ao cavalo de Will e pegamos a estrada do Norte. Cavalgamos rápido e não olhamos para trás.

Os restos do poço passaram em um borrão de cinza, marrom e vermelho. Eu mal estava ciente do que me cercava, muito menos do meu próprio corpo. Minha mente faiscava com perguntas.

O que havia acontecido com Jon? O sacerdote fez isso com ele? Esse era o fim inevitável? A magia negra eventualmente mata seu hospedeiro?

Mas ele ainda estava vivo. Eu me agarrava à esperança e deixava ela afastar meus medos. Eu sentia uma nova urgência. Agora que o havia encontrado, precisava salvá-lo.

Se alguém pudesse salvá-lo, era Celeste. E não havia lugar melhor para curar os feridos do que Portos Cinzentos.

Aguente, Jon... por favor, não desista...

Lembrei de como meu grupo me olhou como se estivesse com medo de mim quando lutei contra os infectados e os monges vermelhos. Eu os havia salvado e eles estavam com medo de mim.

Não sabia como Celeste se sentia. Ela parecia mais curiosa do que assustada.

Eu sabia que precisava confessar que havia roubado a artemagista. Mas não podia fazê-lo até descobrir o que estava acontecendo comigo.

Inegavelmente, algo tinha acontecido. Eu sentia algo se juntando como peças de um quebra-cabeça. A pedra do sacerdote nublava minha mente com o obscuro desejo de possuí-la.

O que eu teria feito se não tivesse tropeçado sobre Jon?

A parte mais assustadora é que eu não sabia.

Meu amor por Jon havia me impedido de roubar uma pedra que poderia me transformar em um monstro. Minha obsessão por salvá-lo pode ter me salvado.

Eu impelia Torak e mantinha os olhos em Jon.

Engoli em seco e imediatamente senti dor na garganta. Eu podia sentir que minhas pálpebras estavam molhadas. Tentei lamber meus lábios secos, que racharam e sangravam.

Eu nunca me descreveria como uma assassina. Mas é exatamente o que eu me tornei lá na pousada, uma portadora da morte. Aqueles infectados haviam sido irmãos, maridos e pais normais, mas eu tirei suas vidas sem pensar duas vezes. Eu devia me sentir mal por todo aquele sangue, mas só sentia raiva e ódio.

Agora, eu carregaria a responsabilidade pela morte deles pelo resto da minha vida. Aqueles homens não

tinham optado pela maldade. Eles estavam doentes, haviam sido infectados. Eu não.

Não demorou muito até chegarmos à saída da Cidade das Almas, mas eu mal percebi. Ainda que os guardas do templo tivessem nos visto, estávamos viajando tão rápido que eles precisariam ter corcéis com asas para nos alcançar.

Concentrei-me na estrada.

Depois de um tempo, dedos de névoa branca deslizavam através da grama alta que ladeava à beira da estrada. Como um predador, escondia-se por trás da linha de árvores e se derramava pelo chão. Fiz uma varredura na floresta ao nosso redor e na estrada atrás de nós. A névoa era implacável, preenchendo as curvas da estrada como se tivesse uma mente própria.

Meu rosto estava frio e branco no nevoeiro, e por um momento eu temi que essa névoa fosse outro portal demoníaco. Torak estava tenso abaixo de mim, com as orelhas se mexendo. O ar ficou mais úmido e pesado, enquanto o sol se esmaecia. Enquanto o céu ficava cinza, não vi nada de anormal. Mesmo assim, não conseguia abandonar a tensão que sentia por achar que estávamos sendo seguidos.

Chegamos em Portos Cinzentos ao amanhecer. Havíamos subido até um ponto onde havia ar fresco. As manchas ocasionais da pesada neblina amaciavam o tapete de folhas na estrada desgastada. Pela primeira vez em semanas, ouvi os familiares sons dos pássaros e o barulho dos esquilos.

Continuei olhando para Jon em busca de quaisquer sinais que me dissessem que ele ainda estava vivo. Eu esperava que a Celeste não tivesse cometido um erro. Mas ele nunca abria os olhos e só se mexia porque era sacudido pelo cavalo de Will. Cada vez que eu olhava para seu rosto pálido, sentia uma pontada no coração. Eu achei que estava preparada para o pior. Tinha tentado me convencer de que Jon provavelmente estava morto. Achei que havia aceitado isso.

Mas era mentira.

Deusa acima, por favor, ajudem-no.

Entramos nas impressionantes florestas e campos de Portos Cinzentos. O ar estava mais frio e um manto de neve cobria o chão. Havia um doce cheiro de terra molhada no chão, o verdadeiro cheiro do inverno de Ânglia. As bruxas fizeram um trabalho e tanto impedindo que a névoa negra penetrasse em seu santuário.

Eu podia sentir que o ar estava vivo com o suave zumbido da magia. Se os homens estavam cientes disso, não disseram nada. A expressão cansada de Will estava determinada e feroz quando entramos no reino das bruxas. Quando Jon me trouxe a Portos Cinzentos para salvar minha vida, Will e Leo ficaram do lado de fora das fronteiras por não se atreverem a entrar. Mas agora que Will havia conhecido Celeste, fora apresentado à magia e a outras bruxas, parecia mais confiante.

Embora Lucas parecesse nervoso, não hesitou e nem disse uma palavra pelo caminho.

Já Nugar me preocupava. Sua pele tinha um tom acinzentado e ele parecia prestes a cair do cavalo. Ele havia perdido muito sangue e seu braço pendia inútil ao lado do corpo. Eu havia me esquecido completamente do ferimento. A névoa negra não era a única infecção que podia fazer um homem perder o

braço.

Eu esperava que não fosse tarde demais para Nugar.

Torak relinchou alto de entusiasmo por estar de volta. Aparentemente, até cavalos percebiam o quão espetacular era aquele lugar. Ninguém seria tão tolo a ponto de não ver isso.

Mas a visão do castelo não levantou meu astral. Eram muitas preocupações.

Eu estava mortalmente com medo de que Jon morresse e meu peito doía só de pensar em ver Rose novamente. Eu não havia percebido o quanto estava com saudades dela até agora. Fiquei envergonhada com o pensamento do quão pouco eu havia dado a ela todo esse tempo. Mas eu iria compensá-la.

O castelo estava exatamente como eu me lembrava. Era uma estrutura maciça e antiga de madeira. Uma luz amarela e suave se derramava pelas amplas janelas e as nuvens acinzentadas não diminuía sua beleza. Era um paraíso isolado.

Os jardins do castelo eram salpicados por milhares de pequenas tendas e a fumaça de fogueiras. Havia pessoas, seres humanos, em todos os lugares.

Alguns curiosos saíram de suas tendas quando passamos galopando. Seus rostos estavam sujos, mas livres da infecção. Estavam vestidos com roupas de equitação e mais pareciam sobreviventes do Poço. Nem todas as pessoas do Poço estavam mortas. Nos enchemos de esperança com a visão deles.

Mas como essas pessoas chegaram aqui?

O reino das bruxas sempre foi considerado um tabu. As pessoas achavam que as bruxas eram adoradoras do diabo. Era difícil imaginar que todas aquelas pessoas juntaram suas coisas e foram para Portos Cinzentos voluntariamente.

Talvez eles tenham/ finalmente aceitado ajuda.

Vi alguns homens usando o vermelho e dourado de Ânglia, mas também vi homens de pele escura e mulheres cujas características me diziam que eram de Púrtula. Eu podia ver bandeiras improvisadas da maioria dos seis reinos de Arcânia. As bandeiras roxas e verdes com duas serpentes enroladas de Púrtula, o dragão vermelho sobre um escudo azul da Espânia e a bandeira azul e branca da Frânsia.

O laranja e amarelo de Rômila não estava presente, assim como o verde, reto e amarelo do povo Girmaniano. Certamente, se os outros reinos haviam escapado para Portos Cinzentos, os Romilianos e Girminianos teriam feito o mesmo.

Então, por que não estavam aqui? Sentime desconfortável. E se eles sabiam da névoa negra antes de todo mundo? Os Romilianos e Girminianos estava em conluio com o sacerdote necromante todo esse tempo?

Me pareceu que embora os humanos tivessem encontrado refúgio aqui, ainda temias as bruxas, porque acamparam do lado de fora e não se mudaram para o castelo. Eu tinha certeza de que a maioria deles caberia confortavelmente dentro dos muros do castelo.

As concubinas altas e elegantes se destacavam do resto. Embora tenhamos passado rapidamente por elas, vi um olhar surpreso e ainda uma outra coisa no olhar de Helen que eu não entendi.

Conforme nos aproximávamos do castelo, avistei Ada com um cajado de madeira nas mãos, parada sobre o caminho de cascalho logo abaixo da entrada principal.

Eu sabia que era Ada. Mesmo à distância, eu conseguia distinguir sua pele de porcelana e o simples e disforme vestido de linho verde. Quando chegamos mais perto, vi que a bruxa tinha uma carranca no rosto enrugado, como se estivesse nos esperando.

Parei Torak e desci de seu lombo.

A bruxa usava aquela corrente com pingente de estrela. Tufos de cabelos brancos escapavam de seu coque. Parecia que ela havia levantado da cama às pressas. Algo estava errado.

A bruxa me analisava de uma forma que me dava calafrios. Ela tinha a mesma expressão nervosa no rosto que Rose tinha quando eu chegava tarde em casa de um dos meus passeios.

Mas eu estava além de broncas. Depois de tudo que havia feito para as bruxas, esperava ao menos uma recepção calorosa, um sorriso. Cerrei os dentes e me endireitei para manter a compostura.

Eu nunca poderia adivinhar a idade de Ada e não ousava perguntar a ela.

Pelas histórias que ela contava, a bruxa provavelmente tinha séculos de idade.

Mas eu nunca havia notado sua idade antes. Ela nunca pareceu ter mais do que oitenta, até agora. De alguma forma, ela parecia mais velha e pálida. Ela tinha olheiras que não estavam lá antes. Embora parecesse cansada, seus olhos escuros e familiares estavam em alerta.

Sua expressão mudou quando viu Jon, mas só por um momento.

— Elena, você não pode ficar aqui. Você precisa ir embora.

Essas não eram as boas vindas que eu havia esperado.

— Aos infernos com isso. — Minha voz tremeu de raiva. — Você sabe o que passamos para chegar até aqui? O que eu fiz para você e para as outras bruxas?

A carranca de Ada se aprofundou.

— Preciso insistir — ela disse. Seu tom não dava margem para discussão. — Já fiz os preparativos para você e sua companhia.

Não pude me controlar.

Eu gritei, — e eu insisto que levemos Jon para dentro e que você o ajude! O

que há de errado com você? Não vê que ele está morrendo?

Minha voz saiu rachada e minha garganta, dolorida.

A bruxa respirou fundo.

— Algo aconteceu... e envolve você. E a menos que você deixe este lugar agora — — Ele está morrendo! O que quer que seja, pode esperar. Eu vou lidar com isso mais tarde. Ele é mais importante. Eu arrisquei tudo para trazê-lo aqui. Você deve ajudá-lo.

Eu olhei em seu rosto: — É o Jon, Ada. Você tem que ajudá-lo. Se ele morrer...

Ela me olhou por um momento.

— Traga-o para dentro — ela ordenou finalmente.

Ela se virou e desapareceu pela grande porta.



CAPÍTULO 15

WILL E LUCAS SEGURARAM Jon pelas axilas e eu, pelas pernas. Levamos ele para o grande vestíbulo sob a suave luz amarela de um lustre, passando por um corredor. O barulho das nossas botas perturbou o silêncio, e ninguém falava.

Os rostos de Will e Lucas estavam cheios de tensão. Jon era bem mais pesado do que eu pensava. Eu nunca conseguiria carregá-lo em meu cavalo.

Seguimos a velha bruxa, que se movia com urgência e jamais vacilava. As batidas de seu cajado ecoavam alto nos corredores desertos. Descemos um lance de escadas de madeira e passamos por mais e mais corredores. Nunca estive nessa parte do castelo antes. Como estava pensando em Jon, provavelmente não saberia fazer o caminho de volta sozinha.

Celeste esbarrou em mim quando finalmente paramos em uma grande sala sombreada. No começo eu mal conseguia ver nada. Ada ergueu seu cajado e pronunciou duas palavras na língua das bruxas. Com uma pequena lufada de ar, oito tochas nas paredes cintilaram e ganharam vida, lançando longas sombras no chão. Parece que Ada também consegue usar magia elemental. Interessante.

Celeste também notou o poder de Ada e ergueu uma sobrancelha para mim.

Juntos, colocamos Jon em uma das camas vagas da sala. O quarto era grande, mas parecia estranhamente íntimo e pessoal com todos lá dentro.

Lucas pressionou suas costas contra uma parede, de olho em todos enquanto Nugar se deitava em uma cama vazia. Will ficou ao lado de Jon, como se tivesse medo de deixá-lo.

Eu olhei sobre o quarto. As prateleiras que ladeavam as paredes estavam cheias de diversos recipientes, frascos e vasos de plantas. Havia um cheiro de sálvia no ar e de outras plantas que eu não conhecia.

Não pude deixar de lembrar que, quando eu estava inconsciente, Jon havia me levado para o castelo de madeira. Parecia que tinha passado muito tempo desde então.

Olhei para o rosto de Jon para ver se o tônico de Celeste havia ajudado, mas ele ainda parecia morto. Pus saía de sua pele rachada. Ele parecia pior do que antes. Eu estava tão preocupada que as palavras ficavam presas em minha garganta.

Ada ascendeu três potes de barro e o cheiro de sálvia encheu a sala. Ela foi até a cabeceira da cama pressionou a testa de Jon. Ela fechou os olhos, concentrada. Por um momento, ninguém se moveu. Eu esperava que Jon abrisse os olhos ao toque dela, mas ele não o fez.

Pelo que me lembro, Ada era do clã das bruxas brancas. Embora fossem guardiãs, elas também eram curandeiras.

Ada olhava para mim:

— É muito pior do que eu pensava.

Quase vomitei.

— Mas você... pode ajudá-lo, certo? Por favor, Ada. Por favor, ajude-o. Eu fiz tudo que você pediu. Por favor.

Minha voz parecia fraca e distante.

— O que você deu a ele? — Ada perguntou a Celeste. — Percebi um pouco de beladona sálvia, poejo e raiz de angélica. Mas há outra coisa, um cheiro que eu não sentia há muito tempo.

— Dei-lhe um pouco de enxofre em pó e sangue de dragão — disse Celeste.

— Eu sabia que isso podia purificar entidades escuras da magia de sangue de uma bruxa. Mas como eu disse a Elena, não sei quais os efeitos que poderia ter em um humano.

A bruxa ergueu as sobrancelhas: — Sangue de dragão?

Olhei de Celeste para Ada: — Por quê? O que é sangue de dragão?

— Um veneno — respondeu Ada. — Um muito mortal.

Meu estômago se apertou e olhei para Celeste: — Como pôde dar veneno para ele?

— Era a coisa certa a se fazer — respondeu Ada.

Me afastei de Celeste e lamentei meu tom agressivo.

— O sangue de dragão é mortal, mas se você o usar corretamente e em uma quantidade bem pequena, é uma forma muito eficiente de livrar o corpo de outros venenos.

Ada acenou com a cabeça em aprovação e olhou para a Celeste.

— Fawkes me contou sobre você. Ele disse que você era uma bruxa elemental menor, que era hábil com poções.

Ada, observava Celeste: — Você logo descobrirá que não existem bruxas menores em Portos Cinzentos. Todas as bruxas aqui são iguais, não importa se podem ou não fazer magia. Existem formas de se fazer magia sem magia. Sua habilidade com poções é mágica.

As bochechas de Celeste coraram.

— Podemos usar uma habilidade como a sua, especialmente agora — disse a alta bruxa. — Pode fazer mais?

— Sim.

— Bom. Você precisará começar imediatamente.

— Mas e o Jon? — Eu observei seu rosto, mas não havia sinais de que a poção tivesse qualquer efeito positivo. Lágrimas caíram do meu rosto.

— Ele vai viver? Ele vai conseguir?

O rosto de Ada estava inexpressivo.

— Ele é um rapaz decente, um sujeito muito bom, melhor que a maioria.

Mas há tanta escuridão dentro dele. Como um veneno, ela está corroendo sua energia vital. Ele deveria estar morto. Qualquer outro homem teria desistido. — Ela fez uma pausa. — Mas ele não. Parece que algo ou alguém o manteve vivo.

Eu mal podia respirar — e?

— E — continuou a bruxa. — Este tônico pode ter sido exatamente o que salvou a vida dele.

Celeste me deu um sorriso encorajador. Mas eu não consegui sorrir de volta.

— Precisamos remover a magia negra do corpo dele — disse Ada. — Se não o fizermos, ele vai morrer. Vamos precisar da ajuda das minhas bruxas.

Eu não entendia porque Ada parecia tão perturbada. Antes que eu pudesse perguntar, seis outras bruxas deslizaram pela sala. Algumas usavam as cores e o pentagrama dos clãs branco e dourado, enquanto outras usavam os mesmos vestidos disformes de lã que Ada vestia. Reconheci os longos e encaracolados cabelos das bruxas mulheres e os olhos profundos de um dos homens. Eles tinham vindo de Witchdom conosco.

Ada percebeu a surpresa em meu rosto.

— Sua chegada não é secreta. Cada bruxa neste castelo sabe que você chegou.

Ela abriu a boca para dizer mais, mas então ela apontou para Nugar.

— Cuidem dele antes que ele sangre por todo o chão. Resolvam isso, por favor — ela disse para ninguém em particular.

A bruxa de cabelo longo e encaracolado levou Nugar para um banco nas proximidades, arrancou a camisa dele e começou a tratar sua ferida. O

grandalhão apertou a mandíbula e olhou para a bruxa com cautela, mas não disse nem uma palavra enquanto ela limpava o ferimento. Fiquei impressionada.

As outras cinco bruxas se posicionaram ao redor da cama de Jon. Me inclinei sobre a cama para protegê-lo.

As bruxas olharam para Ada, como se pedissem instruções.

— Elena. — Ada pressionou uma mão firme no meu ombro. — Você precisa se afastar.

Quando eu não obedeci, ela continuou: — se você quer que ele viva, fará o que eu digo.

Eu a encarei pela insinuação de que eu dificultaria a possibilidade de Jon ser salvo e me afastei, mas apenas um passo.

Ada pressionou suavemente a cabeça de Jon. As outras cinco bruxas seguiram seu exemplo e pressionaram outros pontos do corpo dele.

Observei em silêncio enquanto Ada começava um encantamento. Os outros ecoaram as palavras e uma brisa repentina sacudiu minhas roupas. Os cânticos ficaram mais e mais altos e rápidos. O ar cheirava a mel, limão e laranjas, os odores da primavera. Aquele era o cheiro da magia da magia combinada daquelas bruxas. Era um cheiro tão bom que eu o recebi em mim.

Luz saía da mão das bruxas e ia para o corpo de Jon, até que ele foi iluminado por um suave brilho branco. A voz de Celeste ecoou uma bênção atrás de mim e eu rezei para que aquela magia derrotasse magia negra. Até os lábios de Will se moveram em uma prece silenciosa.

As pernas de Jon se contorciam. Seu braço direito se mexeu.

Meu coração quase saiu pela garganta e eu me inclinei sobre ele: — Jon? Jon? Está me ouvindo?

Seu corpo começava a se mover, mais erraticamente agora, enquanto os cânticos aumentavam em altura e velocidade. Era como se ele estivesse tendo algum tipo de convulsão. Era como se seu corpo estivesse tentando combater a cura mágica, como se a magia branca estivesse o ferindo.

Então tudo acabou. O vento morreu e, tão rápido quanto surgiu, o brilho ao redor de Jon desapareceu. Era como se eu tivesse imaginado tudo aquilo.

Ada arfou, respirando com dificuldade. Um brilho de suor cobria seu rosto.

As outras bruxas ofegavam, com suas vestes úmidas e presas às costas.

— A magia negra que está nele é forte — disse Ada enquanto limpava o rosto com a manga do vestido.
— Ele foi infectado há muito tempo. Algo está apodrecendo dentro dele. Não conseguimos alcançá-lo.

Meu sangue abandonou meu rosto. Eu sabia o que ela queria dizer. Engoli em seco. Minha garganta estava dolorosamente apertada.

— Mas você disse que o tônico da Celeste tinha ajudado a salvá-lo. Faça de novo. Por favor.

— Não podemos fazer isso sem arriscar nossas vidas ou a possibilidade de sermos infectadas.

A bruxa me olhou por um momento e depois pegou duas tigelas médias e colocou-as no chão, uma de cada lado da cama. Antes que eu visse o que ela estava fazendo, Ada cortou o pulso de Jon com um pequeno punhal. Sangue negro se derramou pelo corte e escorreu na tigela.

— O que diabos você está fazendo? Você enlouqueceu?

Tentei pegar a faca, mas Celeste me puxou para trás com uma força surpreendente.

— Espere — ela disse enquanto me girava para me encarar. O tom dela era firme. — Isso precisa ser feito.

Lucas desencostou da parede e Will deu um passo à frente. Ambos olhavam para mim, como se perguntassem se deviam intervir.

Eu balancei minha cabeça.

— Você sabe que ela está fazendo? — Puxei o braço que Celeste segurava, incapaz de conter minhas palavras raivosas.

Os olhos da Celeste brilhavam.

— Eu sei que todos nós queremos que ele viva. Queremos que Jon viva, Elena.

— Estão sangrando ele até a morte!

Ada me ignorou, seguindo para o outro lado da cama de Jon e cortando o outro pulso.

Eu recuei ao ver as grossas gotas de líquido negro que derramavam dos pulsos expostos de Jon. Senti

uma dor como se ela tivesse cortado a minha carne ao ver os pulsos dele abertos.

Mas Jon não se movia.

Olhei para a alta bruxa: — Você está louca? Ele não é forte o suficiente para isso. Você vai matá-lo!

Eu sabia que celeste havia dito a verdade, mas não consegui impedir que as palavras saíssem da minha boca.

O sangue me subiu à cabeça e eu não conseguia raciocinar. Deixei a raiva me mover. Saquei minha lâmina de bruxa, motivada pela raiva de o sangue escorrendo pelos pulsos de Jon. Eu estava perdendo a cabeça. Sentia uma fúria sem sentido e queria atacar Ada. Eu queria matá-la. Eu estava ficando louca.

Ada me olhou com surpresa. Suas preocupações aumentavam enquanto ela me examinava. Ela podia sentir algo dentro de mim. Eu temia que ela tivesse visto a artemagista, mas seus olhos nunca deixaram meu rosto. Foi aí que vi a tristeza em seus olhos e me senti envergonhada do que quase tinha feito e queria fazer.

Coloquei minha lâmina na bainha. Senti todos os olhos em mim. Que tola eu havia sido. Fiquei com medo. Não sabia o que estava acontecendo comigo e temia não ser capaz de controlar aquilo.

Eu queria contar a Ada sobre a artemagista roubada, mas mantive segredo por tanto tempo que não consegui dizer nada. Eu não sabia se confessar que eu tinha uma pedra mágica seria uma coisa boa.

A bruxa guardou a pequena lâmina cirúrgica em um compartimento secreto na manga do vestido e voltou sua atenção para Jon.

De repente, a sala se tornou muito pequena e muito quente. Eu senti a escuridão dentro de mim diminuir e me concentrei no rosto de Jon. Tudo que eu queria era vê-lo sorrir novamente.

Em me sentia sobrecarregada com o cheiro fétido da pele podre de Jon e pela quantidade de sangue preto e grosso que se derramava dela. Meus dedos tremiam enquanto eu limpava as lágrimas dos olhos. Minhas pernas tremiam e eu mal conseguia me apoiar.

Sangue. Tanto sangue.

— Você está matando ele — eu disse, e minha voz mal passava de um sussurro.

— Existe o risco de ele morrer — disse a velha bruxa, suavemente. — Ele deve ter sido um dos primeiros a ser infectado. A magia negra tem agarrado-o e comido em sua alma. Nós fizemos tudo o que podemos fazer com nossa magia branca. A única coisa que resta para fazer é tentar e eliminar a doença.

Fiquei ao lado de Jon. Meus olhos se encheram de lágrimas ao vê-lo. O

sangue escorria consistentemente de seus pulsos e as duas tigelas estavam cheias até a metade. Tive que resistir ao impulso de estender a mão e tocá-lo. Seu rosto estava magro e mutilado pela infecção. Seus lábios estavam rachados e com bolhas. Eu me sentia inútil. Não pude fazer nada. Não pude salvá-lo.

— Primeiro, precisamos livrar o corpo dele da infecção para que ele possa se curar.

Ada pegou minha mão e apertou. Eu apertei de volta.

— Agora está nas mãos da Deusa. Não há mais nada que eu possa fazer além de esperar. Se ele sobreviver a essa noite, irá viver.

A bruxa voltou-se para mim enquanto limpava as mãos com uma toalha.

— Agora que você finalmente decidiu aparecer, Elena, deve saber que muita coisa aconteceu desde que estive aqui da última vez.

Ela agarrou meu braço.

— Certo — eu disse, tentando me libertar do seu aperto.

A bruxa balançou a cabeça, séria: — Eu gostaria que tivéssemos mais tempo.

Eu franzi a testa:

— Jon não teve tempo. Não havia melhor lugar do mundo para trazê-lo do que aqui.

A alta bruxa balançou a cabeça para mim: — Você não entende. Eu estava esperando por você para te dizer...

— O quê?

As outras bruxas evitavam meu olhar. O silêncio era frio.

Ada parecia triste e assustada.

— Houve um novo acontecimento. Algo que eu não poderia ter previsto.

Algo além do meu controle.

— Ada — eu disse, minha voz era pouco mais que um rosnado. — Você está me assustando. Que novidade? Aconteceu alguma coisa com a Rose?

Os olhos da bruxa se alargaram: — Você precisa ir embora.

— O quê?

— Até que seja seguro novamente. Ouça. — Ela respirou fundo e falou com urgência.

— Há uma pequena cabana ao norte daqui que margeia a Baía de Escuridão.

É bem escondida e você estará segura por lá, por enquanto. Leve seus humanos com você. Eles não devem ser descobertos aqui.

Ela se virou para Celeste: — Celeste, eu gostaria que você ficasse. Realmente precisamos de sua ajuda.

— Claro, eu vou ficar — disse Celeste. — Eu vou ajudar como puder.

Will não parecia disposto a se separar dela.

— Bom — disse a alta bruxa.

Ela se virou para mim — enviarei Fawkes para buscá-la quando for a hora.

Mas você precisa ir agora — — Mas acabamos de chegar aqui. — Fechei minhas mãos em punhos. — O que diabos está acontecendo aqui, Ada?

— Deixe-me explicar — veio uma voz profunda atrás de mim.

Virei-me e senti como se meus pulsos tivessem sido cortados e meu sangue drenado do meu corpo.

Sagard, o rei bruxo de Witchdom me olhava da porta.



CAPÍTULO 16

MEU INTESTINO SE LIQUEFEZ e eu me senti enjoada. Eu me virei e protegi Jon com o corpo. Minha mão avançou para a lâmina de bruxa.

Meus homens se retesaram com a visão do rei bruxo. Vi o ódio na expressão de Will enquanto ele se virava para proteger Celeste. Lucas observava a situação da parede. Nugar rosnou. Os homens não haviam esquecido que o rei os havia lançado nas masmorras serem esquecidos e morrerem de fome. Nenhum de nós poderia esquecer que ele usava peles humanas nas paredes e como cobertura para o seu trono.

Aquele rei era um desgraçado, era o pior.

Até as outras bruxas se encolhiam na presença dele. Eu não sabia se ele era o rei em Arcânia, já que Ada e todas as outras bruxas do reino foram banidas. Ele estava do outro lado do mundo, mas elas ainda tremiam em sua presença. E eu não as culpava.

O casaco preto cintilante do rei bruxo balançou quando ele abaixou a cabeça e entrou na sala. Ele era maior do que eu me lembrava. Talvez fosse porque eu estava mais assustada agora.

Ele se vestia todo de preto, com uma mão vermelha no peito, o emblema dos bruxos negros. A coroa de ferro se parecia com as garras de um animal e seus cabelos longos caíam pelos ombros e chegavam até a cintura. Embora seu rosto não transparecesse sua idade, tinha uma carranca perpétua. Ele usava uma joia cinzenta como pingente, pendurada em uma grossa corrente de ferro. Era sua artemagista.

A minha artemagista reagiu à dele, como se a cumprimentasse, e eu desejei que parasse. Agora não era o momento de fazer amigos. Se a minha artemagista podia sentir outras pedras mágicas, provavelmente o rei podia sentir também... a artemagista da sua falecida esposa.

Um bruxo alto, com o cabelo loiro espetado e olhos amarelos seguiu o rei pela sala. Eu o reconheci como o general do rei pela marca de mão em sua testa e o pingente que pendia em seu grosso pescoço. Atrás dele, vinham seis guardas com marcas idênticas em suas testas e artemagistas em seus pescoços.

Certamente, todos essas artemagistas sentiam a minha.

Silenciosamente, todos entraram na sala. Os olhos do rei nunca deixaram os meus.

Olhei para Ada. Sua expressão era tão furiosa quanto a do rei. Ela agarrou seu cajado até os nós dos dedos ficarem brancos. Parecia que ela estava prestes a fulminar o rei. Ela olhou para a artemagista no pescoço dele e franziu a testa, enojada.

A reação dela só confirmou minhas suspeitas do que ela teria dito sobre a minha artemagista. Nesse momento, a pedra pulsava no ritmo do meu coração.

Celeste silenciosamente se afastou da porta. Ninguém a notou, já que todos os olhos estavam em mim, mas eu pude ver que ela estava com tanto medo quanto eu.

Mantive minha respiração lenta e tranquila, desesperada para controlar o bater frenético do meu coração. Mas não importa o quanto eu tentasse, não conseguiria me acalmar, não com o rei bruxo ali.

Meus joelhos tremiam. Eu sabia porque ele estava ali.

O rei bruxo se movia tão graciosamente quanto uma pantera, vindo em minha direção. O pingente em seu pescoço emanava um brilho amarelo.

— Achou que poderia escapar, não é? Achou que poderia roubar algo caro e precioso para mim e eu deixaria você fugir?

O rei bruxo riu sem humor.

Ele estava falando comigo ou com a pedra?

— Não sei o que você quer dizer — eu menti.

Eu me lembrava muito bem da cerimônia de casamento. Ele havia me olhado com desejo, como se eu fosse algum prêmio raro. Mas agora, não havia desejo em seus olhos. Só ódio. Olhei para trás do rei, na esperança de ver um aliado de cabelo prateado, mas só consegui ver os guardas do conselho.

O rei mandou matar o seu filho e herdeiro, o príncipe que me salvou? Eu temi por ele. E onde estava

Fawkes quando eu precisava dele?

O general do conselho falou.

— Elena Milegard, do clã das Donzelas de Aço — disse ele, com sua voz gutural e profunda. — Você foi acusada do assassinato da rainha Enelyn, amada esposa do nosso rei.

Engoli em seco. Aquilo não estava indo bem.

— E que provas vocês têm?

Eu sabia que estava protelando, mas o que mais podia fazer? Olhei para Ada.

Ela tentou me avisar, mas eu havia insistido em ficar para salvar Jon. Foi exatamente o que ela tentou fazer. Aquilo não era culpa dela. Era minha. Eu precisava assumir a responsabilidade por meus atos.

— Duas bruxas viram você matar a rainha — disse o general. — Eles a viram implorando por sua vida, pedindo para você não a matar. E você a assassinou, como a mestiça selvagem que é.

Aquilo estava ficando cada vez melhor.

— Duvido muito — disse casualmente. — A rainha nunca iria implorar. Você deveria saber disso.

O rosto do general estava corado. Sua testa, franzida: — Cuidado com o que diz, cadela mestiça.

— Vá para o inferno, seu pau mandado.

A sala ficou em silêncio, exceto pelo sangue de Jon, que escorria nas tigelas.

Se eu fugisse agora, sabia que a minha artemagista me daria velocidade e força suficientes para sair viva do castelo. Mas eu não podia abandonar o Jon. Eu sabia que o rei bruxo o mataria assim que eu fosse embora.

O rei bruxo ficou olhando por cima do meu ombro, tentando ver o que estava escondido. Ele não era idiota. Era bastante óbvio que alguém com quem eu me importava estava deitado atrás de mim. Eu traí minhas emoções ao protegê-lo.

Eu não devia ter sido tão estúpida.

— Quem são as bruxas que supostamente me viram matar a rainha?

Não me lembro de ter companhia, mas estava escuro e qualquer um podia ter se escondido nas sombras. O pátio da fortaleza era enorme.

— Duas amas viram você matá-la — respondeu o general.

Seu rosto não mostrava suas emoções, mas vi que ele tentava me estudar, avaliando minha força e minhas possíveis reações.

Ergui minhas sobranceiras.

— O que disseram? E você acredita nelas?

Eu sabia que qualquer pessoa que tivesse me visto também teria visto o príncipe? Ninguém havia mencionado isso até agora.

O sorriso do general teria colocado crianças para correr.

— Um dos nossos mais célebres áugures leu a mente das duas e viu o que elas viram. Ele revelou todos os detalhes de suas ações assassinas. Sua palavra é a única prova que temos. Imagens não mentem.

— Então, se isso fosse verdade — eu comecei com cuidado. Minha garganta doía. — Ele teria visto outra pessoa.

Eu olhei para o rei para estudar sua reação. Seus ombros estavam tensos, mas seu rosto não revelava nada. Ou o desgraçado havia matado o próprio filho, ou estava tentando protegê-lo.

O general se endireitou.

— Os seres humanos são mentirosos. Nunca houve qualquer honra neles.

Eles não são melhores que animais.

Eu queria cuspir na cara dele.

Nugar rosnou e, por um momento assustador, achei que ele se lançaria contra o general com o braço naquele estado. Mas Will colocou uma mão firme no ombro do grandalhão. Aquilo pareceu ter funcionado.

Eu relaxei um pouco. Meu maxilar doía de tensão.

O general olhou para mim novamente.

— Só você estava lá. As duas bruxas e o Áugure confirmaram. Você matou a rainha por ciúmes de seu poder, porque ela era uma bruxa verdadeira e poderosa.

Depois, você roubou a artemagista dela.

Droga. Droga. Droga.

Os olhos negros de Ada estavam em mim antes do General terminar de falar.

Engoli em seco e evitei seu olhar. Se eu a olhasse de volta, ela saberia da verdade. Mas o olhar no rosto de Celeste me dizia que ela havia descoberto tudo, pois me observava com intensidade.

O rei se adiantou e falou com Ada.

— Para alguém tão inflexível sobre a conduta das bruxas — disse ele, — você tem uma aprendiz

peculiar.

— Elena não teria nenhum uso para uma traquitana dessas — disse a alta bruxa. — Ela é hábil em muitas coisas, mas não é uma assassina.

Meu semblante escureceu e eu rezei para que ninguém visse a culpa que eu sentia.

O rei bruxo zombou.

— Ah, mas você está errada, Ada. Parece que seu novo bichinho de estimação é uma assassina. Ela é uma mestiça assassina, o que prova que bruxas e humanos nunca devem se cruzar. Ela vai pagar pelo que fez.

Recostei no estrado de metal da cama de Jon e preendi a respiração enquanto Ada e o rei se encaravam. Depois de um momento de silêncio, o rei desviou os olhos de Ada e me encarou.

O general do conselho falou novamente.

— Elena Milegard do clã das Donzelas de Aço. Você é considerada culpada de assassinato e condenada à morte. Em dois dias, você será decapitada.

— O quê? — Eu engasguei com minha própria língua. A sala começou a girar.

Ada bateu com seu cajado no chão.

— Não vou permitir isso.

— Você não tem autoridade aqui — rosnou o rei. — Seja grata. Eu só vim aqui para tirar uma vida. Continue me provocando e tirarei outras. É meu direito como rei.

Ada pressionou seus lábios. Seus olhos brilhavam. Ela não me ajudaria a sair dessa porque não conseguiria.

Resolvi me defender.

— Foi legítima defesa — implorei. — Ela tentou me matar. Eu agi apenas para salvar a minha vida. Se suas testemunhas viram mesmo o que aconteceu, sabem que eu digo a verdade. Ela atacou primeiro e eu me defendi. Não é minha culpa que ela acabou morta.

Os olhos do rei bruxo brilharam com ódio: — Você vai morrer.

— Mas foi em legítima defesa — eu uivava.

A expressão do rei me dizia que eu devia recuar, mas eu não consegui.

— Eu estava indo para sua maldita fortaleza e ela me emboscou nos arbustos.

Ela tentou me matar. Ela queria me matar porque sabia o que você sentia pela minha mãe.

Os olhos do rei se arregalaram.

— Ela me queria morta. Você não vê? Você sabe que é verdade. Eu posso ver isso em seu rosto. Você sabia o quanto ela me odiava. Seus guardas estavam vigiando ela antes do dia do casamento porque sabia que ela ia tentar me matar.

Mas o rei permaneceu em silêncio. Ele assentiu para seu general.

Eu me virei para a Ada.

— Ada!

Minha voz ficou presa na garganta. Os olhos de Ada estavam marejados. Era isto. Eu tinha perdido.

— Leve-a para a cela.

Os seis guardas vieram até mim. Suas artemagistas brilhavam com poder. Eu vacilei, mas não resisti quando eles me pegaram. Seria tolice tentar qualquer coisa. Suas garras eram como algemas de metal apertadas em torno de meus braços.

Will me olhou como se fosse atacar, mas eu lhe avisei do perigo com um olhar e ele não o fez. Meus homens tinham sofrido o bastante. Eu não queria tê-

los arrastado para aquilo. Meu único consolo era que o rei não parecia se importar com meus homens ou Celeste. Eu queria que continuasse desse jeito.

Enquanto os guardas me arrastavam, eu sussurrei para Ada — Proteja o Jon.

Eles me tiraram da sala antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Me arrastaram pelos corredores como uma criminosa. Eu havia sido condenada sem julgamento. O ódio contra o rei bruxo corria quente pelo meu sangue. Ele podia pensar que havia me derrotado, mas em sua ira, havia esquecido uma coisa.

Eu ainda tinha a minha artemagista.



CAPÍTULO 17

ACONTECE QUE O CASTELO realmente tinha uma masmorra, ou algo bem parecido.

Os guardas do conselho me levaram por um longo lance de escadas que descia até o porão. A única luz vinha de tochas que não iluminavam bem o ambiente. Ao contrário das celas no Templo Dourado, que cheiravam a vômito e desespero, aquele lugar cheirava a mofo, comida velha e solo úmido. O chão em si era de terra e as paredes de madeira estavam cobertas por grossas teias de aranha. O chão era baixo e eu tinha que me abaixar para não bater a cabeça no teto de madeira.

Eu sabia que eles iam procurar a confiscar minhas armas. Mas não podia deixar eles tirarem a minha artemagista. Foi ela que me salvou do necromante, e eu ainda precisava dela. *Se o rei bruxo e seus comparsas podiam usar a deles, por que eu não?*

Eu teria que fazer Ada entender que eu estava guardando por um bem maior.

Então, percebi minha chance quando eles me empurraram pelo porão mal iluminado e tropecei em meus próprios pés. Eu me afastei das mãos dele e usei meus dedos para rapidamente tirar a artemagista da bolsa e colocá-la na minha bota.

— Sua mestiça estúpida — disse um dos guardas enquanto me puxava pelos pés. — Não consegue nem andar?

Eu senti o metal que circundava minha artemagista preso à pele da minha panturrilha.

— Não é minha culpa, eu não consigo enxergar no escuro — eu disse, procurando em seus rostos qualquer indicação de que eles viram o que eu tinha feito. Eles não revelaram nada.

— Mexa-se!

O fecho de metal da artemagista cortava minha pele e eu podia sentir o sangue quente e molhado gotejando pela minha panturrilha. Mas então, senti o calor familiar da magia de cura que entrou em ação, fechando o corte. Sentime grata pelo meu sangue mágico, mas também pelas minhas botas de cano alto.

Minha nova casa estava cheia de sacos de arroz, grãos e carne em conserva, além de móveis usados e quebrados, livros antigos e fezes de rato. Não era uma prisão de verdade, mas provavelmente o único local no castelo sem janelas e com uma grande porta de ferro.

Se eu fosse eles, também me colocaria aqui.

Parecia que celas de prisão fedorentas eram meu destino na vida. Isso se eu continuasse vivendo. Limpei um pequeno banco de madeira para não sentar no chão úmido ou em cocô de rato, depois dei uma olhada na minha perna.

Minha meia e panturrilha estavam molhados com sangue, mas a ferida já estava curada. Apenas uma pequena linha branca jazia no lugar do corte. Tirei a meia e a examinei de perto, franzindo o nariz para o cheiro acobreado. Para sair tanto sangue, devia ter sido um corte profundo. Joguei a meia molhada em um canto e recoloquei a bota. Eu não ia pôr de volta uma meia cheia de sangue.

Infelizmente, minha outra muda de roupas estava no alforje de Torak com o resto dos meus suprimentos. O couro da bota grudava na minha pele e eu já podia antecipar os machucados, mas não havia outra escolha.

Embora os guardas tivessem levado minha bolsa e todas as minhas armas, fiquei com a minha artemagista.

Eu sorria enquanto o segurava como um pêndulo.

Pude ouvir a água gotejando nas proximidades e o som de pequenos pés correndo pelas paredes enquanto sentava no canto da minha nova prisão e observava a porta. A única luz vinha através das rachaduras entre a porta e a parede.

Eu sabia que alguém entraria por aquela porta, mas não quem ou quando.

Eles queriam me executar em dois dias, porque eu havia enfrentado a rainha quando ela quis me matar. Eu não ia desistir tão facilmente. O Coração de Arcânia estava com o necromante e eu era a única que conseguira escapar dele.

Eu também era a única que tinha visto nosso verdadeiro inimigo. Eu precisava avisá-los de alguma forma.

Não tive tempo para sentir pena de mim. As pessoas dependiam de mim. Jon dependia de mim. De alguma forma, eu ajeitaria as coisas.

Ada havia feito tudo o que podia por Jon, mas também disse que tudo que podíamos fazer agora era esperar. Esperar Jon acordar, ou...

Não tive coragem de dizer as palavras. Nem para mim mesma. A alta bruxa disse que Jon devia estar morto, mas que algo ou alguém o mantinha vivo.

Ele ficaria bem. Tinha que ficar. Eu não podia entrar em pânico.

Por que o rei Bruxo veio até Portos Cinzentos? Certamente ele poderia ter mandado um dos guardas me matar sem precisar fazer tamanha viagem. Minha mãe também havia escapado, mas o rei não deixou Witchdom para persegui-la.

Então por que fazer isso agora? Eu matei sua esposa, mas sabia que ele não era tão devotado a ela. Ele queria me tomar como segunda esposa. Aquilo não fazia sentido. Eu estava deixando algo passar.

O zumbido de vozes ecoou de algum lugar nos terrenos do castelo. Pulei do banco e apertei o ouvido contra a porta. Era um encantamento, não na língua comum, então eu soube que se tratava das bruxas. Era o mesmo canto rítmico que eu ouvi quando as bruxas vieram conosco de Witchdom. Eu ainda não sabia o que aquilo significava.

Uma pilha de livros velhos chamou minha atenção. Sem pensar, atravessei a sala e peguei um grande livro com encadernação de couro. O couro rachou quando eu o abri e eu folheei as páginas espedas e amareladas. Enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão, pude ver que aquilo estava escrito na língua das bruxas. Mesmo que eu não conseguisse ler, vasculhei as páginas sem saber o que estava procurando.

Outro livro chamou minha atenção. Parecia com um dos livros de história da coleção de Rose.

Tirei a poeira da capa com a manga e abri a primeira página. Estava difícil enxergar, mas aquilo parecia um mapa. Corri até uma fenda na parede e segurei o livro na luz. Era um mapa, um mapa muito detalhado de Arcânia. Parecia um dos mapas da coleção de Rose, mas depois de uma inspeção detalhada, percebi que o livro era mais velho do que qualquer um que eu já tinha visto.

A tinta estava desbotada e fora completamente absorvida pelo papel em algumas partes. Mas o que realmente chamou a atenção foi que não havia nenhuma referência aos seis reinos. Apesar de estar escrito na língua das bruxas, eu pude reconhecer facilmente a forma do país e os marcadores que representavam vilas e cidades que eu conhecia. Reconheci Lunariss, a capital de Witchdom, mas não haviam fronteiras que indicavam o território ocupado pelas bruxas. Apenas as montanhas serviam como indicadores.

Mudei de posição para enxergar melhor. Eu não sabia o que estava procurando, mas algo me levava a procurar.

Folheei as páginas até encontrar um desenho que retratava uma batalha. O

artista havia descrito o medo e o desespero nos rostos dos caídos de uma maneira assustadoramente precisa e perturbadora. Havia dois tipos de guerreiros, alguns com espadas e alguns sem elas. Eu tentei decifrar as palavras rabiscadas abaixo de cada desenho, mas a tinta estava manchada e desgastada. Era impossível de ler. Ainda assim, era óbvio que uma grande batalha entre as nações ocorreu.

Folheando mais páginas, encontrei batalhas mais detalhadas e até imagens de crianças. Um desenho retratava três mulheres horrorizadas, amarradas em uma estaca e olhando pasmas enquanto as chamas queimavam seus corpos. As imagens eram perturbadoras. Eram todas as representações da morte, e a maioria dos moribundos e os mortos eram bruxas.

Essa era uma descrição exata do passado? O que realmente aconteceu?

Até onde eu havia aprendido com as bruxas, as Donzelas de Aço haviam sido forçadas a ajudar na luta contra as armas de metal dos humanos. Eu não consegui encontrar desenhos de bruxas com armas no livro.

Embora os desenhos fossem perturbadores, não consegui parar de folhear as páginas. Senti que estava prestes a descobrir algo importante. Pulei algumas páginas até ver um desenho que fez meu sangue gelar.

Era um mapa que ocupava duas páginas e retratava navios do sul, norte e oeste, todos indo em direção a Arcânia. Em todos os barcos, haviam bandeiras minúsculas, cujas imagens haviam se deteriorado, então não pude identificar os símbolos. Mas pude distinguir os símbolos nos barcos. Havia emblemas heráldicos de leões, árvores, águias, cobras, cavalos, espadas e um dragão. Era os emblemas dos seis reinos que eu conheço hoje.

A próxima página mostrava os navios na costa e estava claro que os humanos e suas espadas longas promoveram um assassinato em massa de bruxas e suas famílias.

Meu coração sabia que eu estava encarando a verdade. Fawkes havia dito a verdade desde o princípio. Eu fui enganada durante toda a minha vida. Nós fomos enganados. Os humanos que originaram os seus

reinos vieram de outras terras. E parece que eles assassinaram as bruxas que moravam aqui durante uma invasão.



CAPÍTULO 18

EU PASSEI O QUE PARECIA SER uma eternidade na minha pequena prisão.

Meus únicos visitantes eram um ou outro rato do campo, e eles mal me prestavam a atenção mim. Eles estavam mais interessados em encher suas barrigas com arroz, grãos e enormes aranhas pretas peludas. Eu estava começando a pensar que todos haviam se esquecido de mim.

Depois de uma hora ou mais, tive a sensação de que Rose provavelmente viria me ver. Eu sentia a falta dela. Mesmo que as primeiras palavras de sua boca fossem para me repreender, seu rosto familiar acalmaria meus nervos. Eu sorri só de pensar nisso.

Mas ela nunca veio. Ninguém veio.

Eles me jogaram aqui sem comida ou água. Pior ainda, não havia banheiro, nem mesmo um penico. Eu precisava muito me esvaziar, mas não iria me sujar.

Não tinha dúvidas de que era isso que o rei queria. Ele queria que eu jazesse na minha imundície.

Desgraçado.

Rose não devia saber que eu estava ali. Provavelmente a impediam de me visitar. O rei bruxo provavelmente deve tê-la jogado numa gaiola dessas, apenas para me irritar. Mesmo assim, por que não Fawkes? Certamente, o rei teria deixado que seu velho general, seu amigo, viesse me ver. Mesmo assim, ninguém veio.

Fiquei furiosa, perdida na raiva trovejante de uma escuridão que me invadia.

Era uma coisa tangível, que em envolvia como um cobertor. Era quase como um alívio quando eu alimentava isso. A raiva se havia se tornado a minha companheira, e eu gostava dela.

Por que não ficar chateada? Eu fiz o que as bruxas me pediram. Ajudei a derrotar a escuridão que os sacerdotes haviam desencadeado. E, no entanto, fui tratada como um animal, como uma criminoso.

O rei pagaria por isso.

Mas primeiro eu precisava de notícias do Jon. Só então eu poderia fazer os planos necessários...

Chutei o chão com raiva. Eu ainda podia ouvir o canto do outro lado. Eu me sentei no meu banco e apertei o grande livro. Não conseguia parar de pensar nas mentiras que eles haviam nos dito desde o início. O príncipe Áurion estava certo.

Eu era ingênua. Não sabia nada. Mas isso mudaria.

Agora que eu tinha visto o livro e sabia o que havia acontecido, fazia sentido que as bruxas odiassem os humanos.

Mas, não importa o que aconteceu no passado, havia uma nova ameaça, uma ameaça que arriscava a vida de todos. Nós teríamos que ficar juntos se quiséssemos viver.

No caminho para o castelo, eu tinha visto humanos e bruxas que pareciam estar preparados para esquecer o passado e ter um futuro juntos. Eu só esperava que isso bastasse.

Ouvi o som de passos pesados. Deixei cair o livro, enfiei a artemagista dentro da bota, cruzei a sala em dois passos e ajeitei minhas costas na sombra da parede ao lado da porta. Eu tinha apenas meus punhos e meu juízo para me defender.

A pesada porta de ferro se abriu com um rangido. Eu segurei a respiração.

Uma luz amarela se espalhou pelo local com a tocha que meu visitante carregava. Ele se virou para me encarar. Seu cabelo prateado brilhava como pequenas estrelas à luz da tocha. Seu rosto apareceu: — Ora, ora, se não é a minha bruxa favorita que foi pega.

Príncipe Áurion estava na entrada. Sua beleza sempre me surpreendia. Ele era muito perfeito, muito lindo. E muito antinatural. Qualquer mulher viva estaria mentindo se não dissesse que ele era um exemplar perfeito do sexo oposto. Minha raiva desapareceu.

O príncipe virou-se para os dois guardas na porta: — Deixe-nos.

Os dois guardas se olharam antes de obedecerem ao príncipe. Eles fecharam a porta ao sair. Eu não conseguia ouvir o som das botas desaparecendo à distância, então soube que eles haviam ficado bem perto da minha porta.

Idiotas. Se eu quisesse escapar, eu já teria feito isso a essa altura.

O príncipe Áurion entrou na minha prisão. Seu casaco cinza feito sob medida mostrava seu corpo musculoso. Sua pele pálida e sua trança prateada brilhava na escuridão.

Ele se virou para mim com um sorriso malicioso em seu rosto elegante: — O que você está fazendo de pé contra a parede?

Eu fiz uma careta para ele: — Esperando por você, é claro. O que mais?

Eu me afastei da parede, mas mantive uma distância segura entre nós.

O príncipe sorriu:

— É bom ver você de novo, Elena. Senti saudades de você.

O tom profundo de sua voz corou minhas bochechas, e fiquei feliz com a luz fraca na sala: — O que você está fazendo aqui, Áurion? Você veio ver com exclusividade a minha execução?

Percebi que ele segurava um prato de comida na mão. Minha boca ficou cheia de água.

Áurion colocou sua tocha no suporte vazio da parede. Quando ele se virou, perdeu o sorriso.

— Sério, Elena? Depois de tudo o que fiz por você, você ainda pensa que eu estou de acordo com meu pai?

Dei de ombros:

— Não sei mais no que acreditar. Viajei por todo o país para buscar a ajuda da nação que poderia apoiar nossa luta contra a escuridão. E agora essa mesma nação me jogou em uma cela e aguarda a minha morte.

As imagens de humanos matando bruxas no livro ainda me assombraram.

Tive a sensação de que havia mais que eu não sabia.

O semblante dele era suave: — Tome. Achei que você poderia estar com fome.

Ele colocou o prato em cima de uma bolsa de arroz. Fiquei ao lado dele, salivando pelos queijos, nozes, fatias de maçãs, uvas, tâmaras e morangos. Soltei um gemido, mas corei quando percebi que ele me ouviu.

— Obrigada — eu disse mastigando. — Isso é melhor que comer aranhas.

Os dentes do príncipe brilharam na luz fraca quando ele sorriu: — E a Rose? Você a viu?

Ele pareceu perplexo.

— Ela é uma pessoa mais velha com cabelos grisalhos. Magra, mas espero que nem tanto como da última vez em que a vi. Ela está aqui no castelo. Ada prometeu cuidar dela enquanto eu estivesse ausente. Ela é muito querida para mim.

Minha voz vacilou. Fiquei surpresa por ter abaixado minha guarda tão depressa.

Áurion assentiu com a cabeça: — Acho que a vi. Ela estava com os humanos que você trouxe para Witchdom. E aquela empregada também está com eles.

— Celeste. — Soltei uma respiração tremenda. — Obrigada.

Eu devorei um pedaço de queijo de cabra com uma fatia de pão doce. Quase mordei meus dedos. Rose provavelmente teria um ataque se me visse fazendo algo tão grosseiro. Eu sorri e lambi os dedos.

Felizmente, o príncipe não notou minha falta de decoro. Ele olhava para o seu anel de artemagista, girando-o no dedo.

Depois parou e esfregou o rosto: — Eles lhe disseram alguma coisa?

— Tudo o que sei é que seu pai está chateado comigo por ter matado a esposa dele e me quer morta. Claro que eu odiava aquela vadia, mas eu estava indo embora. Ela atacou primeiro.

Meus dedos estavam pegajosos e eu não tinha como lavá-los, então resolvi esfregá-los na minha calça.

O príncipe me olhou nos olhos: — Eu disse a ele que a rainha atacou primeiro. Eu disse que você e eu agimos em defesa própria.

Eu respirei alto:

— Sim, mas seu pai parece pensar o contrário. Ele disse a todos que eu agi sozinha, e que eu parti para matá-la sozinha. Que eu a assassinei.

— Não foi isso que aconteceu.

— Tente contar isso ao seu pai — bravejei.

O príncipe Áurion balançou a cabeça: — Meu pai sempre desvia a atenção quando se tratava da rainha Enelyn.

Desde a morte misteriosa da minha mãe, ele sabe que eu suspeito que a Enelyn a matou. Mas eu nunca poderia provar. Foi uma das razões pelas quais nos afastamos. Além da obsessão por matar humanos. Ele e eu nunca chegaremos a um acordo.

A dor em sua voz me deixou comovida. Eu queria poder ser capaz de oferecer um pouco de consolo. Mas parei e fingi estar interessada na pilha de livros.

— Estou cansada de ser usada — disse eu quando me virei para encará-lo. — Estou cansada de todos mentindo para mim.

— Eu não menti para você.

Levantei uma sobrancelha cética quando o príncipe sorriu e disse: — Porém... — Ele se aproximou de mim e falou mais intimamente. — Você sabe que eu precisei contar aquelas mentiras... por sua causa. Nunca quis mentir para você.

— Claro.

Áurion cerrou o queixo: — Mas ainda há algo que eu quero saber.

Eu engoli em seco, mas não deixei de olhá-lo: — O quê?

Ele estava tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo e sentir a doçura do perfume em sua pele.

Seu rosto estava a poucos centímetros dos meus agora, e sua respiração era refrescante.

— Você pegou a artemagista da rainha?

Abri minha boca para preparar minha mentira, mas de alguma forma as palavras não vieram.

O príncipe lançou um sorriso: — Foi você, não foi?

Seus olhos rolaram sobre meu corpo, lentamente, subindo pelas minhas coxas e continuando no meu peito.

— Onde está?

Ele se inclinou para frente, e eu fiquei paralisada enquanto ele passou o dedo pelo meu pescoço, deslizando-o lentamente à procura da pedra.

O sangue correu para o meu rosto. Dei um tapa na mão dele e me afastei.

— Não está comigo.

A mentira era fraca e óbvia, mas não pude pensar em mais nada para dizer em minha defesa gaguejante. Meus olhos se moveram para o anel em seu dedo.

— E porque você se importa? Você já tem uma.

O príncipe olhou por um momento: — Porque meu pai quer de volta.

— Por quê? — Eu perguntei. A artemagista beliscou minha pele. — Ele tem uma muito maior.

O sorriso de Áurion aumentou: — Por que ter uma quando você pode ter duas? Mas ele a quer porque, segundo a tradição, ela pertence ao clã das Bruxas das Trevas e deve ser entregue ao próximo dono e portador em sequência à linhagem.

Não gostei do rumo da conversa. Nem morta eu devolveria a artemagista. Eu suspeitava que Áurion queria a pedra para si, não por razões egoístas como seu pai, mas por outra coisa.

— Você não acha estranho o rei se dar a todo esse trabalho? — Eu perguntei a ele. — Por que ele iria até o reino que ele odeia, cercado por milhares de humanos que ele também odeia, só para me matar?

O príncipe me encarou: — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que não acho que o rei veio aqui só por minha causa e certamente não veio apenas atrás da artemagista supostamente roubada.

— Então o quê?

Eu balancei a cabeça:

— Não tenho certeza. Mas pode não ter sido apenas por minha causa. Ele poderia ter enviado um exército atrás de mim. Por que vir pessoalmente?

O príncipe me observou com os olhos distantes, mas não disse nada. Se ele soubesse, não me diria.

— Você ainda não me disse por que está aqui — disse eu, desesperada para mudar de assunto. — Por que você veio aos Portos Cinzentos?

Ele sorriu e seu olhar se intensificou: — Não é óbvio?

Desviei o olhar enquanto o calor subia do meu pescoço para o meu rosto.

— Pare de brincadeiras, Áurion. Tenho menos de dois dias de vida. E se você diz que se preocupa comigo, se somos *amigos*, me conte.

Eu notei que ele franziu a testa diante da palavra *amigos*, mas seu sorriso voltou rapidamente.

— Eu vim para manter você em segurança — ele disse.

Eu acreditava nele. As emoções em seu rosto e os olhos fez um calor percorrer o meu corpo.

Ele observou meu rosto com atenção. Dava para perceber, pela minha reação, que eu sabia o que ele queria, mas eu não podia dar a ele. Qualquer alegria antes presente em seus olhos desapareceu, apenas uma calma fria permanecia: — Em segurança contra o pai?

— Em parte — disse o príncipe. — Depois que meu pai descobriu que a rainha estava morta e você havia desaparecido... Bem, você pode imaginar a indignação dele. Você o fez parecer um idiota. Um fraco. Depois disso, ele matou todos os humanos que podia encontrar.

Eu me lembrei de todos os humanos miseráveis que trabalhavam nos campos.

— O quê? Por quê? Por que ele faria tal coisa?

— Porque ele pode — disse o príncipe friamente. — Mas suspeito que seja porque eles lembrem alguma coisa, talvez você, talvez alguma outra coisa. Ele tem procurado você desde então.

Seu olhar mudou:

— Há algo que você deveria saber. A decisão de matá-la não é coisa do meu pai.

— Não brinca! Ele tem uma maneira estranha de demonstrar isso.

Seu rosto se endureceu: — Foi o Conselho dos Clãs. Eles forçaram a barra. Meu pai só queria que você fosse punida.

— Que amor. — Não pude deixar de estremecer.

— Ainda assim, eles o convenceram. Eles disseram que...

Ele desviou o olhar de mim.

Eu me inclinei para a frente: — Disseram o quê? Você não pode simplesmente começar uma frase e me deixar com o suspense assim. O que eles disseram? Não se preocupe em ferir meus sentimentos. Eu posso lidar com isso.

O príncipe esfregou as têmporas.

— Eles disseram que uma meia-raça bastarda deveria morrer por matar um bem-nascido. Deixar você viver mostraria fraqueza por parte do meu pai.

Minha raiva aumentou e senti aquela dor quente atrás dos meus olhos novamente. Minha cabeça parecia que estava em chamas. Minha visão ficou turva, me senti tonta, com frio e calor de uma só vez. E então tropecei.

— Elena, o que foi? — Príncipe Áurion estava ao meu lado. — O que está havendo?

Mantendo a respiração, esfreguei minhas têmporas.

— Não é nada. Apenas uma dor de cabeça. Provavelmente porque fiquei presa aqui respirando esse ar sujo. Já vai passar.

Minhas dores de cabeça estavam piorando.

Será que estava ficando doente? Por que a minha magia de sangue não estava dando conta de uma simples dor de cabeça?

— E qual é a outra parte? — perguntei.

Minha dor de cabeça estava diminuindo um pouco.

— O que mais trouxe você aqui?

O príncipe inclinou a cabeça.

— Por causa da assembleia convocada.

Ele já tinha toda minha atenção agora: — Que assembleia?

— Um encontro convocado pelo Conselho dos Clãs, meu pai e Ada, dos Portos Cinzentos. Nós nos encontraremos com os representantes dos reinos humanos, qualquer um que tenha sobrevivido, além dos líderes rebeldes. Eles suspeitavam dos necromantes e dos sacerdotes há muito tempo.

Pensei em Jon e meu coração doeu. Mas ele estava doente demais para falar pelos rebeldes. Eles já deviam ter escolhido alguém a essa altura...

— É uma assembleia para decidir o nosso destino — continuou o príncipe.

— Estamos começando os preparativos para a guerra contra os necromantes.

Precisamos de um bom plano se quisermos derrotar esses *sacerdotes*.

Eu agarrei seu braço:

— Áurion. Eu *preciso* estar nessa assembleia.

Ele ergueu uma sobrancelha: — Isso pode ser um problema, já que você foi acusada de assassinato.

Fiquei de costas e soltei o braço dele.

— Droga, Áurion, isso é importante. Tenho informações importantes.

De repente, percebi com que frequência usava seu nome de forma tão íntima.

O que eu estava sentindo?

— Como o quê? — O príncipe parecia calmo, mas seus olhos estavam inquietos.

— Eu estive dentro de um portal dos demônios e sobrevivi para contar.

Seus olhos se arregalaram, mas ele manteve sua compostura.

Comecei a gritar:

— Eu vi o que enfrentamos. Eu senti. Vivi. É ruim, Áurion. Realmente, muito ruim. Eu sei o que os necromantes estão planejando, e seus líderes não fazem ideia.

Áurion esfregou o rosto: — Verei o que posso fazer: — Por que eles estão fazendo isso comigo? — Eu perguntei.

Fiquei desconfortável com o quão íntimo sua voz se tornou: — Não vou deixá-los machucar você, Elena.

Dei de ombros:

— Eu posso cuidar de mim mesma. Basta me dar uma cadeira nessa assembleia.

O príncipe sorriu:

— Considere isso feito.

Ele se dirigiu à saída, mas depois se virou e acrescentou: — Ah, e por sinal, acho que você gostaria de saber uma coisa.

— O quê?

— Jon está acordado — disse o príncipe.

Ele fechou a porta atrás de si.



CAPÍTULO 19

JON ESTAVA ACORDADO.

Eu quase não conseguia me conter.

Áurion havia dito isso, e eu sabia que era verdade, porque o príncipe parecia um pouco triste e evitou meu olhar ao falar. Em meu coração, eu me importava com o príncipe, provavelmente mais do que ele percebia, mas nunca seria da maneira que ele queria. Nunca iria além de uma amizade. Eu nunca poderia sentir por ele o que sentia por Jon. Não sabia como expressar isso ao príncipe sem machucá-lo. Eu ainda precisava que ele me incluísse naquela assembleia.

Jon estava acordado!

O que isso significava? Ele estava acordado e ainda perto da morte? Ou ele estava acordado e se recuperando?

Passei horas completamente preocupada, pensando em Jon, quando a porta da minha cela se abriu novamente.

O príncipe Áurion estendeu as mãos para mim: — Rápido, antes que mudem de ideia.

Eu praticamente corri para os braços dele. Eu sabia que um abraço era uma má ideia, então só dei um belo aperto de mão.

— Não sei como você conseguiu, mas estou muito agradecida.

— Podemos falar mais tarde sobre o quanto você me deve — disse o príncipe com um brilho malicioso em seus olhos prateados.

Segui o príncipe e quatro guardas do conselho através das cavernas subterrâneas do castelo. Eu estava enjoada e nervosa quando chegamos ao ar fresco do piso principal.

Eles acreditariam em mim?

O príncipe estava radiante em roupas imaculadas. Ele cheirava a frutas doces e algo almiscarado, enquanto eu cheirava a podridão, sangue, mofo e suor. Eu estava envergonhada. Eu estava péssima, exatamente como a selvagem que eles esperavam que eu fosse.

O príncipe não parecia se importar com a minha aparência e cheiro de celeiro. Os demônios também não se importariam com o meu odor. E eu tinha certeza de que uma água de rosas e um vestido de seda não os impressionariam.

Os guardas me deram alguns minutos para usar um banheiro no piso principal, e quase desmoronei de alívio.

Em seguida, passamos por um longo corredor, em cujas janelas eu podia ver nossos reflexos enquanto caminhávamos. Percebi que era tarde da noite. O

castelo estava agitado com o movimento e as vozes das diversas bruxas que estavam sendo acomodadas. Não consegui reconhecer todos os rostos.

Será que entre elas estavam as bruxas que vieram conosco de Witchdom? Ou eram bruxas que tinham vindo depois ou até antes?

Fawkes havia dito que muitas mais viriam e, pelo jeito, ele estava certo.

Perguntei a Áurion se Jon estava presente na reunião, mas ele disse que Jon ainda estava fraco demais para fazer qualquer coisa. Ainda assim, eu queria procurá-lo depois da assembleia. Uma coisa era certa. Eu não voltaria às entranhas do castelo agora que sabia que Jon estava vivo.

Chegamos a um grande conjunto de portas duplas, e pude ouvir os sons de uma discussão acalorada de dentro. O príncipe me deu um sorriso encorajador e abriu as portas. Eu lutava para controlar meus nervos.

A câmara tinha tetos altos, mas não havia janelas. Nas paredes, se encontravam tochas acesas e um grande candelabro esculpido em forma de chifres no teto. O ar cheirava a velas, suor e incenso.

Senti a pressão dos olhares sobre mim assim que entrei, e o ar de repente ficou cheio de silêncio.

A assembleia era composta por cadeiras altas de madeira esculpida em torno de uma mesa de carvalho gigante no centro da sala.

Fiquei surpresa ao ver o rei bruxo na frente da mesa. Ele não fez nenhuma tentativa de esconder sua carranca, e o ódio em seus olhos era visível. O

conselho todo também me observava. Fawkes estava sentado duas cadeiras à esquerda do rei e Ada à direita, ao lado das duas bruxas do Conselho do Clãs, Forthwind e Ysmay. O restante do Conselho dos Clãs parecia igualmente sério.

Fawkes franziu o cenho para o rei. Will ergueu o queixo com uma saudação fria. Ele estava sentado ao lado de um homem grande com uma barba vermelha que eu não reconheci, mas que talvez fosse um dos líderes rebeldes.

Três homens e uma mulher também se sentavam à mesa. Humanos. A mulher era negra e tinha uma expressão rígida, com olhos tão pretos como a noite. Ela estava usando as cores roxa e verde de Púrtula. O homem ao lado dela usava o emblema do dragão vermelho da Espânia em sua túnica. O outro homem tinha um rosto comprimido e cabelos grisalhos, e usava as cores azul e branca da Frânsia. O último era um homem corpulento de cabelo castanho-avermelhado vestindo as cores vermelho e dourado de Ânglia.

Não havia representantes do povo Romiliano e Girmaniano. Apenas quatro dos seis reinos estavam aqui.

Embora ninguém se levantasse para me receber, ninguém parecia se incomodar com a minha aparência pós-calabouço. Parecia que eu havia interrompido algo importante, uma reunião secreta à qual eu não pertencia. Eu nem fui apresentada; me senti uma tola, uma menina em um local de adultos.

Mas eu não era uma garotinha há muito tempo. Minha raiva só aumentava.

Demorou para eu conseguir me controlar e manter a boca fechada. Eu queria amaldiçoar todos.

Eu tinha que lembrar que eu era um soldado da luz. Eu estava fazendo isso pelas crianças escassas do Fosso, as bruxas boas, por Jon, por Torak e pelas florestas de Arcânia e os insetos que vivem lá. Eu estava fazendo isso por todos eles. Eram as bruxas e os humanos sem títulos que importavam. Não são esses bastardos pomposos.

O rei parecia satisfeito ao ver meu desconforto. Se eu tivesse minha espada, arrancaria seus olhos. Mas não tinha, então mostrei meus dentes e pisquei os olhos para ele.

O rei adquiriu uma tonalidade feia de púrpura, e fiquei surpresa por ele não ter atirado sua magia negra em mim logo em seguida.

O príncipe tomou o assento à esquerda de seu pai. Eu puxei uma cadeira e me sentei ao lado de Fawkes. O olhar franzido dele se aprofundou.

— Obrigado por vir até mim — sussurrei, esfregando minhas palmas suadas na minha calça. — Que belo amigo é você.

— O Prince Áurion não a resgatou? Eu pensei...

— Eu pensei que você fosse meu amigo. — Meu coração batia na minha garganta.

Ada curvou a cabeça em saudação, esperou mais alguns segundos e depois pediu ordem na assembleia.

— Bem-vindos e obrigada por terem vindo — disse a bruxa. — Para aqueles que não conhecem, os Portos Cinzentos foram originalmente fundados no lado ocidental de Arcânia por um pequeno grupo de bruxas que serviram à Deusa e às forças elementais da natureza. Após a Grande Guerra, nosso conselho se expandiu e se tornou um refúgio ou, com mais precisão, um terreno neutro para todas as bruxas e humanos.

Ada respirou fundo. Ela parecia cansada à luz das velas.

— As nações humanas e as bruxas nunca antes se sentaram com um objetivo comum. Estamos reunidos aqui hoje para unir nosso poder e conhecimento com a intensão de livrar nosso mundo da escuridão

ameaçadora.

— Com o uso da pedra do Coração de Arcânia — continuou a bruxa — os necromantes podem liberar o acesso aos reinos dos demônios criando aberturas no véu que nos protege. Nossos escudos mágicos estão enfraquecendo em todo o mundo. Em breve, eles entrarão em colapso e o véu não será capaz de se reparar.

Se isso acontecer, não haverá nada para impedir a magia negra dos necromantes.

Não importa se você está aqui em Arcânia ou em Witchdom, a escuridão se estenderá a todos nós.

O sangue correu para o meu rosto quando todos os olhos se viraram para mim, como se todo esse mal tivesse sido minha culpa. Claro que eles estavam certos, eu era parcialmente culpada, mas eu não tinha controle sobre os necromantes. De alguma forma, eu consertaria o estrago.

— Por que devemos cuidar do que acontece com o mundo dos humanos? — bravejou o rei bruxo.

Seu general assentiu em aprovação, e eu pude ver algumas bruxas do Conselho dos Clãs concordando.

Os humanos, no entanto, ficaram horrorizados com a traição do rei bruxo.

— Eu digo o seguinte — continuou o rei — Deixem esses meros necromantes livrarem nosso mundo dos humanos. Esta mundo nunca pertenceu a eles, para início de conversa. Nós, bruxas e bruxos, devemos concentrar nossos esforços em proteger nossas próprias fronteiras e nosso próprio povo. Deixem os humanos morrerem. É tudo o que eles merecem.

— Eu me recuso a ser tratado dessa maneira por um adorador do diabo! — bravejou o representante da Frânsia.

Eu me movi com desconforto em meu assento, e pude ver que o rosto de Will também havia se obscurecido. Eu não estava surpresa com a maldade do rei bruxo.

O representante da Frânsia virou-se para Ada e apontou um dedo acusador para ela.

— O Criador disse que o propósito do diabo ao inventar a magia era atrair a humanidade para longe da verdade. É isso que está acontecendo aqui? Você disse que veio aqui porque poderíamos nos ajudar. Você disse que devemos nos aliar com as bruxas, que era nossa obrigação fazer isso para sobrevivermos. Era um truque?

Ele empurrou a cadeira para trás e se posicionou para sair. Os rebeldes e todos os outros humanos também se posicionaram.

— Você convocou essa reunião para nos fazer de tolos!

Ada levantou-se e estendeu as mãos.

— Por favor, sentem-se — disse aos humanos. Sua voz era surpreendentemente suave e cheia de compaixão.

Ela olhou para o rei bruxo: — O rei não fala por todos nós.

O rei bruxo parecia orgulhoso, como se ele estivesse feliz por ter ofendido a todos.

Depois de um momento desconfortável, os representantes humanos se sentaram. Ada esperou até que todos estivessem em seus lugares novamente antes de prosseguir.

— Deixe-me lembrá-lo, rei bruxo — disse Ada. — Você pode ser o rei de Witchdom, mas você não é rei de Ânglia nem de nenhum dos outros reinos humanos.

Prendi a respiração com esperança e surpresa, mas uma sombra encobriu o rosto do rei. Ele não disse nada.

Ada se voltou à mesa. O rosto dela estava corado.

— Convocamos esta assembleia porque a situação afeta a todos. Bruxos e humanos. Precisamos uns dos outros para vencer essa guerra.

Ela hesitou por um momento e, quando falou novamente, sua voz saiu grave.

— Estou profundamente preocupada com os necromantes adquirindo tanto poder em tão pouco tempo, e não pode ser apenas a pedra. Há algo mais.

— Como o quê? — perguntou uma das bruxas do Conselho dos Clãs. — Todos sentimos o poder da pedra do Coração de Arcânia. Mas era apenas uma das grandes pedras. Você está sugerindo que outras foram encontradas?

Eu me mexi na cadeira. Minha artemagista pulsava contra a minha perna.

Lembrei-me de que Ada havia mencionado que havia mais de uma pedra mágica, mas que tinham sido destruídas. Eu estava certa de que elas não haviam sido cortadas em artemagistas. E se ela estivesse errada? E se os necromantes haviam conseguido encontrar outra pedra?

— Não tenho certeza — disse Ada. — Talvez seja algo que ainda não vimos ainda. Outra pedra poderia explicar por que a praga negra se espalhou tão rápido e por que tantos portais demoníacos foram abertos.

Forthwind e Ysmay inclinaram a cabeça, sussurrando, e mais de uma vez seus olhos repousaram em mim. Um arrepio percorreu minha espinha.

— Se não a pedra — perguntou a Fawkes — Então, qual é a fonte do poder?

Sabemos que eles estão usando ele há séculos. Então, de onde eles estão pegando essa magia? Todos sabemos que esses necromantes não possuem magia de sangue e que eles precisam pegar emprestada a magia de outra fonte para manipular qualquer pedra mágica. E eu tenho a sensação de que eles estão conseguindo isso em algum lugar deste reino.

— Sim — disse Ada. — Eu acredito que isso seja verdade. Em algum lugar neste reino, deve haver uma fonte de magia. Deve haver uma fenda no mundo onde a fonte de poder é derramada.

A expressão do rei mudou de tédio para cautela. Ele olhou para mim, mas não desviei o olhar. Eu não permitiria que esse bastardo me intimidasse.

— Esses necromantes... — perguntou ao príncipe, e retirei minha atenção do rei. — Será que eles estiveram fora deste reino?

— Sim — disse Ada. — Eles estiveram em todos os seis reinos há muitos anos.

O príncipe balançou a cabeça.

— Eu quis dizer, desde que a escuridão se espalhou. Eles já se ausentaram da Cidade das Almas? Se eu fosse dar um palpite, diria que a fonte da magia está vindo de algum lugar daquela cidade. A escuridão se originou naquela área, então seria lógico pensar que a maior concentração de magia também estaria lá.

A escuridão teria se espalhado mais rápido se os sacerdotes tivessem viajado para os outros reinos para libertar sua maldade. Eles poderiam até ter viajado para Witchdom.

— Eles nunca chegariam a Witchdom — grunhiu o rei.

O príncipe olhou casualmente para a mesa, como se estivesse dando tempo para essa nova informação se instalar.

— Então, devemos nos perguntar o porquê? Falando estrategicamente, se fosse eu e eu tivesse um poder infinito, eu teria atacado todos os lugares ao mesmo tempo. Mas não foi o que aconteceu. Eu só posso imaginar que não podem fazer isso. De alguma forma, eles estão ligados a essa cidade.

— Ele tem razão. — Eu falei antes que pudesse me conter. Eu sabia que o príncipe estava certo. — A fonte de poder deve estar lá.

Fazia todo o sentido para mim. Os necromantes haviam ficado na Cidade das Almas e não saíam desde que a desordem havia se instaurado. Talvez eles não pudessem sair.

Ada confirmou minhas suspeitas.

— De acordo com nossos espiões, os sacerdotes necromantes permaneceram em Ânglia e seus arredores. Talvez tenham ficado na Cidade das Almas. Tenho certeza de que podemos descobrir.

O rei bruxo estudou seu filho.

— A avaliação do meu filho parece verdadeira — disse ele, ignorando-me completamente. — Mesmo se eles quisessem tentar tomar um pedaço de Witchdom, sua magia não seria suficientemente forte. É como estou falando desde o início.

O rei sorriu, mas seus olhos eram frios.

— Witchdom está bem protegida. A magia deste mundo e de Witchdom, e as montanhas que a protegem, são muito mais antigas que a magia deles. Esses necromantes não têm nada comparado a nós. Esses sacerdotes morrerão antes de entrarem no meu mundo.

— As fronteiras mágicas que protegem a nossa terra mudaram — disse uma bruxa do Conselho dos Clãs.
— Nós sentimos a escuridão chegar dentro de nossas fronteiras. Você já havia partido para o domínio humano. Era uma mensagem de que eles estavam vindo.

O rei bruxo balançou a cabeça.

— É uma ameaça vazia. Seu poder não vai além das montanhas. Você está enganada.

— Mas e se não for assim? — perguntou o príncipe. — E se você estiver errado, pai? Quem sabe quantas bruxas vão morrer antes de impedirmos os necromantes. O que acontece quando eles ficarem mais fortes, mais ousados e ficarem de olho em Witchdom? E se eles lançarem outra praga negra ainda maior que a última? Não somos imortais. As bruxas não sobreviveriam a um ataque desses. Você está disposto a arriscar as vidas de centenas de milhares de bruxas?

O rei bruxo franziu a testa: — Na verdade, você não acredita nessas bobagens, não é?

Eu me mexi na cadeira. A tensão entre o rei e seu filho era perturbadora.

Depois de uma hesitação estranha, o príncipe Áurion apertou o queixo e disse: — Acredito. Nossa maior fraqueza é que sabemos muito pouco sobre os necromantes. Que outros segredos eles têm? Que outro mal se esconde com eles? Eu acredito que este é apenas o começo de algo muito pior.

— É verdade — comecei, mas minha voz foi abafada pelo murmurinho na mesa.

Eu tentei novamente:

— O que está por vir é...

— Estes necromantes — bravejou o general do conselho — não passam de humanos. E os seres humanos são facilmente mortos. Eu proponho que avancemos e os esmaguemos quando eles menos esperarem. Eliminamos a fonte de poder, e eles não terão nada com o que lutar.

— Mas por que eles estão fazendo isso? — perguntou a representante de Púrtula com raiva — Eles eram praticamente reis em Púrtula. Eles tinham tudo o que poderiam querer: poder, mulheres, ouro. Eles eram praticamente deuses. Por que esta escuridão e maldade? O que mais eles poderiam querer?

— Não é óbvio? — perguntou um bruxo do conselho com um tremor em sua voz.

Ele pressionou os dedos nodosos sobre a mesa: — Porque não foi o suficiente. Eles querem mais poder. Eles querem matar quem tem poder e governar em nosso lugar. Eles querem dominar ambos os reinos, Arcânia e Witchdom.

— Você está errado — eu intervim. Minha voz levantou-se juntamente com a minha raiva. Eu estava cansada de ser ignorada. — Eles não pretendem nos governar.

O rei bruxo bateu o punho na mesa e fez todos pularem.

— Feche sua boca imunda. Você ainda está aqui... ainda está respirando...

porque meu filho diz que você tem informações importantes para compartilhar.

Mas tudo o que vejo é uma merda humana assassina...

— Deixe-a falar — a expressão de Fawkes era severa quando ele franziu o cenho contra o rei. — Este é um terreno neutro. Toda pessoa nesta sala tem o direito de expressar sua opinião.

Ele me deu um aceno encorajador: — Elena tem exatamente o mesmo direito que qualquer outra pessoa.

O rei bruxo me encarou com raiva: — Está bem! Deixem a bastarda falar.

Minha indignação só aumentou com as palavras do rei e a satisfação em seus olhos.

Imbecil.

Meus olhos se moveram para os outros reunidos na mesa.

— Os sacerdotes não ficarão com o poder. Mas, sim, os demônios.

— Os demônios? — perguntou um homem de cara pastosa de Ânglia.

Fawkes se virou para me encarar.

— Como você sabe disso?

— Porque eu vi com meus próprios olhos. Eu estive do outro lado.

Olhei ao redor da sala, mas não consegui dizer pelas expressões feridas se eles acreditavam em mim ou não.

— Passei por um portal dos demônios e caminhei no mundo deles. E tive uma conversa com um de seus líderes.

Dei um espaço para absorverem esta informação.

— Os sacerdotes necromantes não agiram sozinhos. Eles estão fazendo a vontade de seu Senhor. Eles o chamam de Descriador, e se eu fosse dar um palpite, diria que ele é o senhor do submundo. Este Descriador é seu mestre. Ele os esteve guiando o tempo todo. Os necromantes o ajudaram em seu plano de subir ao mundo dos vivos. A pedra era apenas um amplificador da magia. Ela acelerou o processo. É por isso que eles precisavam da pedra e por isso criaram aquela corrida ridícula. O demônio também disse algo sobre sacrifícios de sangue. Não consigo entender essa parte. Tudo o que eles estão fazendo é para abrir um buraco no véu grande o suficiente para eles trazerem o Descriador para o nosso mundo...

— *Exterminatore* — disse Ada.

Ela olhou para mim:

— Significa destruidor da vida na língua de Witchdom. Mas em linguagem comum, é o Descriador. Ele é o senhor do submundo e mestre da escuridão. Ele não é uma criatura, Elena, mas um deus.

O lugar se irrompeu em gritarias. Mas o que congelou meu sangue eram os olhares compartilhados pelo Conselho dos Clãs. Era como se eles já soubessem ou pelo menos suspeitassem disso.

— Um deus? — olhei para Ada e um medo percorreu minha espinha. — Mas não pode ser.

— Por que não? — Ada parecia calma. — Se você acredita na Deusa, ou no Criador, você deve acreditar no Descriador. Onde há luz, há também a escuridão.

Um não pode existir sem o outro. O Descriador é o oposto polar da Deusa, e seu ódio à vida é infinito.

— Besteira — gritou o rei bruxo. — Como você pode acreditar nela? Ela é uma assassina. Ela matou uma rainha bruxa e fugiu como covarde. Se ela fosse inocente, por que fugir? Porque ela era culpada.

Ele franziu o cenho e sua artemagista pulsou com magia.

— Por que você acreditaria nessa meia raça?

Ele se inclinou para mim na mesa: — Eu deveria tê-la matado quando tive a chance...

— Eu acredito nela, rei bruxo — respondeu Ada. — Chegaram até nós notícias de que os guardas do templo estão reunindo os humanos sobreviventes e levando-os para Cidade das Almas.

Eu sabia que os humanos na mesa eram sua fonte de informação.

— Já ouvimos relatos de centenas de sacrifícios humanos.

— Por que sacrificar humanos? O que tem a ver com o Descriador? — Eu perguntei.

Isso explicaria por que as ruas e as aldeias estavam desertas quando fomos resgatar Jon. Também explicaria por que os seres humanos sobreviventes haviam fugido para os Portos Cinzentos. Mas eu não conseguia juntar as peças. Eu pensei que os sacerdotes queriam criar um exército dos infectados, e não os matar.

— Se você pensa na pedra como a chave para destravar a porta do submundo, então o sangue é o caminho — disse Ada. — O sangue é a vida, e o Descriador precisa de uma quantidade substancial delas para vir ao nosso mundo.

— Mas como podemos detê-lo? — Eu estava começando a entender melhor.

Uma sombra envolvia o rosto cansado de Ada.

— Não sei ao certo... O Descriador é o governante da escuridão. Sua fraqueza é a luz. Isso é tudo o que sei.

Quando abri minha boca para fazer outra pergunta, as portas se abriram e Celeste entrou. Ela estava em pânico.

Meu estômago revirou quando ela olhou para mim.

— É a Rose, Elena. Algo aconteceu com a Rose.



CAPÍTULO 20

CORRI PELA porta atrás de Celeste enquanto o rei bruxo gritava: — Seus tolos! Ela está tentando escapar, e essa outra está ajudando!

Eu não sabia se Ada e os outros o acreditavam ou não, mas eles enviaram uma série de guardas do conselho atrás de mim. Surpreendentemente, os guardas correram ao nosso lado e não tentaram nos impedir.

Minha comitiva se esforçava para acompanhar o ritmo enquanto eu voava pelos corredores atrás de Celeste. Ela corria com a graça e destreza de um ladrão, mas eu suspeitava que ela estava correndo com o mesmo combustível que eu: o medo.

Oh, Deusa, não! A Rose!

Eu me perguntei se os corações realmente podiam se partir. O meu estava despedaçado. Minha artemagista cortava a pele da minha perna enquanto eu corria, mas a dor me impedia de desabar em soluços. O rosto de Celeste era uma máscara de terror, e eu sabia que era algo muito ruim estava acontecendo.

Fiz mais força para correr ainda mais rápido.

Eu não pedi permissão para ver a Rose. Eu simplesmente saí correndo. Para o inferno com todos! Se eles tivessem tentado me parar, eu teria socado cada um para fora do meu caminho. Já estava cansada de tanta conversa fiada. Eu não era inimiga. Se eles não podiam ver isso, eu não desperdiçaria mais do meu tempo tentando ajudá-los.

Minha visão foi ficando turva à medida que corríamos, só notei algumas bruxas tentando sair rápido da frente quando Celeste e eu passamos por um corredor. E, quando subimos pelas escadas, outras bruxas saíram de seus aposentos para ver o que estava acontecendo.

Eu conseguia ouvir o som rítmico de um cantar. Embora fosse tão baixo quanto um trovão distante, era alto o suficiente para eu ouvir.

Eles estavam chamando meu nome.

Minha pele se arrepiou quando escutei, mas não tinha tempo para pensar no que aquilo significava. Eu simplesmente me concentrei em encontrar Rose.

Celeste nem me contou o que havia acontecido com ela. Eu só corri.

Na última vez em que vi a Rose, nós não nos separamos em termos tão bons.

Ela ainda estava com raiva de mim por ter roubado a pedra. Ainda me lembrava do olhar de repreensão que ela havia me dado. Ela estava certa sobre essa estúpida coroa anglicana. Eu nunca deveria ter tomado ela. Mas eu consertaria as coisas. De alguma forma.

Avançamos por um canto e subimos outro andar. Um grupo de bruxas estava reunido do lado de fora de um aposento. A porta estava aberta. Nós corremos até lá, e o olhar de tristeza e pena no rosto de todos quase me fez desmoronar.

Eu não conseguia olhar. Minha respiração estava ofegante. Minha garganta estava seca, e eu não conseguia respirar.

Tentei sacar minha espada, mas os guardas haviam retirado todas as minhas armas. Se Rose não estivesse segura ali, eu a levaria para outro lugar. Eu o levaria para o Oriente, sim, para as montanhas.

Minhas pernas, de repente, pareciam cheias de chumbo, e mal conseguia ficar de pé. Mas Celeste apoiou seu braço no meu e me puxou com ela.

Entramos no aposento juntas.

O mundo desacelerou à minha volta.

Havia sangue na cama, nas paredes e no chão. No centro da sala, o sangue empoçava ao redor do tapete, debaixo do corpo sem vida de Rose. Sua boca estava amordaçada e partes de seu couro cabeludo expostos em meio aos cabelos ensanguentados. Seus olhos vidrados olhavam inanimadamente para o teto. Sua garganta havia sido cortada de orelha a orelha.

Eu sabia que ela estava morta.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando um grito estremecido escapou da minha garganta. O chão vacilou, e eu vomitava onde estava. Estremeci com uma dor que nunca senti antes.

Eu cambaleei para o lado dela no tapete e cai de joelhos. Ela estava completamente nua. Seu peito havia sido entalhado e seus órgãos internos vazavam no tapete. Havia tanto sangue. Sua pele estava ferida, e seus braços cobertos das feridas de quem tenta se defender. Ela havia lutado.

Olhei para a mulher que antes era uma mãe para mim. Ela era gentil, perfeita aos meus olhos. Eu tinha muita sorte por ter conhecido uma alma tão vibrante, feroz e amorosa. A mulher que praticamente me criou havia partido. E, quando mais importaria, eu não estava lá para salvá-la.

Os outros se espalharam pelo aposento, com cuidado para não chegar muito perto. Eu não podia nem

olhar para Celeste.

Violentemente entalhado no peito de Rose, feridas tão profundas que quase dificultavam a leitura das letras que formavam. Mas os dizeres eram inconfundíveis.

DONZELA DE AÇO



CAPÍTULO 21

MEU MUNDO FICOU COBERTO DE VERMELHO, preto, sangue e desespero. Pisquei meus olhos para limpar as lágrimas.

As letras haviam sido esculpidas em Rose assim como os dizeres entalhados nas mulheres que havíamos encontrado na estrada. Os necromantes haviam me enviado uma mensagem. Eles poderiam me alcançar em qualquer lugar. De alguma forma, os necromantes conseguiram se infiltrar nos Portos Cinzentos. A morte de Rose era a prova de que tínhamos um assassino em nosso meio.

O palpitar nos meus ouvidos eliminou todos os meus outros sentidos. Eu não podia sentir nada. Meus dentes rangeram quando uma onda de calor e frio me percorreu. Meus músculos doíam, e meus ossos e articulações pareciam ter chegado ao limite.

Rose...

Eu solucei incontrolavelmente. Balancei de um lado para o outro olhando para Rose ali deitada com seu corpo rasgado. Eu queria fosse apenas um pesadelo, que ela se mexesse de novo. Mas Rose nunca mais acordaria.

Ouvi alguém chamando meu nome.

Uma garota? Uma mulher?

Era fraco e confuso como se estivesse vindo de longe. Eu balancei a cabeça tentando fazer o som ir embora.

Eu balancei, balancei e balancei.

Será que era alguém que ela conhecia?

Pela forma como os lençóis estavam espalhados por toda a cama, eu sabia que ela estava dormindo e que havia lutado. Eu tremi quando estendi a mão e a coloquei sobre as dela. Ainda estavam quentes. Alguns dedos estavam azuis e dobrados de forma anormal. Meu estômago se revirou novamente e tentei conter o vômito.

O castelo estava cheio de estranhos. Qualquer um poderia ter feito isso.

Qualquer um poderia ser o assassino.

— Sinto muito, Elena. Celeste apertou meu ombro.

Desviei o olhar do rosto de Rose. Minha garganta estava seca, e a cada respirada parecia que eu estava engolindo fragmentos de vidro.

— Deveria ter sido eu. Não ela!

Celeste apertou meu ombro suavemente, mas não respondeu.

Uma dor maçante latejava onde meu coração costumava ficar.

— Você a encontrou? — Eu senti o gosto salgado das minhas lágrimas em minha boca.

— Não, foi outra moça. Ela estava trazendo uma xícara de chá.

O palpitar na minha cabeça se intensificou até virar uma dor quase insuportável. Eu gritei enquanto minha cabeça pulsava com fogo. Bati na cabeça algumas vezes, mas a dor não parava.

— O que há de errado com ela? — perguntou alguém.

— Fique fora disso. — O cajado de Ada acertou o chão com um golpe.

Eu me virei e vi que os olhos de Ada estavam banhados em lágrimas também.

Ela olhou para mim com uma expressão estranha no rosto. E antes que eu pudesse detê-la, ela apertou a palma da mão contra minha testa e fechou seus olhos.

Senti sua mão fria na minha pele. Minha dor de cabeça desapareceu, e senti uma calma, como se um balde de água fria tivesse sido derramado sobre a minha cabeça no sol quente. Assim como a magia de Fawkes, a magia de Ada cheirava a mel, limões e lilás e no início da primavera. Era como uma brisa suave acariciando o meu rosto, e deixei sua magia calmante entrar em mim.

Quando Ada tirou sua mão, parecia que havia acabado de acordar de um longo sono. Eu me sentia energizada. E minha dor de cabeça havia desaparecido.

Eu olhei para Ada. Sua expressão era séria.

— É assim que ela reage a um pouco de sangue?

O rei bruxo entrou na sala, seguido de perto por seu general e o Príncipe Áurion. O príncipe ficou horrorizado ao entrar na sala, e ainda mais quando me viu.

Desviei o olhar e vi Fawkes e as bruxas do Conselho dos Clãs se aglomerando no aposento.

O rosto de Fawkes ficou pálido ao ver o corpo de Rose. Ele franziu a testa, e seu olhar se obscureceu. Eu sabia que ele não gostava muito da vida humana, mas ele havia mudado nas últimas semanas. Não pude deixar de me perguntar se ele estava se lembrando da forma como sua própria família havia sido assassinada. Quando ele se virou para mim, com seus olhos marejados de lágrima, comecei a soluçar de novo.

A sala estava cheia de bruxas sussurrando umas às outras. Eu vi uma moça de cabelos dourados que deve ter descoberto o corpo. Ela estava em um canto, soluçando, com uma xícara de chá e um pires em suas mãos trêmulas.

Enquanto algumas bruxas pareciam horrorizadas, outras, como o rei, não ficaram impressionadas. Era como se a mutilação e a morte de Rose não fossem nada além de um espetáculo. Um show.

A risada do rei bruxo fez um arrepio me percorrer.

— Uma donzela de aço que passa mal ao ver sangue não é uma verdadeira donzela de aço. Ela não é nada além de uma fraude e uma tola.

Celeste estava ofegante, e eu poderia jurar que ouvi um grunhido vindo de algum lugar no fundo do peito de Ada.

— Por que todos os rostos tristes? — questionou o rei. — E lágrimas?

Seu rosto se obscureceu enquanto examinava os rostos das bruxas.

— Você derramou lágrimas por sua rainha? Foi? Como se atreve a derramar lágrimas pela perda *dessa* aí? Ela matou a minha esposa! Sua rainha!

O rei bruxo cruzou o aposento e ficou de pé diante do corpo de Rose. Minha nuca se arrepiou. Eu o observei enquanto examinava as palavras que haviam sido esculpidas na pele dela. Seu rosto era inexpressivo. Era como se estivesse lendo um relatório sobre suas colheitas. Quando ele se virou, havia apenas um ódio nos olhos dele.

— Esqueceu sua história? — bravejou ele.

Sua artemagista brilhava com poder amarelo. As bruxas se encolheram e não o olhavam.

— Os humanos mataram nossas famílias e queimaram nossos filhos vivos.

Ele hesitou por um momento, como se tentasse se recompor.

— Chorar por uma velha e humana — cuspiu o rei com desdém.

E então ele virou-se para mim e disse: — Todo ser humano e mestiço merece morrer.

— Pai! — repreendeu príncipe Áurion. — Mostre algum respeito pelos mortos.

Os olhos de prata do príncipe estavam cheios de compaixão e compreensão.

— Mostrar algum respeito pelos mortos? — zombou do rei bruxo. — Nunca.

Jamais para nenhum humano.

Ada bateu seu cajado no chão. O som ressoou nos meus ossos.

— Basta, Sagard.

Ada e o rei bruxo olharam um para o outro. Ela não era intimidada por ele.

— Eu vou lembrá-lo novamente, rei bruxo, que você está longe de Witchdom. E aqui nos Portos Cinzentos, todos os seres humanos são bem-vindos. Todos somos iguais aos olhos da deusa, não importa quantas pedras mágicas tenhamos.

O rei franziu a testa.

O rosto de Ada estava avermelhado: — Rose foi convidada e não deixarei você manchar seu legado com seu preconceito.

O rei sorriu:

— Você sempre amou os seres humanos mais do que sua própria espécie.

Seus olhos se arregalaram de repente: — Sim, eu me lembro desse humano por quem você se apaixonou, aquele que a salvou do seu próprio povo? Ele a virou contra seu próprio sangue.

Olhei para Ada, procurando ver se havia alguma verdade nas palavras do rei.

Seu rosto era de pedra, mas seus punhos estavam cerrados.

— O que aconteceu com ele? — O rei virou o olhar para o aposento.

Ele franziu o cenho:

— Oh, sim, seus amigos humanos não se viraram contra ele? Sim. Foi o que aconteceu. Eles o queimaram vivo, não é? Lembro dele gritando por misericórdia enquanto implorava por sua vida. Ele não disse que desejava nunca ter conhecido você e que deveriam queimá-la em seu lugar? Isso deve ter sido doloroso. E mesmo assim você ficou.

Fiquei enojada vendo o rei provocar Ada. Ele queria machucá-la.

Mas ela não se moveu. Ela nem sequer piscou. Meu coração estava partido por Ada. Agora eu sabia por que ela havia sido tão gentil com minha mãe e eu.

O rei bruxo balançou a cabeça: — Patético.

— Pai! — A pele do príncipe brilhava na luz de prata e seu anel pulsava com poder. Ele olhava severamente para o pai. — Pense, pai. Você não percebe o que isso significa? Isso significa que há um traidor entre nós.

O rei compartilhou um olhar com seu general, mas não conseguiu interpretar sua expressão.

A bruxa Sylvia colocou um lençol limpo sobre Rose. Ela havia dado pontos na minha nuca quando Jon me trouxera ali pela primeira vez. Eu queria agradecê-la, mas as palavras não vinham. Ela me deu um sorriso acolhedor.

Quando Ada se virou para mim, todos os traços de fúria desapareceram de seu rosto.

— Rose receberá um enterro apropriado. Eu prometo.

Ela me deu um sorriso fraco: — Mas primeiro, você deve me seguir até minha câmara. Eu preciso dar uma olhada em você. Algo... alguma coisa não está certa.

— Esse não foi o acordo, Ada — disse o rei.

Seus olhos escuros eram inexpressivos, como um lobo espreitando uma presa.

— Você colocará esse animal de volta na gaiola a qual ela pertence, senão eu mesmo o farei.

— Ela fica — pressionou Ada. — Não vou colocá-la de volta na antiga adega moldada, não quando ela está doente. Eu preciso tratá-la primeiro.

— Por que você se importa tanto com esta meia-raça? Como você pode acreditar em uma palavra dessa boca vil e traiçoeira?

— As bruxas do seu reino acreditam nela. — afirmou Ada. — A prova é que elas a seguiram até aqui. Prova de que a profecia é real.

Eu me mexi desconfortavelmente: — Que profecia?

O olhar do rei bruxo se aprofundou.

— Mesmo assim. Nós não precisamos mais dela. Outros virão. Temos mais de três mil bruxas. O uso dela terminou, assim como a vida dela. Ela não é mais útil para nós.

— Do que ele está falando? — Eu podia ver que Ada estava em conflito.

— Do que ele está falando? — perguntei novamente.

Ada olhou para mim:

— Elena, desculpe. Eu queria ter contado.

Cravei os dedos em minhas mãos.

— Contado o quê?

— Você deve tentar entender a situação.

Ada falava rapidamente, e eu não entendia o que ela estava sentindo.

— Nós tivemos de fazer uma escolha pelo bem do reino, do mundo. Foi ordem da deusa.

— Que escolha? — Um novo medo invadiu meu peito.

O rei fez um gesto para os guardas do conselho.

— Coloque essa vadia de volta na gaiola. Livrem-se do corpo.

— Não!

Algo aconteceu em mim, e me coloquei de pé com os punhos prontos.

— Não toque nela! Seu desgraçado! — Eu gritei e soluzei ao mesmo tempo.

Os guardas do conselho riram. O mais próximo de mim começou a me imitar cerrando os punhos também. Era uma piada para ele, para todos eles. A morte de Rose era uma piada.

Senti a escuridão despertar dentro de mim. Eu não podia controlá-la. Eu a acolhi.

E então ataquei.



CAPÍTULO 22

ANTES QUE EU PUDESSE ATACAR, o rei lançou uma corrente de poder diretamente no meu peito. Eu fui jogada de volta na parede, que explodiu em milhares de estilhaços, poeira e pedaços de gesso. Eu pisquei os olhos para limpar a poeira, e senti um gosto de sangue na minha boca. Algo coisa, uma costela ou vértebra, estalou. Eu não conseguia sentir as minhas pernas quando caí no chão, e eu suspeitava que havia quebrado a minha coluna.

Ouvi alguns gritos enquanto tentava recuperar o foco do mundo à minha volta. O rei estava acima de mim com um sorriso satisfeito em seu rosto.

Celeste e Fawkes se puseram ao meu lado. Eles falavam rápido, mas não conseguia ouvir com o bater latejante em meus ouvidos. Minha cabeça queimava e meus membros estavam pesados e frios.

Mas então um calor familiar me percorrendo. À medida que os meus poderes de cura tentavam reparar meu corpo quebrado, minha artemagista começava a pulsar e latejar também. Despertou uma energia fria e maravilhosa que fluiu nas minhas veias, misturada com a magia do meu sangue, acelerando a reparação do meu corpo.

Eu sorri. Eu não pude evitar. Eu me sentia incrível.

— Elena? — A mão de Celeste cobria a minha. — Ela está sorrindo. Elena, você pode me ouvir?

— Afastem-se dela — disse o rei bruxo. — Eu vou acabar com essa meia-raça de uma vez por todas. Matem-na.

Fawkes se levantou e me protegeu com seu corpo. A brisa de seu poder elemental agitava seu manto como o vento, e um fogo serpenteava em suas mãos.

— Não posso deixar você fazer isso.

— Você ousa me desafiar? — grunhiu o rei.

Sua artemagista brilhava quando ele avançou. Ele estalou os dedos, e um filamento mágico atingiu Fawkes. Ele cambaleou, mas ele não fez nada para se desviar os golpes.

Fawkes endireitou-se.

— Farei o que for necessário para proteger uma vida inocente.

O rei levantou as mãos.

— Inocente? Ela não é inocente. Ela matou a minha esposa, sua rainha.

Posso ver agora que ela também envenenou sua mente. Eu a quero morta. As leis da magia são simples. Você toma uma vida... você paga com sua vida. Perdi minha paciência com esta meia-raça!

O rei bruxo ergueu os braços.

— Não!

Um ramo de fogo laranja e amarelo dançava em torno de Fawkes enquanto ele falava: — Você não pode matar a última donzela de aço. Pense nas consequências, as repercussões se você fizer isso. Pense no nosso futuro. Ela precisa viver.

Senti orgulho. Pelo menos Fawkes acreditava em mim. Eu desejava poder ver seu rosto com mais clareza. Senti um puxão dentro de mim quando meus ossos voltaram a se colocar no lugar.

— Esta bruxa bastarda matou minha esposa! — gritou o rei.

Os guardas do conselho acenaram com a cabeça em aprovação, mas o general se afastou de seu rei e pisou silenciosamente nas sombras. Eu podia ver seus lábios se movendo quando ele começou a conjurar um feitiço.

— Ela matou uma rainha. Ela merece morrer!

— A rainha Enelyn tentou matá-la — disse Fawkes. — Todos sabemos o que a rainha era capaz disso e o que ela já havia feito aos outros. Você sabe disso.

Eu vi o rosto do príncipe ficando vermelho quando ele cerrou os punhos.

— Pai — disse o príncipe, em um esforço para amenizar a situação. — Vamos dar um tempo e discutir quem são os nossos verdadeiros inimigos.

O rei bruxo se afastou de seu filho. Seus olhos negros brilharam de loucura.

— Você sempre foi um tolo, Fawkes, um tolo fraco. Não há lugar para tolos no meu novo mundo.

Com um estalar de seus dedos, o rei disparou uma explosão de ramos pretos em Fawkes.

— Pai, pare!

Mas Fawkes estava pronto desta vez, e um escudo de fogo se levantou antes.

A magia negra do rei colidiu com a parede do fogo e se voltou para ele.

Meu rosto queimava com o calor intenso, e o cheiro da magia superava o cheiro do sangue de Rose. Levantei meus joelhos contra o meu peito e me apoiei no chão.

Enquanto aguardava que meu sangue circulasse livremente por meus membros, o general do conselho se moveu.

Fawkes virou-se para a esquerda, mas era tarde demais.

Com um golpe sólido de magia amarela, o general do conselho o atingiu direto no peito, e Fawkes ficou rodeado por chamas. Sua parede mágica defensiva havia sido quebrada, jogando-o para trás na colisão. Ele se recuperou rapidamente, mas não rápido o suficiente para desviar dos novos ataques do general.

Fawkes uivava de dor, convulsionando no chão. O cheiro de carne queimada invadiu o aposento. O fogo mágico se extinguiu, e o general parecia triunfante.

Ele estava de pé diante de Fawkes, que se contraía em dor enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. O general começou a proferir um encantamento e ergueu as mãos para atacar de novo.

— Pare! — Ada interveio, indo em direção a Fawkes. — Pare com esta loucura!

Mas o general dirigiu seus dedos flamejantes para Fawkes.

Ada estava muito longe para detê-lo, mas eu estava perto o suficiente.

Ouvi Ada gritando para eu parar, mas eu já estava em movimento.

Eles não machucariam Fawkes. E eles não tocariam em Rose.

Antes percebessem, pulei por cima de Fawkes e bati no estômago do general com meu ombro. Nós caímos juntos no chão, mas eu fiquei de pé num instante.

Ele deu um soco em meu rosto, mas não vacilei, eu mal sentia dor e, quando investi contra ele, ouvi o som satisfatório das costelas dele se quebrando.

Embora o general gritasse de dor, era o gemido de Fawkes que chegava aos meus ouvidos.

Eu ia matar aquele desgraçado.

Um poder gelado emergiu, e eu o recebi de bom grado. Era como quando havia lutado com os monges vermelhos. Meus sentidos se afiaram, minha visão tornou-se mais aguda, e meu corpo tornou-se mais forte e mais ágil. Eu tinha sido energizada pelo poder das trevas.

Quatro guardas do conselho vieram contra mim de uma só vez. Eu podia ver o poder brilhando de suas artemagistas.

Mas eu estava pronta para eles.

Eu deixei a escuridão me guiar como antes. Minhas pernas e meu corpo ficaram em harmonia com tudo na sala. Eu e aquele aposento erámos um só.

Filamentos de magia se materializaram à minha volta quando dois capangas do rei lançaram suas magias contra mim. Como raios numa tempestade, os filamentos de magia percorreram o aposento tentando me matar.

O príncipe Áurion veio correndo em minha direção.

Uma explosão de luz veio na minha direção, mas me desviei e a magia colidiu com a parede. Fui para trás de um guarda do conselho e vi seu olhar surpreso quando degolei seu pescoço. Ele caiu a meus pés.

Eu pulava, saltava e desviava como uma dançarina habilidosa. Mais filamentos mágicos foram disparados contra mim, mas meu corpo reagiu mais rapidamente do que nunca, e eles não conseguiram me atingir. Nunca imaginei que eu pudesse ter tamanha habilidade.

Eu era a portadora da morte. E queria mais.

Outro guarda veio na minha direção. Sua artemagista pulsava, mas ele não era páreo para mim. A magia na minha alma era mais forte.

Minha raiva se tornou uma coisa viva, uma força motriz. Eu ia matar aqueles desgraçados.

O guarda atacou, mas eu estava cada vez mais rápida. Ele desmoronou em um monte de carne rasgada e

ossos quebrados. O sangue escorria pelo meu rosto e meus dedos, mas não era meu.

— Elena, pare! — avisou uma voz familiar.

Mas não pude parar. Eu não queria parar.

Antes que eu pudesse me conter, o último dos guardas do conselho caiu em agonia, soluçando, antes de morrer aos meus pés.

Eu respirava fúria. Um suor escorria pelas minhas têmporas e minhas costas.

Eu estava radiante por minha habilidade. Alguém estava rindo, e então percebi que era eu.

Olhei ao redor e vi Celeste. Não entendi por que ela parecia tão assustada.

Eu não havia acabado de salvar a todos? Fawkes?

Todos simplesmente olhavam para mim. O lugar de repente ficou imóvel.

Qual era o problema com eles?

E então algo me atingiu na nuca. Minha visão escureceu, e então caí na escuridão.



CAPÍTULO 23

EU NÃO SABIA DIZER SE estava deitada ou flutuando. Então, comecei a girar.

Isso é um sonho?

Sempre achei que não fosse possível sentir dor nos sonhos. Eu sonhava com a luz e a escuridão, e sentia calor e dor.

Eu conseguia meus batimentos pulsando na cabeça. Tentei abrir os olhos, mas eles continuaram fechados.

Onde estou? O que está acontecendo comigo? Há quanto tempo estou aqui?

Finalmente, consegui abrir os olhos, e precisei de um tempo para assimilar tudo. Meu mundo girava. Eu sentia náuseas. Fechei os olhos novamente e esperei até a náusea passar.

Estendi a mão e agarrei algo macio. Sim. Uma cama. Eu estava em uma cama.

Eu me levantei na cama e, depois de alguns instantes, minha visão se ajustou à luz.

Eu estava em uma sala com paredes de painéis de madeira que cheiravam a pinheiros. Eu ainda estava no castelo. Graças à Deusa.

Mas como eu cheguei aqui?

Minhas memórias eram como sonhos que desaparecem quando você acorda.

Eu não conseguia lembrar.

Eu me lembrei da artemagista do rei bruxo brilhando quando ele estava prestes a me atacar...

Mas então me ocorreu algo. Levantei o lençol e olhei para mim mesma.

Minhas roupas não estavam mais lá, e eu estava usando uma simples muda de roupa branca e peças íntimas limpas.

Minhas botas!

— Merda.

Coloquei minhas pernas para fora da cama e uma enorme tontura quase me derrubou no chão. Tentei me firmar na cama. O ácido estomacal subiu para a garganta e esperei que a náusea passasse.

Caminhei devagar até a cômoda. Abrir as gavetas e vasculhei cada uma procurando minhas roupas, mas tudo o que pude encontrar eram roupas de cama bem arrumadas.

Eu vi um armário e cambaleei até ele. Abri a porta. Roupões e calças pendiam em cabides de madeira, mas não eram minhas roupas. Uma cesta no chão estava abarrotada de chinelos multicoloridos. Meu coração pesou. Nada de botas. Nada de artemagista.

— Procurando por isso?

Eu me virei.

Ada estava de pé na entrada com minha artemagista pendurada em seu dedo indicador.

— Isso é meu — eu disse.

A raiva na minha voz me surpreendeu, e tentei tomar a artemagista. Mas, com um rápido movimento da mão, Ada o escondeu em um de seus muitos bolsos ocultos.

— Não acho que pertença a você — disse Ada severamente. — Nenhuma pedra mágica pertence a

ninguém.

— Devolva — eu disse.

Minha cabeça latejava, mas ignorei a dor: — É minha. Eu ganhei.

— Acho que já ficou tempo demais com ela — o tom de Ada era definitivo.

Eu não me cederia tão fácil. Em vez disso, estendi a mão querendo a pedra.

— Você já deveria saber — ela disse, balançando a cabeça. — Eu já tinha avisado sobre as pedras mágicas. Você sabia que, embora pudesse tocá-las, jamais poderia usá-las. E ainda assim você duvidou de mim. Você sentiu a magia selvagem e perigosa da pedra do Coração de Arcânia e, no entanto, tomou uma para si?

Fiquei furiosa, e exigi a pedra: — Sua ladra! Devolva!

Ada estalou os dedos, e uma força invisível me empurrou para trás. Senti como se estivesse debaixo d'água, lutando contra uma corrente forte, sem conseguir imergir. Tentei me afastar dela, mas era impossível. Eu podia sentir minha própria magia combatendo a dela, mas era ineficaz. Finalmente eu parei de lutar. A fúria nos olhos de Ada correspondia à minha.

— Não me faça machucar você — ela berrou. — Controle-se. Controle isso.

Ou eu vou colocá-la em uma gaiola.

Antes de perceber, estava me movendo para ela novamente com os braços abertos.

Ada me deu um tapa no rosto: — *Volte a si!*

— Funcionou. Eu cambaleei de volta. O impacto me fez retornar a mim.

O que eu estava fazendo?

A escuridão foi embora, e eu pude pensar com clareza novamente. O

verdadeiro significado de suas palavras realmente me atingiu. Era como se a minha cabeça estivesse turva e agora tudo havia ficado claro.

Minha raiva nublou meus pensamentos até eu me tornar outra pessoa. Eu havia ficado irritadiça, me tornado alguém que queria matar por puro prazer. Eu sabia que era diferente, que tinha alguma magia das trevas em mim, mas ela havia ficado cem vezes pior com pedra. Eu estava passando por algum tipo de abstinência. Eu ansiava pela minha artemagista. E não gostava do vazio que sentia sem ela.

Eu desejava aquele poder mágico.

Fiquei enojada quando percebi o que eu havia me tornado. Fiquei envergonhada por Ada ter me visto assim. Não consegui controlar minhas lágrimas. Mas Ada continuou: — Você não viu o que a pedra fez ao rei bruxo? — ela perguntou. — Ele se achava forte o suficiente para controlá-la. Mas cada vez que ele

usa, ele perde um pedaço de si mesmo. Ele tornou-se irreconhecível como nosso rei. Veja como ele quase matou um de seus amigos mais velhos. Isso é o que as pedras fazem.

Eles corrompem a mente, e depois controla você.

Ela suspirou pesadamente.

— Como uma donzela de aço, você é mais propensa a recorrer a esse caminho sombrio porque a magia de sangue flui nas veias. Você seria completamente seduzida por aquela escuridão e nunca a resgataríamos. Você ficaria perdida para sempre.

Os ombros de Ada caíram um pouco e, pela primeira vez, ela parecia esgotada.

— Você me decepciona, Elena.

Suas palavras apunhalaram meu coração. Eu corei de vergonha, mas tentei controlar minhas emoções.

— Você não entende — eu disse.

Minha voz ainda era forte apesar do aperto no peito.

— A pedra pode me ajudar, nos ajudar a vencer esta guerra. Posso fazer coisas incríveis com ela. Ela me torna mais forte, melhor.

— Não, Elena — disse Ada. — Não é melhor. Nunca é melhor.

— Mas você viu o que eu fiz...

— E quanto a Rose? — disse Ada. — O que você acha que sentiria?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Como eu poderia esquecer a Rose? Eu não tinha pensado nela uma vez sequer desde que havia acordado. Essa não era eu. Eu não queria ser assim.

Rose...

Eu pisquei os olhos marejados. Eu me sentia mal.

— Rose... eles... — eu não tinha coragem de dizer.

— O corpo de Rose foi recolhido — disse Ada suavemente. — Preparamos a cerimônia de seu funeral para esta noite. Eu queria ver se estava bem o suficiente para comparecer.

A memória do corpo mutilado de Rose fez com que a sala girasse novamente.

Meu estômago deu um nó. Não conseguia respirar. Rose havia partido.

E, então, as memórias me inundaram de volta.

Meu sangue ficou gelado. Meus pés vacilaram, e precisei estender meus braços para me equilibrar, com medo de cair. Meu estômago revirava. Eu havia perdido uma mãe e uma protetora. Rose me manteve alimentada, vestida e aquecida. Ela me manteve escondida e segura.

Ela havia sido brutalmente assassinada por minha culpa.

Lembrei-me das palavras que tinham sido entalhadas em sua carne, da mordança em sua boca, do sangue. Havia tanto sangue. Lutei contra a náusea que me dominava.

E, então, me lembrei dos guardas do conselho. Eu matei todos com minhas próprias mãos.

Eu era um monstro.

Talvez eu fosse um monstro, uma assassina. Talvez a Deusa quisesse que seu soldado fosse uma assassina. Mesmo assim, não sentia nada. Eu não sentia remorso pelas bruxas que eu havia matado.

O assassino que matara Rose havia me negado a chance de dizer adeus, pedir desculpas por ter sido uma teimosa, mas o pior foi perder a chance de agradecê-

la como deveria. Dizer o quanto ela significava para mim. Quanto eu a amava.

Só de pensando nisso, a raiva crescia em meu peito.

— Nós a mantivemos sob um feitiço de sono para ajudar seu corpo a se recuperar dos causados pela pedra. E também do golpe que Fawkes lhe deu.

— Foi ele?

Lembrei que algo havia atingido a minha nuca. Eu devolveria o favor quando tivesse a chance.

Ada pareceu se animar um pouco: — Com um pequeno empurrão das nossas bruxas para acelerar o processo de cicatrização, sua própria magia de sangue fez o resto.

Seu rosto tornou-se solene: — A pedra a deixou doente, Elena.

Fiquei boquiaberta com Ada e balancei a cabeça: — Não estou doente, é sério. Eu me sinto perfeitamente bem. Até melhor.

Eu não contaria a ela sobre a tontura que eu estava sentindo há pouco. Além disso, agora que estava completamente acordada, sentia os pés mais firmes.

Ada se abriu um pouco: — Eu senti uma mudança em você. A escuridão vem crescendo em você desde que você foi tocada pela magia do necromante. Estava adormecida, mas ainda habitava em você, em sua magia de sangue. E agora temo que ela a domine.

— Não, eu juro — contestei eu.

Eu sabia muito bem que algo estava se formando dentro de mim, mas sempre pensei que fosse pela desnutrição, exaustão e estresse da busca de Jon.

Ada arqueou sua sobrancelha interrogativamente: — E as suas dores de cabeça? São manifestações do despertar da magia negra.

Instintivamente, estendi a mão e passei meus dedos na cicatriz em minha nuca. A ferida que o monge vermelho havia me causado com suas garras envenenadas parecia áspera e irritada. Ainda pulsava constantemente e nunca havia se curado de verdade.

Ada viu que eu estava esfregando minha cicatriz.

— Você disse que nunca se curaria — eu disse.

Apesar de seus esforços, as bruxas não tiveram sucesso em remover toda a magia negra.

— Sim, disse. Mas se você tivesse ficado sozinha, provavelmente poderia ter vivido tranquilamente, sem que assumisse o controle. Sua magia de sangue é forte e isso a protegeria. Mas as coisas mudaram.

— O que você quer dizer?

A pedra que você carregava a tornava pior, não melhor. Ela ampliava o poder da magia negra que estava despertando em seu interior. Ela estava acelerando um processo de mudança.

Ada balançou a cabeça.

— E se você não entregar a pedra, ela o consumirá. Se a escuridão tomar conta de você, você deixará de ser Elena. Você se tornará uma criatura das trevas.

Ada me olhou com simpatia.

— As dores de cabeça e a escuridão que você sentiu são a magia negra.

Podre e má. Mas ela seduz. É o pior tipo de magia e não pertence a este mundo.

É por isso que tudo o que ela toca murcha e morre. Quanto mais a magia negra escoar pelos portais, mais nosso mundo murchará e morrerá. E isso acontecerá um pouco de cada vez. Uma bruxa, um ser humano de cada vez.

Pensei nos demônios com um calafrio. Me assustava mortalmente a possibilidade de perder o controle. Eu era uma bruxa e um ser humano. Não queria me tornar algo morto.

— O que vai acontecer comigo?

Ada propositadamente desviou o olhar.

— Você não se transformará em uma criatura, se é isso que lhe preocupa.

— Bem, pelo menos é um pequeno conforto.

Mas era? Realmente? Eu mentia para mim mesma porque havia encontrado um pouco de conforto naquela maldita artemagista.

Como eu derrotaria os necromantes agora.

A artemagista era a ajuda que eu tão desesperadamente queria e precisava.

Com ela, eu era uma força incontrolável. Uma força sombria talvez, mas forte e poderosa. Ela havia me dado o poder de derrotar os necromantes. Agora, eu era apenas eu novamente, uma meia-bruxa com nenhuma magia de verdade ou ao menos que importasse.

Olhei para meus dedos do pé.

Ada nunca me devolveria a artemagista e eu duvidava de que conseguiria outra. Eu tive a chance de matar o sumo sacerdote na pousada. Mas, em vez disso, havia salvado Jon.

Eu havia cometido um erro?

Antes de roubar a pedra, eu havia jurado vingar a morte dos meus amigos. Eu tive os recursos para isso. Agora preciso encontrar um jeito de matar os necromantes sem magia...

— Eu acredito que nós removemos a pedra de você na hora certa — disse Ada.

Ela atravessou o quarto e parou ao meu lado. Achei que ela havia entendido meu silêncio como medo.

Ouvi o barulho de uma corrente de metal debaixo do seu manto. Ela me pegou olhando para um ponto abaixo do seu cotovelo direito e colocou os braços nas costas.

— Se você tivesse passado mais tempo sob a influência da pedra selvagem e indomável, não seríamos capazes de resgatá-la. Romper a ligação entre você e a pedra foi o primeiro passo para a recuperação. De certa forma, suas dores de cabeça ajudaram.

— Mesmo? Para mim, a única coisa que elas fizeram foi me fazer sentir como se minha cabeça fosse explodir. Na maioria das vezes, doía muito.

— Tenho certeza que sim, mas elas também eram um sinal. Me ajudaram a entender que a magia negra havia despertado. Você estava sofrendo, minha querida, porque seu sangue mágico estava tentando protegê-la contra a magia negra. Você é uma donzela de aço, e seu sangue mágico estava dizendo que algo estava muito errado.

Esfreguei a nuca:

— Mas a magia negra ainda está lá. Não é?

— Acho que... — ela olhou-me com atenção. — Acho que seu sangue mágico é muito forte, Elena. É por isso que a pedra te afetou tão eficientemente.

Acho que a pedra estava se alimentando da sua magia de sangue.

— Parece nojento.

Os olhos do Ada se estreitaram ligeiramente: — Bem, você terá que controlar seus impulsos. Enquanto

puder controlar sua mente, seu sangue mágico fará o resto. Mas você vai precisar de treinamento.

Eu balancei minha cabeça: — Talvez depois da guerra. Não há tempo para qualquer tipo de treino agora.

— Treinar a mente é essencial para suprimir a magia negra. Você não tem serventia para nós nesse estado.

Eu franzi a testa para ela, e ela continuou: — Sua magia negra é selvagem e imprevisível. Até que você possa controlá-

la, não há o que você possa fazer. O primeiro passo é aprender a controlá-la. Só depois veremos se você está apta a ajudar.

Eu estava prestes a argumentar que treinos seriam uma perda de tempo, mas sabia que a bruxa não iria ceder. Então, simplesmente concordei, por enquanto.

Foi aí que algo me ocorreu.

— O Príncipe usa uma artemagista. A pedra fica em seu anel, mas ele não é como seu pai ou aquela horrível rainha bruxa — comecei. — Não me olhe assim. Não estou procurando desculpas. Só estou dizendo que o príncipe não parece ser controlado pelo anel. E tenho certeza de que há outros como ele.

— É verdade — disse Ada. — Nem todas as pedras mágicas são iguais. O rei usa a dele há mais de três séculos e você pode ver quanto dano ela causou. O

príncipe só começou a usar uma há 30 anos atrás.

Ada sorriu ao perceber que eu tentava descobrir a idade real do príncipe.

— O sangue do príncipe é uma mistura. Ele tem menos magia negra do que você imagina porque puxou a mãe. Levará mais tempo para a magia da pedra se apossar dele. E a pedra que ele usa é muito pequena. Tenho razões para acreditar que ele sequer a usa. Ainda assim, ele será consumido no final, assim como seu pai.

— Espero que não. — Não gosto de pensar que Áurion se tornará tão vil quanto o rei. Embora eu não o conhecesse assim tão bem, suas ações me levavam a acreditar que ele era o oposto do pai.

— O seu caso é inteiramente diferente — disse Ada. — A combinação entre a magia negra em seu interior e a pedra mágica é perigosa e mortal. Os acontecimentos daquela noite não podem se repetir. Você deve entender.

Eu não entendia, mas deixei isso de lado por hora.

Em vez disso, perguntei — o que vai fazer com ele?

Não conseguia evitar. Eu me sentia ligada àquela pedrinha. Por mais que tentasse agir com calma e normalidade, não podia negar que o poder da pedra era viciante. Ele ainda pulsava em mim. Fazia eu querer arrancar o manto da velha bruxa só para olhar para a pedra.

Um pequeno sorriso se formou nos lábios do Ada: — Isso, minha querida, você nunca saberá.

— Imaginei. — Eu suspirei.

Eu me sentia nua sem a pedra e a energia que ela me fornecia.

O pior é que eu ainda sentia um vazio inquietante na minha alma pela morte de Rose. Meu coração doía e eu senti que ia chorar outra vez. Eu não podia fraquejar agora. Precisava esconder as lágrimas e manter o juízo. Eu precisava encontrar o assassino. Nada mais importava.

— Por quanto tempo estive aqui? — Perguntei friamente.

— Dois dias.

— Dois dias! — Meu estômago revirou. Dois dias era uma quantidade enorme de tempo. Os assassinos tiveram tempo suficiente para cobrir seus rastros. Provavelmente, já estavam muito longe.

Talvez tivessem deixado algo para trás.

— Já encontrou alguma pista sobre o assassino? — Eu sabia que Ada me diria se eles tivessem pego o assassino de Rose.

Pela primeira vez, Ada evitou meu olhar: — Não. Fawkes e o príncipe reuniram uma equipe de busca. Eles revistaram tudo e todos que tiveram acesso ao castelo. Eles até mesmo questionaram alguns dos humanos. Mas não encontraram quaisquer evidências do assassino em qualquer lugar dentro do castelo. As servas eram as únicas com permissão para entrar no quarto de Rose. E elas são apenas meninas. Não é da natureza delas fazer algo tão atroz.

— Então eles pararam de procurar? — Minha raiva se acendeu novamente.

Ada me olhou.

— Me desculpe, Elena. Sei que é difícil para você entender. Mas não há nada mais que possamos fazer agora. Receio que os culpados tenham desaparecido.

Ada descansou a mão no meu ombro: — Não se sinta responsável. A morte dela não foi sua culpa.

— É claro que foi — eu surtei. — Os sacerdotes necromante mataram Rose para me atingir. Foi deliberado e covarde, mas o sangue dela está em minhas mãos. Eu sou a única responsável pela morte dela. Eu.

— Elena, escute —

— Eu preciso ir. — Tentei passar por ela, mas a velha bruxa me impediu com um aperto de ferro.

— Você precisa descansar — ela ordenou.

Puxei meu braço.

— Eu preciso ver o quarto novamente. — Minha voz fraquejou. — Tem que haver algo lá. Alguma prova de quem fez isso. Tem que haver.

— Receio que você não encontrará nada — ela disse. — A sala foi completamente revistada.

— Não importa. Eu ainda preciso vê-la.

Segui para a porta antes que ela pudesse me impedir.



CAPÍTULO 24

PASSEI PELO CORREDOR como se uns bandos de cavaleiros das trevas estivessem atrás de mim.

Demorou alguns segundos antes de eu perceber que estava descalça e usando apenas uma fina camisola. Tentei me orientar. O quarto de Rose ficava na ala superior esquerda do castelo. Eu estava apenas um andar abaixo.

Enquanto galopei escada acima eu ouvi algo rasgar e senti uma brisa nas minhas costas e traseiro. Bruxas ofegavam e saíam do meu caminho enquanto eu passava por elas. Eu não ia parar. Derrubaria qualquer um no caminho se precisasse. Eu já podia sentir bolhas se formando nos meus pés, mas não me importei. Minha respiração estava irregular, mas me senti surpreendentemente energizada, mesmo sem a artemagista. Tentei arduamente não pensar na minha pedra mágica e me forcei a correr mais rápido.

Corri até chegar em uma grande porta de madeira de carvalho. Com uma mão trêmula, girei a maçaneta e empurrei a porta.

O quarto parecia totalmente diferente, vazio e quieto demais. Fiquei no batente da porta, incapaz de me mover. Só percebi que estava prestes a chorar quando senti as lágrimas quentes no meu rosto.

Eu estava pronta para isso?

Eu respirei fundo e entrei.

O ar cheirava a água de rosas, velas e sabonete de lavanda. As janelas estavam abertas e a brisa que passava pelas cortinas de linho expeliram o cheiro de sangue. A madeira polida da grande cama de dossel brilhava na luz suave do sol poente. A cama estava feita. Estava coberta com uma linda colcha de retalhos estampada com folhas de outono e grandes almofadas.

A última vez que vi Rose ela estava no chão ao lado da cama. As imagens da morte dela estavam tão vívidas na minha mente que eu quase podia me fazer acreditar que havia sido um sonho. Mas a minha dor era real.

O tapete havia desaparecido, bem como os vestígios de sangue ou sinais de luta. As cadeiras quebradas tinham sido substituídas e o quarto estava impecável.

Tudo havia sido limpo e consertado. Parecia um quarto de hóspedes normal, convidativo e pronto para o próximo convidado. As cortinas estavam fechadas e eu pude ver os acampamentos humanos pelos campos exuberantes que ficavam do lado de fora do castelo.

O assassino ainda pode estar aqui?

O assassino deve ter sido ousado e arrogante, mas provavelmente também era habilidoso. É preciso muita coragem para matar alguém em um castelo repleto com tantas bruxas. Ele poderia facilmente ter sido pego.

O assassino devia conhecer o castelo muito bem para ter conseguido matar Rose e ir embora sem ser visto.

Ainda assim, ele havia feito sua jogada. Meus instintos diziam que ele ainda estava nos domínios do castelo. Suspeitei que ele ficaria por perto para que sua ausência não o entregasse.

Nunca. Eu nunca desistiria. Enquanto eu respirasse, tentaria encontrar o assassino.

Minha intuição de bruxa, uma voz que ecoava dentro de mim, dizia que os assassinos ainda estavam aqui. Eu tinha certeza disso.

De alguma forma, eles conseguiram se esquivar das buscas mágicas de Fawkes e do príncipe. Os necromantes devem ter ajudado de alguma forma.

Atravessei a sala à procura de pistas. Tentei imaginar como os assassinos tinham entrado. Havia apenas duas formas de entrar no quarto de Rose, pela janela ou pela porta. Eu olhava para a grande porta de carvalho. Eu meio que esperava ver Ada entrando, mas percebi que ela estava me dando um tempo sozinha, não só para tentar descobrir a verdade, mas também para sentir o luto.

A porta havia sido fechada?

Não, porque Celeste disse que uma das bruxas tinha ido buscar chá para a Rose. Ela encontrou Rose ao retornar. Embora a porta estivesse fechada, não estava trancada.

Rose provavelmente estava acordada, lendo à luz de velas. Ela devia estar tão vulnerável. Não quero pensar sobre isso.

Eu limpei o suor na testa.

Foco, Elena. Foco.

Se os assassinos tivessem vindo da porta ou da janela, ela teria gritado. Mas ninguém ouviu nada. O que significava... que os assassinos haviam se escondido no quarto dela.

Os pelos do meu corpo se eriçaram. Sim, era isso. Eu sabia que eu estava certa. Eu havia me escondido durante horas e horas só para roubar algo que pudesse trocar por comida ou livros. Ninguém nunca havia me encontrado. Eu conseguia controlar minha respiração, mesmo nos mais rigorosos dos pontos.

Então, era possível que o assassino tivesse se escondido em algum lugar dentro do quarto.

E agora eu sabia de outra coisa. Era apenas um assassino, porque dois ou mais não teriam como se esconder no quarto. Mas um.. era definitivamente possível.

O quarto não tinha armário e não havia como o assassino se esconder no banheiro. Fui para a janela e dei uma espiada no parapeito e nos três andares abaixo. Embora a madeira parecesse escorregadia, um escalador experiente poderia se apoiar nas toras.

Alguém no acampamento dos humanos teria visto uma pessoa subir ou descer por ali. Talvez o assassino tivesse usado a escuridão como camuflagem.

Ele pode ter escapado pela janela. Essa era uma possibilidade. Mas eu não achava que ele tinha entrado dessa forma.

Se o assassino tivesse usado a porta para entrar no quarto, teria que ser uma pessoa com permissão para andar pelos corredores do castelo, ou acabaria chamando atenção. Mas isso não explicava como ele poderia ter atacado Rose sem que qualquer barulho fosse feito.

Fui até a porta e me virei, observando. O quarto não era tão grande, então onde o assassino teria se escondido?

Então, tudo ficou tão óbvio que eu me achei estúpida por não ter notado antes.

A cama.

A colcha da cama chegava praticamente ao chão. Qualquer um poderia ter se escondido debaixo da cama e ninguém, nem mesmo Rose, teria suspeitado de algo. Por que ela suspeitaria? Era para ela estar segura no castelo.

Eu disse que ela estaria a salvo ali...

Afastei meus sentimentos. Eu não encontraria o assassino se me descontrolasse emocionalmente de novo.

Olhei para baixo da cama. O assassino de Rose estava a centímetros dela, esperando.

Fora um ataque bem planejado. O assassino sabia exatamente o que estava fazendo. *Então, quem foi? Quem faria isto? Foi uma bruxa ou um humano?*

Meu instinto apostava em um humano. Apenas eles se aliaram aos necromantes. Eu não conseguia acreditar que uma bruxa faria aquilo. Mas além do pequeno grupo de humanos que haviam participado da assembleia, não se via outros rondando o castelo. Mas isso não significa que um deles não poderia tê-lo feito.

Isto foi um ataque pessoal. O assassino me odiava e queria me ver sofrer.

Quem era cruel o suficiente para matar e mutilar o corpo de uma mulher velha? Quem? Quem faria isto? Quem perderia tempo para escrever as palavras DAMA DE AÇO no peito da Rose?

Celeste e meus homens foram os únicos a ver as mulheres mortas ao lado da estrada. O peito delas havia sido entalhado do mesmo jeito que fizeram com Rose. Eu nunca confiei em Lucas. Eu vi ódio em seus olhos mais de uma vez.

Seu ódio por mim era grande o suficiente para ele atacar Rose?

Não fazia sentido. Ele odiava as bruxas, não os humanos. Não. Não foi o Lucas. Não confio nele, mas não acho que ele tenha feito isso.

Quem se beneficiaria em me ferir?

E se eu estava enganada e isso não era obra dos necromantes?

Meu sangue congelou.

O rei bruxo.

Claro, deve ter sido ele. Quem mais teria sido doente o suficiente para matar e mutilar Rose? O rei bruxo. Ele provavelmente tinha ouvido falar que os rebeldes encontraram mulheres assassinadas na estrada. O Rei Bruxo provavelmente conhecia todos os detalhes da nossa viagem.

Eu sabia que o Rei me queria morto. Suspeitei que ele talvez quisesse matar alguém de quem eu gostava antes, como eu fiz com sua rainha.

Ouvi passos no corredor. Virei e deu um pequeno suspiro.

Jon olhou da porta.



CAPÍTULO 25

DEI UM PASSO PARA TRÁS.

O homem na porta me observava com olhos escuros e límpidos. Apesar de seu rosto estar marcado por algumas cicatrizes que desapareceriam com o tempo, não havia vestígios da doença. Sem veios negros, raiva ou equimoses. Seu rosto estava mais pálido e magro do que o normal, mas ele ainda era lindo. Partes do couro cabeludo estavam a mostra através de seu cabelo curto e negro. Ele usava uma camisa branca, calças e uma espada pendurada no cinto.

E então ele sorriu — um gesto bonito, casual.

Calor explodiu pelo meu peito, membros, por todos os lugares. Perdi o fôlego e soluzei. Corri pelo quarto e me atirei no seu corpo quente e forte.

Por um segundo, achei que o havia machucado. Ele provavelmente estava ainda doente. Mas então, seus braços me seguraram firmemente e ele me levantou. Eu ri, chorei e enterrei minha cabeça no pescoço dele. Respirei seu aroma masculino misturado com lavanda e provei o sal das lágrimas na minha boca.

Jon me apertou ainda mais.

Eu achei que morreria de felicidade, explodindo em um milhão de pedaços ali mesmo.

Jon estava vivo.

— *Elena* — *ele suspirou*. O hálito dele acariciava meu pescoço e lançava arrepios por toda a minha pele.

O mundo inteiro se reduziu ao toque dos lábios dele. Envolvei meus braços em seu pescoço e o beijei. Suavemente, no início, mas de forma mais intensa depois, como se meu desejo por ele não pudesse ser satisfeito. Ele me beijou com igual fervor, mas me afastou em seguida e deu vários beijos suaves na minha garganta antes de encostar o rosto no meu pescoço.

Eu gemi, e então seus lábios encontraram novamente os meus. Eu não conseguia beijá-lo com a rapidez e intensidade que eu queria. Cravei os dedos em suas costas, puxando-o mais para perto e prendendo o corpo dele com o meu, como se pudesse impedi-lo de me deixar novamente. Lágrimas quentes caíam pelo meu rosto como uma torrente que lavava semanas e meses de tormento, encerrando a dor de não saber se o veria novamente, se o tocaria e beijaria novamente.

Finalmente, afastei meus lábios dos dele. Ambos estávamos ofegantes e os lábios dele estavam vermelhos. Ele soltou um suspiro trêmulo. Seus olhos grandes e ardentes me encaravam com desejo.

— Não posso acreditar que você está aqui — eu disse.

Minha voz saiu falhada e rouca: — Sinto como se eu estivesse sonhando, como se isso não fosse real, porque eu não o mereço.

Engoli em seco:

— Achei que tinha perdido você.

Ele me observava com um olhar inflexível: — Você não está sonhando. Estou aqui agora.

Ele olhou para baixo e depois tornou a me olhar novamente, me perscrutando.

Meu coração palpitava na garganta.

— Você cortou o cabelo? Eu gostei. Isso realça os seus olhos.

Jon sorriu e eu passei os dedos pelo seu cabelo em um gesto tão juvenil que me fez parecer anos mais jovem: — Sim. A maior parte dele sumiu de qualquer forma. Sua amiga Celeste cortou para mim.

Meu coração se aqueceu à menção de Celeste. Ela foi uma amiga de verdade cuidando de Jon enquanto eu estava indisposta. Olhei o rosto dele. Eu mal podia respirar. Era um milagre ele estar ali olhando para mim.

— Como está se sentindo?

— Melhor do que eu deveria — ele disse. — Não posso dizer que estou totalmente curado, pelo menos não ainda, mas estou mais forte a cada dia. A magia do sacerdote me pegou de jeito. Ada disse que meu

corpo e mente foram subjugados e que eu havia sido consumido pela infecção. Eu nem devia estar vivo. Mas estou.

Ele parou de falar por um momento, mas nunca tirou os olhos de mim.

— Me contaram o que você fez — ele disse sem jeito.

Eu tomei fôlego. *Droga. Lá vem.*

No começo eu achei que ele estava prestes a me xingar por voltar para buscá-

lo, por arriscar a vida dos meus amigos. Dada a oportunidade, eu faria isso novamente num piscar de olhos.

Mas então, seu rosto se iluminou e seu sorriso esmagou meu coração.

— Você salvou minha vida — ele disse suavemente e pegou minha mão. — E eu sou grato, Elena. Verdadeiramente. Você não faz ideia. Viver sem você...

não é viver.

Deliciosas ondas de calor passaram através de mim e senti um calafrio na espinha.

Soltei a respiração que eu nem percebi que havia prendido.

— Agora estamos quites.

Ele sorriu para mim.

— Eu estava no inferno. Eles envenenaram-me com tanta maldade e morte.

Ele esfregou seu cabelo com a mão.

— Meus sonhos eram negros e perturbadores, imagens que vão me assombrar para sempre. Lembro das coisas que eu disse... Das coisas que fiz com aquelas pessoas... Eu fiz coisas horríveis, Elena. Horríveis.

Ele parou de falar e uma sombra cruzou seu rosto. Estendi a mão e agarrei a outra mão dele.

Meu coração se partiu ao ver a dor nos olhos dele.

— Não era você, Jon. Foi a praga negra, a magia dos necromantes. Ela fez você fazer essas coisas, fez você se tornar outra pessoa. Ela fez o mesmo com as pobres almas infectadas que combatemos no templo. Eles também não estavam controlando suas ações. A magia negra estava controlando você. Não era você.

Lembre-se disso. Se quiser culpar alguém, culpe os malditos necromantes. Eu culpo.

— Ele teria me matado no final, você sabe — disse ele baixinho. — Eu teria apodrecido por dentro e por fora.

— Mas isso não aconteceu. Você está aqui. Nós voltamos por você.

Jon assentiu com a cabeça: — E bem a tempo, segundo Will.

— Você o viu?

Senti uma pontada no coração por não ter sido a primeira a ver Jon quando ele se recuperou. Fiquei com raiva por Will ter encontrado Jon primeiro. Eu daria uma palavrinha com Fawkes.

— Sim. — Jon colocou no lugar uma mecha solta do meu cabelo. Seus dedos calejados roçaram minha bochecha em uma carícia suave. Sua gentileza fez meus olhos queimarem.

— Will me contou detalhadamente tudo que aconteceu desde que eu a vi da última vez, desde que fiquei doente. Sua viagem para o reino das bruxas, as provas que você enfrentou, a morte dos nossos amigos. Eu estive fora por muito tempo.

Seus olhos ficaram sombrios e eu pude ver a dor e o arrependimento neles.

— Mas você está aqui agora — disse suavemente.

Jon me pegou olhando para os lábios dele e sorriu: — Eu estou. E você também.

— Lamento sobre o Leo. Eu sei que vocês eram próximos.

O sorriso sumiu lentamente do rosto dele.

— Em também sinto muito. Leu e eu temos uma história. Ambos éramos órfãos do poço, sempre nos metendo em apuros, roubando para comer ou por diversão. Morar nas ruas era perigoso, então crescemos rapidamente enquanto aprendíamos a sobreviver. Era provavelmente a pior maneira de passar a infância, mas eu não teria mudado nada. Não realmente. Eu só fiquei triste quando ele se foi e eu não pude salvá-lo.

Estendi a mão e passei os dedos pelo rosto dele.

— Tenho certeza de que ele está feliz onde está agora, e você está seguro.

Seguro ao meu lado.

Ele se inclinou e me beijou levemente.

— Você nunca mais vai se separar de mim novamente, nunca.

O fogo nos olhos dele fez outra onda de desejo passar pelo meu corpo. Eu não queria mais nada além de arrancar as roupas dele e sentir sua pele quente contra a minha.

Mas eu não pude. Não era o momento. Eu poderia facilmente ter me perdido em Jon, mas cravei as unhas nas mãos e me contive.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Eu disse, desesperada para mudar de assunto e limpar a mente.

Me distanciei o suficiente para estudar as linhas familiares do seu rosto, seu nariz longo e reto, queixo cinzelado e suas bonitas maçãs do rosto. Eu precisava confirmar que ele realmente estava aqui.

— Ada disse-me onde encontrá-la.

Ele abriu a boca, mas depois fechou, como se estivesse decidindo o que diria a seguir. Pelo seu tom e pela forma que ele me olhou, estava claro que ele sabia.

Seu olhar pairou sobre onde o tapete costumava ficar.

Minha garganta doía:

— Já te contaram sobre Rose.

Foi a minha vez de evitar o olhar dele.

— Eu sinto muito, Elena — ele disse. — Eu sei o quanto você a amava. O

quanto ela era importante para você.

Ele se aproximou e seu hálito quente acariciou meu rosto: — Ela era uma grande senhora, a sua Rose. Ela nunca me achou grande coisa, mas eu sabia que ela estava cuidando de você. Ela a amava como sua própria filha.

Pressionei a cabeça no peito de Jon e soluzei enquanto ele me abraçava.

Fechei os olhos e deixei a sensação de seus braços fortes lavar minha tristeza e me fazer sentir que tudo ficaria bem.

Mas não ficaria. Eu não podia perder o controle agora. Haveria tempo para chorar depois. Precisávamos derrotar os necromantes e vingar a morte de Rose.

Me afastei um pouco e olhei nos olhos de Jon.

— O rei bruxo fez isso — eu disse.

— O quê? Tem certeza? — Ele olhou para mim com um olhar calculista de um soldado.

— Positivo. Ele pode não ter feito pessoalmente. Talvez tenha enviado seu general, mas tenho um pressentimento de que ele está por trás disso. Deve ter sido ele. A forma como ela foi morta...

Respirei fundo:

— Foi muito pessoal. Era para me ferir, me magoar.

— Eu só o vi uma vez e ele mal olhou para mim — disse Jon. — Ele tinha a mesma arrogância real dos nobres e sacerdotes que conheci ao longo dos anos.

Eles são todos covardes e gananciosos pelo poder.

Jon me observou atentamente: — Por que eu tenho a sensação de que você tem muito a me contar?

— Porque eu tenho.

Eu sorri e contei tudo: a primeira tentativa fracassada de sua recuperação, a viagem para Witchdom, os desafios das bruxas e o que aprendi sobre minha mãe.

Contei sobre a armadilha matrimonial que o Rei Bruxo tinha armado para mim e sobre seu ódio pelos humanos. Eu editei algumas partes sobre Áurion. Não era como se nada tivesse acontecido, mas não havia necessidade de falar disso. Mas quando falei sobre como o príncipe me ajudou quando matei a rainha bruxa, os olhos de Jon se arregalaram.

— Então ele a culpa pela morte dela.

— Ela estava tentando me matar. Foi legítima defesa. Não foi como se eu quisesse fazer aquilo. Mesmo que eu odiasse aquela vaca, só queria ir embora.

Ela não me deu escolha. Era ela ou eu. E eu escolhi a mim.

— Eu sei — disse Jon. — Mas ela era a esposa dele.

— E uma cadela real.

Notei sombras escuras e um vazio no rosto de Jon. Ele parecia cansado, mas seus olhos estavam iluminados com uma determinação feroz.

— E a artemagista da rainha? — Jon parecia preocupado. — Você ainda a tem?

Minhas bochechas coraram. Eu ainda queria a pedra, mas estava com vergonha. Não sabia se Jon tinha visto a expressão desejosa no meu rosto.

— Não, Ada ficou com ela. Ela a tirou de mim e não irá devolver. Não depois do que aconteceu. Ainda assim, outras bruxas o usam. Eu realmente não vejo mal em ficar com ele. Ao menos para usá-lo uma última vez.

— Se Ada tomou de você, ela deve ter um bom motivo — disse Jon.

Eu podia sentir que ele estava escondendo algo.

— As pedras mágicas são complicadas, Elena. Olhe o que o maldito coração de Arcânia fez.

— Confie em mim, eu sei.

Jon estreitou os olhos: — Elas são perigosas. Melhor ficar longe delas. Especialmente você.

Senti minhas têmporas queimarem.

— O que diabos isso quer dizer?

Jon suspirou, mas havia apenas preocupação genuína em seus olhos: — Você sabe exatamente o que quero dizer. As bruxas avisaram você sobre a pedra. Eu estava lá. Eu me lembro. Elas disseram que por você ser uma Donzela de Aço é mais difícil resistir à pedra. Eu não confiaria na magia dela. Pelo que me disseram, as pedras têm vontade própria, uma vontade sombria. Você não precisa delas.

— Eu preciso — eu disse.

Dei um suspiro frustrado: — Eu poderia ter usado a artemagista para fazer o bem. Eu era capaz de usá-la. Podia usar seu poder para me tornar forte o suficiente para derrotar os sacerdotes.

Contei a ele como usei a artemagista contra o sacerdote necromante. Olhei em seu rosto para ver sua reação.

Jon se afastou e esfregou o rosto.

— Então você poderia ter matado ele? Mas escolheu me salvar em vez disso?

— Não foi bem assim — disse. Eu fiquei surpresa e com raiva, mas não sabia o motivo.

Quando falei novamente, me certifiquei de moderar minha voz.

— Quer dizer, ele não estava morto e eu não sabia se conseguiria matá-lo. Eu não sei. Não podia ser tão simples. Havia uma coisa que eu não tinha descoberto ainda.

Agarrei o braço dele e fiz ele me encarar. Me deleitei com a força dos seus antebraços.

— Naquele momento, eu tomei uma decisão. E foi a decisão certa no momento.

— Você contou para Ada e as outras bruxas?

Eu o soltei e o olhei. Vi alguém que, naquele momento, esqueceu que tinha sido infectado. Tudo o que vi foi o homem que eu amava, o homem que me salvou.

— Não — disse.

Fechei as mãos em punhos para evitar tocá-lo de novo.

— Eu não poderia ter dito depois que eles me entregaram ao rei e me jogaram na cadeia como uma criminosa comum.

— Elena. — Os olhos do Jon eram pura frustração.

— Eu gostaria que tivéssemos mais tempo juntos — disse ele baixinho. — Eu quero passar o resto da minha vida com você. Eu quero compensar todo o tempo que passamos separados. Diabos, eu quero ficar na cama por dias... mas não podemos. Não há tempo.

O resto da vida dele.

Minha cabeça girou. O calor de suas palavras subiu através de mim e eu senti meus sonhos e esperanças se realizando.

Claro, ele estava certo. O mais importante era descobrir o que faríamos a seguir.

Olhei para seu rosto novamente: — O que foi?

As marcas ao redor dos seus olhos se aprofundaram.

— Eu vim para te encontrar, porque, bem, primeiro porque eu precisava te ver. — Ele sorriu. — Mas principalmente porque você precisava saber.

— Saber o quê?

A expressão dele mudou.

— Houve uma reunião ontem à noite.

— Que tipo de reunião? — Mas eu já sabia do que se tratava.

— O tipo em que líderes se reúnem e decidem o destino do mundo — seus olhos brilhavam.

— Eu queria esperar até você melhorar, mas tudo aconteceu tão rápido. Não achei certo prosseguir sem você, depois de tudo que você havia feito. Você merecia estar naquela reunião. Você tinha que estar lá.

— Está tudo bem — eu disse.

Tentei convencê-lo de que aquilo não era nada, mas a ideia de não ter sido convidada me dava nos nervos.

Eles me viram perder o controle quando encontrei Rose. *O que eles esperavam? Que eu não faria nada?*

— Então, o que aconteceu? — Eu perguntei. — O que eles decidiram?

Ele apertou a mandíbula e hesitou um pouco.

Eu sabia que não iria gostar.

— Todos vão partir — disse ele. — Ao nascer do sol. Eles vão matar os sacerdotes.



CAPÍTULO 26

O FUNERAL DE ROSE FOI LINDO, mas foi a coisa mais difícil pela qual eu já havia passado.

Tochas foram colocadas em um círculo em volta da fogueira. Foi uma pequena reunião. Sylvia e Maya estavam ao lado de Ada, além de algumas bruxas que eu não conhecia. Mesmo as concubinas se reuniram em torno da fogueira. Para minha surpresa, também compareceram dois bruxos do Conselho, Ysmay e Forthwind.

Não demorou muito tempo até as chamas da pira a consumirem. Só parei de chorar quando não havia sobrado mais nada de Rose além de brasas que flutuavam alto no céu e se confundiam com as estrelas. Foi então que eu soube que a Deusa havia recebido Rose e protegeria sua alma para sempre.

Assisti em silêncio enquanto a bruxa proferia a bênção cerimonial aos mortos. Uma brisa fresca sacudiu seu vestido de linho branco enquanto ela cantava na língua das bruxas. Sua voz era tão melódica e suave quanto a de Celeste; me senti cativada e atraída por ela.

Tudo acabou em questão de minutos. A bruxa deu uma bênção final e recuou.

Ouvi o som de cânticos, centenas de vozes silenciosas carregadas pelo vento.

Os pelos da minha nuca se eriçaram quando achei que tinha ouvido meu nome.

Quando prestei atenção para ver se ouvia de novo, tudo que percebi foi o estalar e o crepitar do fogo.

Estudei o perfil de Jon. A luz ofuscante do fogo estava morrendo e eu pude ver a ferocidade em seus olhos. Não eram olhos de um agricultor ou um príncipe, mas de um guerreiro. Ele parecia frio e calculista, enquanto há horas atrás seus olhos estavam cheios de carinho e compaixão. Eu ainda não havia me acostumado ao seu cabelo curto. Ele o fazia parecer anos mais jovem, mas ainda era meu Jon. Eu ainda não acreditava que há poucos dias eu o havia encontrado quase morto no chão. O homem que estava agora ao meu lado era diferente. Não sei como, mas Jon estava diferente.

Os ombros de Celeste e Will se tocavam. Era difícil não sorrir olhando para eles. A afeição entre os dois ainda não era do conhecimento de todos, mas aqueles que os conheciam podiam ver o que estava acontecendo.

Lucas e Nugar estavam com as cabeças curvadas, respeitosamente. A ferida no ombro de Nugar não estava coberta. Talvez não fosse tão sério quanto eu pensei inicialmente, ou talvez ele tenha deixado as bruxas curá-lo.

Uma dúzia de homens e mulheres que não reconheci se reuniram em volta da pira. Fawkes estava de frente para mim e eu pude sentir seus olhos escuros e verdes em mim. Eu ainda não estava pronta para falar com ele, então não reconheci sua presença.

Eu ainda não entendia por que Fawkes não tinha acompanhado o príncipe.

Achei que os dois eram amigos. Eu não tinha dúvidas de que Fawkes cuidaria dele. Será que ele queria me bater na cabeça de novo?

Por que ele estava ali?

Quando a última das chamas piscou e morreu, senti que uma parte de mim tinha morrido junto. Eu estava cansada, mas não havia tempo para dormir. Não me importava se o rei bruxo morresse em sua tolice, mas não queria que Áurion pagasse pela imprudência do pai.

Ada parecia cansada e velha. Ela se inclinava sobre seu cajado, segurando-o com as duas mãos. Reparei que suas pernas tremiam. Mesmo Sylvia, e Maya pareciam sobrecarregadas pela idade. Elas pareciam tão diferentes de quando as vi da última vez, quando estavam tão cheias de emoção e luz. Agora só havia tristeza e escuridão nelas.

Os poucos fogos que pontilhavam o castelo eram para as crianças e idosos.

Todos os homens capazes de lutar haviam ido embora naquela manhã. Eles se juntaram a milhares de bruxas que seguiam para a Cidade das Almas com o objetivo de matar os sacerdotes.

Não seria tão simples.

Chegaram novas informações. De acordo com espiões das bruxas, todos os sacerdotes necromantes se reuniram na Cidade das Almas. O rei havia argumentado que aquela era uma chance única de matá-los ao mesmo tempo. Jon achava que o rei tinha razão, mas decidiu ficar de qualquer maneira. Então, eles e seus rebeldes observaram enquanto os outros iam embora.

Jon e Ada me disseram que o rei e sua guarda de bruxas e humanos pretendia cercar a cidade para garantir que os sacerdotes não conseguissem escapar. Então, um batalhão de bruxas entraria com artemagistas em punho para matar os sacerdotes.

O fato dos sacerdotes se reunirem na Cidade das Almas, não parecia certo.

Eles haviam se juntado por um motivo e isso era perigoso.

O rei bruxo era um tolo. Ele não tinha ideia do quão fortes os sacerdotes haviam se tornado com a pedra. Ia ser um massacre.

Quem me dera ter sido convidada para a reunião. Eu poderia ter feito o príncipe Áurion mudar de ideia. Foi uma surpresa para mim quando Jon disse que Áurion tinha resolvido voluntariamente seguir seu pai. A menos que algo tivesse mudado enquanto eu estava indisposta, o Príncipe e seu pai não entrariam em um acordo sobre qualquer coisa.

Então por que o príncipe Áurion seguiu o rei?

Vesti minha roupa de equitação, colocando minha lâmina de bruxa e dois pequenos punhais no cinto. Eu me sentia pronta. A única coisa que faltava era a minha artemagista, mas eu sabia que não a teria mais. Minha inteligência e habilidades teriam que bastar. Eu não tinha escolha.

Eu vou consertar tudo. Por você, Rose.

Primeiro, eu recuperaria o Coração de Arcânia, depois lidaria com o rei.

Quando eu o encontrasse, iria matá-lo.

Senti os olhos de Jon em mim: — Eu sei o que você está planejando — ele disse.

Eu levantei minhas sobrancelhas: — Sabe?

Claro que sim. Eu era um livro aberto para ele?

— Eu vou com você — disse Jon. — Não vou deixar você sair da minha vista novamente.

— Tem certeza de que está preparado para isso? Você ainda está se recuperando. Não quero que você se esforce. Além disso, as bruxas podem precisar de você aqui. Elas parecem precisar de proteção.

Os olhos de Ada estavam fechados.

Jon disse, — Eu estou bem, Elena. Me sinto melhor do que me sentia há muito tempo.

— As bruxas e os homens não têm ideia do que estão enfrentando — eu disse. — Muitos vão morrer... talvez todos. Mas talvez eles possam criar a distração que eu preciso para pegar a pedra.

Eu odiava admitir, mas sabia que isso era verdade: — Eu sou boa em me esconder.

Jon sorriu:

— Eu sei que você é. Mas se os humanos e bruxas caírem, provavelmente será enfrentando um exército de milhares de soldados infectados. Vai ser muito pior do que antes.

— Eu sei, mas não podemos deixar que isso nos impeça de tentar.

Ele baixou a voz:

— E o rei bruxo? Eu sei que você está planejando matá-lo.

— É tão óbvio assim?

— Eu conheço você, Elena. Se fosse eu, também ia querer matar o desgraçado que matou Rose. Mas e se você estiver errada? E se não foi ele?

— Não estou. — Eu sabia do fundo da minha alma que o rei bruxo havia feito aquilo. Eu não deixaria a dúvida nublar meu julgamento. — E ele vai pagar pelo que fez.

Mesmo se isso me matar, eu pensei. A magia de sangue do maldito já era formidável antes de ser ampliada pela sua artemagista. Eu podia não sobreviver a um confronto. Mas não importava. Ele precisava morrer.

— Vinte dos meus melhores homens estão prontos para ir conosco — disse Jon. — Se sairmos agora,

podemos alcançá-los ante que as coisas fiquem ruins de verdade.

Olhei para as cinzas que marcavam o lugar onde o corpo de Rose estava momentos atrás. Uma dor pulsava no meu estômago.

— Está bem.

O cascalho fez barulho atrás de mim e eu me virei.

— Você não vai a lugar algum antes de passar algumas horas comigo — disse Fawkes.

— Vou onde quiser, quando quiser. Certamente não preciso da sua permissão.

Se Fawkes ficou chocado pela minha explosão de raiva, não demonstrou. Seu olhar era inexpressivo.

— Se eu deixar você ir sem um tratamento, a magia negra em você irá acordar e você não será capaz de resistir a ela.

Seus olhos se estreitaram: — Se você tocar a pedra... estará perdida para sempre. Você será consumida por seu poder e se tornará outra coisa.

— Eu vou.

Fawkes parecia exasperado: — Elena, pense por um momento. Eu sei que você está com raiva de mim —
— Com raiva? — Eu gritei. — Você me bateu na cabeça! Você me nocauteou!

Fawkes falou gentilmente: — Me desculpe. Tive que pará-la antes que você machucasse alguém. Você não podia ver como estava. Nós podíamos. Havia algo selvagem e escuro nos seus olhos.

Ele fez uma pausa.

— Você parecia uma infectada.

— Eu não estou infectada!

Fawkes começou a abrir a boca — Um clarão acendeu a mata e um trovão ribombou. A terra tremeu, árvores se moveram e outro trovão se seguiu, mais alto do que o anterior, reverberando em meus ossos.

Quando o barulho passou, a terra aos meus pés tremeu como se a própria Deusa estivesse saindo dela. O vento mudou e um forte cheiro de enxofre nos cercou. Cada respiração queimava minha garganta e pulmões. Meus olhos ardiam.

As pessoas gritavam enquanto corriam para se esconder.

— O que está acontecendo? — Celeste veio correndo até mim. Will, Lucas e Nugar vinha atrás.

— É um terremoto — disse Nugar. Lucas assentiu com a cabeça, concordando.

Olhei para Jon e balancei minha cabeça.

— Não acho que seja um terremoto. — Eu não sabia explicar, mas sabia que não se tratava de um tremor de terra comum. Era outra coisa.

Ada e as outras bruxas parecia apavoradas. Eu não sabia o motivo.

— Nossa magia expirou — ela disse sem fôlego. — Fizemos tudo o que podíamos. Se continuássemos, seria o nosso fim. Não podemos mais proteger esse reino. *Eu não posso*. O alcance dos necromantes é muito grande. A magia negra é muito forte. É tarde demais. A nuvem negra nos atingirá e destruirá a todos.

Eu era uma tola por pensar que tínhamos mais tempo. Me senti impotente e culpada.

— Mas ainda podemos conseguir — Então, vi uma parede de névoa chegando pelo Norte. A familiar morte branca se movia inexoravelmente na nossa direção.

E ela ia devorar Portos Cinzentos.



CAPÍTULO 27

ERA IMPOSSÍVEL enxergar através do véu de névoa, mas eu sabia que a primeira camada era uma abertura através da qual os demônios podiam passar silenciosamente. Nenhum ser humano ou bruxa poderia sobreviver no reino dos demônios. O ar lá é tóxico para qualquer mortal. Era morte certa. Nosso mundo morreria se não pudéssemos impedir os necromantes a tempo.

Enquanto a sinistra névoa varria Portos Cinzentos como uma forte torrente, senti novamente o enorme peso da responsabilidade sobre os ombros. Muitas vidas seriam perdidas independente do resultado e, se eu falhasse, o sonho dos necromantes se tornaria nosso pesadelo.

Como eu poderia derrotar um mal tão poderoso e absoluto.

Senti meu coração bater forte, pulsando nos meus ouvidos.

— Malditos sejam os demônios — eu rosnei.

Esse era o fim? Eu passei por tudo até agora só para ser engolida por aquela maldita névoa?

— *Corram!* — Eu gritei. — *Fujam! Afastem-se da névoa!*

Os velhos e doentes que não tinham ido lutar na Cidade das Almas congelaram de medo ao ver a névoa. Eu corri para tirá-los daquele estupor. Mas eles não eram rápidos o suficiente.

A névoa veio da borda da floresta e chegou até um idoso com uma bengala.

Ele correu tanto quanto possível, mas não foi rápido o suficiente. Uma camada de névoa o cercou e ele desapareceu em suas profundezas.

Pessoas gritavam enquanto se atropelavam e fugiam por suas vidas.

Mas a névoa não parou. Ela queria sangue.

Uma mulher e seus dois filhos pequenos desapareceram no nevoeiro. As paredes da névoa se ergueram no ar e congelaram meu sangue. Então, houve silêncio.

A névoa continuava avançando.

Meus piores temores se confirmaram. O lugar mais seguro do mundo era tão vulnerável quanto o resto do Reino. Nenhum reino estava a salvo, não mais.

— Todos no castelo! Depressa! — gritou Ada.

As bruxas correram para ajudar os humanos. Todos entravam no castelo em um frenesi louco.

Alguns não conseguiram.

A névoa parou à beira do lago, como se uma parede invisível a forçasse a isso, impedindo-a de avançar.

— A névoa não vai parar para sempre — disse Ada.

De alguma forma, a magia das bruxas ou do local em si conseguiu impedir que a névoa se aproximasse do castelo.

— Estamos seguros no castelo, mas não por muito tempo.

— Quanto tempo você acha que a magia vai aguentar?

— Talvez um dia — disse a alta bruxa. — Dois, no máximo.

Vi um grupo de humanos e concubinas hesitarem em frente às portas do castelo. O medo das bruxas ainda era forte e eu achei que eles voltariam para suas tendas. Mas depois de um momento, todos entraram no castelo.

— Elena, você deve encontrar a fonte do poder dos necromantes. — Ada falou comigo como se eu fosse a única que pudesse salvá-los. — Você deve destruí-la. Corte a ligação. Corte-a completamente. Encontre a fonte. Encontre a porta de entrada por onde a magia negra passa pelo nosso mundo e feche-a.

Tentei esconder o pavor que eu sentia. Mal havia tempo para chegar à Cidade das Almas e eu não sabia o que aconteceria quando chegássemos lá. Algo podia dar errado. Eu também não tinha muito tempo para lidar com o rei. Mas eu arranjaria tempo para ele.

— E a pedra?

Ada olhou para as bruxas do Conselho, incerta. Dava para ver que houve muitos desentendimentos entre elas. Detestei o desdém com o qual olharam para Ada, como se ela fosse inferior.

Ada se voltou para mim novamente.

— A pedra não pode continuar nas mãos dos necromantes, ou de qualquer outra pessoa. A pedra tem vontade própria. Nenhum humano ou bruxa pode usá-

la. Qualquer pessoa que pense o contrário é um tolo. Só você pode tirar a pedra deles. Você precisa fazer isso.

Eu abri minha boca para falar, mas hesitei. Ada estava tentando me dizer algo. *Mas o quê?*

— O despertar? — pressionou Fawkes. — Se ela tocar a pedra sem fortalecer sua mente, não será capaz de resistir a ela.

— Não há tempo. — Ada andou rapidamente na minha direção e tirou seu pingente do pescoço.

— Tome — disse ela enquanto o colocou em mim. — Isto vai te proteger um pouco. É o melhor que posso fazer. Deixo o resto nas mãos da Deusa. Seu sangue mágico fará o resto. Eu tenho fé em você, Elena. Você consegue. Você deve se apressar. As muralhas do castelo não nos protegerão desse mal por muito tempo.

Havia lágrimas nos olhos de Ada e isso partiu meu coração.

— Não vai ser fácil — eu disse.

A névoa na beirada do lago ainda não tinha se movido.

— Os seis sacerdotes uniram seus poderes e ainda possuem a pedra. É

possível que não consigamos sobreviver a isso.

Soltei um suspiro trêmulo: — Eu não entendo a sua fé em mim. É a mesma fé que você teve quando me enviou a Witchdom.

Eu estreitei meus olhos: — Por quê? Por que eu?

— Porque acreditamos que você vai conseguir.

Eu balancei minha cabeça.

— Como? Uma meia-bruxa com um punhado de homens. Será um milagre se conseguirmos passar pelos

portões.

— Porque você não está sozinha — disse a alta bruxa. — As bruxas vão lutar com você. Lutaremos por nós, pela Deusa e por esse mundo.

— Que bruxas?

— Essas bruxas. — Ada levantou a cabeça e fez um gesto para trás de mim.

Quando me virei, perdi o fôlego. Olhei, sem saber ao certo o que eu estava vendo.

Montados em seus cavalos, havia um exército de mil bruxos.



CAPÍTULO 28

COM TODO O TUMULTO E COMOÇÃO, não cheguei a ouvi-los se aproximando. Foi surpreendente. Bruxos e bruxas de todas as idades e de todos os cinco clãs estavam em suas selas, esperando. Mesmo sem armas de aço, era um exército pronto para a batalha. Só um tolo pensaria que eles não eram poderosos.

Apesar de suas diferenças, seus rostos brilhavam com a mesma determinação corajosa. Seus olhos brilharam com entusiasmo e esperança. As bruxas e sua magia me encheram de propósito.

— O que é isso? — Eu perguntei. — Por que eles estão aqui e não com o rei?

— Porque não vieram pelo rei — disse Fawkes, balançando a cabeça ligeiramente. — Alguns ainda acreditam no rei e partiram com ele e sua guarda.

Mas nem todas as bruxas concordam com seus métodos. A maioria acha que é hora de mudar.

Minha pulsação acelerou.

— Do que você está falando?

Um exército de rostos me encarava com expectativa.

— Fawkes? — Eu disse e o encarei.

Fawkes observava o exército: — As bruxas vieram por você.

Meu rosto ficou quente e eu fiquei feliz pela semiescuridão, porque meu coração estava quase pulando do peito enquanto eu tentava parecer calma. Olhei para aquela multidão de bruxas. Todos estavam esperando por mim. Eu estava nervosa.

— Por que eles fariam isso?

— Por Elena? — A expressão de Jon era sinistra e eu percebi que toda a sua atenção estava em mim agora. Percebi que, naquele momento, eu era mais importante para ele do que qualquer outra coisa.

Fawkes respondeu por mim: — Sim, por Elena, porque o príncipe deles ordenou.

— Mas como isso é possível? Eu não sou uma rainha. Não tenho nenhum título. Eles desafiaram seu rei para me seguir.

— Sim. O príncipe Áurion falou muito bem de você — disse Fawkes.

Meu coração disparou.

— Todos vimos você passar pelos desafios das bruxas. Todos sabemos do que você é capaz. Sua força, seu sangue mágico e suas ações nos fizeram acreditar. E o príncipe compartilha da nossa crença. Você é a chave. Não o rei, mas você. Este batalhão de bruxas está aqui sob o comando do príncipe. Eles estão aqui para protegê-la e ajudá-la a pegar a pedra.

Comecei a entrar em pânico. Eu sabia que eles estavam errados. Eu não era mágica. Ada havia confiscado minha única fonte real de magia. E eu não entendia porque Áurion tinha tanta fé em mim. Eu não era o que ele pensava que eu era.

Nugar assobiou:

— Bom. Com estes números, teremos uma chance real.

Meus rebeldes assentiram com a cabeça, concordando. Todos eles pareciam aliviados, com exceção de Lucas. Ele ainda me olhava com desconfiança.

Nugar estava certo. Mil era melhor do que vinte. Na verdade, nós realmente tínhamos uma chance de derrotar os sacerdotes e recuperar a pedra. As ações do príncipe Áurion nunca deixam de me surpreender. Não pude deixar de pensar que ele tinha segundas intenções ao fornecer esse exército. Espero que ele saiba o que está fazendo.

O rei sabia sobre a traição do seu filho? Por que Áurion partiria com o pai se não acreditasse que ele era capaz de impedir os sacerdotes.

— Mas e o rei? — Perguntei depois de um momento. — No que ele acredita?

— O rei bruxo acredita nele mesmo. — Fawkes erguei a sobrancelha.

Meus olhos se voltaram para os bruxos do Conselho.

— E vocês? Vieram por ordem do Príncipe?

Eu sabia que eles tinham suas próprias ordens. Queria saber se eles estavam dispostos a falar sobre isso.

Ysmay sorriu amargamente para mim.

— Podemos não concordar totalmente com nosso príncipe, mas outros o fazem. Ele nos incentivou a agir, a seguir o caminho da Deusa para proteger nosso mundo do mal. Estamos aqui por este motivo.

Besteira.

— Se vocês dizem.

Eu sabia que precisava consertar as coisas, mas não queria ser responsável por todas essas bruxas. Além disso, não queria ver a cara delas quando percebessem que estavam erradas sobre mim.

Ada se virou para mim: — Vá agora, Elena — ela disse. — Você deve se apressar.

Ela leu a expressão no meu rosto e disse: — não se preocupe comigo. Celeste tem usado seus tônicos para ajudar na nossa resistência.

Eu sorri para Celeste. Eu podia ver o quanto nós significávamos para ela e quanto ela queria ajudar.

— Eu preciso focar minha energia naqueles que estão ficando para trás. — Ada virou para mim novamente. — Confie em si mesma, Elena. Você tem o poder em si mesma. Você não precisa de mais nada.

Antes que eu pudesse responder, Ada se virou e seguiu pelo castelo. Uma luz esverdeada se derramava das muitas janelas e eu pude ver o desespero em muitos dos rostos que nos observavam.

— Eu vou pegar os cavalos. — Fawkes saiu com Jon e os Rebeldes.

Celeste e Will trocaram algumas palavras. Quando ela se afastou, suas bochechas estavam molhadas e os olhos de Will, vermelhos. Olhei para outra direção antes que pudesse envergonhá-los.

Celeste apertou minha mão: — Fique segura — ela sussurrou e seguiu Ada sem mais uma palavra.

Olhando a névoa pela última vez e comecei a me mexer. Mas alguém agarrou meu braço e eu girei.

— Quando pegar a pedra, traga ela de volta para nós — disse Ysmay. Seu parceiro de conselho se aproximava por trás dela.

— O príncipe ordena. Ele confia em nós. Nós sabemos como cuidar da pedra.

Puxei meu braço e ardi com uma fúria repentina.

— É mesmo?

— Sim. Você pode confiar em nós — continuou a bruxa do conselho.

O sorriso dela parecia falso. Sua respiração quente e rançosa em meu rosto me fez querer recuar.

— A pedra estará em boas mãos. Eu prometo. Nós somos os únicos que verdadeiramente podem mantê-la segura.

Ela deu aquele sorriso falso novamente e sua voz ficou macia, como a de uma mãe abraçando seu filho favorito.

— A deusa escolheu você para esta tarefa. Você só pode recuperar a pedra.

Ela sabe que você fará a coisa certa e nos entregará a pedra. Não somos como você, mas recebemos da Deusa a função de protegê-la. Nós somos encarregados da segurança dela.

— Guardiões da pedra? — Eu zombei.

Seu sorriso desapareceu. Eles olhavam para mim com suas expressões normais de desagrado.

Me esforcei muito para não bater neles. Eles nunca tiveram a intenção de combater a escuridão. Tudo que queriam era servi a si mesmos. Dava para ver que eles sentiam a mesma fome desesperada pela pedra que eu sentia pela minha artemagista.

Poder. Eles queriam poder e queriam muito. O Coração de Arcânia era tudo que eles queriam. Eles tentaram nos manipular desde o início.

Não é porque eles não seguiram o rei bruxo que isso os tornava mais confiáveis. Na verdade, não havia nada de bom neles. Eles eram como os sacerdotes. A pedra só ampliaria a sua corrupção.

Eu sorri para eles:

— Quando eu conseguir a pedra, e garanto que vou...

Seus sorrisos gananciosos se ampliaram e seus dedos esqueléticos se contorceram em antecipação.

—... impedir que vocês coloquem as mãos nela.

Sem mais uma palavra, me virei e fui até Jon.



A NÉVOA DEMONÍACA havia coberto parcialmente a principal estrada para a Cidade das Almas, então pegamos um desvio pela floresta. Sabíamos que levaria mais tempo, pois teríamos que andar devagar e proteger os cavalos. Quando finalmente chegamos a terra firme e nivelada novamente, já havíamos perdido quatro horas.

Eu temia que os guardas do templo nos descobrissem. Mover um exército de mil soldados não era algo silencioso, e eu tinha certeza de que toda a Ânglia nos ouvia passar pela floresta.

A terra firme é melhor para os cavalos, e nós cavalgamos como se demônios nos perseguissem. A terra tremeu com o som alto de cascos rasgando a estrada de terra. Os necromantes certamente ouviriam nossa chegada.

Mas o que isso importa?

Eu tinha certeza de que o sacerdote necromante de Ânglia estava esperando por mim. Ele era o maldito que havia começado tudo isso e era questão de tempo até eu enfrentá-lo novamente.

Só que dessa vez eu me sentia nua sem a artemagista.

Um vento quente soprou em meu rosto apesar do inverno. Mesmo na luz do luar, eu podia ver que a nuvem negra tinha estragado as fazendas e as suas plantações. Embora não pudesse ver nenhum corpo, o familiar cheio de podridão estava no ar. Ele se agarrava às nossas roupas e pele como a névoa demoníaca.

Após encontrar a neblina, não pude deixar de pensar como qualquer exército poderia enfrentar os horrores que seriam libertados se o véu fosse realmente rompido. Se os portais fossem abertos, uma tempestade inimaginável de demônios invadiria esse mundo. Nem um exército de 1 milhão de bruxas seria capaz de derrotá-la. Iríamos todos morrer. Toda a luz da vida seria extinta.

Me agarrei às rédeas de Torak. O galope familiar e o cheiro do meu cavalo eram meu único consolo. Observei nossa companhia enquanto nos movíamos.

Como de costume, Fawkes seguia na frente com seu enorme alce. Não tenho dúvidas de que ele conhecia Arcânia como a palma de sua mão. Ele nos guiou pela floresta sem dar um passo em falso, e agora eu também suspeitava que ele conseguia enxergar no escuro.

Um grupo de 20 rebeldes nos seguia em suas montarias, que eram menores do que os cavalos das bruxas, mas também eram resistentes e não se assustavam facilmente. Os rebeldes viajavam armados até os dentes e com uma intensidade solene. A maioria havia perdido os pais, esposas ou filhos. Eles odiavam os sacerdotes.

As bruxas se separaram em grupos diferentes. Algumas viajavam na companhia de Fawkes enquanto centenas seguiam atrás de nós. Reconheci algumas bruxas que vieram conosco de Witchdom, mas a maioria me era estranha.

Eles achavam que seu príncipe era louco?

Fiz o meu melhor para não falar demais sobre o que Áurion tinha feito e porque ele acreditava em mim. Mas ele estava certo sobre uma coisa. Eu era a chave para acabar com toda essa loucura.

Fiquei triste quando saímos de Portos Cinzentos, porque Ada parecia doente e derrotada. Sua magia não manteria a névoa distante por muito mais tempo, e eu temi que aquela seria a última vez que a veria.

Meus companheiros cavalgavam comigo. Nugar parecia uma aparição barbuda. Ele estava armado até os dentes e eu suspeitava que ele temia as bruxas que cavalgavam ao seu lado. Lucas parecia dolorido, mas estava mais ousado do que nunca. Ele montava o mesmo lindo garanhão que havia montado indo para Witchdom.

Will cavalgava ao meu lado esquerdo e eu tinha certeza de que ele o fazia porque Celeste o pedira para me proteger. Ele cavalgava bem e com vontade, uma imagem de força entre os outros rebeldes. Mas eu podia ver que ele sentia falta de Celeste. Era a primeira vez em meses que eles se separavam. Eu sabia muito bem como era deixar meu amor para trás.

Jon cavalgava à minha direita. Mesmo sob uma luz fraca, eu ainda via os traços da doença na luminosa cicatriz em seu rosto e nas veias pálidas em seu rosto e pescoço. Mas fora isso, ninguém suspeitaria que ele esteve tão perto da morte. E ele era ainda incrivelmente bonito.

Sua beleza e aparência rebelde haviam me seduzido inicialmente, mas o que realmente ganhou meu coração foi sua lealdade e abnegação. Jon era um tipo especial de homem. Até mesmo Ada havia notado. O vínculo que partilhávamos era real. Ele nos tornava mais fortes.

Jon comandava seu cavalo e, além de ser um excelente espadachim, também era rápido, forte e inteligente. Ele era a escolha mais lógica e experiente para cavalgar comigo na Cidade das Almas. Mas, ao mesmo tempo, eu não podia deixar de ter medo de perdê-lo.

A memória de Rose estava muito crua em minha mente; se eu perdesse Jon...

Pisquei para espantar as lágrimas e estudei seu rosto. Ele parecia possuir um poder secreto, parecia confiante da nossa vitória.

Mas como poderíamos vencer?

Todos sabiam o que nos aguardava na cidade, especialmente o Jon, mas ele seguia implacavelmente.

Eu sabia que nenhum de nós era páreo para os sumo-sacerdotes. Meu coração se afundou. Nossa tarefa inteira parecia impossível.

Olhei para o leste. Havia ainda pelo menos quatro horas de noite sobrando.

Ainda tínhamos um longo caminho a percorrer. O cheiro de enxofre, podridão e algo que não pude identificar intensificava conforme nos aproximávamos da Cidade das Almas.

Forçamos os cavalos ao limite. As costas de Torak estavam brilhando de suor. Ele merecia melhor. Eu só esperava que um dia aquela fera gigante pudesse ter uma vida normal. Me senti culpada por ele não poder correr livre com outros cavalos, por estarmos marchando para a morte.

O sol nasceu, mas não o víamos através das pesadas e acinzentadas nuvens.

Cavalgamos por horas, sem nunca parar. Minhas coxas queimavam e meus dedos escorregavam das rédeas, mas meu sangue mágico me impedia de sentir muita dor. Não podia deixar de me perguntar como os outros estavam.

Imaginei que Fawkes pudesse ter enlouquecido de medo. Eu vi o terror em seu rosto quando a primeira onda de névoa chegou em Portos Cinzentos. Agora ele nos pressionava tanto que eu tinha certeza de que os cavalos estavam prestes a desmaiar. Se não os deixássemos descansar em breve, eles morreriam e nunca chegaríamos a tempo. Ada e todos os outros morreriam. Eu já protestar pedindo uma pausa quando Fawkes ordenou uma. Foi como se ele tivesse lido a minha mente.

Descemos dos cavalos e os levamos até um riacho. Torak bebeu à vontade.

Tirei sua sela e coloquei seu cobertor para secar em uma árvore próxima. Passei meia hora cuidando dele e só quando ele parecia descansado eu fui beber água.

Bebi desesperadamente. A água tinha um estranho sabor amargo, mas eu bebi novamente porque não sabia quando teria outra chance de fazer isso.

— Há um sabor desagradável na água. — Jon ajoelhou-se ao meu lado e provou a água novamente. — Parece que a nuvem negra também a infectou.

Algas cobriam meus dedos. Sua cor não era o verde habitual que eu conhecia. Elas estavam negras.

— Parem. Não devemos beber isso. — Jon me observava, alarmado.

Olhei em volta:

— Agora é tarde demais. Todos já bebemos, assim como os cavalos.

Limpei meus dedos na grama: — Além disso, não importa se ficarmos doentes.

Jon não disse nada. Ambos saíamos que, se não pudéssemos parar os necromantes, morreríamos todos de qualquer maneira.

Enquanto eu bebia mais, algo chamou minha atenção. Eu me engasguei e cuspi água.

Corpos desciam pela corrente, flutuando lentamente riacho abaixo. Sua carne estava enrugada e podre. Era impossível dizer se eles haviam sido infectados.

Eles estavam tão apodrecidos que era impossível dizer se eram homens ou mulheres. Eles continuaram descendo pela água e ninguém se atreveu a tocá-los.

Algo embrulhado em um pano branco passou à deriva por mim. O pacote não era maior do que o meu antebraço. Eu comecei a chorar. Era como se uma aldeia inteira tivesse sido morta e jogada no rio.

Depois daquilo, mal falamos uns com os outros. Nossa companhia inteira foi assombrada por uma profunda sensação de mau agouro. O ar estava grosso com o cheiro da decomposição e sangue. Pude

sentir as bruxas me observando e fiz meu melhor para ignorá-las.

No que eu me meti?

Pensei na névoa e no pesadelo que havia dentro dela. Havia um grande mal que podia ser sentido como se fosse algo palpável. A única maneira que encontrei de manter o medo foi me concentrar no ódio que sentia pelo rei. A morte de Rose me assombrava e eu me esforçava para controlar minha fúria crescente. Eu não podia me dar ao luxo de cometer erros.

Após apenas uma hora de descanso, voltamos aos cavalos e seguimos em um ritmo mais lento. Passamos o dia seguindo por entre árvores doentes e moribundas que pareciam ter sido queimadas. Ocasionalmente, passávamos por pequenas fazendas, todas cinzas e podres.

Na a última luz do dia, finalmente saímos da floresta. Meu traseiro estava dolorido e machucado. Tudo que eu queria fazer era deitar no chão e dormir.

Mas nós havíamos nos aproximado da cidade. O tempo estava acabando e uma onda de adrenalina correu por minhas veias.

Deusa, mantenha-nos a salvo. Por favor, nos dê mais tempo.

Como se respondesse ao meu chamado, um distante trovão rugiu ao nosso redor.

Mas aquilo não era a deusa. Era outra coisa.

Outro som como o de um trovão deixou os cavalos em frenesi. Instei Torak a seguir em frente para distraí-lo do ruído.

Jon e Will se juntaram a mim enquanto seguíamos para a linha de frente.

Fawkes e sua guarda avançada haviam chegado a um impasse e ninguém se virou quando nos aproximamos. Seus olhos estavam fixos em algo abaixo deles.

Ofeguei quando chegamos na crista do cume ao lado deles.

A Cidade das Almas estava exatamente como eu me lembrava dela. Toda cercada por um muro de pedra de quase dez metros, com a pirâmide dourada que representava o sol se erguendo muito acima dos outros edifícios. Eu costumava ficar maravilhada com a visão daquela construção, mas agora ela me enfurecia.

O templo dourado brilhava através da névoa como um farol. Amaldiçoei-lo.

O som que eu ouvira antes não era um trovão, mas os gritos de milhares de homens e bruxos em guerra. O som do metal cortando carne e osso ecoava para fora dos muros da cidade. O rei bruxo estava em guerra com o exército infectado dos sacerdotes necromantes. E ele estava perdendo.

Meu estômago afundou. Seria necessário um milagre para passar pela névoa e chegar ao templo.



CAPÍTULO 30

EU ESTAVA ENTORPECIDA. Tudo parecia ter se silenciado de alguma forma: a luz do sol, os sons de batalha, o fedor e até os gritos dos moribundos. O ar estava zumbindo com energia mágica. Era uma mistura estranha. O cheiro doce das flores silvestres e o odor cítrico da magia elemental e branca se misturavam com o fedor de enxofre e podridão, o cheiro rançoso de carne queimada.

Fogo laranja ganhava os céus, bem como raios prateados e explosões brancas e vermelhas, iluminando o ar como fogos de artifício.

As bruxas lutavam habilmente. Elas giravam e acenavam com as mãos como dançarinas habilidosas. Era lindo e assustador ao mesmo tempo. Aquilo me fez esquecer de onde eu estava por um momento.

Mas mesmo as bruxas mais fortes não eram páreo para a magia negra e sobrenatural dos guardas do templo e seus soldados infectados. Eles encontravam pouca resistência e ceifavam as bruxas como campos de trigo.

Poças escuras pontilhavam o chão aos seus pés, e eu sabia que aquilo não era água.

Vi uma bruxa elemental com longos cabelos vermelhos lançar um raio de fogo em um infectado. O fogo o consumiu completamente e ele caiu para trás.

Mas mesmo com o corpo em chamas, ele brandiu sua espada contra a bruxa e a matou instantaneamente. Assisti horrorizada enquanto o homem em chamas atacava outra bruxa.

A magia parecia ter pouco ou nenhum efeito sobre os soldados infectados. A magia negra os protegia de alguma forma. Eu podia sentir. O zumbido da magia estava pesado no ar, como era em Portos Cinzentos. Como o zumbido de milhões de abelhas, a magia parecia emanar do coração da cidade. Me senti como se a própria cidade estivesse cantarolando, como se ela tivesse um coração vivo e pulsante.

As cores vermelhas, azuis e roxas de cada um dos reinos podiam ser vistas através da fumaça. Um homem de Ânglia decepou a cabeça de um infectado com sua espada, que rolou no chão aos seus pés. Ele se abaixava e girava, movendo-se habilmente pelo enxame de guerreiros infectados. Ele uivou um grito de guerra e voltou para batalha, brandindo sua grande espada atrás dele.

Três infectados morreram por suas mãos antes dele desaparecer no meio de uma horda.

Uma mulher vestida de vermelho e dourado, as cores de Ânglia, atravessou o olho de uma infectada com sua arma, fazendo-a desabar aos seus pés.

Embora as armas mundanas parecessem ter mais efeito do que a magia, elas não seriam suficientes. Estávamos em uma desvantagem de quatro para um.

Fiquei espantada pelos humanos e seus representantes terem seguido o rei bruxo.

Eles acharam que iam derrotar os necromantes sozinhos? O rei prometeu algo a eles? Eles o teriam apoiado se soubessem o quanto ele os odiava?

Avistei o rei bruxo novamente. Eu não podia ver sua artemagista, mas sabia que ele a estava usando. Não importava. Embora a guarda do conselho destruísse qualquer infectado que se aproximasse de seu rei, não fazia diferença. Um soldado infectado caía e outros três tomavam seu lugar. O rei bruxo estava perdendo feio e não havia sequer adentrado as muralhas da cidade.

Comecei a tremer sem nem perceber. Eu odiava o rei, mas não queria que o desgraçado morresse. Ainda não. Não até eu mesma poder matá-lo.

Jon chegou e colocou a mão no meu ombro.

— Uma vez que entramos, não haverá volta. Está pronta para isso?

— Não acho que qualquer um de nós esteja pronto para isso. Mas não temos outra escolha. Prefiro morrer tentando do que não fazer nada.

Procurei o cabelo prateado do príncipe no meio da batalha, mas era impossível ver ou reconhecer alguém. Rezei para que ele ainda estivesse vivo.

Continuei observando por mais um momento. Eu sabia que a verdadeira ameaça estava além dos muros da cidade. Eu precisava chegar ao templo de alguma forma.

Mesmo sabendo que era minha responsabilidade, eu estava incerta. Eu só conseguia sentir desânimo. Eu sabia que não podia recuar agora e lutei contra o pânico.

Observei nossa companhia de bruxas. Pela primeira vez desde que havíamos deixado Portos Cinzentos, vi neles um medo real. Talvez eles achassem que sua magia seria o suficiente. Agora, eles viam que estavam errados. Algumas bruxas lançaram olhares duvidosos na minha direção.

Estão arrependidos por terem vindo? Perceberam que sua magia não era nada contra esse mal?

Se os infectados não os derrotassem, a névoa o faria.

Eu já podia sentir a névoa envolvendo dedos gelados em meu pescoço. Se não agisse rápido, ela iria sufocar minha vida e os demônios se alimentariam da minha alma. Se a escuridão rompesse a barreira do nosso mundo, nada mais poderia impedi-la.

Fawkes se aproximou com seu alce: — Vamos repassar o plano novamente.

Ao lado dele estava Raken, um bruxo das trevas que reconheci de nossa jornada a Witchdom. Suor escorria pelos lados de sua cabeça careca. Como Fawkes, seu rosto não denunciava idade, mas seus olhos eram escuros e vazios.

Ele parecia o tipo de bruxo que ninguém iria querer desafiar. Suas mãos estavam cobertas por cicatrizes pálidas, prova de que ele havia lutado com magia negra.

Ele deve ter lutado por toda uma vida para ter cicatrizes assim.

— Não vou desperdiçar nosso tempo revisando os preparativos para a batalha — disse Fawkes. — A guerra já está sobre nós.

Ele levantou a voz:

— Sabíamos o que iríamos enfrentar. Isso não deve surpreender nenhum de vocês. Vejo que alguns têm dúvidas, mas ouçam-me agora. Isso não é nada comparado ao que irá acontecer se os demônios da névoa escaparem para o nosso mundo. Nunca se esqueçam do motivo pelo qual estamos aqui. Estamos aqui para destruir os necromantes e levar a pedra de volta.

Seus olhos encontraram os meus: — Os necromantes são seres humanos e podem ser mortos. Mas para isso, precisamos destruir a fonte do seu poder.

Seus olhos fitaram a cidade abaixo.

— E nós sabemos que ela está lá em algum lugar.

— Mas e se você estiver errado? — disse uma bruxa que parecia um duende.

— Não temos provas de que a fonte da magia está no templo dourado. Está disposto a sacrificar nossas vidas por um capricho?

Algumas bruxas ao lado dela assentiram com a cabeça. Eu quase sorri para seu desafio.

Fawkes olhou para a bruxa e eu a vi vacilar.

— Não estou errado.

Reconheci os olhares furtivos que ele deu aos humanos. Fawkes guerreou contra humanos por anos. Não devia ser fácil para ele ou para qualquer bruxo lutar ao lado deles. Os bruxos viviam por um longo tempo, mas os humanos só se lembram do que aconteceu por histórias, passadas de geração para geração.

As guerras contra os bruxos haviam se desvanecido da memória humana. Eu tinha certeza de que bruxos como Raken haviam lutado na guerra contra os humanos, talvez no mesmo lugar em que estávamos agora. Eles tinham experiência real de batalha, mas eu podia entender porque estavam em conflito agora.

Me lembrei do que o rei bruxo disse sobre a família de Fawkes. Trabalhar com seres humanos provavelmente era insuportável para ele, mas ele ainda estava aqui.

— A primeira tarefa é fazer Elena e seus rebeldes passarem pelos portões e adentrarem o templo —

continuou Fawkes.

— A equipe de Elena tem a responsabilidade de conseguir a pedra. Todos os outros estão aqui para garantir que isso aconteça. Uma vez dentro do templo, teremos uma segunda equipe que irá caçar os necromantes. Raken cobrirá nossa retaguarda.

Jon não recebia ordens de ninguém, especialmente de um bruxo, mas ele parecia consentir silenciosamente enquanto assentia ligeiramente com a cabeça.

Meus rebeldes seguiram o exemplo de Jon e escutaram Fawkes. Senti uma mudança de atitude entre homens e bruxos. O relacionamento entre Will e Celeste era parte disso. Eu pude perceber que humanos e bruxos estavam começando a aceitar uns aos outros. Eu torcia para que essa confiança recém-descoberta durasse.

Eu percebi que Jon admirava e confiava em Fawkes. Sabia que eles fizeram planos enquanto eu estava indisposta. Aparentemente, eu perdi muita coisa.

Ninguém falou sobre o que aconteceria depois que recuperássemos a pedra.

Fawkes acreditava que iríamos todos morrer aqui? Que nunca conseguiríamos voltar? Estávamos fazendo um tipo de sacrifício à Deusa?

Talvez Fawkes estivesse preparado para morrer, mas eu não planejava fazer isso hoje.

— Elena é a única que pode recuperar a pedra. — A voz de Fawkes me despertou dos meus pensamentos. — Primeiro, temos que levá-la para dentro desse maldito templo dourado. Ela precisa chegar lá, custe o que custar. Nós a protegeremos com nossas vidas.

Fawkes olhou atentamente as bruxas e humanos.

— Bruxas. Seres humanos. Temos apenas uma chance para conseguir a pedra. Seguiremos pelo portão norte. A névoa parece menos densa lá. Vamos torcer para que nossos olhos não estejam nos enganando.

Fawkes desmontou. Seguimos seu exemplo e descemos de nossas montarias.

Fawkes se inclinou e disse algo no ouvido de seu alce. A grande besta olhou para ele por um momento e depois correu para longe da ação. E, para a minha surpresa, todos os cavalos a seguiram.

Eu esfregava o pescoço do Torak: — Fique longe de problemas. Fique seguro. — Eu não arriscaria meu cavalo de jeito nenhum. — Vejo você mais tarde.

Dei um tapinha na anca dele e ele seguiu os outros cavalos. Meu peito se apertou com a visão dele indo embora, mas também me confortei. Torak e os outros cavalos ficariam seguros, pelo menos por um tempo.

— Que a deusa nos proteja — disse Fawkes.

Eu também podia ouvir outras bruxas rezando para a Deusa.

Pouco depois, estávamos em movimento. Fawkes liderou o caminho e as bruxas cercaram a mim e os rebeldes, criando uma concha protetora a nossa volta.

Normalizei minha respiração e tentei me concentrar. Senti meus poderes despertarem dentro de mim em uma descarga de adrenalina. O aviso de Ada passou pela minha mente, mas não consegui pensar nele naquela hora.

Jon e Will me flanqueavam, enquanto Nugar e Lucas seguiam atrás de nós.

Parte de mim estava irritada por estar sendo tão protegida. Como eu teria uma chance de pegar o rei bruxo cercada desse jeito? De alguma forma, eu teria que me libertar para encontrá-lo.

Jon olhou para mim. Seu olhar era tão cheio de amor que eu quase comecei a chorar: — Fique perto de mim. Se as coisas derem errado, procure Fawkes. Prometa.

Levei um momento para responder, pois não confiava que a voz ia sair.

— Eu não preciso. Nós ficaremos bem.

Eu tentava controlar o bater selvagem do meu coração: — Só... fique vivo, certo?

Sempre havia a chance de ele também morrer. Mas se alguém podia sobreviver àquilo, esse alguém era o Jon.

— Eu estarei bem atrás de você — disse ele. — Não deixarei que nada te aconteça.

Eu engoli seco e assenti com a cabeça. Eu mal conseguia respirar e não conseguia parar de trincar os dentes. Eu limpei minha testa úmida com as costas do braço e pisquei para tirar a umidade dos olhos.

Os outros rebeldes estavam todos reunidos em torno de nós. A maioria deles provavelmente morreria. Senti uma pontada de vergonha por nunca ter aprendido o nome de todos.

Meus joelhos tremeram de repente e tentei me concentrar na minha raiva.

Tudo ao meu redor foi dissolvido até que havia somente eu e o Templo Dourado.

Minha fúria, minha magia de sangue, corria por minhas veias. Nenhuma névoa ou magia negra poderia negar-me a vingança.

No começo, achei que teríamos o elemento surpresa, já que os soldados infectados não repararam em nós. Mas como se tivessem lido a minha mente, uma horda deles se virou ao mesmo tempo e correu pela colina na nossa direção.

— Merda. Nada de elemento surpresa — eu resmunguei.

— Para melhor ou para pior — disse Jon. — Vamos matar tantos quanto esses malditos de olhos pretos quanto pudermos.

— Por Garrick — a voz rouca do Nugar sempre me surpreendeu.

— Por Max — ecoou Lucas.

— Por Leo — gritou Will.

O rosto de Jon brilhava na penumbra. Sua espada subiu em seu punho maciço e os músculos do seu braço se retesaram. Ele uivou um grito de guerra, ecoado pelos rebeldes e bruxas.

O sangue pulsava nos meus ouvidos e meu coração acelerava com medo e fúria.

— *Vamos matar esses malditos.*

Saquei minha lâmina de bruxa, respirei fundo e desci correndo pela colina.



CAPÍTULO 31

A PRIMEIRA ONDA DE infectados era imensa e nos atacou rápido. Eles se moviam como animais primitivos. Alguns tinham armas nas mãos, mas outros usavam apenas as garras. Eles avançavam com o único objetivo de destruir qualquer ser vivo em seu caminho. Sua pele mal se prendia aos corpos. Bolhas e um corrimento amarelo cobria a maior parte de seus rostos. Seus olhos pareciam grandes demais. Os narizes e lábios revelavam dentes e ossos apodrecidos.

Suprimi o desejo de vomitar. Seus olhos negros desumanos estavam vazios e mortos. Como Jon, a névoa negra havia levado a humanidade deles, transformando-os em espectros. Eles se assemelhavam aos demônios que eu havia visto na névoa.

O fedor de infecção era esmagador. Ele queimava meus olhos e a minha garganta, tornando difícil respirar. Senti como se tivesse esfregado cebola nos olhos e na boca. Todos tossimos por alguns segundos. Por um momento horripilante, senti que seríamos presa fácil. Mas a linha de bruxas aguentou e começamos a fazer progresso em direção às paredes da cidade.

Três homens infectados romperam a nossa linha. Eles pareciam estar à procura de alguém e, quando me viram, atacaram como animais selvagens.

— Pela esquerda! — Eu gritei.

— Will! — rugiu Jon.

Will, Jon e eu avançamos para os inimigos, separando as cabeças de seus corpos. De alguma forma, sabíamos que era possível matá-los atingindo seus cérebros ou decapitando-os. Eles caíram tortos aos nossos pés e eu provei seu sangue azedo em minha boca. A parede de bruxas se firmou ao nosso redor e eu estava protegida até o momento. Mas a forma com que os infectados me olhavam deixava uma sensação fria e inquieta no meu peito.

Várias bruxas elementais se apressaram para a minha frente. Elas levantaram as mãos e atiraram uma grande explosão flamejante que iluminou a noite, transformando-a em dia. O som ecoou pelos muros da cidade e, embora a luz tenha durado apenas alguns segundos, foi suficiente para ver além da parede protetora.

Meu coração se afundou. Olhei para onde tinha visto o rei bruxo pela última vez. Os infectados que o estavam atacando recuavam e seguiam na nossa direção. Agora, toda a sua atenção estava focada em nós, em mim. Eles haviam esquecido o rei porque sabiam que eu estava aqui. Eles estavam atrás de mim.

Naquele ritmo, todos estaríamos mortos dentro de uma hora e nunca chegaríamos aos portões da cidade.

— Fawkes! Nós paramos de nos mover! — Eu gritei em pânico e cheguei ao lado dele em poucas e largas passadas.

— Os outros infectados voltaram as costas para o rei e estão nos atacando.

Eles sabem que eu estou aqui e não querem que eu chegue até a cidade. É uma armadilha. Se não seguirmos em frente, não vamos conseguir.

Fawkes avaliou a situação e um sorriso sombrio surgiu em seu rosto.

— Hora de bolar outra estratégia — disse Jon. Ele falava rapidamente. — É

óbvio que os sacerdotes sabem que Elena está aqui e, de alguma forma, os infectados parecem reconhecê-la. Não sei como isso é possível.

— Magia — disse Lucas.

Fawkes assentiu com a cabeça: — Sim. Possivelmente.

— Eles sabem como ela é — repetiu Jon. Ele tirou um lenço de dentro da capa. — Então nós vamos disfarçá-la.

Peguei o lenço e envolvi minha cabeça e rosto com ele, até que apenas meus olhos estivessem à mostra.

— No que você está pensando? — perguntou Fawkes.

Bruxas e humanos começaram a cair ao nosso redor. Assim como meu ânimo. O lenço de Jon impediu os outros de verem o desespero em meu coração.

— Deixe-os acreditar que ela está aqui — disse Jon. — Assim, podemos dar a volta por eles e passar

pelo portão norte. Até onde eu vi, ninguém o está guardando. Se formos rápidos, poderemos entrar na cidade antes que eles saibam.

— Não poderei protegê-la — disse Fawkes. — Você estará por conta própria.

Se eles a virem... —

— Não — eu disse com confiança. — Eu sou muito boa em passar despercebida. Tive anos de prática.

Era impossível dizer o que Fawkes estava pensando: — É um plano muito arriscado.

— Eu consigo — eu pressionei.

A carnificina da batalha aumentava ao nosso redor a cada instante.

Precisávamos nos mover.

— Confie em mim. Esta vai ser a parte mais fácil.

— Se alguma coisa acontecer com você...

O olhar de Fawkes dardejava entre mim e os inimigos.

— Vamos mantê-la a salvo — disse Jon. — Eu sei que é um risco, mas nossas chances contra todo o exército de infectados não são boas. Mesmo se conseguíssemos passar lutando, não chegaríamos na cidade antes da névoa fazer efeito. Esta é a nossa única chance.

A carranca de Fawkes aprofundou-se: — Então é melhor vocês fazerem isso rápido, antes que essas abominações saibam que as estamos enganando.

Me preparei para seguir o plano — — Elena, tenha cuidado — disse Fawkes. — Com a névoa tão concentrada, os necromantes estarão mais fortes. Não sei o que você irá enfrentar no Templo Dourado. Pode ser algo nunca visto antes.

Eu pude ver o desespero em sua voz pela primeira vez.

— Eu vou ter cuidado. — Meu estômago revirava. — Eu prometo.

— E lembre-se de controlar suas emoções. Não ceda a elas.

Encarei Fawkes. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Sem o treinamento necessário, eu era fraca demais para controlar a pedra. Mas eu conseguia fazer isso e ia provar.

Me virei e segui Jon por trás do exército. As bruxas continuavam atacando a horda de infectados e nos deram a oportunidade que precisávamos. Conseguimos fugir facilmente.

De relance, vi o rei bruxo e seus guardas passando pelo portão norte, seguindo na direção do Templo Dourado. Eu vi um flash de cabelos prateados, mas não dava para dizer com certeza se era o príncipe. Eu só podia torcer para ele ainda estar vivo.

Corremos com discrição e velocidade. Se parássemos, morreríamos.

Membros desmembrados, cabeças cortadas e entranhas dificultava nosso equilíbrio, e tive de me concentrar muito para não escorregar na confusão de sangue e tripas. Embora alguns corpos fossem de soldados infectados, a maioria era de humanos e bruxas. Milhares estavam mortos.

Escolhemos cuidadosamente nosso caminho através e por cima dos mortos, enquanto gemidos se erguiam da carnificina. Alguns ainda estavam vivos.

Lágrimas jorravam dos meus olhos, mas eu não podia parar. Eu não podia ajudá-los. Agora eles estavam nas mãos da Deusa.

O caminho que levava à entrada do portão norte estava limpo.

Isso é obra sua, Deusa? Você criou este caminho para nós?

De alguma forma, eu soube em minha alma que a Deusa nos ajudava da forma que podia. E aquilo era bom o suficiente.

Quando chegamos ao portão, nossos rostos e roupas estavam cobertos de algo pegajoso que eu nem queria pensar no que era. Ainda assim, não paramos.

Precisávamos chegar ao Templo Dourado.

A Cidade das Almas parecia um pouco assustadora à noite. Mas agora, mesmo na escuridão da névoa sombria, vi que os jardins e gramados bem cuidados haviam sido reduzidos a podridão e cinzas. Parecia o inferno.

Pensei em Fawkes e torci para ele conseguir abrir caminho pela horda de infectados e a névoa. Acelerei ainda mais. Minha camisa grudava em minha pele encharcada de suor e o fedor de podridão se intensificava e sufocava. Mas nenhum de nós parou.

Finalmente, o Templo Dourado pairava sobre nós no final de uma estrada de pedra. Suas paredes douradas brilhavam artificialmente e uma luz suave e amarelada se derramava de suas janelas. Nós conseguimos.

Parei para recuperar o fôlego por um segundo e olhei para trás. Nugar e Lucas estavam à vista, bem como doze dos 20 rebeldes. Não consegui pensar no que havia acontecido aos outros. Me virei antes que eles pudessem ver o pânico em meu rosto. Eu tinha que aparentar que sabia o que estava fazendo. Mas é claro que não sabia.

As portas familiares estavam à nossa frente.

— Por que não há nenhum guarda?

Jon gemeu e tossiu. Por um momento, achei que havia cometido um erro terrível e ele não estava totalmente curado. Mas ele se recuperou rapidamente e seu rosto estava rosado e saudável.

— Por que eles estão guardando a cidade, mas não o templo.

— Será que nos enganamos? — perguntou Lucas. — Se os sacerdotes não estão aqui, tudo foi em vão.

Dava para ver que os outros também estavam pensando a mesma coisa.

— Não foi em vão — eu rosnei. Minha voz saiu mais alta do que eu pretendia.

Eu olhava para o maldito nevoeiro e sentia os olhos dos demônios me encarando, me desafiando a entrar. O chão sob nossos pés vibrou e, por um momento, achei que as paredes do templo se expandiam e contraíam, como se o monumento gigante estivesse respirando. O poder dos necromantes era enorme ali. Qualquer tolo podia sentir que estávamos cercados pela morte.

Dei de ombros e me endireitei.

— Chega dessa merda. Vamos fazer o que nos propusemos a fazer. Eles estão lá dentro. Não se enganem. Não vamos cair no jogo deles.

Nugar xingou em voz alta e brandiu o machado com ambas as mãos: — Eu não sou peão de ninguém. Especialmente dos sacerdotes.

Eu não podia concordar mais com Nugar, mas suspeitava que havíamos sido enganados. Agora era hora de virar o jogo.

— Você sabe o que vai acontecer quando passarmos por essas portas — disse Jon, como se ele tivesse lido minha mente.

Eu olhei para a entrada. Minha pulsação aumentou e deixei a raiva me alimentar, pois eu precisava de coragem.

— Não importa. Vamos continuar. Vamos lutar. É tudo que podemos fazer.

Se a Deusa permitir, vamos pegar a pedra e viver. Não planejo morrer hoje, então mexam-se e vamos fazer o que viemos fazer.

Quanto mais eu olhava para aquelas portas, mais sentia a coragem ir embora.

Se não entrasse agora, nunca mais o faria.

Saquei minha lâmina de bruxa e subi pelas escadas, duas de cada vez. Jon e Will vinham ao meu lado. Chegamos correndo até as duas portas maciças e eu joguei o ombro contra elas.

Elas se abriram e meu coração parou.

As paredes douradas e o piso de mármore negro não estavam ocupados por sacerdotes, mas sim por demônios.



CAPÍTULO 32

CENTENAS DE CRIATURAS parecidas com lobos de pele cinzenta e bocas salivantes esperavam no grande salão. Seus rostos estavam distorcidos pelo ódio e os corpos eram deformados e dobrados. Eles estavam armados com espadas e suas bocas se esticavam anormalmente quando eles rugiam. O cheiro rançoso de fezes e decadência pairava no ar. Os olhos amarelos pulsavam com magia, nos avaliando.

Agarrei minha lâmina com tanta força que doeu e resisti ao impulso de dar um passo para trás. Mal tive tempo para registrar o que estava olhando. Senti os outros rebeldes se posicionando cuidadosamente ao meu lado.

As criaturas nos cercaram, mas não atacaram. É como se estivessem esperando por algo.

Como o rei bruxo conseguiu passar?

Analisando o local rapidamente, eu vi alguns corpos amassados. Não havia como confundir as poças marrons que cobriam o chão. Mas nenhum dos corpos ali pertenciam ao rei ou seu filho.

Queria que Fawkes e suas bruxas estivessem ali. Talvez não tivesse sido uma ideia tão boa assim.

— Estes são os demônios que você viu na neblina? — perguntou Will.

Eu balancei minha cabeça: — Não.

Um pânico frio jorrou através de mim quando percebi o que eles eram.

— Não são demônios. Olhem, eles estão usando os uniformes dos guardas do templo e todos têm espadas — eu disse.

— São seres humanos, ou pelo menos foram um dia. Eles eram os guardas do templo.

Vários dos rebeldes, incluindo Nugar, fizeram o sinal de proteção contra o mal. Algumas das criaturas até moveram a cabeça à menção dos guardas do templo, como se reconhecessem que o haviam sido.

— Não se engane — eu disse. — Essas coisas são diferentes das outras criaturas infectadas que já vimos. Seus corpos parecem ter passado por uma transformação. Talvez seja um tipo diferente de

infecção.

O ar estava cheio de uma energia que eu nunca havia sentido antes. O templo vibrava com essa energia. Percebi que Jon também sentia aquilo.

A presença dessas criaturas confirmou minha suspeita inicial de que os sacerdotes estavam em algum lugar no templo. A névoa também parecia cobrir a cidade a partir dali. Ada havia me encarregado de encontrar a fonte da magia deles. E eu sabia que ela estava em algum lugar daquele templo.

Mas de onde estava? Eu a reconheceria se a visse?

Olhei para as portas atrás de mim e respirei fundo.

A neblina havia engolido a rua onde estávamos momentos atrás. O caminho que havíamos usado tinha desaparecido. A névoa profana se movia, seguindo direto para as portas do templo.

— Fechem as portas!

Dois dos rebeldes puxaram rapidamente as portas e as fecharam atrás de nós.

Eu não sabia se era pior ficar lá fora com a névoa ou no templo com aquelas criaturas.

— Mate a cadela — disse um dos guardas do templo.

Eu me virei para encará-lo.

Seus lábios recuaram quando ele soltou um rosnado entre longos dentes.

— Não a deixe escapar.

De repente, as criaturas vieram atrás de mim.

Nem tive a chance de brandir minha lâmina antes de Jon me empurrar para trás dele.

— Protejam Elena! — Ele rugiu.

O enorme Nugar surgiu ao meu lado. Lucas estava ao lado dele e Will protegia Jon.

O grande salão se tornou uma cacofonia de gritos estridentes, rangidos e barulho de metal atingindo metal, carne e osso.

Duas criaturas pularam da parede oposta, vindo direto para mim. Nugar se moveu com uma velocidade assustadora para alguém tão grande. Com um golpe do seu grande machado, ele cortou a criatura do pescoço à virilha. Uma confusão de tripas caiu aos seus pés. Lucas atacou com dois golpes rápidos na garganta de outra criatura, que cuspiu um líquido preto e desabou.

Nosso grupo se separava enquanto batalhávamos com as criaturas que guardavam o templo. Estamos em séria desvantagem. Eu precisava pensar em uma solução antes que fôssemos subjugados.

Eu precisava encontrar a pedra.

— Jon, eu preciso ir até o altar! É lá que os sacerdotes estão.

Se estivessem aqui, eu suspeitava que eles estariam rezando em seu altar. Eu estava prestes a dizer onde era, mas ele assentiu com a cabeça como se já soubesse.

— Certo. Fique atrás de mim.

Corremos para o outro lado da sala, mas mal demos dez passos antes de uma parede de guardas se colocar no nosso caminho.

— Eu vou saborear sua carne feminina — cuspiu um guarda.

Seus olhos amarelos tinham uma fome e ódio desesperados. Sua voz rachou em uma risada doentia e ele brandiu a espada na minha direção mais rápido do que qualquer homem conseguiria.

Me esquivei, mas senti a ponta da espada atravessar a minha camisa. Embora o calor molhado no meu estômago indicasse que eu estava sangrando, senti meus poderes de cura entrando em ação.

Algo acertou Jon na cabeça com um baque doentio. Seus olhos rolaram para trás da cabeça e ele caiu no chão de mármore. Sangue escorria de um grande corte em sua testa. Ele não se movia.

— Jon! — Eu gritava, mas ele não se levantava.

Raiva, dor e medo subiram através de mim. Senti como se meu coração tivesse sido esmagado. Doeu tanto quanto na época que Jon foi infectado. Eu quase perdi a razão quando o vi morrendo. Vê-lo caído novamente daquele jeito quase me destruiu.

Girei na direção dos meus atacantes, procurando sangue.

— Seu maldito! Eu vou matar você!

As criaturas do templo me olharam com calma, curiosidade e escárnio. Sua pele me fez pensar nos pequenos lagartos que eu costumava apanhar quando criança.

— Eu sempre os odiei, seus malditos — eu sibilei.

Brandi minha lâmina de bruxa e olhei rapidamente para Jon. Eu esperava que ele abrisse os olhos e se levantasse. Mas ele não se moveu e eu não poderia dizer se ele estava respirando.

Minha visão estava turva com as lágrimas e eu não podia ver os outros rebeldes, mas o som da batalha ecoava por toda parte.

— Eu vou esfolá-lo pelo que vocês fizeram.

Os guardas riam e zombavam. Um deles tinha os olhos leitosos e uma cicatriz que cortava seu rosto. Ele usava um cinto de crânios e sua voz era profunda e autoritária.

— Você deve desejar a morte, cadela das bruxas, para ser tola a ponto de vir ao templo dos nossos mestres.

Olhei furiosamente para aquelas criaturas: — Eu não vou morrer. Você vai.

Mas percebi que as minhas palavras soaram tolas quando as disse. Eu não tinha a minha artemagista daquela vez. Apenas a minha espada e meu sangue mágico. Rezei para isso ser o suficiente.

— Aldous, deixe-me matar a cadela — disse um guarda com tranças. Sua espada pingava com sangue fresco.

— Podemos nos banquetear com a carne dela mais tarde.

— Sei de outras coisas que também podemos fazer com ela — disse o guarda dos olhos leitosos.

Mantive meu rosto impassível. Não me permitiria mostrar medo.

Parte da minha mente, é claro, me implorava para sair correndo dali. Mas a raiva brutal e o desejo de vingar Jon e Rose me possuíam e me comandavam a ficar e lutar. Eu não abandonaria meus amigos. Não havia volta.

O guarda chamado Aldous mostrou seus dentes podres.

— Não há como fugir. Agora você é minha, bruxinha.

Ele pulou em mim, mas eu estava pronta, Com um movimento rápido de pulso, joguei uma das minhas facas de caça.

As últimas palavras de Aldous morreram em sua garganta quando minha faca perfurou seu olho direito, atravessando seu cérebro. Sangue negro saía de sua boca aberta enquanto ele tombava feito uma árvore morta.

Os outros dois guardas rugiram de fúria e atacaram como animais selvagens.

Um dos guardas atirou sua espada como uma lança e eu mal tive tempo de abaixar antes da arma cortar meu pescoço, mas ela passou direto e se enterrou na parede atrás de mim.

Rolei pelo chão e girei nos calcanhares, surpresa com o quão firme eu estava.

Minha fúria havia acordado a magia negra nas minhas veias, me enchendo de uma força mais fria do que a da minha artemagista. Era algo diferente e eu sabia que ia me perder se não controlasse aquilo.

Sem dar tempo para a besta reagir, chutei seu maxilar e bati com o outro pé na parte inferior das costas dele. O guarda cambaleou, mas não parecia ferido.

Ele cuspiu sangue negro de sua boca e sorriu. Seus dentes podres estavam manchados de sangue.

Seu sorriso só me deixou mais nervosa.

— Eu vou cortar sua garganta, bruxa!

Saltei sobre as pontas dos dedos e brandi minha lâmina de bruxa. Cerrei os olhos e sorri sombriamente.

— Não se eu cortar a sua primeiro.

Deixei minha intuição me guiar. O guarda avançou. Fintei para a esquerda, vim por trás dele e cortei seu pescoço.

Empurrei o guarda morto para longe, mas algo me acertou e minha lâmina voou da minha mão. Um suspiro me escapou e caí no chão.

Eu gritei por causa de uma dor excruciante em meu ombro. Consegui rolar para longe do meu agressor, mas o sangue quente encharcava o lado esquerdo do meu corpo.

Mesmo com a dor e a inflamação no ombro, eu sentia meu poder de cura costurando a carne machucada e me alimentando com uma força renovada.

Avistei minha lâmina de bruxa no chão entre dois guardas.

Uma luz dourada se derramava da minha camisa rasgada e um dos guardas parecia confuso.

— Sua magia não te salvará agora — rosnou outro guarda.

Ele se lançou ferozmente na minha direção com a espada acima da cabeça.

Freneticamente, levantei o braço para desviar do ataque, mas a força violenta do guarda enviou uma onda de dor intensa através do meu braço e eu senti algo estalar.

Ele uivou quando se lançou para o ataque novamente. Esquivei para trás, mas meu braço pendia inutilmente ao lado do corpo. Eu podia sentir a cura agindo, mas ela não seria rápida o suficiente. Abaixei enquanto a espada passava por cima da minha cabeça. Alguns centímetros a mais e eu seria decapitada.

Meu coração martelava enquanto eu lutava para controlar o pânico.

Eu não tinha mais armas. Estava derrotada.

Eu estava deitada no chão, indefesa, e só podia olhar aterrorizada enquanto o guarda com os dentes à mostra avançava. Sua espada veio na direção do meu coração.



CAPÍTULO 33

O MUNDO DESACELEROU e senti a vida passar diante dos meus olhos. A ponta da espada do guarda ficou a polegadas do meu pescoço. Eu sabia que, por não ter me movido uma fração de segundo antes, fazê-lo agora seria tarde demais.

Era tarde demais. Eu ia morrer...

Mas então, uma lâmina reluziu e aparou a espada do guarda, de modo que ela apenas arranhou meu pescoço.

— Para trás!

Lucas havia salvado a minha vida.

Ele se movia graciosamente através do emaranhado de guardas, fatiando e cortando com uma lâmina em cada mão. Os guardas ao nosso redor caíram em questão de segundos.

Fiquei atordoada por ter sido salva por Lucas, mas estava mais do que grata.

Ele tinha um sorriso estranho e assustador no rosto. Algum tempo atrás, eu teria jurado que Lucas não queria mais nada na vida além de me matar. Ele era um lutador mais hábil do que eu pensava a princípio. Os outros guardas não tinham me visto ainda, então usei o precioso tempo que Lucas me deu e corri até Jon.

Pressionei minhas mãos contra seu pescoço. Havia pulso.

— Ele ainda está vivo — eu disse a mim mesma em silêncio. Lágrimas jorravam dos meus olhos. Ele tinha um grande hematoma na testa, mas seu peito subia e descia em um movimento constante.

— Jon, acorda! — Eu balancei os ombros dele. — Jon!

Mas ele não acordou. Suprimi meu pânico pensando que ele acordaria eventualmente. Não era ruim que ele parecesse morto, porque eu precisava deixá-lo e os guardas não o incomodariam.

Olhei para a batalha que acontecia. Eu não podia ver Nugar ou Will, mas os outros rebeldes ainda lutavam heroicamente. Eles estavam vivos. Eu tomei isso como um bom sinal.

Em um novo surto de adrenalina, procurei pelos corredores e reconheci o caminho que me levaria até o altar. Meu braço havia se curado, então peguei minha lâmina de bruxa e segui em direção ao corredor norte.

— Lucas! Para o altar! — Eu gritei.

Lucas deslizou para o meu lado feito um gato e nós corremos, pegando alguns guardas desavisados de surpresa antes de seguirmos adiante.

Passamos por um borrão de portas que levavam a outras salas enquanto voávamos baixo pelo piso de mármore. Passos pesados ecoavam atrás de nós, mas me concentrei apenas em chegar ao altar e torcer o pescoço do sumo sacerdote.

O caminho eventualmente levou ao altar. Duas grandes mesas cerimoniais estavam cobertas com crânios humanos e velas foram posicionadas em ambos os lados do altar. Um grande anel vermelho com símbolos em seu interior foi pintado no chão, circundando o altar.

No começo, o lugar parecia exatamente como eu me lembrava da época em que o sumo sacerdote de Ânglia matara o príncipe Landon. Mas os braseiros que queimavam com um fogo verde agora estavam apagados e sem vida. E o altar estava vazio.

Os pelos da minha nuca se eriçaram. Não havia ninguém lá. Nenhum sacerdote, necromante, ninguém.

Eu não conseguia respirar. Derrapei até parar.

— Eu não entendo. — Eu disse, ofegante. — Eles deviam estar aqui. Eu senti a magia deles.

E se eu estivesse errada? E se eu tivesse sentido outra coisa?

Eu me virei.

— Lucas —

Os olhos de Lucas se arregalaram e sangue jorrou da sua boca. A ponta prateada de uma espada surgia de seu peito.

— Não!

Me atirei no guarda enquanto ele puxava a espada para me atacar. Mas eu fui mais rápida e minha lâmina atravessou sua boca aberta e o cérebro. O corpo do guarda caiu na minha direção, cheirando a ovos podres. Me afastei e corri até Lucas.

Me ajoelhei no chão, esquecendo a batalha ao meu redor, e coloquei sua cabeça no meu colo.

Seus olhos piscaram com dor e medo.

Ele sussurrou, — eu... Sinto muito.

E então, Lucas morreu.

Eu estava quente e fria ao mesmo tempo quando me agarrei ao jovem que me aterrorizava, no qual nunca confiei, e que havia salvado a minha vida.

E então eu senti — aquele pulsar reverberante novamente. Estava mais alto dessa vez e parecia mais intenso. Pressionei minha mão contra o chão e fiquei chocada pelo mármore não estar quente ou frio.

E foi aí que eu soube onde estavam os sacerdotes.

Gritos vinham da porta. Uma massa de guardas corria na minha direção.

Coloquei Lucas no chão o mais suavemente possível.

— Que a Deusa o proteja.

Levantei e atravessei a câmara correndo para o lado oposto. Meus inimigos vieram atrás de mim.

Mas meu sangue mágico era forte e eu corria rápido. Todos os malditos corredores pareciam iguais e eu me perdi depois da segunda esquina. Procurei por algum marco familiar e avistei uma tapeçaria que eu havia visto antes. Eu sabia onde estava.

Se eu parasse para lutar, acabaria morrendo. Minha única opção era despistá-

los. Minha vantagem é que eu sabia para onde estava indo, mas eles não.

Voei baixo pela passagem e, após correr em círculos por cinco minutos, pude finalmente ouvir a comoção diminuindo atrás de mim. Torci para tê-los despistado.

Eu havia perdido muito tempo. Precisava me apressar.

Tochas lançavam luzes cintilantes contra as paredes de pedra enquanto eu corria. Me aproximei da entrada da prisão. Eu tinha ido até lá poucos meses atrás, quando descobri que Jon estava terrivelmente infectado. Não havia ninguém nas proximidades.

Foquei em chegar nas grandes portas de madeira da prisão antes dos guardas me encontrarem.

Talvez tenha sido a Deusa, meu sangue mágico ou ambos, mas consegui chegar lá inteira.

Abri as portas e voei para baixo das escadas na escura prisão. Além do cheiro familiar de podridão, o zumbido havia se tornado um rugido. O cheiro de enxofre queimava meu nariz e pulmões.

Apenas uma coisa no mundo poderia estar fazendo aquele som.

Eu não estava indo para as celas dessa vez.

Cheguei a uma plataforma, mas, em vez de seguir em linha reta, virei para esquerda e vi outra porta. Se eu estivesse certa, a arquitetura do salão principal seria a mesma das prisões abaixo. Tinha que haver mais espaço habitável nesses níveis subterrâneos.

Mexi na maçaneta e me surpreendi pela porta não estar trancada.

Me preparei, abri a porta e passei por ela. Fui imediatamente cercada pelas trevas, mas como cresci acostumada com a escuridão, vi que uma luz brilhava através das sombras, vários metros à minha frente.

Ouvi passos, fechei a porta rapidamente e a travei com um trinco de metal.

Eu não sabia quanto tempo aquilo manteria os guardas afastados, mas não havia escolha. Me senti como se tivesse fechado a tampa do meu caixão.

Eu me virei e agarrou a minha lâmina de bruxa firmemente em uma tentativa de firmar as mãos trêmulas.

Ouvindo atentamente, eu avancei. Ouvi os murmúrios de vozes, brandas no começo, mas cada vez mais altas enquanto eu seguia na direção delas. O ar estava espesso com o cheiro forte da magia das bruxas das trevas. Ele deixava um gosto metálico na minha boca.

Mas havia um outro, mais pútrido e sujo do que qualquer coisa que eu havia sentido até o momento. Era como se centenas de cadáveres podres tivessem sido deixados no sol por dias e depois fossem empilhados em um espaço fechado.

Era o fedor do poder e da morte.

Meu caminhar se tornou uma corrida. Deixei os instintos me guiarem, pois não conseguia enxergar muito a frente. Eu precisava alcançar a luz.

A bola de luz ficou maior e maior até que cheguei ao limiar de uma enorme câmara subterrânea.

Cerrei os olhos enquanto eles se ajustavam à luz. A câmara tinha aproximadamente o mesmo tamanho de todo o primeiro piso do templo. Não havia outras salas ou corredores. Era apenas um espaço gigante com paredes de pedra e chão de terra.

Raios negros, prateados e vermelhos atravessavam uns aos outros e explodiam por toda câmara, formando uma tempestade. Raios amarelos, vermelhos e prateados de magia saltavam pelo ar como arco-íris. Explosões de magia ricocheteavam nas paredes da câmara e seus fragmentos danificavam as paredes e o teto da câmara.

Era uma guerra mágica entre as bruxas e os necromantes.

O príncipe disparou uma explosão mágica que soou como um disparo sônico, e uma energia branca arremessou um guarda infectado contra a parede da câmara.

O rei bruxo e seus guardas se mantinham firmes com o príncipe e uma massa de bruxas do lado esquerdo da câmara. Eles estavam dando tudo o que tinham contra os seis sacerdotes necromantes no lado oposto. Seis estranhas criaturas sombrias se refugiavam atrás dos necromantes.

Ninguém tinha me notado.

Eu poderia fazer uma parede de névoa na extremidade da câmara. Poderia rastejar sorrateiramente e levar a morte aos inimigos. Sombras escuras se moviam por dentro da névoa. Eu podia ver a terra e as cidades se aproximando dentro dela. Os mares dentro da névoa eram negros e corpos pareciam flutuar no ar.

A entrada para o mundo dos demônios estava quase aberta.

O zumbido não vinha da névoa ou da batalha que abalava a terra, mas das fronteiras que separavam os dois inimigos.

Me aproximei mais um pouco e vi a fonte de luz brilhante.

No meio da câmara havia uma grande abertura, uma rachadura. Fumaça espreça e plumas brancas brilhantes se derramavam pela rachadura como se ela fosse uma fonte.

Eu soube instantaneamente do que se tratava. Era a rachadura no mundo da qual Ada havia me falado...

Era a fonte de poder do necromante. E uma magia infinita se derramava por ela.



CAPÍTULO 34

EU NUNCA TINHA VISTO NADA assim. Eu estava com medo, mas também me sentia atraída. Por um momento, a magia me chamou e eu esqueci dos perigos à minha volta.

Ninguém parecia estar prestando atenção a essa manifestação de poder. Eles estavam muito ocupados tentando matar uns aos outros.

Agora tudo fazia sentido. Os detalhes começavam a se encaixar. Os sacerdotes capturaram essa parte de Ânglia porque encontraram nela uma fonte ilimitada de magia sob o velho castelo do rei. Eles haviam mantido os alicerces do antigo castelo e construído seu templo dourado por cima. Usaram a máscara de uma religião para manter tudo em segredo do resto do mundo. Ninguém além dos sacerdotes sabiam daquilo.

Eu nunca havia sentido uma magia daquela magnitude. Era viciante e inebriante. Era semelhante ao poder que eu sentia emanando da artemagista e do Coração de Arcânia, só que mil vezes mais forte. Dei mais um passo à frente, atraída por essa magia. Eu a queria. Precisava possuí-la.

A terra tremeu debaixo dos meus pés como se percebesse a minha presença.

Senti que havia uma consciência naquela magia. Era como um furacão de conhecimento e poder à espera de ser liberado. Dava para sentir que ela respondia ao meu desejo com um grande rugido.

Enquanto eu continuava avançando em sua direção, ouvi passos apressados atrás de mim. Os guardas do templo haviam derrubado a porta. Mal tive tempo de saltar fora do caminho antes que eles entrassem com um rompante pela porta da câmara.

Sem perder um segundo pensando, atravessei a câmara a toda para colocar a maior distância possível entre mim e as criaturas.

— Matem-na! Mate a dama de aço!

Eu não precisava olhar para ver quem estava falando, mas o fiz de qualquer jeito.

A expressão do sumo sacerdote de Ânglia me surpreendeu. Foi a primeira vez que eu vi medo naqueles malditos olhos pálidos e cinzentos.

Todo mundo se virou para mim.

Áurion parecia apavorado, mas eu não sabia se ele estava com medo de mim ou do pai.

O rei bruxo olhou para mim. Os cantos da sua boca formaram um sorriso satisfeito, como se ele zombasse de mim e assumisse a culpa pela morte de Rose.

Maldito. Meus dentes estavam à mostra quando passei por ele. Eu apreciava o pensamento de que sua vida desapareceria na frente dos seus olhos, com minhas mãos apertando seu pescoço. Eu ia matá-lo. Eu podia sentir um movimento no ar atrás de mim enquanto os guardas corriam na minha direção, mas não tirei os olhos do rei. Ele era meu.

Ele afastou seu olhar como se eu não fosse importante, como se não tivesse visto a intenção assassina em meus olhos. Ele se voltou para o cajado do sacerdote de Ânglia e seus olhos brilharam com uma fome voraz, desesperada.

— Matem-na, seus tolos! — rugiu o sacerdote de Ânglia para os guardas do templo.

Os outros sacerdotes mal me olhavam, movendo seus braços enquanto disparavam feitiço após feitiço nos bruxos.

— Protejam Elena! — gritou o príncipe Áurion.

Um grupo de bruxos se separou da batalha e correram atrás de mim, lançando raios mágicos durante todo o caminho. Sua magia passou zunindo pela minha cabeça e minha capa se agitou com as explosões de magia. Eu senti o cheiro de pelo queimado e ouvi gemidos e gritos atrás de mim, mas não parei de correr na direção das bruxas.

Consegui alcançar a primeira linha das bruxas e elas conseguiram segurar os guardas do templo. Ninguém percebeu que eu estava ali para matar o rei. Eu sabia que eles se virariam contra mim quando eu o fizesse e duvidava seriamente que sobreviveria à sua ira. Mas tudo que eu conseguia pensar era em Rose.

O sacerdote de Ânglia me observava. Percebi que ele estava cometendo um erro tolo. O rei bruxo se aproveitou da preocupação do sacerdote comigo e rugiu algo na língua de Witchdom. Sua artemagista brilhou em amarelo e, com um rápido movimento dos dedos, um raio de magia negra voou pela câmara e atingiu o sacerdote de Ânglia no peito.

O sacerdote saiu voando, impelido pela força terrível do feitiço, e bateu violentamente no chão. Ele ainda segurava seu cajado firmemente em sua mão mas a gaiola de metal no topo dele quebrou com o

impacto, de modo que a pedra escapou de sua prisão e rolou pelo chão.

O sacerdote soltou um grito terrível e rastejou em direção à pedra. Fumaça saía da parte de sua veste que fora atingida pela magia do rei.

Eu podia sentir que os olhos da criatura sombria que parecia sempre acompanhar o sacerdote estavam em mim. Desviei o olhar e sufoquei um sentimento assustador em mim.

O sacerdote se movia em direção à pedra com as mãos estendidas.

Corri loucamente na direção do rei bruxo. Mas antes que eu pudesse alcançá-

lo, um raio negro cruzou a sala em direção à pedra e, com um simples aceno, a pedra viajou pela câmara e pousou nas mãos do bruxo.

Droga. Droga. Droga.

— Pai, não! — O príncipe Áurion gritou em pânico.

O conselho e os guardas do rei correram para a sua frente e o protegeram.

Um raio de magia negra voou por cima da minha cabeça na direção do rei. Mas a magia nunca chegou até ele.

Raios rugiam pelo ar, lançados do outro lado da câmara, mas os guardas do rei os repeliam facilmente. Embora alguns bruxos tenham sido atingidos por raios quase invisíveis dos sacerdotes, outros rapidamente tomavam o lugar dos caídos e protegiam o rei.

A pedra estava perdida.

Estava nas mãos do rei bruxo.

Raiva, culpa e agonia me atingiram como um chute no estômago.

Por algum motivo, o sacerdote de Ânglia encarava desesperadamente a névoa do lado direito da câmara.

Saltei quando um raio de magia negra explodiu aos meus pés.

O príncipe Áurion se apressou na direção do pai.

— Você não vai conseguir controlar a pedra. Ela é muito poderosa.

Fiquei quieta, mas meu coração se partiu ao ouvir a dor na voz de Áurion.

Talvez eu não tivesse que gastar energia matando o rei. Talvez a pedra fizesse isso por mim. *Bom.* Eu só precisava esperar.

O rei bruxo ignorou o filho e se voltou para mim, claramente confundindo minha hesitação com medo e inveja. Seu sorriso se alargou enquanto ele se maravilhava com a pedra.

— Veja. Donzelas de aço não são as únicas que podem tocar uma pedra mágica tão poderosa. Eu disse que um rei também poderia fazê-lo. Estes tolos vão se arrepender do dia que me desafiaram. Eu mereço esse poder. Esperei trezentos anos por ele. E agora ele é meu.

— Você nunca quis nos ajudar. Você só queria a pedra, não é?

Olhei para o Príncipe, e nossos olhos se encontraram. Ele sabia. Ele sabia desde o início, mas tinha seguido seu pai para tentar impedi-lo de conseguir a pedra. Ele estava tentando detê-lo.

A câmara ficou repentinamente silenciosa. Todos os olhos se voltaram para o rei. Os bruxos e necromantes pararam de lutar. Todos queriam saber se o rei conseguiria realmente usar a pedra.

Eu podia ver o desejo nos olhos do sacerdote de Ânglia. Ele quase parecia estar se divertindo. Assim como eu, ele não acreditava que o rei conseguiria lidar com a pedra. Assim como eu, ele esperou. Todos esperaram.

— É meu — disse o rei novamente.

Seus olhos brilhavam com ganância enquanto ele admirava sua preciosa joia.

Seu general estava ao lado dele, orgulhoso.

— O poder finalmente é meu! — rugiu o rei.

Ele havia sido consumido pela loucura e eu sabia que era tarde demais.

Eu observei, paralisada. O rei bruxo parecia ser capaz de usar a pedra. Eu mal podia respirar. Já era para ele ter explodido em pedaços.

E se um bruxo das trevas também pudesse manipular a pedra? Será que Ada e os outros estavam errados? Eles ao menos sabiam dessa possibilidade?

Se eu conseguia lidar com pedra com uma pequena quantidade de sangue negro nas minhas veias, talvez o rei, um bruxo de raça pura, também conseguisse.

Senti como se o mundo ao meu redor tivesse parado. Uma sensação gelada penetrou em meu coração. Talvez eu estivesse errada. Talvez todos estivéssemos.

O manto e as roupas do rei bruxo foram sacudidas por uma repentina rapada de vento. O sorriso sinistro no rosto dele ficou ainda mais perturbador. Eu quase podia ver as ideias se formando dentro da mente dele. Dava para sentir sua malícia e ódio pelos humanos.

Ele mataria a todos nós, eu percebi. Até o último humano seria apagado da face da terra.

— Pai, me ouça! — Áurion se adiantou, mas o general entrou no caminho dele.

— Pai, por favor, pare com isso — instou o príncipe. — Esqueça a pedra.

Você não pode controlá-la. Nenhum de nós pode. Nem mesmo uma donzela de aço.

Ele olhou para mim e, no fundo, eu soube que ele falava a verdade.

— Você é um tolo, meu rapaz, se você acha que eu abandonaria tal poder.

Ele agarrou a pedra com a mão.

— Nunca. Vou usá-lo para eliminar a escória humana de uma vez por toda.

— E como você fará isso se você estiver morto?

O rei riu: — Como todas as pedras mágicas, ela me reconheceu como seu verdadeiro portador. Ela é digna de um rei.

— Isso é um erro. Não está certo — disse Áurion.

Sua voz estava rouca. Ele parecia devastado.

— Você é um erro — rosnou o rei. — Você nunca governará. Você é fraco demais. Assim como sua mãe era.

Algo realmente sombrio tomou as feições do rei. A pedra já o estava manipulando.

Os olhos de Áurion brilhavam de dor: — Não. Não faça isso.

O rei surtou:

— Silêncio.

Meu sangue corria quente pelas veias. Eu havia falhado. Falhado com Rose.

Eu tremia, sentindo-me diminuída.

— Pai —

Um estrondo sônico soprou pela câmara com um barulho de trovão. Pedras e poeiras se soltaram do teto e das paredes. Olhei para a profunda rachadura no piso da câmara, mas nada mudou. Foi aí que vi um movimento do outro lado da câmara e percebi de onde o som estava vindo.

Eu mal consegui respirar. A névoa começou a evaporar lentamente e, para o meu horror, formas começaram a emergir dela. Era uma besta gigante com chifres não muito diferentes dos demônios que eu tinha visto antes, mas muito maiores. Os gases tóxicos do reino dos demônios queimavam minha garganta e faziam meus olhos lacrimejarem.

Os demônios estavam cruzando a barreira do nosso mundo.

— Use a pedra para impedir que os demônios entrem no nosso mundo — eu gritei.

Fui tomada por um ataque de tosse. Pouco depois, as bruxas começaram a vomitar e tossir também.

Os sacerdotes e guardas observavam com expressões sarcásticas. Eles pareciam capazes de respirar a

fumaça tóxica.

O rei olhou furiosamente na minha direção. Seus olhos lacrimejavam.

Finalmente ele havia percebido a criatura atravessando o portal e sua loucura pareceu se dissipar por um momento.

Ele franziu a testa de repente e olhou para a pedra. Ela pulsava com uma luz amarela.

— Eu não entendo. — Pânico surgiu em seus olhos e seu rosto empalideceu.

Como eu havia visto antes, quando o rei Otto tocou a pedra, a carne do bruxo começou a brilhar com uma luz amarelada. Seus olhos se arregalaram de medo e a luz amarela rompeu sua pele.

— Áurion? — Ele engasgou.

E então, ele explodiu em milhares de pedaços sangrentos de pele queimada.

Rosto do Áurion foi manchado de sangue. Ele ficou paralisado, olhando para o lugar onde seu pai estava momentos antes.

Eu olhei para o chão, mas havia apenas uma poça de sangue, carne e osso.

O Coração de Arcânia já era.

De alguma forma, a pedra lançada longe durante a explosão. Ela pode ter ido parar em qualquer lugar. Ela tinha exatamente a mesma cor das pedras usadas na construção da câmara.

Eu caí de joelhos:

— Áurion. Me ajude a encontrar a pedra!

Tossi enquanto procurava através de pedaços de tripas, sangue e pedra.

— Sem ela, não podemos impedir os demônios.

Ada havia omitido uma informação crucial.

Mesmo que eu encontrasse a pedra, como eu a usaria?

Todas as pedras pareciam iguais.

Senti um vazio no peito. Eu havia perdido a pedra.



CAPÍTULO 35

TODOS IRÍAMOS MORRER.

Os vapores tóxicos estavam ficando mais fortes. Cada suspiro era como engolir um balde de vidro quebrado. Minha cabeça girou e eu me esforcei para não morrer. O príncipe Áurion não teve tanta sorte.

Seu rosto pálido estava rosado enquanto ele lutava para respirar. Ele caiu no chão gritando de dor e tossindo sangue. Todas as bruxas caíram com sangue jorrando pela boca. Eventualmente, ninguém ficaria de pé.

A maioria dos bruxos estavam vivos, mas não demoraria muito para os vapores tóxicos matarem a todos.

Mas eu ainda não estava morta. Meu sangue mágico era diferente, e eu sabia que precisava procurar a pedra. Eu ainda não sabia o que diabos faria com ela se a encontrasse, mas só me restava tentar.

Eu precisava pegar a pedra.

— Não há nenhuma necessidade continuar lutando — disse uma voz vinda do outro lado da câmara.

O sacerdote fransiano me observava. Reconheci seus olhos vincados e sua cintura larga. Parecia que ele havia caído em um barril de cerveja várias vezes.

— É tarde demais. Desista. Você não pode impedir o inevitável. O

Descriador se erguerá e tornará esse mundo dele. Todos vocês vão morrer.

— Não — eu gemi enquanto continuava a procurar pelo chão.

— Não posso desistir. Eu não vou.

O sacerdote riu:

— Você não vai encontrá-la. Mesmo que o fizesse, eu deixaria você ficar com ela, como um presente. A pedra já não nos interessa mais. Ela serviu ao seu propósito.

Ele sorriu:

— O mestre está chegando e toda a luz neste mundo será extinta.

Ele se virou para a névoa e ergueu os braços.

— Venha, Descriador, senhor das trevas. Bana cada raio de sol do mundo. És o mestre das sombras e da escuridão da noite.

Juntos, todos os sacerdotes se voltaram para a névoa. Havia algo quase infantil na expressão de adoração em seus rostos.

Bile subiu pela minha garganta.

— Use este sangue, mestre — continuou o sacerdote fransiano. — Receba esse sangue enquanto adentra esse mundo.

No começo, eu achei que eles iam se sacrificar, mas em seguida eles sacaram punhais de suas vestes. Enquanto eu observava, os guardas do templo que restavam passavam pela câmara, se ajoelhavam na frente dos sacerdotes e jogavam as cabeças para trás.

Um calafrio correu através de mim. Eu vi o clarão das lâminas prateadas quando os sacerdotes cortavam as gargantas dos guardas. Seus corpos tombaram e poças de sangue jorravam de suas gargantas. Algum tipo de magia negra dentro da névoa parecia estar se alimentando do sangue.

A névoa se ergueu ligeiramente e o sacerdote começou a cantar em uma língua estranha. O som era assombrado e gutural, nada parecido com a melodia poética de Witchdom. A linguagem na qual o sacrifício de sangue foi feito era dura e vil.

A luz na ruptura da terra começou a brilhar. Então, os olhos dos sacerdotes ficaram vermelhos enquanto eles canalizavam a magia.

As sombras na névoa se moviam como se algo dentro dela fosse sair de um buraco. Lentamente, uma aparição sombria e gigantesca saía da neblina. Seus olhos amarelos brilhavam com inteligência e malícia. Seu corpo grotesco era retorcido e seus dentes amarelos escorriam com sangue negro. Vi que ele tinha braços e ombros enormes e sua forma era mais ou menos a forma de um homem.

A grande besta com chifres era retorcida por fumaça e fogo. Ele ergueu uma espada flamejante em triunfo, como se tivesse conquistado o mundo.

Percebi que eu estava olhando para o Deus do submundo.

O Descriador estava vindo.

Eu pude ouvir as palavras de Ada em minha mente.

Quando a sombra e escuridão cobrirem o mundo, quando o equilíbrio for perdido, os portais para os reinos demoníacos vão se abrir. E quando se abrirem, os demônios reinarão livres nesse mundo.

Nós estávamos todos condenados.

Procurei freneticamente pelo chão, usando minha lâmina para cortar o solo.

Eu ia desmaiar só por continuar prendendo a respiração. Eu sabia que não duraria mais cinco minutos. Rastejei de joelhos, procurando na terra com os dedos, tentando desesperadamente distinguir a pedra mágica de milhares de outras. Meus dedos sangravam enquanto eu afastava pedras afiadas e terra cobria os ferimentos.

O sacerdote de Ânglia se ergueu, furioso.

— Você pode ter escapado de mim, donzela de aço — ele disse.

Ele se aproximou da grande abertura na terra que nos separava.

— Mas nenhum mortal pode sobreviver à escuridão da sombra da morte. O

mestre destruirá a luz do mundo mortal. Seu reino será um mundo de noite.

Infelizmente para você, você não vai testemunhar este evento.

Dei as costas para ele e continuei minha busca frenética pela pedra.

Deusa, me ajude. Nos ajude.

— Vou adorar ver você morrer — ele riu. — Depois que a escuridão levar sua alma, você vai se erguer de novo como minha escrava. Você será um fantoche e fará tudo que eu mandar. Você será meu bichinho de estimação.

— Cale a boca — tossi e meu sangue se espalhou pelo chão.

Eu procurava, mas mal conseguia ver através das minhas lágrimas. Apesar disso, nunca parei de procurar.

O sacerdote de Ânglia riu ao ver o pânico no meu rosto.

— Em breve, donzela de aço, você irá morrer. E então você será minha. Você está acabada. Seu mundo de luz está terminado. O lorde das trevas irá se erguer e tomar esse mundo para ele. É como tudo deve ser. Até você, donzela de aço, será incapaz de resistir. Este mundo não pertence mais aos fracos. Pertence ao Descriador e seus servos fiéis. Nós seremos os senhores feudais das legiões demoníacas.

Lembrei-me das palavras do cavaleiro sombrio que eu conheci no reino demoníaco.

Eu engasguei de rir:

— Não acho que os demônios os tornarão senhores. Veja como vocês ainda são homens. Vocês são loucos se acham que seu deus irá compartilhar o poder com vocês.

Um violento ataque de tosse tomou conta de mim e eu desabei no chão. Eu não conseguia parar de tremer.

— Mas eles já o fizeram — disse o sacerdote. — Há séculos. Como acha que fomos capazes de viver por tanto tempo? O mestre tem sido muito generoso com seus presentes. Mas não posso dizer o mesmo de você.

Ele fez uma pausa:

— Onde estão seus deuses? Por que eles não se mostram? Por que não salvam você? Eles não podem. Eles não se importam.

Eu lutei contra as lágrimas. Lágrimas eram inúteis.

Eu podia ver Áurion. Seu rosto estava contorcido de dor, seus olhos estavam vermelhos e sua boca abria e fechava como a de um peixe fora d'água.

Os sacerdotes estavam certos. Não havia esperança. Todos iríamos morrer.

Foi aí que eu senti a magia. Ela era fraca, mas me chamava. E eu a segui.

Embora não pudesse ver a pedra, soube exatamente onde ela estava. Vi uma luz amarela que brilhava entre um amontoado de pedras caídas.

O coração de Arcânia. Ele estava lá. E eu podia alcançá-lo.

Senti uma onda de força e esperança. Estendi a mão esquerda. A pedra queria que eu a encontrasse. Quando a agarrei, fiquei surpresa por seu calor e pela forma como ela pulsava com vida.

Instantaneamente, eu estava cheia de poder. Nunca senti tanto poder. Se era negro ou não, não fazia diferença. Tudo que importava é que eu era forte novamente e a pedra era minha.

Eu ofegava e sacudia enquanto a magia familiar se derramava pelo meu corpo. Minha pele vibrou. A pedra emitia um fluxo pulsante, lindo e aterrorizante. Eu sabia que o ar ainda estava tóxico, mas eu não precisava dele.

Era como se minha pele respirasse a energia e a magia da terra abaixo de mim.

A magia e o poder eram intoxicantes. Eu podia sentir tudo. Segurei a pedra contra meu estômago e meus músculos se alimentaram dela, reunindo ainda mais força.

Foi aí que eu soube o que fazer. Era como se uma voz tivesse falado dentro da minha cabeça.

Fawkes estava errado. Eu podia controlar a magia negra desperta dentro de mim.

Eu sorri.

Me coloquei de pé e levei um momento para deixar o novo poder fluir por meus membros. Um arrepio atravessou meu corpo. Minha visão ficou distorcida e eu perdi o equilíbrio por um segundo, mas rapidamente me estabilizei.

Finalmente, dei vários passos lentos para o buraco onde a pedra estava. Parei na borda dele e observei

sua profundidade. Tudo que vi foi uma luz brilhante e sem fundo. O ar crepitava enquanto o vento e magia passavam por mim. Minha pele estava fria.

A voz de Ada surgiu em minha mente de novo. *O Descriador é o senhor das trevas. Sua fraqueza é a luz.*

Luz. Tudo que eu precisava era de luz.

O chão tremeu e ecoou com milhares de gritos. O Deus profano emergia da névoa, dando seus primeiros passos em nosso mundo.

O sacerdote de Ânglia subitamente percebeu o que eu estava prestes a fazer.

— Não! — gritou o sacerdote.

Ele lançou um raio de magia negra em mim.

Mas era tarde demais.

Eu já havia jogado a pedra na fonte de luz e magia.



CAPÍTULO 36

A PEDRA DESAPARECEU nas profundezas da luz e a magia do sacerdote me acertou no meio do peito, lançando-me para trás.

Caí no chão duro. Eu devia ter morrido, mas senti dor, o que era um bom sinal. Mesmo que minhas roupas estivessem encharcadas de sangue, eu havia conseguido segurar minha lâmina de bruxa. Mesmo evitando a força total da magia negra, respirar fazia todos os meus músculos doerem.

Eu ainda podia sentir os efeitos da pedra pulsando em minhas veias. Ainda havia um pouco de fúria sobrando dentro de mim. Rolei para o lado e consegui me colocar de pé.

Os seis sacerdotes me olharam, horrorizados de surpresa e ódio.

Então eu soube que dessa vez eu morreria.

Eu me preparei para seus ataques, mas eles não vieram.

Em vez disso, houve uma grande explosão. A luz branca e brilhante, disparada do buraco no chão, lançou faíscas para todas as direções. Toda a câmara foi banhada pela luz ofuscante de cem sóis.

Uma brisa forte soprou através da câmara, puxando minhas roupas e cabelo.

Cobri os ouvidos e pisquei por causa do brilho. Gritos de perfurar os ouvidos encheram a câmara, arrepiando todo o meu corpo, da cabeça aos pés.

A névoa se dissipou lentamente, dobrando-se sobre si mesma. Depois os gritos pararam e desapareceram na névoa. Os demônios e a névoa se foram.

Uma onda de calor soprou na minha direção jogando meu cabelo no rosto.

As quatro paredes do templo racharam. Pedras e terra começaram a cair como neve ao meu redor. Era como um terremoto, mas a terra não se separou. Pelo contrário, ela se uniu novamente. A rachadura na terra por onde a magia entrava livremente se curou sozinha, como uma ferida em recuperação. Observei fascinada até toda a magia desaparecer, fechando a porta da magia para a terra pela última vez.

Me senti como se algo que fizesse parte de mim estivesse perdido para sempre. O poder da pedra tinha me abandonado.

Tropecei para trás, instável.

Mas meu sangue mágico acalmou e alimentou o meu corpo. Embora estivesse fraca, ainda podia sentir o ar fresco voltando à câmara. Ouvi gemidos fracos, vindo de bruxas que eu achei que estavam mortas. Senti uma grande onda de alívio.

— O que você fez?

Os sacerdotes estavam furiosos.

O sacerdote de Ânglia cobriu a distância entre nós com alguns passos rápidos.

— Bruxa intrometida! Vadia! Vou esmagar cada osso do seu corpo e ferver suas tripas até você me implorar para matá-la — ele sibilou. — Quero ser a última coisa que você verá quando conhecer seu criador.

Ele estalou os dedos.

Me preparei para mais uma explosão mortal de magia negra. A dor me cegou e o fogo queimou todos os meus músculos, ossos e órgãos. O ar me escalou dos pulmões e eu comecei a sufocar e convulsionar. Eu gritei e caí para trás.

O sacerdote sorriu:

— Eu gosto do jeito que você grita. Isso me excita. Faz eu querer te ferir mais ainda. Vamos, Elena. Você está recebendo o que merece, não acha? Quero que você me implore para parar. Quero matá-la com você

implorando por sua vida.

— Vá para o inferno.

Minhas pernas doíam e a cabeça pulsava. Eu estava exausta. Sem ter para onde correr, fui forçada a me manter firme e encarar aquele maldito. Eu sabia que não poderia me proteger por muito tempo.

— Vamos mostrar ao mundo o quanto você consegue implorar, que tal?

O sacerdote atacou de novo, lançando novos raios de magia negra pelo meu corpo.

Na minha ira, joguei minha lâmina como uma flecha e a ouvi rasgar a carne do sacerdote. Mas ele quase não vacilou.

Ele olhou para minha lâmina... e sorriu. Ele a puxou para fora, como se ela não tivesse feito mais do que um arranhão. O sacerdote sequer sangrou.

Ele jogou minha lâmina para baixo, aos meus pés.

— Você não pode me matar com os meios que possui. Nós — ele ociosamente olhou para os outros sacerdotes — somos imortais.

Ele olhou furiosamente para mim: — Eu a subestimei.

— Estou feliz — eu disse. — Mesmo se você me matar, pelo menos não será capaz de trazer de volta aqueles demônios.

O sacerdote de Ânglia riu: — Você provou ser mais engenhosa do que eu imaginava. Ainda assim, isso não vai mudar nada. Você pode ter tido sorte com a pedra, mas existem outras pedras e outras formas de abrir as portas para o reino dos demônios. A magia está aqui ainda, sob os nossos pés, e ainda é fácil acessá-la.

Seu sorriso aumentou quando ele viu que eu estava confusa.

E então ele ordenou, — matem as bruxas. Derramem o sangue delas na terra.

Os outros cinco sacerdotes se moveram na direção das bruxas caídas, na direção do príncipe Áurion. Suas lâminas prateadas brilhavam na luz.

— Não. Você não pode fazer isso.

Eu tropecei para a frente. Minhas pernas vibravam com a magia de cura, mas ela não estava agindo rápido o suficiente e minhas pernas mal conseguiam apoiar meu peso.

Fiz o que pude para continuar me movendo: — Pare!

O sacerdote de Ânglia sorria.

— Sim, sua bruxa estúpida. Basta apenas alguns sacrifícios de sangue para reabrir o portal. Ele ainda não

se fechou totalmente. Ainda não. Esse sangue fresco o abrirá novamente. Você falhou.

Eu falhei.

Algo se quebrou dentro de mim. Raiva. Desespero. Medo. Eu não podia deixar aqueles malditos abrirem o portal novamente.

Minha magia de sangue subiu através de mim. Me levantei com sangue fresco pulsando no meu cérebro. As bruxas ainda estavam fracas demais para me ajudar, então eu precisava ser mais esperta do que os malditos sacerdotes. Eu não era forte como eles e não possuía aquele tipo de magia. Eu não tinha nenhuma pedra para me ajudar.

Eu precisava de algo...

Foi aí que eu vi a criatura de sombras que sempre se escondia atrás do sacerdote de Ânglia. Seus olhos bulbosos sempre pareciam implorar por algo.

O que ele queria?

E então eu entendi.

Talvez tenha sido a forma como a criatura sempre parecia estar sentindo dor.

Ela sempre me pareceu implorar para acabar com ele, libertá-lo do sofrimento que ele sentia.

E eu o faria.

Em um movimento suave, peguei minha lâmina de bruxa e arremessei novamente. Mas dessa vez, eu não apontei para o sacerdote.

Ela voou direto para onde eu mirei, a sombra do sacerdote. Por um momento, achei que a lâmina havia atravessado a criatura, mas ela perfurou seu coração como se ele fosse feito de carne e osso, não sombras e ar.

— Não! Impossível!

O sacerdote se contorceu. A empunhadura da minha lâmina saía do peito da criatura. O sacerdote estava apavorado.

— Mas — como? Ninguém pode ver —!

Sangue negro desceu pela sua boca. Seus olhos rolaram para trás da cabeça.

Sua pele rachou, enegreceu e sangrou. Ele caiu no chão e começou a gritar. O

fedor da podridão que o consumia queimou minha garganta e me fez ter dificuldade para respirar.

Finalmente, se corpo murcho se dissolveu em uma poeira enegrecida. Tudo que restou foi uma pilha amassada de vestes.

A criatura das sombras se ergueu. Ele sorriu para mim e foi a primeira vez que eu vi que ele tinha o rosto do sacerdote. Com um aceno de despedida final, a criatura sombra dissipou-se como fumaça.

Minha lâmina caiu no chão fazendo barulho.

— Mate a essa bruxa vadia! Matem-na!

Corri para a minha lâmina de bruxa. Não precisei me virar para ver o que ia acontecer. Eu sorri. Agora que eu sabia como matar os sacerdotes necromantes, não deixaria a oportunidade passar por mim.

Corri mais rápido do que já havia corrido na vida.

O ar ficou quente e espesso com raios de magia negra e eu pulei e me esquivei enquanto seguia na direção dos meus inimigos.

Os sacerdotes atacaram todos juntos.

Droga!

Percebi que as cinco criaturas restantes haviam se afastado dos necromantes.

Elas se juntaram e pareciam saber o que eu estava prestes a fazer. Eles queriam que eu o fizesse. Estavam prontos para isso e esperando.

No último minuto, os necromantes olharam para trás e lançaram raios de magia negra em suas sombras, puxando-as de volta.

Mas a magia não funcionou. Suas sombras escaparam.

Meu sangue mágico circulou por mim enviando uma dose enorme de adrenalina pelo meu corpo. Corri, girei, chutei e me esquivei enquanto passava pelos necromantes. Eles não podiam me impedir. Ninguém podia.

Evitei os sacerdotes e ataquei as sombras com a minha lâmina de bruxa, ou ataquei o local onde imaginei que elas estivessem.

Após acertar o último alvo, me virei ofegante para ver qual havia sido o efeito.

Nada sobrou dos sacerdotes além dos ecos de seus gritos estridentes e cinco pilhas de roupas cobertas de pó enegrecido.

Soltei bruscamente a respiração, quase sem acreditar no que eu havia feito.

Os sacerdotes necromantes foram mortos. Eles nunca machucariam alguém novamente.

Eu sorri em meio a todas as mortes. A escuridão se fora e agora poderíamos nos curar novamente.

Mas logo que eu comecei a relaxar, senti uma presença atrás de mim e uma estrada atravessou minha barriga.



CAPÍTULO 37

TROPECEI PARARÁS enquanto o sangue jorrava da minha garganta e se esparramava na minha frente. Minha respiração era um sibilo rápido e eu me sentia como se o ar tóxico do mundo dos demônios tivesse enchido a câmara novamente.

Eu olhei para o rosto de uma das concubinas do sumo sacerdote.

— Eu sei que um ferimento desses não pode te matar — sorriu a concubina.

— Mas... — ela pegou outra espada de um guarda caído. — Mas eu sei que se eu cortar sua cabeça, não nasce outra no lugar.

Ela acenou com a ponta da espada na minha frente.

— Helen? — Sangue voou da minha boca quando eu falei seu nome.

Aquilo estava errado, muito errado. Era ridículo demais para acreditar, mas estava acontecendo. Helen estava tentando me matar.

Ela tinha razão é claro. Eu não regeneraria uma nova cabeça.

Meu sangue mágico estava quase se esvaindo. Eu tremia e tremia, sentindo frio e calor ao mesmo tempo. Era tudo que eu podia fazer para não cair. Recuei enquanto arranquei a espada do meu abdômen. Uma luz dourada brilhava do interior do meu corpo, derramando-se pela ferida, mas Helen não pareceu surpresa ao ver isso.

— Por quê? — Eu ofeguei — por que faria isso?

Eu não conseguia entender o ódio que eu via nela. Eu mal a conhecia ou havia falado com ela, mas ainda assim seu ódio por mim era palpável. Ela parecia doente. O rosto uma vez bonito havia se tornado estranho. Seus olhos estavam fundos e as maçãs do seu rosto se projetavam, fazendo-a parecer esquelética.

— Por quê? — Ela repetiu. — Porque você estragou tudo. Você estragou nossos planos. É tudo culpa sua.

Eu cuspi sangue pela boca me esforcei para não vomitar.

— Não sei do que você está falando.

Senti que meu sangue mágico começava a curar a ferida lentamente. Muito lentamente. Se ela brandisse aquela espada contra o meu pescoço agora, eu não sobreviveria. Eu precisava mantê-la falando.

— Por que você simplesmente não desistiu? — perguntou Helen.

Ela gemia como uma criança e arranhava meu pescoço com sua espada, acenando dramaticamente.

— Por que precisava meter o nariz onde não devia? Por quê? A morte de Rose não foi o suficiente? Por que você não parou? Qualquer pessoa normal teria desistido. O que fez você continuar?

Eu ouvi as palavras, mas não entendi suas implicações imediatamente. Pouco depois, comecei a chorar. Senti como se ela tivesse me apunhalado novamente.

Minha pele ficou fria e bile saiu da minha garganta.

— Você matou Rose? — Todo esse tempo eu achei que tinha sido o rei bruxo. Eu fui uma tola.

Helen suspirou:

— Sim. Quem se importa? Ela ia morrer de qualquer jeito... Eu fiz um favor para aquela velha estúpida.

— Você a matou, sua vadia idiota! — Eu gritei. — Você a torturou. Ela era uma mulher indefesa e você a estripou como um animal! Como você pôde? Por que fez isso?

— Porque era necessário — disse Helen.

— Necessário matar uma mulher inocente que nunca fez mal a ninguém?

— Sim — disse a concubina sem emoção. — Ela precisava morrer.

— Por quê?

Helen lentamente acenou com a cabeça.

— Nós sabíamos que você era um problema — ela disse friamente. — A única ameaça real aos nossos planos. Nenhuma mulher comum poderia ter nos arruinado.

Tonta, eu respirei fundo.

— O que Rose tinha a ver com seus planos doentes?

— Precisávamos quebrar o seu espírito para tirar você do caminho, imbecil.

Ela morreu por sua causa. Precisávamos desequilibrar você, atacar onde dói de verdade. Tentamos matar

— Você antes, mas falhamos. Então, pensamos em algo que poderia ter devastado qualquer mulher. Mas obviamente não funcionou.

Uma raiva profunda cresceu dentro de mim.

— Quem são vocês? — Mas eu já sabia.

Helen inclinou a cabeça: — Ora, Elena. Eu preciso soletrar para você? Pelo seu rosto, você sabe, mas vou dizer assim mesmo.

Ela fez uma pausa.

— Somos sacerdotes, é claro.

Ela sorriu, mas seu sorriso se transformou em um feio rosnado: — Mas agora você matou a todos!

Ela balançou a espada na minha direção e eu mal consegui evitá-la.

Não fazia sentido uma concubina conseguir empunhar uma arma tão grande.

Embora ela tivesse o rosto fino, seus antebraços eram musculosos. Seus pulsos eram grossos e fortes. Havia até mesmo pequenas cicatrizes brancas nas mãos e braços que eu nunca havia notado antes, sinais de treinamento. Helen havia sido treinada em esgrima. Não havia dúvida sobre isso. A confiança em seu rosto denunciava que ela era muito melhor do que eu, e ela sabia disso.

Eu tremia. Eu estava muito lenta e fraca. O sorriso de Helen dizia que ela também sabia disso.

— Rose foi um meio para um fim — disse Helen. — Eu sabia que você a amava feito uma mãe. Então, é claro, ela precisava morrer.

Cambaleei e cuspi mais sangue. Fiquei furiosa por ser traída por uma mulher que uma vez me ajudou a tomar banho.

— Como você pode ter qualquer amor por aqueles malditos? — Eu sibilei com os dentes cerrados. — Depois de tudo que eles fizeram contra nós e nossas famílias? Contra você? Como você pôde?

— Minha família me deixou para morrer nas ruas. Eu nasci mulher e mulheres eram vistas como fracas e inúteis no poço. Eu era apenas mais uma boca para alimentar... um fardo para os meus pais. Eu tinha três anos quando fui deixada na beira da estrada para passar fome e morrer. O sumo sacerdote de Ânglia me encontrou, me alimentou e me vestiu. Eu devo tudo a ele.

Eu engasguei:

— Será que isso é verdade? Você não parece o tipo de pessoa que mataria gente inocente por causa de um senso de lealdade deslocado. Você viveu com eles por anos. Você se tornou um bicho de estimação sexual para eles. Tenho certeza que nem tudo foi um arco-íris.

Observei seu rosto cuidadosamente, mas sua expressão era calma.

— O que ele te prometeu? O que ele prometeu pela morte de Rose?

A concubina sorriu:

— Poder. Mais poder do que você imagina.

— Então você desejou poder em vez de ajudar seu povo encontrar a esperança para viver uma vida melhor. Seu coração é frio.

Enquanto Helen pensava, seu rosto se iluminou: — Poder é tudo. Sem ele, nós não somos nada.

— Mentira — eu sussurrei e quase ri da estupidez dela.

— Você acha que ele teria mantido sua promessa? Acha que ele teria compartilhado com você o poder que ele tanto desejava? O poder dele? Sua cadela estúpida.

A expressão calma da concubina se contorceu de raiva. Antes que eu pudesse reagir, ela correu para a frente mergulhou a espada profundamente no meu abdômen outra vez.

Ela arrancou a espada abruptamente e eu não conseguia sentir minhas pernas.

Caí para trás e desabei no chão. Minha cabeça bateu em algo duro e eu me forcei a manter a consciência enquanto sangue jorrava pela minha boca e eu sentia que ia me afogar nele. Eu não conseguia respirar. Eu estava morrendo.

Helen pairou sobre mim, com os pés separados, e então ela levantou sua espada acima da cabeça.

— E agora o legado de donzelas do aço morre com você, Elena.

Tentei me mexer, mas meu corpo não obedeceu. O rosto de Jon passou pela minha mente quando Helen baixou sua espada. Meu coração se partiu e eu fechei os olhos.

O ar se moveu ao meu lado e ouvi um baque enquanto algo se aproximou de mim. Mas não senti a dor da espada. Talvez eu estivesse morta.

Eu abri meus olhos. Helen estava deitada ao meu lado, com olhos arregalados e sem vida. Sangue derramava de um punhal que havia penetrado profundamente a sua testa.

— Elena!

Era a voz dos anjos, eu pensei. Eu queria vê-lo outra vez, pelo menos uma vez. Só mais uma.

Eu olhei para o rosto do homem mais bonito do mundo. A deusa tinha respondido minhas orações.

Jon se ajoelhou ao meu lado.

— Pelo criador! Há tanto sangue, Elena. Sinto muito por não estar aqui para te proteger.

Eu vi suas lágrimas e não consegui controlar as minhas. Ele ofegou e segurou minha mão a dele.

Sorri, apesar da tontura e da dor. Ele estava vivo. Eu estava viva. Olhei novamente para o seu rosto bonito. Seus olhos brilhavam com uma dor e uma simpatia quase palpáveis.

Eu ouvi outras vozes e passos. No início, seus rostos estavam borrados, mas minha visão estava boa o suficiente para reconhecê-los. O príncipe Áurion olhou para mim com o mesmo amor que havia no rosto de Jon.

— Ela está sangrando — disse o príncipe. — Precisamos parar o sangramento.

Nada disso importava. Se eu morresse agora, se essa fosse a vontade da Deusa, tudo bem. Eu havia cumprido meu dever como um soldado da luz. Eu havia consertado tudo.

Me confortei em saber que, pelo menos uma vez na vida, eu tinha feito a coisa certa.

Rose teria ficado orgulhosa de mim.

Sorri mais uma vez e deixei a escuridão me levar.



CAPÍTULO 38

TRÊS MESES se passaram desde a morte dos sacerdotes necromantes e da destruição da sua fonte de poder. A destruição do Templo Dourado era inevitável e eu assisti com um sorriso no rosto, enquanto um grupo de bruxas e humanos o derrubavam até os alicerces.

Tudo que os sacerdotes haviam tocado fora destruído. Suas casas na Cidade das Almas, suas bandeiras, esculturas e roupas. Tudo que nos fazia lembrar do império do Templo do Sol fora destruído.

Embora eu não estivesse lá para testemunhar a remoção dos outros templos nos cinco reinos, fiquei sabendo dela muito rapidamente. Qualquer prova da passagem dos sacerdotes pela terra fora destruída.

Um conselho foi eleito como governo interino de Ânglia e fomos capazes de reconstruir nossas casas e lavar a terra até que um governo de verdade surgisse.

Ânglia foi o local mais atingido pela névoa profana. Embora a terra estivesse doente e enegrecida, na manhã seguinte à morte dos sacerdotes, notei que grama crescia entre as cinzas. Mais grama cresceu nas semanas seguintes e folhas brotaram das árvores. A chuva alimentou a terra, varrendo as cinzas e o

cheiro de podridão. O sol brilhou e a terra começou a prosperar novamente.

O restante dos oficiais eleitos se juntou a um conselho de bruxas que o rei Áurion mantinha na corte do castelo. Embora Jon tivesse anunciado que não haveriam mais um levante rebelde, ele ainda fora convidado para ser conselheiro na corte. A bruxa Ada me convidou para participar do governo por causa do meu papel na revolta. Eu deveria representar as mudanças e as novas vozes de Ânglia. Era um novo começo.

Embora os girminianos e romilianos estivessem sob suspeita de auxiliar os sacerdotes, um perdão geral foi assinado e os reinos suspeitos juraram lealdade ao novo governo e a Witchdom. Cada soldado homem ou mulher que foram forçados a servir os sacerdotes também foram perdoados.

A névoa e todos os outros vestígios de magia negra desapareceram horas depois do portal ser fechado e os sacerdotes morrerem. Aqueles que foram afortunados o bastante para sobreviver à infecção não se lembram de muita coisa e eu suspeito que aqueles que lembravam preferiam não o fazer.

O conselho dividiu a terra em partes iguais e cada família em Ânglia recebeu uma parte igual para reconstruir e recomeçar. Embora fosse levar anos para reconstruir as aldeias e trabalhar a terra, todos estavam ansiosos para começar.

Jon e eu queríamos ficar longe da cidade, indo para uma região rural para cultivar a terra. Não demorou muito para encontrarmos um lugarejo bonito de vinte hectares nas colinas entre Portos Cinzentos e o poço. O lugar se situava perfeitamente entre os dois mundos, assim como eu. Eu ainda tinha muito o que aprender sobre as bruxas e queria continuar estudando com Fawkes. Com a ajuda de Nugar e um punhado de homens, construímos uma casa modesta de carvalhos e pinheiros, como o Castelo de Madeira.

Eu não sabia muito sobre agricultura, mas os vizinhos, a família Milton, trabalhava na terra há cinco gerações e prometeram nos ajudar caso nós os ajudássemos. Era muito tarde para arar a terra e prepará-la para a colheita naquele ano, então Jon e eu ajudamos os Miltons na terra deles.

Algumas famílias decidiram ir embora para o sul. Eu não os culpo.

Kayla e outras concubinas foram para o oeste, onde construíram suas vidas novamente sem que ninguém se lembrasse do seu passado.

Cada família de Ânglia fora tocada pela magia negra dos sacerdotes. Os parentes mortos que encontramos receberam um funeral digno e eventualmente queimamos os desconhecidos enquanto meditávamos sobre todas as perdas que tivemos.

Os sons de martelos batendo em pregos, cinzéis esculpindo pedras e serras cortando madeira enchiam o ar. Carroças cheias de pedras eram puxadas pela Cidade das Almas para as novas construções. Pela primeira vez em meses, vi rostos sorridentes e ouvi o riso das crianças.

A bruxa Ada me encontrou. Ela tinha um sorriso estranho no rosto.

— Aqui — disse ela e colocou um pacote na minha mão.

Era um objeto frio, com uma corrente de prata.

Eu reconheci imediatamente a artemagista da rainha. Meu coração pulou e eu quis sentir seu poder novamente. Mas eu só sentia uma profunda sensação de perda. Não havia mais calor e nenhuma magia era canalizada para mim como antes. Virei a artemagista na mão e a apertei. A pedra estava enegrecida e fria.

Parecia mais um pedaço de carvão do que uma pedra mágica.

— O que é isso? — Eu perguntei, tentando esconder minha decepção.

— O que você acha? É a pedra que você tirou da bruxa.

— Isso eu sei. Mas o que aconteceu?

Virei o nariz para o cheiro de cabelo queimado que a pedra emitia.

— Ela está morta — disse Ada em um tom invulgarmente alegre. — Assim como todas as outras pedras mágicas ou artemagistas em toda Arcânia. Sua magia se esvaiu. Foi-se para sempre.

— Mas como isso é possível?

— Eu acho que vocês selaram a fonte da magia junto com a abertura na terra.

Agora são apenas pedras. Como sempre deveriam ter sido.

— Você parece estar encarando a notícia muito bem.

— Claro que, como você também deveria — respondeu Ada.

Ela se tornou muito séria: — Agora, a magia está onde deveria estar, na terra, em sua forma natural.

Coloquei a pedra no meu bolso: — Acho que vou guardá-lo. Só para me lembrar do que aconteceu.

— Achei que você ia querer isso. — O sorriso de Ada fazia ela parecer anos mais jovem. — Mas ele nunca vai despertar novamente. Nunca.

Observei ela se afastar. Ela seguia em linha reta, sem precisar usar seu cajado.

— Elena.

Áurion se aproximou tanto de mim que pude sentir o cheiro de lavanda em sua pele. Ele usava um manto cinzento enfeitado com estrelas prateadas em um céu noturno. Seu cabelo prateado e radiante estava puxado para trás em uma longa trança que o deixava elegante. Alto e esguio, ele irradiava beleza e poder.

Olhei para suas mãos, mas sua artemagista não estava lá.

— Eu queria me despedir — disse o novo rei das bruxas. Ele parecia um pouco corado, mas seus olhos nunca se afastaram do meu rosto.

— Você vai embora?

Reconheci seu olhar intenso, mas soube que nunca poderia me render a ele.

Eu nunca poderia dar o que ele queria. Eu corei e olhei para um ponto em seu ombro.

Ele considerou por um momento e depois disse, — não há muito a ser feito.

Meu pai morreu, assim como o seu legado. Haverá muitas mudanças em Witchdom. Eu não governarei como meu pai.

— Não, não. Você será um rei muito melhor.

A pele branca de Áurion corou.

— Não estou certo disso, mas tudo começa com nossa nova aliança com as nações humanas. Eu sei que vai levar tempo, mas espero que haja paz entre nós.

Temos que construir um mundo novo das ruínas do antigo.

— Vocês vão manter os mesmos membros do conselho dos clãs?

Lembrei-me do comportamento egoísta de Ysmay e Forthwind e sua cobiça pela pedra.

Ele sorriu calmamente.

— Tenho certeza que alguns não ficarão, mas isso é decisão das bruxas. Será uma mudança enorme para muitas das bruxas.

— Para os humanos, também. Mas será mais difícil para nós do que para as crianças.

— Pedi que as bruxas se relocassem para cá e ajudassem nos esforços de reconstrução.

— Obrigada. Isso vai ajudar muito.

— É uma prova de boa-fé. Espero que seja um bom começo.

Áurion inclinou a cabeça: — O que você fará agora?

Dei um suspiro:

— Boa pergunta. Viver, eu acho. E ser feliz.

Áurion parecia distante.

— Elena, eu queria te perguntar uma coisa.

Eu me afastei:

— Perguntar o quê?

Minha boca estava seca e meu coração acelerado.

O rei bruxo sorriu da minha reação.

— Como você sabia que mataria os necromantes atingindo as criaturas das sombras?

Não era a pergunta que eu esperava. Suspirei e tentei não soar muito aliviada.

— Acho que aquelas sombras presas aos sacerdotes eram suas almas. Me lembro que Ada disse que era preciso sacrifício para dominar a magia negra. Os sacerdotes precisavam sacrificar sua humanidade em troca da magia negra. Nos olhos das sombras, eu vi a humanidade que os sacerdotes não tinham. Foi aí que eu soube. Aquelas eram as almas deles.

Áurion assentiu com a cabeça: — Em algum momento, homem e alma se separaram por causa da magia negra.

— Verdade. Eu sabia que não podia matar o sacerdote, porque ele já estava morto.

— Então você matou a alma dele em vez disso.

— Eu a libertei.

— O que você quer dizer?

— Eu posso estar errada, mas acho que os sacerdotes foram possuídos pela magia negra em algum momento e não conseguiram mais voltar atrás. Eles ficaram presos.

Áurion me observou:

— Eu as vi, as almas deles. Mas só depois que você as apunhalou. Eu vi uma sombra, uma forma humana e depois, nada. Elas sumiram.

— Eu não entendo porque eu era a única que conseguia ver. Perguntei para Ada, mas ela também não sabe. As bruxas do conselho também não foram muito úteis. Ada disse que era um grande mistério.

Áurion encolheu os ombros: — Um mistério, talvez, mas também poderia ser a vontade da Deusa: — A vontade da Deusa?

— Sim. Um de seus mundos presentes para você, eu imagino. Você é uma bruxa especial, Elena. Acho que a Deusa queria que apenas você visse. Eu sempre soube que você era especial. Desde a primeira vez que a vi na corte do meu pai, soube que havia um motivo para você vir até nós. Parece que eu estava certo.

— Acho que nunca saberemos — eu disse.

De repente, fiquei muito autoconsciente.

— Você acha que tudo isso fará diferença? Acha que é realmente o fim?

— Por enquanto, sim — disse Áurion. — Sempre haverá escuridão no mundo, mas também haverá equilíbrio. Como soldado da luz, você é a prova de que há equilíbrio. A luz não pode existir sem as trevas. Assim como se deve aceitar o bem, é preciso aceitar o mal. Mas eu acho que você não terá mais preocupações em seu tempo.

— Espero que você esteja certo — eu disse. — Eu preciso de alguns anos para relaxar e me recuperar. Mal posso esperar para começar minha nova vida.

Tudo que me faltava agora era Rose.

— Jon é um bom homem. — Áurion não se conteve. — E um sortudo.

Eu pude ver a emoção em seu rosto.

Engoli seco e sorri:

— Sim, ele tem muita sorte de ter a mim.

Áurion riu. A intensidade de seu olhar retornou.

— Vou sentir saudades, dama de aço.

Ele começou a dizer uma coisa, mas se conteve.

Minha garganta palpitava.

Eu disse, — também vou sentir sua falta.

Áurion sorriu, apesar das lágrimas em seus olhos.

— Desejo-lhe toda a felicidade que neste mundo pode te dar. Você merece.

Ele beijou minha mão e eu senti o calor de seus lábios contra a minha pele.

E com isso, o novo rei bruxo se virou, saiu pela porta da frente e desapareceu.



CAPÍTULO 39

NO DIA SEGUINTE, tive a honra de comparecer ao casamento de Will e Celeste.

O sol da tarde estava maravilhosamente quente. As árvores floresciam em folhas verdes e vibrantes. A grama estava macia e exuberante. Embora a terra não tivesse se recuperado totalmente da nuvem profana e algumas árvores nunca fossem se recuperar, a maior parte continuaria a prosperar.

Aquele casamento foi o primeiro entre um humano e uma bruxa, simbolizando a aceitação das nações uma pela outra. Will e Celeste prepararam a cerimônia com uma bela combinação de rituais dos dois povos. Foi uma cerimônia muito comovente e honesta.

Celeste queria um pequeno casamento em um jardim com vista para o lago, mas parecia que toda Ânglia queria testemunhar aquele evento feliz e milagroso.

Centenas de humanos e bruxas se reuniram em torno do lago.

Will, Celeste e Ada estavam sobre um pequeno estrado. Os cabelos longos de Celeste se derramavam por seus ombros. Seu tradicional vestido de linho verde foi bordado com flores e folhas. Rosas brancas, margaridas e violetas coroavam sua cabeça e sua pele branca parecia brilhar ao sol. Ela nunca pareceu tão radiante.

Will usava uma túnica verde combinando, e mesmo que parecesse forte e orgulhoso, seus olhos brilhavam e ele apertava a mandíbula tentando não chorar.

Eu não tinha nada para usar no casamento, mas as concubinas me surpreenderam com um belo vestido vermelho e dourado. Fiquei orgulhosa por usar as cores do clã das damas de aço. O decote era baixo e eu tinha certeza de que Jon ia gostar. O tecido era uma mistura de lã e linho, não a preciosa seda de Witchdom, mas para mim ele era impagável.

Senti o ar se mover ao meu redor e, quando me virei, esqueci de respirar.

Jon parecia impressionante em sua túnica branca feita sob medida. A roupa confortável destacava seu peito e braços musculosos, enquanto o sol adornava seu rosto cinzelado e perfeitamente simétrico. Ele sorriu para mim sensualmente e eu precisei me virar rapidamente antes que todos me vissem corar.

Enquanto Celeste e Will davam às mãos e recitavam seus votos perante Ada, Jon e eu assumimos nossos lugares como testemunhas e a cerimônia começou.

Meu coração jorrava com felicidade enquanto eu observava o casal feliz.

E assim que as lágrimas me vieram ao rosto, Jon tocou levemente meu braço.

Respirei fundo, sentindo-me desesperada para sentir o corpo dele contra o meu.

O observei discretamente, mas não sei se ele reparou mais no meu rosto ou no deslocamento do meu corpo. Então, ele alcançou minha mão com sua mão quente e calejada e eu a apertei. Resisti ao impulso de beijá-lo por enquanto.

Haveria tempo para isso mais tarde.

A cerimônia de casamento durou meia hora, mas a festa durou a noite toda.

Depois da festa ao redor da fogueira, vi Celeste e Will indo de fininho para o castelo. Jon e eu nos retiramos para nosso quarto com uma garrafa de vinho.

— Finalmente eu tenho você só para mim — disse ele.

Ele me serviu uma taça de vinho e ergueu a sua.

— A um novo começo.

— O nosso novo começo. — Ergui minha taça e bebi bastante.

Os efeitos das três taças anteriores já estavam fazendo minha cabeça ficar leve, mas a última despertou todos os meus sentidos.

Jon se inclinou para frente.

— Eu e você juntos. É tudo que sempre quis. É tudo o que eu vou precisar.

Não posso prometer que vai ser perfeito, mas sei que eu vou sempre te amar, não importa o quão teimosa você seja — Do que você está falando? Eu sou perfeita. — Eu podia ver o desejo brilhando nos olhos dele.

O quarto parecia deliciosamente quente. Jon pegou nossas taças e colocou em cima da penteadeira. Então, com um movimento rápido, ele me levou para a cama e me beijou. Minhas mãos procuraram sua pele, arrancando sua camisa com impaciência.

Ele tirou seus lábios dos meus e sorriu: — Eu te amo, sabia?

— Eu também te amo.

Fechei os olhos e lutei contra as lágrimas que ameaçavam se derramar. Passei os dedos sobre seu peito liso e duro. Ele beijou meu pescoço e cada parte do meu corpo foi tomada por ondas de calor deliciosas.

— Minha Elena — ele sussurrou.

Um calafrio correu ao longo de minha pele. Ele estava aqui comigo e eu não estava sonhando. Sobrevivemos à morte e ao fogo e ficamos juntos novamente.

A Deusa verdadeiramente tinha me abençoado.

Estendi a mão e apertei o corpo dele contra o meu até meus braços doerem, até que comecei a tremer.

— Por que está chorando? — Ele respirou no meu pescoço e então se afastou suavemente.

— Porque — minha voz saiu entrecortada — nunca achei que isso pudesse se tornar realidade. Nos. Você

e eu em nossa casa, em nossas terras. É mais do que jamais poderia ter imaginado. Eu sinto como se estivesse em um sonho.

— Bem — ele disse enquanto beijava meu queixo e pescoço. — É melhor se acostumar, porque não é um sonho. É real. E nós nunca vamos nos separar.

O abracei e puxei seu corpo para perto. Eu nunca me separaria dele de novo.



NOTA DA AUTORA Caro leitor, Obrigada por ler a *Magia de Sangue*. Espero que tenha gostado de conhecer os heróis, vilões e o mundo que criei para eles. Se você gostou deste livro, por favor, visite o site onde o comprou e escreva uma breve avaliação. Seu feedback é muito importante para mim e ajudará outros leitores a conhecerem o livro.

Novamente, obrigada por participar dessa viagem comigo e espero que façamos muitas outras juntos. As aventuras estão apenas começando. Boa leitura!

Kim Richardson

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA Marcada, Livro # 1

Elemental, Livro # 2

Horizonte, Livro # 3

Submundo, Livro # 4

Seirs, Livro # 5

Mortal, Livro # 6

Ceifeiros, Livro # 7

Selos, Livro # 8

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço, Livro # 1

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

SOBRE A AUTORA Kim Richardson é a premiada autora da série best-seller GUARDIÕES DE ALMA. Ela mora na parte leste do Canadá com seu marido, dois cães e um gato muito velho. Ela é autora da série GUARDIÕES DE ALMA, da série MÍSTICAS e da série REINOS DIVIDIDOS. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas, e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, visite: Site www.kimrichardsonbooks.com

Facebook

<https://www.facebook.com/KRAuthorPage>

Twitter

https://twitter.com/Kim_Richardson

Document Outline

- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
- [CAPÍTULO 29](#)
- [CAPÍTULO 30](#)
- [CAPÍTULO 31](#)
- [CAPÍTULO 32](#)
- [CAPÍTULO 33](#)
- [CAPÍTULO 34](#)
- [CAPÍTULO 35](#)
- [CAPÍTULO 36](#)
- [CAPÍTULO 37](#)
- [CAPÍTULO 38](#)
- [CAPÍTULO 39](#)
- [NOTA DA AUTORA](#)
- [MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON](#)